

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Breno Lima Lacerda

**O ENSINO DO MINI HANDEBOL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES ENVOLVIDOS EM PROJETOS OFICIAIS  
DA MODALIDADE.**

Goiânia

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome completo do autor: Breno Lima Lacerda

Título do trabalho: "O ensino do mini handebol: perspectivas e práticas pedagógicas de professores envolvidos em projetos oficiais da modalidade"

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

**Concorda com a liberação total do documento** [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### **Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Breno Lima Lacerda, Discente**, em 03/12/2024, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Termo de Ciência e de Autorização TCCG (RI) 5013585 SEI 23070.056243/2024-50 / pg. 1



Documento assinado eletronicamente por **Tathiane Krahenbühl, Usuário Externo**, em 03/12/2024, às 18:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=) informando o código verificador **5013585** e o código CRC **71076FF8**.

Breno Lima Lacerda

**O ENSINO DO MINI HANDEBOL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES ENVOLVIDOS EM PROJETOS OFICIAIS  
DA MODALIDADE.**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Tathiane Krahenbühl.

Goiânia

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lacerda, Breno Lima

O ENSINO DO MINI HANDEBOL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES ENVOLVIDOS EM PROJETOS  
OFICIAIS DA MODALIDADE [manuscrito] / Breno Lima Lacerda. 2024.  
CCI, 201 f.

Orientador: Profa. Dra. Tathyane Krahenbühl.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física,  
Goiânia, 2024.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui lista de figuras.

1. Mini-Handebol. 2. Esporte na Infância. 3. Pedagogia do Esporte.  
I. Krahenbühl, Tathyane, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **05/11/2024**, às **14 horas e 30 minutos**, de forma **online** na plataforma **Google Meet**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**O ensino do mini handebol: perspectivas e práticas pedagógicas de professores envolvidos em projetos oficiais da modalidade**”, de autoria de **Breno Lima Lacerda**, do curso de **Educação Física Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Tathiane Krahenbuhl - orientadora FEFF/UFAM** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Heitor de Andrade Rodrigues - FEFD/UFG** e **Prof. Me. Leandro Amancio Silva - FACCIDADE**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **8,0 (oito)**, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Heitor De Andrade Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 27/11/2024, às 17:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Amâncio Silva, Usuário Externo**, em 27/11/2024, às 21:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543 de 13 de novembro de 2020](#)



Documento assinado eletronicamente por **Tathiane Krahenbühl, Usuário Externo**, em 28/11/2024, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_ext@no=informando o código verificador4937647 e o código CRC 85A6EEE8](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_ext@no=informando o código verificador4937647 e o código CRC 85A6EEE8).

Breno Lima Lacerda

**O ENSINO DO MINI HANDEBOL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES ENVOLVIDOS EM PROJETOS OFICIAIS  
DA MODALIDADE.**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, 05 de novembro de 2024.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me proporcionado saúde e persistência para que eu pudesse realizar tal trabalho e terminar o curso na minha área. A luta foi intensa e duradoura, mas com Deus a frente eu pude ter forças e foco para tal feito.

Em seguida agradeço a minha família por terem me apoiado nos momentos mais difíceis e por terem acreditado em mim, estando sempre ao meu lado. Agradeço também aos meus amigos de longa data e aos amigos e colegas que fiz durante toda a caminhada. A troca de experiências e conhecimento durante todo o curso fez com que tivesse ânimo para finalizá-lo.

Aos meus professores deixo o meu mais profundo obrigado, por além de serem pacientes, nos transmitir os conhecimentos científicos acumulados historicamente pela humanidade de forma clara e enriquecedora. Dentre estes a minha orientadora que esteve comigo em várias fases da minha formação acadêmica.

Esse trabalho é dedicado a todos vocês.

## RESUMO

O esporte, como uma manifestação cultural, desempenha um papel significativo na formação social e educacional dos indivíduos. Dentro desse contexto, o handebol é um esporte coletivo que envolve estratégia, cooperação e interação entre equipes. No entanto, a prática do handebol tradicional apresenta desafios para ser ensinada a crianças devido à sua complexidade técnico-tática. Para adaptar o esporte ao público infantil, surgiu o mini handebol, uma versão simplificada que promove o desenvolvimento físico, motor e social das crianças de maneira lúdica e acessível. O mini handebol foi introduzido no Brasil com o apoio da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), visando criar uma modalidade que fosse mais apropriada para a iniciação esportiva de crianças de 5 a 10 anos. Esta prática oferece adaptações nas regras, na quadra e no tamanho da bola, proporcionando uma experiência de jogo mais simples e divertida, focada no desenvolvimento integral da criança, com foco na redução do jogo para ajustar ao público das crianças. Este estudo teve como objetivo geral investigar a implementação e processo de ensino aprendizagem nos polos do projeto de mini handebol a partir das perspectivas dos professores envolvidos nessa prática, buscando identificar as práticas pedagógicas envolvidas no ensino da modalidade, e os objetivos específicos foram investigar os principais objetivos e finalidade das aulas do mini handebol; analisar as perspectivas e intenções dos professores/treinadores sobre os processos de ensino da modalidade; investigar as percepções e motivações dos professores para o ensino do mini handebol; e analisar os aspectos mais relevantes das aulas de mini handebol, a partir da percepção dos professores/treinadores. O estudo seguiu uma metodologia qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com professores e coordenadores de polos de mini handebol distribuídos pelo país. A análise de conteúdo das entrevistas permitiu identificar as principais práticas pedagógicas adotadas pelos professores, além de revelar suas percepções sobre os impactos do mini handebol no desenvolvimento das crianças. A análise qualitativa dos dados resultou em cinco categorias principais: (1) Metodologias e formas de ensino, (2) Objetivos de ensino e impacto nas crianças, (3) Desafios na implementação e futuro do mini handebol, (4) Inclusão e acessibilidade, e (5) Motivação dos professores. Essas categorias guiaram a interpretação dos dados e revelaram os aspectos mais significativos na implementação da modalidade. Os resultados indicam que o mini handebol tem sido bem recebido nas escolas e instituições esportivas, com os professores destacando sua relevância como ferramenta de iniciação esportiva. As adaptações nas regras, dimensões da quadra e tamanho da bola tornam a prática mais acessível para as crianças, permitindo que elas desenvolvam habilidades fundamentais de forma divertida e colaborativa. Além disso, os professores apontam a importância de um planejamento dinâmico e flexível, que leva em consideração as características individuais dos alunos e incentiva a participação ativa de todos. No entanto, os professores reconhecem que há alguns desafios na implementação do mini handebol, como a falta de recursos e infraestrutura adequada em alguns polos, além da necessidade de maior apoio institucional para expandir a prática em mais regiões do país. Logo, o mini handebol é uma modalidade adequada para a iniciação esportiva infantil, proporcionando uma experiência positiva e inclusiva. No entanto, para garantir seu crescimento e sucesso a longo prazo, é fundamental que haja um maior investimento em infraestrutura e capacitação dos professores, além de políticas públicas que incentivem a prática esportiva desde a infância.

**Palavras-chaves:** Mini-Handebol; Esporte na Infância; Pedagogia do Esporte.

## ABSTRACT

Sport, as a cultural manifestation, plays a significant role in the social and educational development of individuals. Within this context, handball is a team sport that involves strategy, cooperation, and interaction between teams. However, the practice of traditional handball presents challenges when taught to children due to its technical and tactical complexity. To adapt the sport to a younger audience, mini handball was created, a simplified version that promotes the physical, motor, and social development of children in a playful and accessible way. Mini handball was introduced in Brazil with the support of the Brazilian Handball Confederation (CBHb), aiming to create a modality more suitable for children aged 5 to 10 as a sport initiation tool. This practice offers adaptations in the rules, court size, and ball size, providing a simpler and more enjoyable game experience focused on the child's overall development, emphasizing game reduction to suit the children's audience. This study had the general objective of investigating the implementation and teaching-learning process at the mini handball project centers from the perspectives of the teachers involved in this practice, seeking to identify the pedagogical practices involved in teaching the sport. The specific objectives were to investigate the main goals and purposes of mini handball classes, analyze teachers'/coaches' perspectives and intentions regarding the teaching processes, and assess the most relevant aspects of mini handball lessons based on teachers'/coaches' perceptions; and analyze the most relevant aspects of mini handball classes, based on the perception of teachers/coaches. The study followed a qualitative methodology, using semi-structured interviews with teachers and coordinators of mini handball centers distributed throughout the country. Content analysis of the interviews identified the main pedagogical practices adopted by the teachers and revealed their perceptions of the impact of mini handball on children's development. The qualitative data analysis resulted in five main categories: (1) Teaching methodologies and forms, (2) Teaching objectives and impact on children, (3) Challenges in implementation and the future of mini handball, (4) Inclusion and accessibility, and (5) Teachers' motivation. These categories guided data interpretation and revealed the most significant aspects of the modality's implementation.

The results indicate that mini handball has been well received in schools and sports institutions, with teachers highlighting its relevance as a tool for sport initiation. The adaptations in the rules, court dimensions, and ball size make the practice more accessible to children, allowing them to develop fundamental skills in a fun and collaborative way. Furthermore, the teachers emphasize the importance of dynamic and flexible planning that considers the individual characteristics of the students and encourages active participation from everyone. However, the teachers recognize some challenges in implementing mini handball, such as a lack of resources and adequate infrastructure in some centers, as well as the need for greater institutional support to expand the practice in more regions of the country. Therefore, mini handball is an appropriate sport for children's initiation, providing a positive and inclusive experience. However, to ensure its long-term growth and success, increased investment in infrastructure and teacher training is essential, along with public policies that encourage sports participation from an early age.

**Keywords:** Mini Handball; Childhood Sport; Sport Pedagogy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma do desenvolvimento da pesquisa -----	28
Figura 2 - Mosaico de subcategoria: metodologia /formas de ensinar o mini handebol ---	33
Figura 3 - Mosaico de subcategoria: objetivos do ensino e impacto do mini handebol ---	39
Figura 4 - Mosaico de subcategoria: desafios na implementação/futuro do mini handebol	43
Figura 5 - Mosaico de subcategoria: inclusão e acessibilidade no Mini Handebol. -----	52
Figura 6 - Mosaico de subcategoria: motivação dos professores no Mini Handebol. -----	56

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	13
2. JUSTIFICATIVA -----	16
3. OBJETIVOS -----	17
3.1 OBJETIVO GERAL -----	17
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS -----	17
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA. -----	18
4.1 O MINI HANDEBOL -----	18
4.1.1 HISTÓRIA GERAL DO MINI HANDEBOL -----	21
4.1.2 MINI HANDEBOL NO BRASIL-----	22
4.2. O ENSINO DO MINI HANDEBOL PARA CRIANÇAS -----	23
5. MÉTODOS DA PESQUISA -----	25
5.1 TIPO DE ESTUDO -----	26
5.2 PARTICIPANTES -----	26
5.3 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS -----	27
5.4 ANÁLISE DE DADOS-----	28
5.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA -----	29
6. RESULTADO E DISCUSSÃO -----	30
6.1 CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES -----	30
6.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE-----	33
6.2.1 METODOLOGIA E FORMAS DE ENSINO -----	33
6.2.2 OBJETIVOS DO ENSINO E IMPACTO NAS CRIANÇAS -----	39
6.2.3 DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO E FUTURO DO MINI HANDEBOL ---	42
6.2.4 INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE NO MINI HANDEBOL -----	52
6.2.5 MOTIVAÇÕES DOS PROFESSORES -----	56
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	62
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	67
9. APÊNDICES -----	70

## 1. INTRODUÇÃO

O esporte é uma das manifestações culturais que mais está presente na área da educação física e no meio social. Segundo Barroso e Darido (2006), o esporte está presente em nossas vidas tornando-se cada vez mais um patrimônio produzido histórica e socialmente pela humanidade, sendo ele por meio das práticas ou até mesmo de meios midiáticos. O esporte enquanto fenômeno social desempenha um papel fundamental na formação das pessoas ao transcender os limites do campo de jogo e influencia diversos aspectos da vida em sociedade.

Segundo González e Bracht (2012), há diversas maneiras de se classificar o esporte e as modalidades esportivas, a partir das características, do significado, do ambiente e da manifestação social a qual ocorre. Como exemplos de manifestações no esporte, temos o educacional que é praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando a competitividade exacerbada de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer. Outra manifestação é o esporte de rendimento, que busca resultados, vitórias e recordes, enquadrando a categoria de esporte profissional e com alto nível de competitividade. Podemos citar o esporte de formação, onde o atleta busca aperfeiçoar sua capacidade técnica sobre o esporte; e por fim o esporte de participação, praticado livremente pelas pessoas, abstendo-se de regras oficiais, visando a participação dos integrantes.

O handebol pode ser classificado como um esporte de invasão, categoria de esportes coletivos que envolvem equipes competindo para avançar em direção a um objetivo comum enquanto tentam superar a defesa da equipe adversária. Nessas modalidades esportivas, a ênfase é colocada na estratégia, na cooperação e na interação entre as equipes, já que a principal meta é "invadir" o território ou área da equipe adversária para marcar pontos. Esse tipo de esporte é caracterizado por uma dinâmica de jogo em que as equipes se alternam entre as funções de ataque e defesa. De acordo com Barbosa (2013) o jogo de Handebol se caracteriza como um jogo de fácil entendimento, por ser composto de movimentos que já são natos aos seres humanos, como correr, saltar, entre outros. Todavia, as formas como deve ser ensino esse esporte é de suma importância, mesmo sendo fácil de entender, as ações do jogo se tornam complexas para crianças realizarem.

A escolha do conteúdo e a forma como o handebol vai ser ensinado deve sempre levar em consideração a realidade dos alunos, e a maneira com que o professor pretende abordar esse assunto deve ser cautelosa. O professor deve levar em conta que haverá na turma tipos diferentes de alunos, tanto no físico quanto nas habilidades, e também números variáveis de meninos e meninas. Cabe ao professor ser o mediador responsável e intervir sempre que necessário a fim de garantir os objetivos da atividade. Entretanto, as mais variáveis formas de jogar, levando em consideração as táticas e técnicas do jogo em si, tornam-se complexas a crianças de 5 a 10 anos, devido à dimensão de quadra, materiais e dinâmica do jogo. Pensando nisso, caberia ao esporte trazer adequações para que surgissem interesses e adeptos jovens e crianças nesse esporte.

Com a finalidade de adaptar o jogo do handebol a faixa etária de crianças, foi criado o Mini Handebol. Segundo a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), devido à complexidade do handebol e por se tratar de um esporte com um nível de dificuldade alta de ações no jogo, até mesmo para adultos, era muito difícil ele ser praticado por crianças. Com isso, o mini handebol surgiu na Dinamarca, no início da década de 1970 e foi se espalhando lentamente nos demais países, chegando ao Brasil a partir dos anos 1990. Iniciado no país o seu processo era muito lento, levando em conta que para o Brasil (país do futebol), a prática do próprio handebol não era tão visada. Porém, com o apoio da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), iniciou-se o projeto de mini handebol no país, visando ser uma atividade que proporcione condições e experiências variadas e positivas, sem se importar com treinamentos rígidos, táticas ou placares de jogos, ou seja, o mini handebol é uma atividade que deve ser incentivada a ser praticada com e por prazer, atuando de maneira intensa no desenvolvimento das capacidades/habilidades físicas; motoras; esportivas; cidadãs; cognitivas; educacionais e sócio afetivas. (Abreu, 2024). Atualmente a CBHB dá apoio para que instituições esportivas, como associações e clubes, façam núcleos voltados para o ensino do mini handebol e que sejam certificados.

Com isso, nos interessou investigar como se dá o processo de ensino do mini handebol em polos oficiais da modalidade, a fim de compreender os processos de ensino dessa modalidade direcionados a crianças e jovens, suas adequações e adaptações e, assim, fomentar a compreensão sobre o tema. Para isso, se fez necessário um levantamento bibliográfico sobre origem, história e processos pedagógicos do mini handebol, como também um estudo de abordagem qualitativa investigativa dos processos pedagógicos e perspectivas dos professores/treinadores da modalidade a partir de entrevistas.

Desta forma, o estudo se organiza estruturalmente da seguinte forma: primeira parte do desenvolvimento trata-se dos aspectos históricos do esporte handebol e adentra a modalidade estudada que é o mini handebol, mostrando sua história geral no mundo e no Brasil. Na segunda parte do desenvolvimento está a fundamentação teórica, onde trata de algumas teorias que colaboram para a compreensão do esporte e suas categorias, como também os processos do ensino do esporte voltados para crianças e adolescentes, como a adaptação de regras e espaço e a relação com o desenvolvimento da criança. Na terceira parte surgem os métodos que foram utilizados na pesquisa, trazendo as características de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, bem como o detalhamento dos instrumentos de coleta e análise de dados. Na quarta parte apresentamos os resultados do estudo, a partir dos dados coletados nas entrevistas, na parte final do desenvolvimento buscou-se discutir e refletir sobre os dados obtidos durante a pesquisa.

## **2. JUSTIFICATIVA**

O mini handebol, modalidade de handebol adaptado às crianças, tem o potencial de promover o desenvolvimento motor, físico e cognitivo e, principalmente, a motivação a participação esportiva das crianças, logo, investigar como o mini handebol é ensinado e implementado é importante para compreender como podemos otimizar essa prática esportiva voltada especificamente para crianças.

Além disso, compreender os métodos de ensino e os desafios enfrentados pelos professores ao implementar o mini handebol pode melhorar a qualidade das aulas e o engajamento dos alunos. Ao compreender os desafios e as melhores práticas na implementação do mini handebol, podemos explorar maneiras de expandir e aprimorar a prática dessa modalidade, além de contribuir para a produção científica na área de Educação Física, esporte e desenvolvimento de práticas esportivas para o público infantil.

Com isso, este trabalho traz para o campo acadêmico uma pesquisa com ênfase no processo de ensino aprendizagem desta modalidade, como também nas adequações e adaptações do esporte para públicos infantis, não somente do handebol, mas em geral, buscando sempre repassar os conhecimentos científicos que acumulamos do esporte, respeitando e dando centralidade ao aluno em todas suas fases de desenvolvimento.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Investigar a implementação e processo de ensino aprendizagem nos polos do projeto de mini handebol a partir das perspectivas dos professores envolvidos nessa prática, buscando identificar as práticas pedagógicas envolvidas no ensino da modalidade.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

1. Investigar os objetivos principais e finalidade das aulas do mini handebol;
2. Analisar as perspectivas e intenções dos professores/treinadores sobre os processos de ensino da modalidade;
3. Analisar os aspectos mais relevantes das aulas de mini handebol, a partir da percepção dos professores/treinadores;
4. Investigar as percepções e motivações dos professores para o ensino do mini handebol.

## **4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **4.1. O Mini Handebol**

Durante as pesquisas realizadas não foram encontrados muitos teóricos que enfatizam o ensino do mini handebol, pouco se fala dessa categoria, talvez por ser nova no país, ou ter pouca visibilidade. Foi encontrado poucos autores que trabalham com o mini handebol na Europa, como Carlos Garcia. Porém, com o apoio dos autores Diego Melo de Abreu (atual diretor do projeto mini handebol Brasil), e seus vários livros e manuais, com apoio e divulgação da CBHb, como também do livro da professora Ana Lúcia Padrão (2014), pode-se obter informações necessárias para se falar do tema.

Partindo para a análise do projeto da confederação, foi visto que tal projeto visa o desenvolvimento global do aluno, com objetivo de tornar o jogo possível e oportunizar a prática do handebol para crianças, buscando sempre ter um caráter lúdico, proporcionando prazer ao ser realizado. Com isso, a metodologia dos mini jogos ou jogos reduzidos cabe dentro da perspectiva da Pedagogia do Esporte, por seus aspectos adaptados ao contexto da criança, enaltecendo o mini handebol como possível de ser ensinado em variados locais.

Para tal afirmação foi necessário verificar as características do mini handebol e em qual metodologia tal categoria se apoia. Um ponto importante a ser destacado é que essa categoria vista como mini jogo do esporte handebol, se apoia na ludicidade em práticas realizadas dentro do projeto. Pensando que a categoria é um jogo coletivo, um ponto importante que deve ser explícito nessa prática seria a cooperação e colaboração entre os participantes. Dando suporte a isso, a modalidade não evidencia cobranças de resultados e alto rendimento para crianças. Ponto esse que pode ser causador de evasão de jovens no esporte, tendo como principal motivo uma exacerbada cobrança por parte dos professores de sempre ganhar a todo custo, atropelando assim, os interesses das crianças e suas fases de desenvolvimento.

O mini handebol é uma modalidade voltada para o público infantil. Nesse esporte existem adaptações do handebol praticado pelos adultos, que fazem com que a atividade se torne mais simples e mais divertida para a criança. Caracterizada por ser uma atividade feita na medida para as crianças, as atividades práticas do mini handebol são repletas de adaptações estruturais e regulamentares com finalidades pedagógicas, que visam contribuir para o melhor andamento e desenvolvimento do processo de

aprendizagem. Itens como: bola, número de jogadores, traves, tamanho de quadra, regras básicas, entre outros, são somente alguns itens que foram adaptados do handebol convencional.

Segundo Abreu (2021), essas mudanças deixam a atividade mais lúdica e descomplicada para as crianças. De uma forma resumida, essa modalidade é uma “simplificação” do esporte praticado por adultos. Tal simplificação se dá por meio de jogos, brincadeiras, exercícios, situações e atividades que respeitem as características, individualidades e necessidades das crianças. O mini handebol preza pelo desenvolvimento global do indivíduo, ou seja, atua de maneira intensa no desenvolvimento das capacidades e habilidades físicas, cognitivas, socioafetivas, entre outras.

Tudo é pensado, planejado e executado por meio de atividades que sejam agradáveis, prazerosas e significativas às crianças. Ao mesmo tempo em que o mini handebol é fácil de jogar, justamente por envolver habilidades fundamentais e regras simples, se mostra versátil e dinâmico em relação a contemplar diversos objetivos, podendo ser explorado tanto em escolas quanto em clubes e projetos sociais, com propostas que tem poder educativo, esportivo, social e formativo.

É uma modalidade que pode ser praticada por qualquer criança, pois um dos principais objetivos do mini handebol é ser uma atividade que proporcione condições e experiências variadas e positivas, sem se importar com treinamentos rígidos, táticas ou placares de jogos, ou seja, o mini handebol é uma atividade que deve ser incentivada a ser praticada com e por prazer. Uma das adaptações que proporciona tais experiências é sobre o local de realização, onde a quadra deverá ter aproximadamente 20 metros de comprimento e largura entre 12 e 13 metros, diferenciando assim do tamanho oficial que mede 40 metros de comprimento e 20 de largura. Utilizando da quadra oficial podem ser adaptadas 3 quadras para realização de mini handebol.

As partidas duram entre 30 a 40 minutos, dependendo da categoria, sendo divididas em dois períodos, por exemplo, a partida pode ser realizada em dois períodos de 16 minutos, contendo ainda dentro de cada período dois tempos de 8 minutos. Ou seja, pode se considerar 4 períodos de 8 minutos com intervalos de descanso entre eles. A área de gol do mini handebol deve ser demarcada com um semicírculo de 4 a 5 metros de raio distante da baliza (trave). A linha de 7 metros deve ser de 5 a 6 metros distante da baliza. Já a linha de tiro livre deve ser demarcada com um semicírculo ou linha reta de 7 a 8 metros distante da baliza, diferenciando que no handebol oficial é 9 metros. As traves (gol), podem

ser feitas com diversos tipos de materiais (madeira, ferro, bambu, fitas, tubos de PVC, entre outros) de forma que as medidas mais recomendadas são de 1,70 metros de altura por 2,40 metros de largura para todas as categorias do mini. Também podem ser adaptadas balizas com formas mais livres e lúdicas, tais quais os golzinhos feitos com cone, garrafa de plástico e pintados em uma parede, similares aos que se usam em jogos com bola nas ruas.

As equipes são compostas entre 3 e 4 jogadores de linha e 1 goleiro, podendo ser adaptados até 6 jogadores, caso que não é muito recomendado, pois o espaço reduzido da quadra não favorece a participação satisfatória de todos durante os jogos e atividades. Não existe placar, essa medida foi adotada para que o esporte seja realmente focado apenas no lazer, sem que haja um vencedor e um perdedor propriamente dito, mais do que o resultado numérico o que importa são as experiências e vivências positivas durante os jogos, que proporcionam desenvolvimento com alegria. Apesar de não existir placar, saiba que o mini handebol conta com um árbitro dentro da quadra para orientar a partida. O árbitro sempre deve atuar de forma didática e pedagógica, promovendo o conceito de fair play (jogo limpo) entre os participantes. Durante os jogos e atividades aponta as irregularidades e infrações, mas de maneira formativa e pedagógica. Todas as irregularidades que acontecem — como uma falta, por exemplo — devem ser prontamente assinaladas pelo árbitro, que ajuda a ensinar mais sobre as regras do esporte e auxilia a brincadeira a se tornar segura e com um bom espírito esportivo. No caso de dúvidas, o árbitro também é o responsável pelo esclarecimento.

O mini handebol pode ser dividido por idades e categorias. Entre essas o mini A que são alunos entre 5 e 6 anos de idade, seguindo do mini B com alunos de 7 e 8 anos e por fim o mini C, composto por alunos de 9 e 10 anos de idade. Também pode se compor turmas, caso seja necessário, com alunos entre 5 e 7 anos em uma categoria, como alunos de 8 a 10 anos em outra. As idades e categorias contemplam as idades das crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais da educação básica brasileira. As atividades e propostas de cada categoria são adequadas de acordo com as características motoras, cognitivas e socioafetivas das crianças. As bolas para a prática do mini handebol devem ter entre 46-48 cm de diâmetro e 225-275 gramas de peso e devem ser macias para não machucar a criança. Tais bolas têm a numeração 00 para as categorias do mini A, podendo utilizar bolas de número 8 para iniciação. Já para o mini B e C são usadas 0 ou também a 10 para iniciantes.

Várias outras adaptações podem ser feitas durante o processo de ensino e prática do mini handebol, cabe ao professor acordar com os alunos o que pode ser adaptado para que o jogo flua, como questões de passos com a bola na mão, cobranças de infrações, ataque, defesa, dribles, troca de goleiro, passe de bola, entre outros. Cabe lembrar que o propósito é a ludicidade, o brincar, sempre visando ser pedagógico com a metodologia de ensino.

#### **4.1.1 História do Mini Handebol**

Para se falar do mini handebol, primeiramente devemos falar sobre o esporte handebol em sua plena totalidade. Segundo a Federação Paulista de Handebol (FPHb, 2010), alguns estudos relatam que esse esporte foi tendo influência de práticas antigas como em Odisseias de Homero, na Grécia antiga, Roma antiga, Idade Média, entre outros. Entretanto, a prática do handebol mais próxima a ser praticada se iniciou do jogo alemão Raftball. De acordo com a Federação Paulista Handebol (FPHb, 2010), esse jogo foi criado pelo professor de ginástica Max Heiser, em Berlin, durante a Primeira Guerra Mundial. Logo, o jogo se deriva do torball, praticado ao ar livre e inicialmente apenas por mulheres operárias. Começou a propagar pelos países da Áustria e Suíça com o também professor Karl Schelenz, que rebatizou o esporte de Handball em 1919. Mas ainda assim, o time era composto por 11 jogadores, tal qual no futebol. Um ano mais tarde tornou-se uma modalidade esportiva, entrou para as olimpíadas de 1936 em Berlim, e foi praticado em quadras a partir de 1966, posteriormente o esporte tomou o mundo e começou a ser praticado.

Segundo Abreu (2021), o handebol, por se tratar de um esporte com um nível de dificuldade alta até mesmo para adultos, era muito difícil ele ser praticado por crianças, perdendo assim o interesse das pessoas a praticarem esse esporte. O jogo de handebol estava evoluindo em uma direção infeliz, não era muito popular entre as crianças mais novas e era difícil convencer crianças, pais e escola a praticar a modalidade. Com isso, o mini handebol surge na Dinamarca, no início da década de 1970.

Pensando nisso, surge a ideia de adaptar esse esporte para ser praticado pelas crianças e jovens em 1975. Partindo daí, segundo Abreu e Bergamaschi (2016), o Comitê de Instrução da Federação Dinamarquesa de Handebol (DHF), fez um folheto pela primeira vez para o grande público de crianças, com características lúdicas e educativas. A DHF cita

o mini handebol como uma de suas realizações de maior sucesso até hoje e cabe aos dinamarqueses o título de “criadores do mini handebol”. A partir disso, o mini handebol tomou maiores proporções no continente europeu, fazendo com que surgissem livros e trabalhos acadêmicos sobre o assunto. O maior avanço veio em 1994, em Viena, na Áustria, quando a Federação Europeia de Handebol (EHF) juntamente com a Federação Internacional de Handebol, lançaram o programa de mini handebol.

#### **4.1.2. Mini Handebol no Brasil**

A partir do lançamento do programa na Europa e através de divulgação de vídeos e apostilas como manual, segundo o site específico da modalidade<sup>1</sup>, livros como “Teoria e prática do mini handebol” (2016), do autores ABREU e BERGAMASCHI, como também “O manual do mini handebol” (2014), da autora Ana Lúcia Padrão, o mini handebol chegou ao Brasil no final dos anos 1990 através de professores que visitaram a Europa em competições e trouxeram a novidade ao nosso país. A Confederação Brasileira de Handebol inaugurou em 2000 o projeto “Mini Hand”, que funcionou de diversas formas até ser descontinuado totalmente em 2019.

Aos poucos e bem devagar era praticada essa categoria, visto que o próprio handebol não tinha tanto destaque no país como o futebol, por exemplo. Segundo a CBHb (2021), diversos lugares do país então tomaram a iniciativa de desenvolver um jogo que atendesse de forma positiva as crianças menores. Comum aos experimentos era o desejo de criar um jogo baseado no desenvolvimento físico e intelectual da criança. Portanto, segundo Abreu (2017), a retomada dos grandes programas de desenvolvimento do mini handebol no Brasil converge com as estratégias bem-sucedidas mundo afora de investir nas categorias de base por meio de ações coordenadas que contemplam a criança, os professores e as instituições que promovem o mini handebol em seus programas pedagógicos/esportivos. A partir de 2017, segundo o site mini handebol, a Federação Paulista de Handebol começou a dar total apoio ao projeto, realizando campeonatos da modalidade durante dos campeonatos adultos dentro do estado de São Paulo, dando assim maior notoriedade a modalidade, contribuindo para que em 2018 fosse realizado o primeiro festival de mini handebol. A notoriedade foi tomando grandes proporções, trazendo maior

---

<sup>1</sup> [www.minihandebol.com](http://www.minihandebol.com)

visibilidade para a prática, sendo assim convidados para campeonatos fora do país, como também parcerias com marcas esportivas de sucesso.

A partir de 2021 foi lançado o programa mini handebol Brasil, parceria feita com os idealizadores do projeto, juntamente com a CBHb. Tal parceria começa a gerar frutos dentro e fora do país, trazendo consigo além de um novo conceito de ensino, a criação de livros e manuais do projeto e novos adeptos a modalidade. O sucesso do mini handebol foi notável onde já em 2023, a CBHb anuncia a conquista de 500 polos do projeto dentro do país, onde funcionam por meio de parcerias entre estado, municípios e escolas, sendo reconhecidos por meio da chancela oficial e futura, visando estruturar novos polos e oportunizar ainda mais a modalidade para mais crianças.

Por fim, devido a esse imenso sucesso, o presidente da CBHb em 2023, instituiu oficialmente o dia nacional do mini handebol, comemorado no dia 25 de agosto, data que trazem marcos para a história da modalidade.

## **4.2 O Ensino do Handebol para crianças**

O ensino do esporte para crianças, incluindo o handebol, tem sido uma temática importante dentro da área da Pedagogia do Esporte, a qual se debruça em estudar, pesquisar e refletir sobre as diversas metodologias e práticas pedagógicas que priorizam não apenas o desenvolvimento físico, mas também o social, emocional e cognitivo dos alunos. Dentro desse contexto, os diversos ambientes de prática esportiva, sendo praças ou escolas, surgem como espaços relevantes que oferecem oportunidades de aprendizado tanto dos conteúdos técnico-táticos quanto da formação integral dos indivíduos (Reverdito et al., 2016).

As abordagens voltadas para o ensino do esporte, quando voltadas ao público infante-juvenil, devem considerar as particularidades da infância, incluindo as especificidades das diferentes fases do desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, objetivando a criação de experiências significativas e inclusivas. Para isso, as práticas esportivas devem ser planejadas de forma a garantir que todas as crianças tenham a oportunidade de participar, independentemente de suas habilidades motoras ou níveis de experiência, contrariando a mecanização e à especialização precoce, valorizando, em vez disso, a experimentação e a vivência esportiva como ferramentas educativas (Krahenbühl et al., 2018a).

Uma das principais práticas pedagógicas que tem se destacado no ensino dos esportes coletivos é o uso de jogos e brincadeiras, pois evocam o lúdico, o qual proporciona um ambiente de aprendizagem próximo às características do universo infantil, favorecendo o engajamento, a autonomia, a cooperação e o prazer. Quando incorporado ao ensino esportivo, o jogo torna-se não apenas um meio de desenvolvimento de habilidades motoras, mas também um catalisador para o aprendizado de conceitos táticos e técnicos, além de possibilitar o aprendizado de outros conteúdos, como os de caráter socioeducativo (Scaglia; Reverdito; Galatti, 2013) .

Logo, ao invés de introduzir os elementos táticos e técnicos de forma isolada ou mecanicista, como ocorre em abordagens tradicionais, a Pedagogia do Jogo voltada para o ensino do handebol sugere o uso de jogos e brincadeiras como elementos principais para essa aprendizagem. Assim, as crianças são introduzidas ao esporte de forma lúdica, permitindo que as habilidades sejam desenvolvidas de maneira orgânica e prazerosa (Krahenbühl et al., 2018; Krahenbühl; Leonardo, 2024) .

A introdução dos elementos técnico-táticos dentro de jogos simplificados permite que os alunos desenvolvam, ao mesmo tempo, habilidades motoras e cognitivas, enquanto resolvem problemas que surgem naturalmente no contexto do jogo, tornando o ensino mais significativo e próximo da realidade das crianças (Reverdito et al., 2016) .

Um princípio fundamental no ensino de meios táticos no esporte infantil é a gestão da complexidade do jogo, em que a ação pedagógica do professor preza pelo respeito ao desenvolvimento cognitivo e motor das crianças. Segundo Garganta (1995), apud Krahenbühl et al. (2018b), as crianças passam por diferentes fases de entendimento do jogo, começando por uma fase mais anárquica, em que ainda não compreendem as dinâmicas coletivas do esporte, e evoluem gradualmente para a fase de estruturação e, por fim, para uma fase de jogo mais elaborado. Essa progressão é essencial para evitar a sobrecarga cognitiva e garantir que o aprendizado seja eficiente. No início, o foco está em ações simples e individuais, como o reconhecimento de espaços e a movimentação básica, até chegar a ações mais complexas que envolvem a cooperação entre jogadores. O desenvolvimento dessas habilidades técnicas e táticas, de forma interdependente, cria um ambiente de aprendizagem onde a prática esportiva faz sentido para as crianças (Antón-Garcia, 2000; Menezes, 2011) .

O texto de Krahenbühl e Leonardo (2024) defendem que o jogo é uma das principais ferramentas para ensinar e aprender o handebol, valorizando a aprendizagem

através da experiência lúdica e do envolvimento direto com a prática esportiva. A Pedagogia do Jogo, de base conceitual proposta por Alcides Scaglia, prioriza o uso de jogos como método que oferece uma oportunidade única de desenvolver competências técnicas e táticas em um contexto que valoriza a interação, a cooperação e a resolução de problemas em tempo real.

De acordo com os autores, o ensino do handebol não deve se restringir à prática mecânica dos fundamentos técnicos ou à memorização de regras, mas sim ser conduzido de maneira que permita aos alunos aprenderem enquanto jogam. A introdução dos jogos conceituais no ensino do handebol respeita o mundo lúdico das crianças, permitindo que elas se envolvam plenamente na prática esportiva de maneira prazerosa e eficaz. Esses jogos podem ser aplicados em diferentes contextos — tanto em clubes e escolas de esporte quanto em aulas de educação física escolar — sempre com o objetivo de desenvolver competências técnicas e táticas através de atividades que fazem sentido para a realidade das crianças. Isso evita a especialização precoce e fortalece a aprendizagem global do esporte (Krahenbühl; Leonardo, 2024).

Isso envolve a criação de jogos conceituais, uma abordagem metodológica em que as crianças são estimuladas a vivenciar o esporte por meio de situações adaptadas que respeitam seu nível de desenvolvimento e promovem a aprendizagem por meio da experiência prática. Ao invés de reproduzir de forma rígida o jogo adulto, os jogos conceituais adaptam às regras, o espaço, a quantidade de jogadores e outros aspectos, de modo a proporcionar uma experiência rica e significativa para as crianças. A Pedagogia do Jogo busca com isso ensinar mais do que as habilidades motoras necessárias para o esporte, promovendo também o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da capacidade de resolver problemas táticos (Scaglia, 2011).

O mini handebol se destaca como uma adaptação pedagógica do handebol tradicional, ideal para crianças, oferecendo um ambiente mais lúdico e acessível. Essa modalidade utiliza quadras reduzidas, bolas menores e regras simplificadas, facilitando a participação e promovendo a aprendizagem progressiva dos fundamentos do esporte. Ao se adaptar às condições motoras e cognitivas das crianças, o mini handebol cria uma experiência mais inclusiva, onde o foco não é apenas o desempenho técnico, mas também o desenvolvimento integral dos jovens atletas (Abreu, 2021).

## **5. MÉTODOS DA PESQUISA**

## 5.1 Tipo de Estudo

Este estudo tem abordagem qualitativa, de caráter exploratório, onde por parte do pesquisador teve mais aproximação com essa nova forma de ensino e campo de estudo. De acordo com Gil (2008), as investigações exploratórias têm como objetivo primordial criar, esclarecer e alterar conceitos e ideias, visando a formulação de questões mais específicas ou hipóteses que possam ser investigadas em estudos futuros. Uma investigação pode ser classificada como exploratória quando inclui revisão de literatura, conversas exploratórias e investigativas com indivíduos que vivenciaram, ou ainda vivenciam, situações relacionadas ao problema em questão, além da análise de casos que favoreçam a compreensão. Portanto, torna-se a metodologia deste trabalho, devido ao fato de se ter poucos estudos sobre o tema e há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado.

A partir disso, a pesquisa tornou-se uma pesquisa qualitativa, onde o foco era o pensamento, interpretação, perspectiva e objetivos dos professores/treinadores com a forma do ensino realizado, visto que se tornou mais flexível e com interesse no processo ao invés dos resultados. De acordo com Yin (2016, p. 7) a pesquisa qualitativa “abrange condições contextuais – as condições sociais, institucionais e ambientais em que a vida das pessoas se desenrolam”, nesse sentido, a escolha por esta abordagem se torna relevante em nosso estudo.

## 5.2 Participantes

Para a realização do trabalho foi feito um estudo com professores que atuam nos polos distribuídos no país. Primeiro, foi realizada uma análise do projeto geral iniciado pela CBHb de mini handebol. Em contato com o diretor geral do projeto, foram obtidos acesso e informações como site disponível<sup>2</sup>, livros como “Teoria e prática do mini handebol” (2016), do autores Abreu e Bergamaschi , como também “O manual do mini handebol” (2014), da autora Ana Lúcia Padrão, entre outros. Com isso, conseguiu-se analisar os documentos que conduzem tal projeto.

---

<sup>2</sup> [www.minihandebol.com](http://www.minihandebol.com)

Em conversas e entrevista com o diretor geral, tive uma visão geral dos polos do país, segundo a CBHb em 2021 já existiam 129 polos oficiais ativos e 127 pré-chancelados para começar em breve, contando com o apoio da confederação e do diretor para dar seguimento ao projeto. Segundo notícias da própria Confederação, o projeto mini handebol Brasil desde 2023 conseguiu alcançar um marco de 500 polos dentro do país, com a tendência de aumentar cada vez mais devido ao crescimento de novos adeptos ao projeto e a categoria.

Para conseguir os contatos dos participantes do estudo, foi feito um questionário que foi enviado pelo diretor aos professores que atuam em qualquer polo do país, conseguindo assim chegar até eles através de suas respostas, obtendo redes sociais, WhatsApp e e-mails. Todo o processo foi árduo e contínuo passando pelo diretor, através dele e da minha orientadora consegui alguns contatos de professores através do formulário de participação do projeto.

Com isso, tive direcionamento para os professores e embaixadores dos polos, totalizando em nove participantes, sendo 8 professores e/ou embaixadores, como também o diretor, que se dispuseram participar, tendo critérios específicos para tal, estar vinculado ao projeto e ao mini handebol, podendo estes, serem professores, treinadores, secretários institucionais, diretor, entre outros, sem distinção de localidade, idade, gênero, entre outros. O critério era ter vínculo ativo no processo de ensino para a prática do mini handebol. A partir disso foram analisadas as intenções, perspectivas e metodologias de ensino aplicados por cada professor em seus respectivos polos dentro do país.

### **5.3 Instrumentos de coleta de dados**

Para que pudéssemos realizar essa averiguação e coleta, foi feito em parceria com minha orientadora a elaboração de questões norteadoras para a entrevista semiestruturada. Tais questões focaram em desvendar dos participantes seus objetivos, intenções, perspectivas e visão futura para com o projeto do mini handebol, visando assim, obter respostas sobre os objetivos de estudo deste trabalho.

Foram feitas entrevistas agendadas via google meet, marcadas com os professores através do WhatsApp, levando a uma entrevista com questões norteadoras para explorar as ideias dos mesmos. As entrevistas foram por vídeo chamada e ligações, também uma visita que foi realizada no local onde moro, o qual foi visto de perto como era

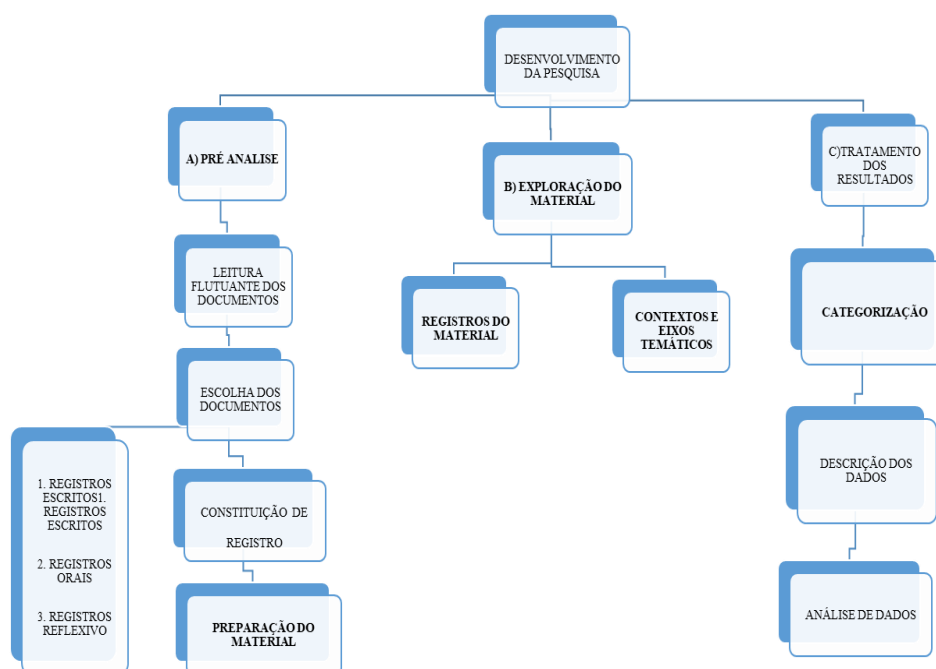
desenvolvido o mini handebol através de festivais realizados pela embaixadora de Goiás, onde atuei como árbitro educativo.

As entrevistas após serem realizadas, foram gravadas e transcritas para o estudo, a fim de confirmar os resultados dessa pesquisa. A partir disso, foram obtidos os dados para análises. O roteiro de entrevista, os questionários e entrevistas na íntegra, constam nos APÊNDICES.

#### 5.4 Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise. Foi realizada a transcrição literal, ou seja, após as entrevistas com os envolvidos foram transcritas para a pesquisa todas as falas, sendo perguntas, respostas, relatos, debates, entre outras, a fim de dar maior notoriedade ao trabalho. Para iniciarmos esta seção, primeiramente foi feito um fluxograma para ilustrar como foi realizado todo processo da análise dos dados e desenvolvimento geral da pesquisa.

**Figura 1.** Fluxograma da análise das entrevistas.



Uma pré análise iniciou esse trabalho, buscando explorar e organizar todos os dados e estudos existentes sobre o tema, formulando hipóteses e ideias sobre se o mini handebol poderia ser a melhor e mais adequada forma de ensino do handebol para crianças.

Foram selecionados os dados mais importantes da pesquisa fundamentada teoricamente, buscando investigar sobre o tema mini handebol, a fim de aproximar e familiarizar o pesquisador com o tema. A partir desse ponto foi realizada uma leitura flutuante nos documentos, que segundo Bardin (2011), envolve um primeiro contato com os documentos, ou seja, para fundamentar essa pré análise, foi realizada uma leitura flutuante dos documentos que referem ao tema do trabalho, neste caso documentos sobre o mini handebol e posteriormente foram escolhidos para pesquisa.

Após todo o material escolhido ser preparado, iniciou-se então, o tratamento dos resultados obtidos com uma análise de dados, a fim de esclarecer e demonstrar a proposta do mini handebol e também desta pesquisa. Com isso, foi iniciada uma categorização dos resultados, a fim de dar ênfase em todas as temáticas obtidas. Para tal, foi utilizado entrevistas com professores dos polos de mini handebol, buscando chegar nos objetivos deste trabalho. Iniciou-se assim, o processo de análise qualitativa dos dados que envolve descobrir e entender um cenário de forma geral, utilizando informações individuais.

Por fim, após os dados estarem coletados, foram analisadas as respostas de cada professor, fazendo tal tratativa através de tópicos de temas, unificando as mesmas para obtenção de uma resposta final de cada tema citado. Para isso, todos os dados foram descritos e registrados. Cada tópico foi discutido com a orientadora, a fim de obter maior rigidez metodológica e, por fim, obter as categorias/eixos temáticos do estudo. Por fim, os resultados foram discutidos com referenciais teóricos existentes, gerando assim a discussão do tema no trabalho.

## **5.5 Aspectos éticos da pesquisa**

O presente estudo está vinculado ao projeto de pesquisa: Relações entre sujeito e esporte: concepções, opiniões e conhecimentos dos sujeitos inseridos no contexto do esporte. O projeto tem a frente como pesquisadora a Doutora e minha orientadora Tathiane Krahenbühl, está vinculado ao comitê de ética com o número de CAAE 85700518.1.0000.5083, que tem como foco ser abrangente (formato guarda-chuva).

Para fazer as observações e aplicação de questionários, foi realizado um diálogo com a autorização do diretor geral da modalidade mini handebol na CBHb, seguido aos professores que se dispuseram a participar, com o intuito de esclarecer a finalidade do trabalho e para autorização da pesquisa. O termo de consentimento foi assinado pelos professores entrevistados sendo claro e transparente a finalidade do estudo.

## **6. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para obter os resultados e discutirmos o tema estudado, tratamos as entrevistas que estarão transcritas em apêndices, buscando mostrar as falas e conversas com os participantes, tendo objetivo de comprovar este tópico, sendo que o estudo focou em buscar relatos de sujeitos envolvidos nos polos do país, sem distinção de localidade. Sobre os polos de Goiás, foram feitas visitas pessoais em festivais realizados, oportunizando ao pesquisador maior vivência e compreensão do projeto, como também entrevista com a embaixadora do programa no estado. As demais entrevistas obtidas foram dos professores de distintos estados do país.

### **6.1 Características dos Professores**

Foi criado e aplicado um questionário, este, contou com perguntas relacionadas à caracterização dos professores e foi constatado que a maioria dos professores são pós-graduados na área da educação física, resultando assim em um grande trajeto de formação acadêmica e relação com o esporte. Todos os participantes jogavam handebol, sendo amantes desse esporte, e decidiram continuar como professores da modalidade. Com isso, através de conhecimentos pessoais, estudos da área e curso de formação do mini handebol oferecido pela CBHb, os professores se qualificaram para ministrar aulas nos seus respectivos polos, sempre atrás de uma formação continuada para exercer as aulas, como também adquirindo conhecimento necessário de fundamentos, meios táticos e técnicos, regras, entre outros, para aplicação do mini handebol.

Foi realizado um levantamento de dados das características dos professores para melhor conhecimento, mantendo sempre o anonimato. Os nomes dos entrevistados foram substituídos pelas siglas P (professor) e por números (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8) sucessivamente, e a letra D para diretor.

**Quadro 1.** Características dos participantes.

Participante	Gênero	Idade (anos)	Tempo de atuação em Ed. Física (anos)	Tempo de atuação no mini handebol (anos)	Graduação	Pós graduação	Experiência como atleta
Diretor	(M)	43	20 anos	20 anos	Formação Plena: Educação Física	Pós-graduado: gestão e marketing; handebol; educação física escolar. Mestre em Educação, política e gestões públicas.	SIM
P1	(F)	37	16 anos	20 anos	Formação Plena: Educação Física	Não consta	SIM
P2	(F)	52	17 anos	4 anos	Formação Plena: Educação Física	Especialização Latu Sensu	SIM
P3	(F)	28	7 anos	2 anos	Bacharel em Esportes	Não consta	SIM
P4	(F)	49	28 anos	Aguardando chancela	Formação Plena: Educação Física	Especialização Latu Sensu	SIM
P5	(M)	55	37 anos	10 anos	Formação Plena: Educação Física	Especialização Latu Sensu	SIM
P6	(M)	43	24 anos	2 anos	Licenciatura em Educação Física	Não consta	SIM
P7	(M)	36	16 anos	7 anos	Formação Plena: Educação Física	Não consta	SIM
P8	(M)	63	35 anos	1 ano	Formação Plena: Educação Física	Especialização Latu Sensu	SIM

A área de atuação dos professores se diversifica, visto que os polos pesquisados são em clubes/associações em parceria com prefeituras das cidades, como em locais de ensino formal, aplicados em escola pública e particulares, como também ginásios e praças de esportes, onde alguns professores exercem a profissão, aplicando o mini handebol com o apoio da gestão escolar. Para conseguir tais feitos, os professores trabalharam arduamente na conscientização das pessoas para com os benefícios que a prática proporciona. As

parcerias feitas com as secretarias de ensino evidenciam que quando se tem apoio o projeto flui, como é o caso da cidade de Alto Paraná, onde através destas parcerias da secretaria de esporte e cultura, juntamente com as escolas e clubes e apoio familiar, conseguiu-se obter uma enorme quantidade de polos ativos, com isso oportunizando o jogo para as crianças.

Três responderam ser solteiros (as), cinco são casados (as), um divorciado. Três participantes não possuem filhos, três participantes possuem um filho, um dos participantes com dois filhos e também dois participantes com três filhos ou mais. Em relação a carga horária dedicada ao trabalho com o mini handebol, três professores declararam atuar na função em tempo integral, resultando em torno de 40 horas semanais, outros três professores declararam que atuam em torno de 10 a 12 horas semanais, e outros dois professores somente quatro horas semanais com o mini handebol.

Ao responderem sobre suas satisfações, foi dividida entre pessoais e de remuneração com o trabalho de treinadores. Com satisfação pessoal para atuar, sete professores declararam estarem satisfeitos profissionalmente, apenas um insatisfeito. Já em relação a satisfação salarial (remuneração), apenas um professor está satisfeito com a remuneração que obtém com o trabalho. Todos os outros não estavam satisfeitos devido às cargas altas de dedicação não condizer com o que recebem, visando melhores remunerações. Como visto no quadro acima, todos os participantes tiveram experiência como atleta de handebol antes de se tornarem treinadores. Todos possuem formação acadêmica em nível superior na área de educação física ou esporte, com a maioria formados em pós-graduação e especialização na área do treinamento esportivo do handebol.

Todos os participantes declararam realizar cursos ou congressos de formação complementar na área dos esportes, sendo que um alega participar raramente (-1x por ano), cinco declaram participar periodicamente (+1 vez ao ano), por fim dois declaram que participam frequentemente (+3 vezes ao ano). A formação e a experiência dos professores são componentes cruciais para o sucesso de qualquer programa educacional, especialmente em atividades esportivas como o mini handebol. Os dados coletados das entrevistas revelam que os professores envolvidos com o mini handebol possuem uma vasta experiência tanto em educação física quanto em treinamentos esportivos especializados. Esta experiência tem sido fundamental para a adaptação e implementação de metodologias eficazes que atendem às necessidades dos alunos e promovem o desenvolvimento integral. Os professores entrevistados destacaram suas trajetórias profissionais, evidenciando anos

de prática no ensino do handebol e no desenvolvimento de programas adaptados para crianças, conforme os dados das características dos professores mostrados no quadro 1.

## 6.2 Categorias de análise

A análise qualitativa dos dados resultou em cinco categorias, sendo elas: Metodologias e forma de ensino; Objetivos de ensino e Impacto do mini handebol nas Crianças; Desafios na implementação e futuro do mini handebol; Inclusão e acessibilidade no mini handebol; Motivação dos professores; as quais são apresentadas pelos mosaicos com cada categoria citadas nas sequências, com as respectivas paráfrases das subcategorias.

### 6.2.1 Metodologia e formas de ensino do Mini Handebol

A metodologia de ensino é um componente essencial no desenvolvimento de qualquer prática educativa, especialmente no contexto do mini handebol. As entrevistas realizadas com professores revelaram uma abordagem diversificada do jogo, desenhada para atender às necessidades específicas dos alunos e promover positivamente a prática esportiva e a participação ativa dos alunos. Os professores destacaram a importância de jogos e brincadeiras e da ludicidade, principalmente devido a faixa etária, o que pode ser visto a partir das subcategorias dessa seção, que podem ser vistas na figura 2 a seguir.

**Figura 2.** Mosaico com as subcategorias emergentes da categoria Metodologia /formas de ensinar o mini handebol.



Para que possamos falar das formas de ensino, os professores buscaram adaptações do jogo visando oportunizar a todos que queiram participar, chamando a atenção para participação ativa dos alunos, a finalidade da adaptação dos jogos para garantir que todos possam participar de maneira significativa é essencial para fomentar um ambiente inclusivo. Para que aconteça tal oportunidade, um dos professores cita que:

Uma das propostas é a fomentação, retomar o handebol base com escolinhas juntamente com o mini handebol e a secretaria de educação para trabalhar juntos ao currículo escolar, promovendo oportunidade para todos (P4).

Dentro do tópico oportunidade da prática, uma questão levantada pelos professores é a necessidade de ter locais onde a prática possa ser desenvolvida e, por isso, tiveram a intenção de propor e manter os seus projetos. Uma ideia citada nas entrevistas condiz com tal necessidade explícita no trabalho realizado por esses professores e projetos, onde é dito que:

Tem pouquíssimos projetos de handebol hoje, a escolinha vem para oportunizar para que crianças e jovens joguem handebol sem ser na escola, universidade ou clube. Fazer com que mais escolinhas surjam, franquias, para mais visibilidade, assim poderemos oportunizar mais o esporte (P3).

Já segundo P2, a mesma exemplifica essa necessidade e cita sobre um dos objetivos do projeto e da confederação, alegando que:

A CBHb com esse projeto, está aí para oportunizar, chamar a atenção de alunos mais novos para crescerem no esporte. Com isso, estados, cidades e escolas devem apoiar também quem quer o handebol (P2).

Fazendo com que isso aconteça, passamos para o ponto central do ensino, o aluno. Como sabemos, hoje em dia está cada vez mais difícil chamar atenção de crianças para práticas esportivas, visto que, temos que disputar espaço com as tecnologias, onde

crianças cada vez mais deixam de brincar para poder mexer em celulares e eletrônicos. Segundo um dos participantes, devemos como professores:

Resgatar o interesse e participação das crianças pelo esporte. Trabalhar a criança como um todo. Estimular e recuperar o interesse esportivo da criança, devolver a vontade de sonhar, desejo de praticar uma atividade saudável (P6).

A criação destas oportunidades diversificadas de jogo é fundamental para manter o interesse e a motivação das crianças na prática esportiva. Krahenbühl e Leonardo (2024) também afirmam que o jogo deve ser adaptado com as possibilidades da criança e não contrário, para que o ambiente de aprendizagem seja mais representativo.

Segundo Bracht (1997), a experiência esportiva deve ser atrativa e significativa para que as crianças desenvolvam um vínculo positivo com o esporte. A monotonia e a repetição excessiva de atividades podem levar ao desinteresse e, conseqüentemente, à evasão. Portanto, a introdução de jogos variados, adaptados às necessidades e interesses dos alunos, é crucial para garantir a continuidade da prática esportiva. Tal afirmação é citada por um professor, que diz:

Tentamos e procuramos transformar essas brincadeiras atrativas para os alunos e dentro de uma metodologia pedagógica e lúdica, para a criança não ter estresse e desistir (P6).

Tais adaptações condizem com o método de ensino orientado pelo projeto do mini handebol para que possa atender os alunos com pouca idade. A adaptabilidade do jogo foi ponto crucial mencionado pelos entrevistados. Os professores relataram que ajustavam constantemente suas abordagens com base nas observações das necessidades e progressos dos alunos. Nesse sentido, P2 afirma sobre as oportunidades diversificadas do jogo, onde diz que:

[...] com os mais novos, trabalhamos muito a parte recreativa para não ficar aquela coisa robotizada. A criança deve se divertir, explorar os espaços, vivências do jogo (P2).

Ainda sobre os métodos, os professores destacaram as abordagens mais utilizadas por eles como metodologia. Para se falar em ensinar crianças, devemos levar em consideração a idade delas, como também o bem-estar e interesse delas em praticar os esportes nas aulas. Para que aconteça tal interesse, um dos professores alega:

“Se nós estudarmos o handebol a fundo, você vai entender que de quatro a cinco anos tem que trabalhar determinada coisa, cinco e seis outra, sete e oito outra, com isso você não pode pular os períodos do aluno (P6).

Para tal feito os professores destacam os jogos e brincadeiras, como também uma forma lúdica de ensino, promovendo assim o desenvolvimento dos alunos. As entrevistas com professores de educação física destacaram a importância dos jogos, brincadeiras e do lúdico como metodologias eficazes na aplicação do mini handebol, ressaltando seus benefícios no engajamento e aprendizado das crianças. Para que possamos firmar tal assunto, uma das professoras cita que:

Acredito que essa é a melhor forma didática de trabalhar o mini handebol já iniciação, que eu sou sempre a favor, porque aprendem muito (...). Eu gosto de trabalhar muito com jogos lúdicos, ao mesmo tempo que ensina fundamentos básicos você trabalha com conceitos, princípios e valores que eles vão levar para vida dele. Então trabalho, carácter, certo e errado e fundamentos básicos do handebol estando em todos os jogos (P1).

Traduzindo para uma perspectiva mais ampla e atual temos no mini handebol uma perspectiva de jogos reduzidos, que tem como propósito simular situações de jogo específicas, porém com modificações e ajustes que sejam coerentes com as necessidades de aprendizagem dos jogadores, assim a mudança no número de jogadores, tamanho da área, do tempo e formato dos jogos visam adequar-se aos objetivos do ensino e as demandas da aprendizagem dos jogadores (Davids, 2013).

Atualmente vem crescendo a ênfase nos jogos reduzidos e ajustados em programas de ensino dos esportes voltados para crianças e adolescentes, principalmente. Com a intenção de providenciar um ambiente representativo de aprendizagem para os jogadores. Segundo Jorge-Rodrigues et al., (2022), muitos estudos e pesquisa visam

investigar o impacto dos jogos reduzidos (em número de jogadores, área) e ajustados (em regras, implementos, alvos) adequados às dinâmicas intrínsecas dos jogadores, como nível de habilidade, idade, experiência esportiva.

Além disso, os jogos proporcionam um ambiente seguro para a experimentação e o erro, aspectos fundamentais no processo de aprendizagem, como no contexto do mini handebol, os professores relataram que as atividades lúdicas facilitam a assimilação de conceitos técnicos e táticos do esporte de maneira natural e divertida. Tais relatos é afirmado por um dos professores, alegando que:

O mini é através de ludicidade e brincadeiras. Realizam brincando, não com jogo formal, mas quando vê na hora de jogar já sabem fazer. No contexto do mini handebol, os professores relataram que as atividades lúdicas facilitam a assimilação de conceitos técnicos e táticos do esporte de maneira natural e divertida. (...) A gente faz tudo voltado para o jogo de handebol, todas as aulas são trabalhadas com brincadeiras voltadas para educação (P6).

De acordo com Kishimoto (2008), o lúdico é uma estratégia pedagógica poderosa que facilita a aprendizagem significativa, pois envolve a criança de forma integral, considerando seus aspectos emocionais, cognitivos e sociais. As brincadeiras e os jogos estruturados no contexto do mini handebol permitem que as crianças desenvolvam habilidades motoras específicas, como o controle da bola, o passe e o arremesso, de maneira lúdica e prazerosa. Os entrevistados também mencionaram que a abordagem lúdica no mini handebol contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a cooperação, a comunicação e o respeito às regras.

No mini handebol, as crianças aprendem a trabalhar em equipe, a lidar com a frustração e a celebrar as conquistas, o que contribui para o seu desenvolvimento integral. Um ponto destacado pelos professores foi a necessidade de adaptar as atividades lúdicas às diferentes faixas etárias e níveis de habilidade dos alunos.

As brincadeiras devem ser planejadas de acordo com as características e necessidades das crianças, garantindo que todos possam participar e se desenvolver (P6).

A adequação das atividades lúdicas para o desenvolvimento infantil é crucial para desenvolver uma aprendizagem eficaz. No mini handebol, isso significa criar jogos e brincadeiras que sejam desafiadores, mas acessíveis, promovendo a inclusão e o engajamento de todas as crianças. De acordo com Krahenbühl et al. (2018), o primeiro elemento que deve ser mantido no jogo e na brincadeira como método de ensino é a essência lúdica das atividades sugeridas, pois o lúdico representa o ato de brincar ou jogar, e suas principais características incluem autonomia, liberdade, interesse, alegria, busca pelo prazer, criatividade, representatividade e fantasia. Ainda de acordo com os autores:

O lúdico é inerente à subjetividade da pessoa que joga e brinca, pois ele está centrado nas ações e escolhas dos alunos, respeitando tempo e espaços próprios, obedecendo a uma lógica de acordo com o jogo ou a brincadeira elegida, subordinada a cultura na qual o aluno está inserido (Krahenbühl et al., 2018, p. 123).

Além disso, os professores ressaltaram que a formação continuada dos educadores é fundamental para a implementação eficaz das metodologias lúdicas no mini handebol. A formação específica permite que os professores conheçam uma variedade de jogos e brincadeiras e saibam como utilizá-los de forma estratégica para atingir os objetivos pedagógicos. Kishimoto (2008) destaca que a capacitação dos educadores em metodologias lúdicas é essencial para garantir a qualidade do ensino e o desenvolvimento integral das crianças.

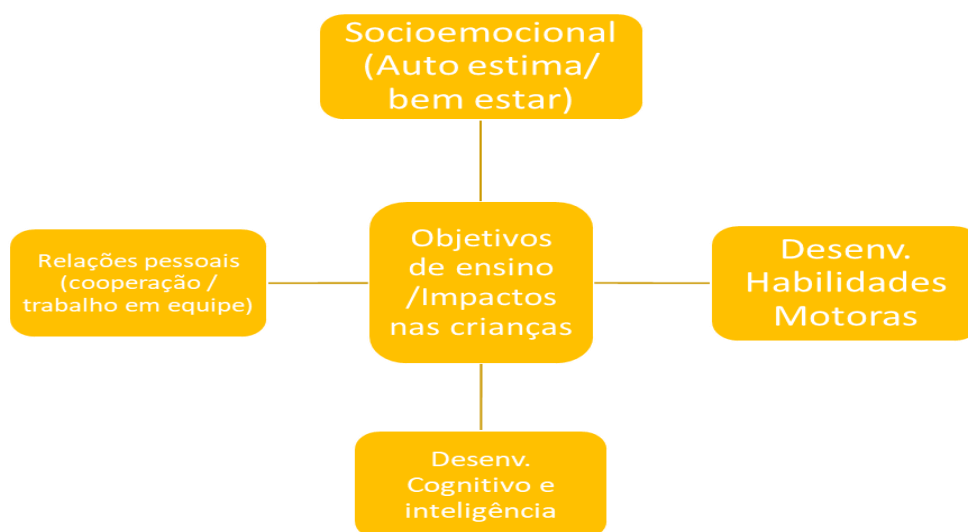
Em conclusão, os jogos, brincadeiras e o lúdico são metodologias eficazes para a aplicação do mini handebol, promovendo um ambiente de aprendizagem motivador e significativo para as crianças. Trabalhar com jogos lúdicos e brincadeiras para ensinar fundamentos básicos do jogo, conceitos, princípios, valores e caráter, inclusão social e conscientização foram temas sempre citados pelos participantes. Os professores buscaram adaptações do jogo em vastas formas para poder oportunizar a todos que queiram participar, chamando a atenção para participação ativa dos alunos. As entrevistas com os professores de educação física evidenciaram a importância de uma abordagem lúdica, adaptada às necessidades dos alunos e apoiada por formação continuada e políticas públicas. Assim, o mini handebol pode contribuir de maneira significativa para o

desenvolvimento integral das crianças, abrangendo aspectos globais de desenvolvimento da criança.

### 6.2.2 Objetivos do ensino e impacto do mini handebol nas crianças

De acordo com o diretor (D), o mini handebol tem se destacado como uma ferramenta eficaz no desenvolvimento integral das crianças, abrangendo aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais. Nas entrevistas realizadas com professores foram relatados vários impactos positivos observados ao longo da implementação desta modalidade esportiva, destacando sua relevância no contexto educacional e de desenvolvimento infantil.

**Figura 3.** Mosaico com as subcategorias emergentes da categoria objetivos do ensino e impacto do mini handebol.



Os professores entrevistados relataram que a prática do mini handebol contribuiu significativamente para o desenvolvimento das habilidades motoras das crianças. Um dos aspectos mais enfatizados foi a melhoria na coordenação motora, agilidade e equilíbrio. Segundo um os professores, foi constatado que:

Primeiramente trabalhamos nessa idade o desenvolvimento das habilidades motoras, focando também no desenvolvimento global da criança, desenvolvendo capacidades físicas e motoras, passando fundamentos e regras que servirão para vida toda (P8).

Não é demagogia dizer que a gente oferece atividades para ampliar repertório motor, para que quando aluno chegar na adolescência se sintam com a necessidade de se manterem ativos, se movimentando (P4).

Essas percepções dos professores estão em acordo com o estudo de Lidija Bojić-Ćaćić, Dinko Vuleta e Boris Neljak (2008), os quais observaram que a prática do mini handebol traz benefícios significativos para as habilidades motoras em crianças em idade escolar, ao promover a melhoria das capacidades motoras básicas, como a agilidade, coordenação e equilíbrio, fundamentais para o desenvolvimento físico. Além disso, segundo os autores, o mini handebol estimula a socialização e o trabalho em equipe, permitindo que as crianças desenvolvam competências interpessoais e cooperativas desde cedo. Isso contribui para uma formação integral, que combina aspectos físicos e sociais.

O estudo de Vuleta et al. (2013) aponta que essa atividade melhora significativamente as habilidades motoras, como a velocidade, flexibilidade e força abdominal, quando comparada a aulas tradicionais de educação física. Já Espoz-Lazo et al. (2022) ressaltam que a pedagogia não-linear usada no ensino do mini handebol promove a exploração ativa, favorecendo o aprendizado de habilidades motoras em contextos socioeconômicos diversos.

Os estudos citados demonstram como o mini handebol pode ser benéfico para a saúde física e mental das crianças que o praticam, o que está de acordo com a percepção dos professores entrevistados.

Como estamos falando de ensinar crianças com pouca idade, que estão começando seu desenvolvimento corporal, é necessário que tenha cautela na forma de ensino, para não atropelar as fases de desenvolvimento do aluno. Desenvolver as habilidades de forma adequada é essencial, muitas crianças não possuem tal habilidade para realizações básicas de aprendizagem, como cita o P6 em sua fala:

Primeiro devemos resgatar o interesse da criança pelo esporte. Depois trabalhar as habilidades das crianças que foram deixadas para trás pelos governos. Nem todos têm o mesmo pensamento que nós, trabalhar a criança como um todo. Então hoje como secretário percebi que tem crianças que não tem coordenação motora fina para escrever ou segurar um lápis. Não me dirijo apenas as habilidades técnicas, morfológicas e psicológicas, isso a modalidade e atividade física já vai trabalhar na criança (P6).

Além dos benefícios físicos, os professores observaram avanços importantes no desenvolvimento cognitivo dos alunos. São utilizadas abordagens pedagógicas que combinam instrução direta com atividades práticas e colaborativas. Essa combinação permitiu que os alunos não apenas aprendessem as técnicas do mini handebol, mas também desenvolvessem habilidades de trabalho em equipe, resolução de problemas e comunicação. De acordo com estudos de Vygotsky (1978), a interação social desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, e foi possível observar que as atividades colaborativas no contexto do mini handebol forneceram um ambiente rico para essa interação. A necessidade de tomar decisões rápidas e estratégicas durante o jogo ajudou a melhorar as habilidades de resolução de problemas e a capacidade de concentração.

No âmbito socioemocional, o mini handebol também demonstrou ser bastante importante, pois, conforme expresso nas entrevistas, a metodologia utilizada visava não apenas ao desenvolvimento das habilidades motoras, mas também ao fortalecimento das competências socioemocionais dos alunos. Segundo um dos professores, é destacado que:

A prática esportiva em grupo promoveu o desenvolvimento de competências como a cooperação, a comunicação e o respeito mútuo (P8).

As crianças aprenderam a importância do trabalho em equipe e do apoio mútuo (cooperativismo), o que fortaleceu suas habilidades sociais e emocionais (P6).

Foi explicado nas entrevistas que as atividades e o mini handebol foram planejados para serem inclusivas, criar um ambiente escolar inclusivo e participativo, com as atividades desenhadas com acessibilidade a todos, independentemente de suas

habilidades físicas ou antecedentes esportivos, garantindo que todos os alunos pudessem participar e se beneficiar do mini handebol. Este enfoque inclusivo é alinhado com as diretrizes da UNESCO (2015), que enfatiza a importância da inclusão e da equidade na educação. Esse ponto de vista é apoiado por estudos como o de Hellison (2011), que destaca a educação esportiva como um meio eficaz para o desenvolvimento do caráter e das competências sociais. A participação no mini handebol também teve um impacto positivo na autoestima e na autoconfiança das crianças. Através da prática e da superação de desafios, os alunos ganharam confiança em suas próprias capacidades. Essa abordagem inclusiva está em consonância com os princípios defendidos pela UNESCO (2005), que promove a educação física e o esporte como direitos fundamentais de todas as crianças, visando à inclusão social e à igualdade de oportunidades, como cita uma das professoras, alegando que:

A ideia do jogo cooperativo e participativo é o que mais me atrai para essa faixa etária (P4).

Portanto, para os objetivos de ensino dos professores, foi constatado que o foco inicial deles, como também no projeto, para crianças a partir de cinco anos, foi no desenvolvimento de habilidades motoras. Claro que ao trabalhar tais habilidades, uma gama de conhecimentos e habilidades tendem a ser desenvolvidas, como o cognitivo e a inteligência, como as relações interpessoais dos alunos. Os participantes conseguem com isso trabalhar a cooperação e o trabalho em equipe dos alunos, visando o cuidado, respeito, disciplina, integração, entre outros, obtendo assim um excelente impacto positivo na formação do caráter humano das crianças.

### **6.2.3 Desafios na implementação e o futuro do Mini Handebol**

**Figura 4.** Mosaico com as subcategorias emergentes da categoria desafios na implementação e futuro do mini handebol.



A implementação do mini handebol nas escolas e clubes esportivos enfrenta diversos desafios que afetam sua eficácia e sustentabilidade. As entrevistas realizadas com professores evidenciam obstáculos significativos que vão desde limitações estruturais até barreiras pedagógicas e administrativas. A análise destes desafios permite uma compreensão sobre as necessidades e condições necessárias para a promoção bem-sucedida desta modalidade esportiva. A implementação do mini handebol é uma iniciativa que, para alcançar seu pleno potencial, depende de políticas públicas eficazes e de um robusto apoio institucional. As entrevistas com professores revelaram diversas nuances sobre os desafios e as necessidades associadas à promoção do mini handebol como uma atividade educativa e inclusiva. A análise destas falas, complementada por uma revisão da literatura, oferece um panorama abrangente sobre a importância das políticas públicas e do apoio institucional na efetivação desse projeto.

Cabe aos nossos dirigentes saber o que vão fazer com a política de esportes se voltar para o handebol que é o mais importante. Nem sempre os dirigentes voltam essas políticas públicas especificamente para nossa modalidade, isso é um dos maiores problemas (P2).

Através das entrevistas, foi observado que o tema da existência de políticas públicas voltadas para a educação física e o esporte de crianças e jovens, incluindo no ambiente escolar, destacado pelos professores, é fundamental para a implementação bem-sucedida do mini handebol. Muitos relataram que, na ausência de diretrizes claras e de financiamento adequado, as iniciativas dependiam fortemente da boa vontade e do esforço individual dos educadores. Como cita uma professora, exemplificando que:

Numa escola pública é um pouco mais difícil de conseguir, porque como você vai conseguir material? Se não tiver o apoio do secretário de esporte ou secretaria de educação. Então se quer trabalhar na área você vai ter que fazer um projeto, ir atrás de escolas que não tem handebol, apresentar o projeto e tentar iniciar. Para aumentar a quantidade de polos eu preciso de mais apoios, tanto políticas públicas, como escolares e dos familiares (P1).

Segundo Coakley (2007), as políticas públicas desempenham um papel crucial na estruturação e no suporte das atividades esportivas nas escolas, assegurando que haja recursos e condições adequadas para sua realização. A falta de financiamento adequado foi um tema recorrente nas entrevistas. Surge assim, esse aspecto relevante discutido nas entrevistas, que foi a colaboração entre diferentes níveis de governo e instituições educativas para a promoção do mini handebol. Os professores mencionaram que a articulação entre secretarias de educação, esportes e saúde poderia facilitar a implementação de programas integrados que promovam a prática esportiva como um elemento central do desenvolvimento infantil. Epstein (2001) enfatiza que a colaboração entre diferentes setores e níveis de governo é essencial para o sucesso de políticas públicas educacionais e esportivas. Tal colaboração se firma necessária através de uma fala, que exemplifica essas parcerias e resultados, onde ressalta que:

[...] em 2021 a secretária de educação precisava de alguém para cumprir as horas atividades que dava no calendário. Falei que tinha o projeto e podia ser implementado nessa hora atividade do professor. Ela comprou a ideia, foi no núcleo, ajeitamos o conteúdo, planejamento e conseguimos. Com isso, em 2022 assumi a secretaria, junto com o secretário de esporte fizemos uma compra gigantesca de material esportivo. Então abraçamos todo mundo (P6).

Para que seja mostrada ainda mais tal importância dessas parcerias, em falas dos professores é mostrado que quando se possui apoio institucional as coisas começam a fluir melhor. Ainda sobre o tema, o mesmo professor mostra uma solução/saída para conseguir tais apoios. Nessas falas, por exemplo, um professor alega e confirma que:

Estamos conseguindo ampliar e fazer dar certo, assinamos um convênio com a secretaria do município de esporte e educação para o handebol. Então começa agora seis escolinhas de handebol, uma em cada colégio municipal. (...). Se conseguir convencer o secretário do município a colocar um dos esportes eletivos integral o handebol, aí você não sai mais. Então partimos daí, vamos tacar um esporte lá, o futsal já tem. Mas a gente quer mais um, então põe o handebol, coloca um esporte de mão (P5).

A resistência inicial dos alunos e, em alguns casos, dos pais, também foi um desafio significativo. Alguns professores relataram dificuldades em convencer os alunos a participarem ativamente das aulas de mini handebol, devido a preconceitos ou desconhecimento sobre o esporte. Para superar essa resistência, os professores tiveram que adotar estratégias de sensibilização e demonstração dos benefícios do mini handebol. Os professores também enfrentam desafios administrativos, como a falta de apoio institucional e a rigidez do currículo escolar. Darling Hammond et al. (2017) ressaltam a importância do apoio institucional e da flexibilidade curricular para a inovação pedagógica e a implementação de novas práticas educacionais. Sem o apoio adequado, os professores ficam limitados em suas capacidades de introduzir e sustentar novas atividades.

Os professores também apontaram para a necessidade de maior investimento em infraestrutura e equipamentos. Segundo o Relatório Global sobre Educação Física da UNESCO (2015), a infraestrutura adequada é fundamental para a implementação eficaz de programas de educação física. Investir em espaços apropriados e em materiais de qualidade pode melhorar significativamente a experiência dos alunos e o desenvolvimento de suas habilidades no mini handebol. Para tal assunto, um dos professores relatou que:

A falta de espaços adequados e de equipamentos de qualidade compromete a prática do mini handebol (P3).

A capacitação dos professores em técnicas e metodologias específicas para o mini handebol pode potencializar os benefícios desta prática esportiva, proporcionando aos alunos um ensino mais qualificado e adaptado às suas necessidades. Além disso, os professores sugeriram a importância de parcerias com clubes esportivos e organizações não governamentais, que conforme uma professora cita que:

As parcerias com clubes esportivos locais podem fornecer recursos adicionais e expertise técnica (P2).

Houlihan e Green (2007) destacam que tais parcerias são fundamentais para ampliar as oportunidades de prática esportiva e enriquecer o programa de mini handebol nas escolas. Colaborações estratégicas podem fornecer suporte técnico, recursos materiais e até mesmo oportunidades para competições e eventos esportivos.

Um dos principais desafios mencionados pelos professores foi a falta de recursos materiais adequados. Muitos relataram a escassez de equipamentos específicos, como bolas de tamanho reduzido e redes apropriadas, que são essenciais para a prática do mini handebol. Esse problema está alinhado com o Relatório Global sobre Educação Física da UNESCO (2015), que identifica o financiamento insuficiente como uma das principais barreiras para a implementação de programas de educação física de qualidade. Contudo, esse é um obstáculo que o próprio projeto da CBHb sugere formas de superar, com adaptações das traves utilizando materiais como canos/tubulação de PVC e bolas de iniciação, mais fáceis de se adquirir.

Além disso, os entrevistados ressaltaram a importância do apoio institucional, tanto no nível escolar quanto nas esferas governamentais, como afirma um dos professores, alegando que:

Se tivesse mais equipamentos, material físico por exemplo, o dobro ou triplo do que se tem, seria excelente (P8).

O apoio da administração escolar foi considerado essencial para a integração do mini handebol no currículo e para a promoção de um ambiente favorável à prática

esportiva. Darling-Hammond et al. (2017) afirmam que o suporte institucional é vital para a inovação pedagógica, facilitando a introdução de novas metodologias e atividades que enriquecem o processo educativo. Claro que com a chancela dos polos obtida e certificada pela CBHB, os professores e polos conseguem uma ajuda meramente significativa para poderem estar contribuindo com o projeto do mini handebol. Entretanto, com o avanço e crescimento do projeto dentro do país, será necessário que tenha mais apoio das secretarias, escolas, familiares, entre outros, para que possa manter os polos já existentes, como também, iniciar novos polos, podendo assim dar mais oportunidade a novas crianças nessa prática. Segundo um professor, foi sugerido que é necessário obter tais parcerias para manter e aumentar o ciclo do handebol. Ele afirma que:

Queremos aumentar o número de núcleos, materiais e apoios, ter de mais praticantes, uma base forte para refletir na seleção e alto rendimento, tendo mais apoios e construir uma próxima geração de handebolistas (P8).

Este problema é frequentemente exacerbado pela falta de financiamento adequado para a educação física, um tema amplamente discutido na literatura. De acordo com o Relatório Global sobre Educação Física da UNESCO (2015), o financiamento insuficiente é uma das principais barreiras para a implementação de programas de educação física de qualidade. Outro desafio destacado foi a falta de espaços adequados para a prática do mini handebol. Os professores mencionaram que algumas escolas não dispunham de quadras poliesportivas ou áreas adaptadas, obrigando-os a improvisar em espaços inadequados, como também em praças de esportes ou locais públicos. Para isso, é necessário dos apoios citados já nessa categoria, visto que, constatasse impossível realizar aulas em locais seguros e adequados para crianças tão novas. Este problema está relacionado à infraestrutura escolar deficiente, que afeta não apenas a educação física, mas a qualidade da educação como um todo.

Adicionalmente, as entrevistas apontaram que a sensibilização da comunidade escolar e dos pais é um fator crucial para o sucesso do mini handebol. O envolvimento e o apoio da comunidade ampliam a legitimidade e a sustentabilidade das iniciativas esportivas. As políticas públicas devem, portanto, incluir estratégias de engajamento comunitário, promovendo a conscientização sobre os benefícios do esporte para o

desenvolvimento integral dos alunos. Segundo Coakley (2007), o engajamento comunitário é um componente essencial para a criação de um ambiente educacional que valorize e promova a prática esportiva. Portanto, a efetiva implementação do mini handebol nas escolas depende de uma conjugação de políticas públicas bem delineadas e de um apoio institucional robusto. A literatura e as entrevistas com os professores convergem na necessidade de financiamento adequado, formação contínua, suporte administrativo e engajamento comunitário. Esses elementos são essenciais para garantir que o mini handebol seja uma ferramenta eficaz de inclusão e desenvolvimento infantil, promovendo a educação física de qualidade e a participação ativa de todos os alunos.

A gestão do tempo foi citada como um desafio recorrente. A necessidade de equilibrar o tempo dedicado ao mini handebol com outras atividades curriculares e extracurriculares exigia uma gestão eficiente do tempo, o que nem sempre era fácil de realizar. A teoria da gestão do tempo, como discutida por Covey (2015), destaca a importância de prioridades claras e uma organização eficaz para a realização de múltiplas tarefas, especialmente no ambiente educacional. Conforme a professora, essa gestão se torna muito difícil devido às necessidades pessoais de cada. Ela afirma que:

Tenho escolinha mas tenho emprego CLT principal. Não consigo às vezes priorizar a escolinha. O trabalho me suga muito na semana e às vezes não consigo planejar melhor. Queria ter uma dedicação integral. Seria ideal, mas não consigo (P3).

O mini handebol, enquanto modalidade esportiva voltada para crianças, tem tentado ganhar e chamar atenção no âmbito escolar devido aos seus benefícios para o desenvolvimento físico, social e cognitivo dos alunos, como também em espaços não formais de ensino, onde as práticas também são realizadas.

As entrevistas com professores revelaram diversas perspectivas sobre o futuro do mini handebol, destacando tanto os desafios quanto às oportunidades que permeiam a expansão e consolidação desta prática esportiva, tanto em espaços não formais de ensino como também nas escolas. Tais expectativas citadas revelam os desejos dos professores com o futuro do projeto. Segundo o que foi visto de expectativa, as respostas se equiparam, tanto na questão de ensinamentos do esporte, como princípios, apoios em geral, visibilidade

e fomento da modalidade, para assim poder aumentar o número de polos, como o de crianças participando do mini handebol. Essas afirmações afirmam que:

Para o futuro penso que eu ensine coisas e princípios para a vida. Fazer os atletas sonharem alto. Vislumbro muito aumentar a quantidade de polos, ter mais apoio, isso é uma dificuldade que a gente tem, mas não significa que seja impossível (P1).

Num futuro eu encontre essas crianças na prática do handebol e ter uma safra boa de atletas (P2).

Ajudar a dar visibilidade à modalidade. Ter pessoas praticando fora da bolha: escola, universidade, clube. Ter apelo midiático e apoio para desenvolver no país (P3).

Para o futuro divulgar e fomentar a modalidade, trabalhar muito trazendo a criança para a escola, mostrando o esporte (P4).

Os professores entrevistados apontam expectativas semelhantes quanto ao mini handebol, como ao handebol e ao esporte geral. Como sabemos esse esporte não é tão visado comparado ao futebol no Brasil. Segundo um dos professores:

A perspectiva é fazer com que a modalidade cresça, tornando -se popular. Ver as crianças praticando o esporte através das atividades que desenvolvemos dentro do projeto. Que eles aprendam através de brincadeiras, joguem o esporte. Temos que oportunizar o esporte, incluir todos nesse meio, integração do esporte (P8).

Para isso é necessário a implantação da categoria nos locais de ensino, mostrando a todos envolvidos os benefícios. Como cita um professor, alegando que:

Para o futuro espero o renascer do mini handebol e a implantação levado a sério. Agregar apoios para melhorar a qualidade de vida, na educação, prevenção, saúde, entre outros. Fazer alianças para alavancar a modalidade. Resgatar a modalidade com o aumento de atletas, fortalecendo assim as equipes de alto rendimento (P6).

É necessário muito apoio e pessoas trabalhando para que isso aconteça. O projeto em si tende a ter esse objetivo. O intuito inicial, como cita o D (Diretor), é que:

A primeira expectativa é que a gente pudesse democratizar o mini handebol no Brasil todo, ou seja, pessoal buscar conhecer o mini handebol, que ele fosse de fácil acesso, que a gente pudesse cancelar os polos nos lugares onde já se trabalhava, por que a gente trabalhava de qualquer forma, a gente não está falando de qualitativo, aqui é quantitativo, no primeiro momento é a quantidade (D).

Com isso, outros professores através desse objetivo dos envolvidos na criação do projeto acabaram se identificando e tornando objetivo geral de todos. Para confirmar a fala do diretor, um dos professores espera que:

Para o futuro a massificação do esporte. Cancelar lugares para massificar popularizando o handebol. Ajudar as crianças a vivenciar e propiciar diversão com o handebol. Oportunizar mais o handebol, conseguindo fazer que o polo atraia novos olhares e adeptos para o projeto, colocando em espaços formais e não formais de ensino, como também, o mini esporte eletivo na grade escolar, com isso, aumentar o número de atletas fomentando o handebol para vida toda (P5).

Por fim, os professores destacaram a importância de promover a conscientização sobre os benefícios do mini handebol entre pais e comunidade. O envolvimento dos pais e da comunidade é crucial para o sucesso e a continuidade do programa de mini handebol. Epstein (2001) argumenta que a colaboração entre escola,

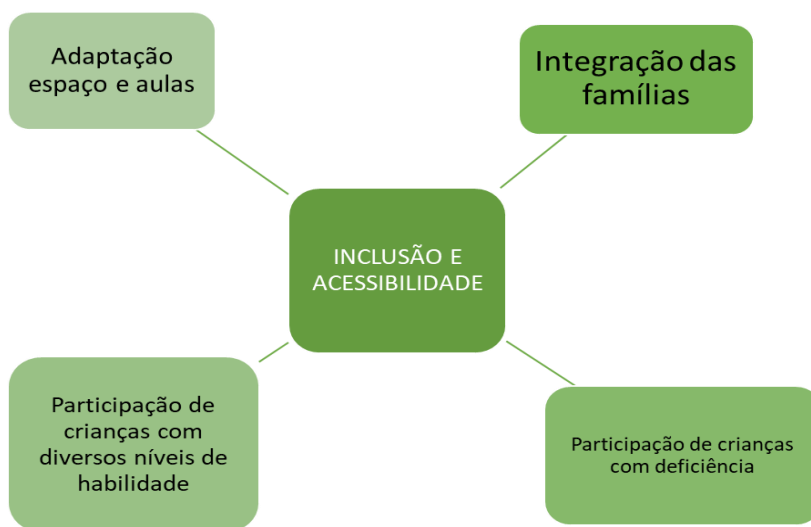
família e comunidade é essencial para o sucesso educativo. Promover a conscientização e o engajamento da comunidade pode fortalecer o apoio ao mini handebol e garantir sua sustentabilidade a longo prazo. O futuro do mini handebol depende de uma abordagem integrada que envolva políticas públicas robustas, apoio institucional, investimento em infraestrutura, formação continuada dos professores, parcerias estratégicas e engajamento da comunidade. A CBHB tenta auxiliar aos máximos para que os professores e polos consigam atender as demandas existentes, como também as novas. Claro que esse projeto não depende apenas do apoio da confederação. As entrevistas com os professores evidenciaram que, apesar dos desafios, há um grande potencial para o desenvolvimento e a consolidação do mini handebol como uma prática esportiva fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos. As diretrizes e teorias educacionais apoiam a importância de um ambiente educativo que valorize o esporte, promovendo a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento social das crianças.

Portanto, sobre esse processo de implementação, foi identificado que os professores já vinham trabalhando com escolinhas ou na educação física escolar com o mini handebol. Pode se dizer que sem saber, ou sem oficializar tal categoria. Os participantes não queriam deixar o handebol morrer, com isso, trouxeram o mini handebol para os espaços onde ensinam o esporte, apresentando o projeto as instituições de ensino, como nas secretarias públicas, tentando de alguma forma conscientizar o corpo escolar dos benefícios da categoria para as crianças, obtendo maior participação dos pais e familiares, podendo assim firmar parcerias com as secretarias e com políticas públicas, resultando na intenção de obter maiores investimento em infraestrutura e equipamentos nas aulas. Foi observado que conseguir apoio institucional, colabora bastante para que alguns professores consigam gerir seu tempo de aulas e participação com o projeto, sendo integralmente ou quase que integral apenas com o mini handebol, entretanto, alguns participantes ainda precisam se dividir em outros trabalhos.

Portanto, as expectativas com o futuro do mini handebol são as melhores. É necessário mais apoio de políticas públicas para o desenvolvimento do projeto, seja qual for o local de ensino. É necessário ter apoio institucional, fazer parcerias para obter maior investimento em infraestrutura e materiais. Segundo relato do P6, as parcerias feitas com as secretarias de ensino evidenciam que quando se tem apoio o projeto flui, caso que ocorreu em sua cidade, Alto Paraná-PR, onde conseguiu-se obter doze polos ativos, com isso oportunizando o jogo para mais de 1.500 crianças.

#### 6.2.4 Inclusão e acessibilidade no Mini Handebol

**Figura 5.** Mosaico com as subcategorias emergentes da categoria inclusão e acessibilidade no Mini Handebol.



A inclusão e a acessibilidade são pilares fundamentais na educação contemporânea, e sua aplicação no contexto do mini handebol é essencial para garantir que todos os alunos possam participar e se beneficiar das atividades esportivas. As entrevistas com professores evidenciaram diversos aspectos e desafios relacionados à implementação de práticas inclusivas e acessíveis no mini handebol, destacando a importância de uma abordagem pedagógica centrada nas necessidades de cada aluno.

Os professores entrevistados destacaram que a inclusão no mini handebol foi promovida através da adaptação das atividades para atender às diversas habilidades e limitações dos alunos. De acordo com Cunha e Gomes (2017), a inclusão é um princípio fundamental na educação física, e a exclusão de crianças menos habilidosas pode contribuir para a evasão. A adaptação dos jogos para garantir que todos possam participar de maneira significativa é essencial para fomentar um ambiente inclusivo. A valorização do esforço e da cooperação, em vez da competição excessiva, pode aumentar a satisfação dos alunos e

reduzir a evasão. Este enfoque está alinhado com as diretrizes da UNESCO (2005), que advoga pela adaptação do ambiente e das práticas educativas para garantir a inclusão plena de todos os estudantes. Para exemplificar, um dos professores cita que:

As atividades foram ajustadas para garantir que todos os alunos, independentemente de suas capacidades físicas, pudessem participar ativamente (...). Se você pegar 200 crianças e ensinar o handebol, você vai ter aquelas que vão jogar com talento e vão ter aquelas que vão jogar handebol, ponto, mas todos vão jogar handebol independentemente do nível de habilidade, elas vão todas participar (P5).

Além disso, os professores relataram a necessidade de sensibilizar e capacitar os alunos para a importância da inclusão e da cooperação. Esta abordagem é suportada pela teoria em estudo de Vygotsky (1978), que enfatiza o papel da interação social no desenvolvimento cognitivo e a importância do aprendizado colaborativo como meio de inclusão e desenvolvimento social. Através disso, foi mencionado que:

Os alunos foram incentivados a trabalhar juntos e apoiar uns aos outros, criando um ambiente de respeito e colaboração (...) como temos alunos especiais, trabalho sempre a inclusão, ajudar o próximo, conscientização (P8).

Para que haja essa inclusão, o professor citado alega que preza principalmente pela cooperação e vontade dos alunos de ajudar os outros, mesmo que o colega tenha necessidades especiais é necessário saber suas capacidades e formas de viver e ter experiências da vida. Com isso, foi deixado um relato pelo P8, reforçando a inclusão em suas aulas.

Dentro da escola trabalha muito inclusão, e lá eu tenho cadeirante, eu tenho autista, só não tem deficiente visual, mas o restante eu tenho, como Síndrome de Down. Todos eles integrados aos trabalhos que a gente desenvolve, o cadeirante por exemplo, sempre tem algum que vai lá e pega ele nas brincadeiras e nas atividades e vai conduzindo, aí mudou ele vai passar para outro, mas sempre

interagindo, e isso é muito importante, eu acho que isso é o mais importante que eu posso dizer, a integração. Essa inclusão, essa vontade de ajudar é muito mais forte do que qualquer outra coisa, então quando eles estão ali, eles estão (P8).

No que diz respeito à acessibilidade, os professores apontaram a necessidade de adaptar o ambiente físico e os recursos disponíveis. A falta de infraestrutura adequada foi um desafio recorrente, com muitos professores relatando a necessidade de improvisar em espaços inadequados. Segundo o Relatório Global sobre Educação Física da UNESCO (2015), a acessibilidade física é crucial para garantir que todos os alunos possam participar das atividades esportivas de maneira segura e eficaz.

A adaptação dos equipamentos e a modificação do espaço de jogo foram estratégias mencionadas pelos professores para tornar o mini handebol acessível a todos. Segundo um professor, é alegado por ele que:

Aqui é obrigatório fazer essa aula. Se tiver chovendo vamos fazer Mini handebol adaptado dentro da sala, a gente transforma sala em uma quadra. Não tenho quadra, vamos para grama, não tem grama, vamos para rua. Todos os lugares a gente têm que adaptar à realidade, tenho distrito que é trinta quilômetros daqui é estrada de chão, então a gente procura levar pessoas aqui da sede, da cidade para esse distrito para que tenha esse envolvimento, essa participação ou até mesmo para ter essa vivência de jogar na grama (P6).

Essa adaptação é de suma importância para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Como citado nas entrevistas, foi necessário fazer adaptações emergenciais e urgentes devido a pandemia que enfrentamos anos atrás. Essas adaptações refletem a flexibilidade e a resiliência do corpo docente em tempos de crise. As adaptações realizadas pelos professores de mini handebol durante a pandemia de COVID-19 demonstram resiliência, criatividade e dedicação ao ensino. As estratégias adotadas para enfrentar os desafios tecnológicos, manter o engajamento dos alunos e apoiar a saúde mental são exemplos de práticas que podem fortalecer a educação no futuro. A pandemia destacou a importância de um sistema educacional flexível e adaptável, capaz de responder rapidamente a crises e de garantir a continuidade do aprendizado em qualquer circunstância.

Por fim, outro aspecto relevante mencionado foi a colaboração com os pais e a comunidade para promover a inclusão no mini handebol. Os professores enfatizaram a importância de envolver os pais no processo educativo e de sensibilizá-los para os benefícios da participação inclusiva no esporte. Claro que essa inclusão familiar deve ser positiva na criança, como cita um dos professores, onde frisa que o importante é:

Aprender o espírito Olímpico, desportivo, você vê que a criança recebeu uma medalha e ela está chorando por ganhar medalha, chegar em casa e dá um abraço no pai e na mãe, agradecer a família por sempre acompanhar, porque estava na escola, estava jogando, isso não há dinheiro que pague (P6).

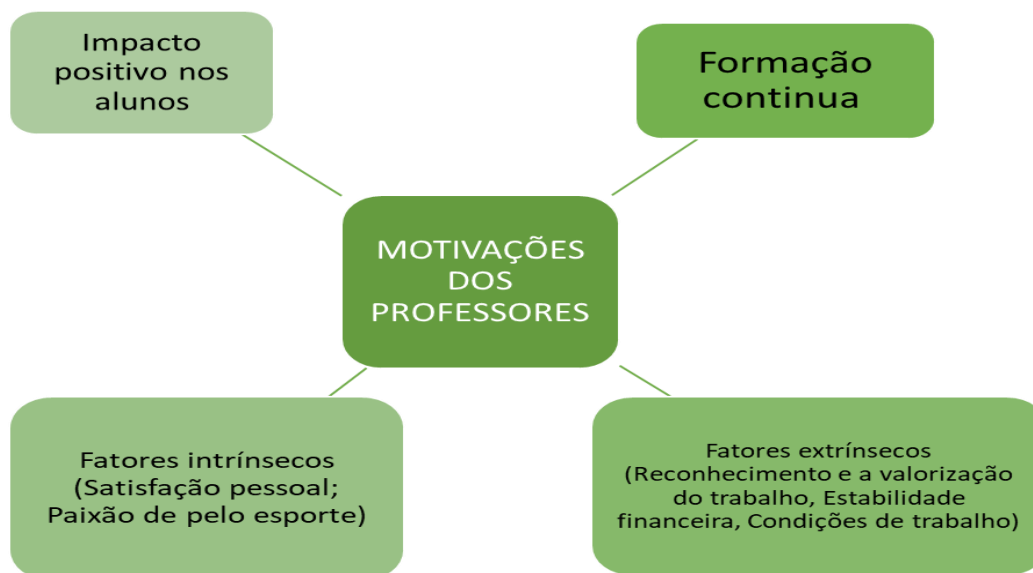
Epstein (2001) argumenta que a colaboração entre escola, família e comunidade é essencial para o sucesso educativo e a promoção de práticas inclusivas. A família deve sempre apoiar as crianças durante suas realizações, entretanto essa integração como cita a P3, deve se ter regras. No seu polo de ensino, a mesma alega que:

Temos regras para as famílias, porque eles devem se integrar aos seus filhos no esporte. Porém não é para xingar o juiz, nem as crianças adversárias, não gritar com seu filho ou criança da sua família, tem que dar o tempo da criança. Ela está aqui para se divertir e brincar. Não é para botar pilha de ganhar a todo custo, a ideia não é essa (P3).

Com a conscientização dos benefícios da prática a todo corpo escolar, familiares e secretarias de ensino, é necessário que sejam criadas oportunidades diversificadas para quem quer jogar. Através de um suporte tanto emocional, quanto de integração, o projeto tende a aumentar o número de adeptos da prática, podendo sempre incluir a todos. Não precisa ser um gênio para participar, o projeto vai oportunizar seja qual for o nível de habilidade ou se as crianças tenham necessidades especiais. Cadeirantes, surdos, alunos com síndrome de Down já estão participando em alguns polos citados pelos professores. Todas as aulas e espaços são adaptados para que as crianças possam explorar, descobrir e se desenvolver, contendo sempre o apoio e integração positiva da família.

## 6.2.5 Motivações dos professores no Mini Handebol

**Figura 6.** Mosaico com as subcategorias emergentes da categoria motivação dos professores no Mini Handebol.



A motivação dos professores é um tema central na educação, pois influencia diretamente a qualidade do ensino e o desempenho dos alunos. As entrevistas com os professores de mini handebol revelaram diversas motivações que impulsionam suas práticas pedagógicas, destacando tanto fatores intrínsecos quanto extrínsecos.

Os fatores intrínsecos mencionados pelos professores incluem a paixão pelo ensino e pelo esporte. Muitos relataram que o amor pelo handebol e a satisfação de ver o progresso dos alunos foram motivações significativas. Confirmando tal assunto, uma das professoras alega que:

Eu acho muito mais prazeroso você trabalhar numa coisa que você realmente gosta. É o meu caso no handebol, em até dar aula de Educação Física eu gosto, mas num lugar fechado, você fica fechado o dia inteiro no mesmo lugar, eu não consigo (P1).

Para os professores, ver a evolução dos alunos e seu entusiasmo pelo jogo é extremamente gratificante. Esta motivação intrínseca está alinhada com a teoria da

autodeterminação de Deci e Ryan (2000), que enfatiza a importância da autonomia, competência e relacionamento no engajamento e satisfação pessoal. A motivação intrínseca ocorre quando uma atividade é realizada por prazer, enquanto a extrínseca envolve ações influenciadas por recompensas externas. A teoria enfatiza que a satisfação das necessidades de autonomia, competência, e relacionamento melhora a motivação e o bem-estar, o que também está relacionado com o ambiente, o qual pode fomentar ou inibir essas necessidades. (Appel; Wendt; Argimon, 2010).

Segundo uma das professoras, ela afirma que:

O mais importante e o que me motiva ser professora dos pequenos é saber que estou ensinando mais que handebol para eles. E eles me ensinaram a ser paciente, perseverante, ter resiliência. Essa troca é o que me motiva (P3).

São várias motivações que acercam os professores a implementarem o polo, ao falar de amor pelo esporte e voltando para o lado de professora, essa participante desabafa ao dizer que:

O que me levou primeiro é o amor pelo esporte e eu toda vida em escola pública desde o primeiro grau até a pós-graduação sempre escola pública. Então o amor nasceu lá e hoje o que importa para mim não é ir jogar a competição ou ter um atleta destaque. O que importa é que é meu momento, um tempo para mim, é a satisfação do dever cumprido, para aliviar a cabeça (P4).

O que me motiva é ver as crianças praticando o esporte, principalmente o handebol, através das atividades que estamos desenvolvendo dentro da modalidade e do projeto (P8).

Entre os fatores extrínsecos, o reconhecimento e a valorização do trabalho docente foram destacados. Os professores mencionaram que o apoio e o reconhecimento por parte da administração escolar e dos colegas são fundamentais para sua motivação. Em todo trabalho saber que você é valorizado e reconhecido motiva a continuar dando o seu melhor. Para que essa valorização aconteça, o profissional tem a necessidade de se sentir bem, tanto pessoal, quanto financeiramente falando. A estabilidade financeira e as

condições de trabalho também foram citadas como fatores extrínsecos que influenciam a motivação dos professores. Muitos relataram que a segurança de um emprego estável e condições adequadas de trabalho contribuem para sua dedicação e comprometimento. Segundos dois professores, tal estabilidade é confirmada quando ambos alegam que:

O maior problema em se trabalhar em escola é que quando conseguimos, meio que a gente trabalha de graça. Escola pública mesmo é sempre mais difícil de conseguir as coisas (P1).

A gente sempre está lutando para colocar o esporte em evidência. Nem sempre é possível, para falar de ganhar dinheiro não se ganha (P5).

Tal ponto nos faz refletir sobre se realmente os professores estão sendo valorizados pelos seus ensinamentos. Em conversa com a P3, a mesma cita que quer ver mais pessoas praticando o handebol fora da bolha escolar, universitária e de clubes, buscando apelo midiático. A partir disso, ela cita e me questiona:

Daí conseguimos fazer a modalidade desenvolver no país, quem trabalha com ela receber melhor, porque a gente não ganha bem, a gente sofre. E eu tenho certeza que inclusive quem é da confederação sofre também porque não tem dinheiro. Não tem dinheiro circulando porque não tem mídia, não tem interesse, e entra nessa roda (...) honestamente, você ganha bem? Consegue manter um padrão de vida confortável só com o dinheiro do handebol? Então é difícil. Eu também não consigo. Eu tenho a escolinha, mas eu tenho outro emprego CLT principal (P3).

Evidentemente a minha resposta para tal questionamento foi negativa. As remunerações para quem trabalha com o esporte não condiz com o trabalho que é realizado. Através de um relato em conversa com a P1, a mesma conta que mesmo atendendo crianças pelo e para os ensinamentos do projeto, a compensação financeira ainda está longe de ser a ideal.

A maioria dos meus alunos, por exemplo lá no Sesi, são do Colégio particular que trabalho. Praticamente 80%, se eu fosse dar aula de mini handebol nesse colégio hoje não compensaria para mim. Falo de mini handebol, não compensaria, porque lá eles pagam hora-aula e lá a gente recebe por aluno. Então a maioria dos lugares que o pessoal trabalha como particular funciona dessa forma, já o clube de engenharia é diferente, não é porcentagem, paga aluguel. Você paga aluguel da quadra e você cobra mensalidade dos alunos e assim vai. Se não for assim não compensa financeiramente (P1).

A busca por desenvolvimento profissional também foi citada como uma motivação importante. Os professores destacaram o desejo de aprimorar suas habilidades e conhecimentos, buscando constantemente novas técnicas e metodologias para melhorar suas práticas. Esta motivação está de acordo com o conceito de "aprendizagem ao longo da vida" promovido por Jarvis (2004), que sugere que os profissionais da educação devem estar sempre em busca de crescimento e atualização para melhor atender às necessidades dos alunos. Como é citado na entrevista, um dos professores afirma que:

Tenho histórico de formação muito grande, eu gosto de formação. Então para mim não foi muito difícil, eles mandaram um material que não foi o suficiente. Daí eu fui conversar com os meus amigos que estão fora do país, com o Diego, com Spock aqui do Paraná, que é nosso embaixador. Então eles foram me enviando algumas literaturas que eram em alemão, espanhol, tive que traduzir. Então daí eu tive um pouco mais material, eu fui selecionando de acordo com a nossa realidade. (P6)

Essa aprendizagem é citada tanto nas entrevistas, como também no questionário que foi realizado com os participantes. Os professores envolvidos estão constantemente se capacitando, como cita outro professor, alegando que:

Eu estou me capacitando até hoje. Mas o material que o pessoal tem lá na confederação é muito interessante. Eu li todo o material que eles mandaram e não era nada diferente daquilo que a gente já estava realizando também, então foi só mesmo oficializar o núcleo como núcleo de mini handebol, porque ele já existia (P8).

Segundo a P2, ela se mantém constantemente participando e se capacitando com cursos e encontros sobre o mini handebol.

Na parte do mini handebol como já venho trabalhando há algum tempo eu fiz dois minicursos. Eu participo quando tem a parte maior, questões do mini handebol e da parte de gestão, que é uma parte que gosto bastante. Então vou nos encontros e quando me convidam participo (P2).

Esses encontros são ofertados pela CBHb, como também os próprios professores se apropriam para realizações externas de qualificação. Segundo o P7, no processo de implementação do projeto nos estados do país teve vários cursos, todo ano tem o de formação básica, encontros regionais, estaduais, nacional, tem o internacional, então uma gama de cursos que a CBHb oferece para o mini handebol, ainda citando que:

Hoje então tem uma plataforma da CBHb que tem um curso muito completo, parece com faculdade EAD, você entra e tem aulas é bem completo. Hoje tem esse curso para os polos, tem um direcionamento, às questões dos cursos, capacitações, dá um norte maior para a gente e conseguimos trabalhar em cima (P7).

Com todas motivações citadas até então, surge outro ponto de suma importância dentro dessa categoria, ponto esse que abrange o fator central do ensino, no caso o aluno. O impacto positivo na vida dos alunos foi frequentemente mencionado como uma motivação poderosa. Os professores destacaram que o mini handebol oferece uma oportunidade única para promover habilidades sociais, físicas e emocionais entre os alunos, como também cita um professor, afirmando que:

Trabalhar o estímulo ao aluno nas suas fases de desenvolvimento, que nas suas decisões e rumos tomados tenha vontade, paixão pelo handebol. Temos finalidade de formar pessoas com caráter, dedução, educação, raciocínio rápido (P5).

Esta visão está alinhada com os princípios de educação integral, que buscam o desenvolvimento pleno do indivíduo, conforme discutido por Morin (2000). A contribuição para a formação integral dos alunos foi vista como uma recompensa intrínseca valiosa para os professores. Os desafios enfrentados no dia a dia também desempenharam um papel na motivação dos professores. A superação de obstáculos, como a falta de recursos e a resistência inicial dos alunos, foi vista como uma oportunidade para demonstrar resiliência e criatividade. São vários os impactos positivos citados pelos professores, como cita também uma professora, alegando que:

Ensinamos muito sobre respeito ao corpo e integridade física, cuidado com o outro. Jogar dentro das regras e jogar limpo, respeitar as autoridades, arbitragem, adversários a colegas (P3).

Fazer com que os alunos cresçam e sejam pessoas de caráter é um sentimento de dever cumprido, sentimento esse que dá forças aos participantes mesmo com toda controversa financeira. Segundo um dos professores, é gratificante quando você consegue:

Estimular e recuperar o interesse esportivo da criança, desenvolver a vontade de sonhar, desejo de praticar uma atividade saudável. Mostrar que o handebol tem força, (...) faz toda a diferença na vida do aluno, mesmo sabendo que quando adulto pode não seguir carreira no esporte ou áreas adjacentes, mas o papel de dever cumprido e colaboração na formação da criança será realizado (P6).

Com isso, as motivações dos professores de mini handebol são multifacetadas, englobando fatores intrínsecos, como a paixão pelo ensino e o desejo de desenvolvimento profissional, e fatores extrínsecos, como o reconhecimento e as condições de trabalho. A combinação desses fatores contribui para a dedicação e o comprometimento dos professores, refletindo-se na qualidade do ensino e no desenvolvimento dos alunos. A compreensão destas motivações é crucial para a criação de políticas e práticas que apoiem e incentivem os professores em suas atividades educacionais. Além do amor pelo esporte, motivação de poder divulgar e democratizar o mini handebol, despertar interesse, ter fácil

acesso para massificar e fomentar para crescimento e visibilidade da modalidade, ensinar princípios para vida, ajudar a realizar sonhos, aumentar o número de atletas para o esporte não morrer, oportunizar vivências e diversão para as crianças, tudo isso gera um impacto positivo imenso na criança, fazendo e moldando-a a ser uma pessoa de caráter. Os professores sempre estão se adequando para ensinar da melhor forma possível, tendo sempre formações contínuas com cursos, palestras, especializações, entre outros. O amor que os professores têm por esse esporte faz com que todos trabalhem duro e não desistam do futuro dos alunos. Ser valorizado e reconhecido por isso, tanto nas condições de trabalho como tanto financeiramente seria o ideal, porém, quando os professores ver seus alunos maiores, cidadãos formados e saberem que foi um pouco do trabalho e ensinamentos dos professores que ajudaram, não tem preço.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme os dados coletados e obtidos com esta pesquisa através das entrevistas, estudo dos documentos e aplicação de questionário com os professores, foi identificado que o mini handebol se estabelece como forma de ensino, tanto nos espaços formais (escolas), como em clubes e associações, visto que, foi obtido resultados esperados que constam e afirmam a proposta do projeto do mini handebol iniciado pela CBHb. Tendo o trabalho com o objetivo a investigação e análise dos ambientes dessa prática ( polos do mini handebol), visando desde sua implementação ao processo de ensino aprendizagem, buscando a finalidade das aulas do mini handebol, as perspectivas e intenções dos professores/treinadores sobre os processos de ensino, e a evolução e desenvolvimento esportivo dos alunos, as respostas obtidas com a pesquisa confirmam o mini handebol como forma de ensino, que por sinal aparece como benéfico para o aprendizado de crianças e jovens.

Para tal estudo, foi feita uma pesquisa referente ao ensino do mini handebol e seus benefícios existentes quando praticado. Dito que o trabalho visa elencar o êxito que tem o ensino do mini handebol, confirmado nas entrevistas dos professores, sendo executado sem distinção de local como citado, podendo ser realizado nos espaços onde os próprios professores já ministram aulas, sendo tanto em espaços não formais de ensino, como clubes, praças e ginásios, como também destacado nas entrevistas se tal ensino poderia se firmar nos espaços formais. O êxito desta prática é nítido e enfatiza o

desenvolvimento dos alunos praticantes, buscando através dos profissionais regentes dos alunos de cada polo pesquisado, dados e respostas dos questionários criados, uma perspectiva pessoal, objetivos e expectativas deles para com seus alunos praticando tal esporte ao longo dos anos.

Como já citado nessa pesquisa, o mini handebol é uma categoria nova, não é encontrado estudos e teóricos que enfatizam o ensino dessa prática, além é claro dos artigos e livros do diretor do projeto que busca massificar o mini handebol no país. Como esse projeto visa o desenvolvimento global do aluno, com objetivo de tornar o jogo possível e oportunizar a prática do handebol por crianças, buscando sempre ter um caráter lúdico, proporcionando prazer ao ser realizado, a metodologia utilizada pelos professores está nitidamente ligada a perspectiva da Pedagogia do Esporte, por seus aspectos adaptados ao contexto da criança, enaltecendo o mini handebol como possível de ser ensinado em variados locais. Um ponto importante a ser destacado é que essa categoria vista como modalidade adaptada do esporte handebol, se apoia na ludicidade em práticas realizadas dentro do projeto. Pensando que a categoria é um jogo coletivo, um ponto importante que deve ser explícito nessa prática seria a cooperação e colaboração entre os participantes. Dando suporte a isso, a modalidade não evidencia cobranças de resultados e alto rendimento para crianças. Ponto esse que vem sendo o maior causador de evasão de jovens no esporte, tendo como principal motivo uma exacerbada cobrança por parte dos professores de sempre ganhar a todo custo, atropelando assim, os interesses das crianças e suas fases de desenvolvimento.

Como citado no trabalho e também no projeto do mini handebol, estamos falando em trabalhar essa categoria do esporte com crianças de 5 a 10 anos. Crianças essas que estão na fase de desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. É necessário que os educadores tenham uma abordagem educacional que condiz com essa fase da criança. Tal abordagem que se aproxima e é comparada e citada na fundamentação do trabalho é a Pedagogia do Esporte. Oliveira e Paes (2004) ressaltam que a Pedagogia do Esporte deve atribuir ao esporte um aspecto educativo, enfatizando o desenvolvimento global do indivíduo e utilizando o jogo como agente facilitador desse processo. Visões como essas foi o que motivou a realização de tal trabalho, visto que esse tema é pouco estudado, os resultados encontrados mostram que o mini handebol precisa ser mais estudado e enfatizado como prática de ensino do esporte

Em conversa com os professores durante as entrevistas foi constatado que todos seguem as propostas do projeto do mini handebol, devido a essas propostas estarem vinculadas com essa pedagogia, como também com os interesses e formas de ensino que já trabalharam os professores em iniciação esportiva, até mesmo antes do surgimento do projeto. A identificação com a proposta foi de imediato, por tal proposta mostrar como tornar o jogo possível para crianças praticarem. O mini jogo, ou mini handebol, veio com o intuito de ensinar e desenvolver as capacitações do indivíduo em sua totalidade, como ensinar também fundamentos do esporte handebol. Ainda mais, tal modalidade se apresenta com um caráter lúdico, livre, de brincadeira, que proporciona prazer e alegria ao ser praticado, podendo assim ser disseminado no país atraindo mais adeptos devido a sua forma de ser ensinado.

O mini handebol, como atividade pedagógica e esportiva, apresentou diversos resultados e sucessos significativos na educação de crianças, conforme evidenciado pelas entrevistas com professores. Este esporte adaptado não só facilitou a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas habilidades físicas, mas também promoveu o desenvolvimento de competências socioemocionais e cognitivas. Os professores relataram que a prática do mini handebol resultou em melhorias notáveis no comportamento e na interação social dos alunos, onde foi observado um aumento na cooperação e no respeito mútuo entre os alunos, com uma redução significativa em comportamentos agressivos. Este resultado está em consonância com os estudos de Hellison (2010), que sugerem que a participação em esportes coletivos pode promover a responsabilidade pessoal e social entre os jovens.

Além dos benefícios comportamentais, os professores observaram avanços no desempenho acadêmico dos alunos envolvidos no mini handebol. Houve relatos de que os alunos demonstraram maior concentração e disciplina em sala de aula. De acordo com Bailey et al. (2013), há evidências de que a atividade física regular está associada a melhorias no desempenho acadêmico, devido ao aumento da oxigenação cerebral e à liberação de neurotransmissores que favorecem a aprendizagem. No âmbito físico, os alunos apresentaram avanços significativos em suas habilidades motoras. Os professores mencionaram que os alunos desenvolveram melhor coordenação motora, agilidade e resistência física. Este aspecto é apoiado por Gallahue e Ozmun (2005), que afirmam que a prática de esportes desde a infância é crucial para o desenvolvimento motor e a saúde física geral. Outro sucesso observado foi a inclusão efetiva de alunos com necessidades

especiais. Os professores relataram que a adaptação das regras e dos equipamentos permitiu que esses alunos participassem ativamente das atividades, o que contribuiu para a sua integração social e autoestima. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2011), a inclusão de pessoas com deficiência em atividades esportivas promove o bem-estar físico e emocional, além de facilitar a inclusão social. Os professores também destacaram a importância do apoio institucional para o sucesso do programa de mini handebol.

A disponibilidade de recursos, a formação continuada dos professores e o suporte da administração escolar foram mencionados como fatores cruciais para a implementação eficaz do esporte. Este ponto é corroborado por Fullan (2007), que argumenta que o apoio institucional e a liderança eficaz são fundamentais para o sucesso de qualquer programa educacional.

Partindo para o tempo de atuação dos professores com o projeto em anos também varia, cada polo e professor após se especializar na categoria, trabalha com a prática entre 2 a 10 anos, já trabalhando com a categoria sem saber mesmo antes da implementação do projeto pela federação. Claro que as dificuldades encontradas são enormes, muitos polos tentam ainda buscar mais apoio e evidência dentro do cenário. Fazer com que isso aconteça é um grande desafio, mostrar tais eficiência às secretarias de ensino, corpo escolar e sociedade não é tarefa fácil. O esporte em si já não tem tanta notoriedade e divulgação midiáticas para que possa ser realizado, como sabemos quem não é visto, não é lembrado. Mas esse é o objetivo do projeto e dos sujeitos envolvidos nele, como também deste trabalho, de evidenciar essa proposta mostrando seus resultados satisfatórios em sua aplicação e os benefícios trazidos por ele.

Em termos de resultados específicos, os professores observaram que os alunos desenvolvem habilidades de liderança e trabalho em equipe. Os entrevistados destacaram que os alunos assumiram papéis de liderança durante os jogos, o que contribuiu para o desenvolvimento dessas habilidades citadas, gerando um impacto positivo na autoestima dos alunos.

Partindo para considerações da metodologia de ensino, visto que o trabalho é realizado com crianças de 5 a 10 anos de idade, as respostas obtidas sobre estruturação das aulas e a forma de ensino da prática, tiveram ênfase no lúdico, em jogos e brincadeiras, seguindo as adaptações e adequações sugeridas pela CBHb, como as também propostas pelos professores aos praticantes em seus polos. Esses métodos visam os aspectos mais importantes na formação dos alunos, aspectos esses como corporais, conceituais,

atitudinais, tático-técnicos, entre outros, que atendem as intenções e perspectivas dos professores em plena excelência e que auxiliará para a formação de melhores cidadãos. Os polos e professores contam com o apoio das gestões escolares onde atuam, alguns ainda tentam mais apoios e parcerias, porém, contam com um contínuo e árduo apoio e orientação da CBHb, como também com o diretor geral do projeto, que dão capacitação, formação e apoio pedagógico para o ensino do mini handebol se estabelecer e evoluir no país.

Para conclusão dos objetivos da pesquisa, através das respostas obtidas, o mini handebol se estabelece como forma de ensino devido às suas especificidades em normas, adequações e adaptações em regras, formas e métodos simplificadas de praticar, métodos lúdicos de atuação, jogos e brincadeiras como metodologia e apoio constante do projeto e instituições. Visto que as respostas dos professores condizem com os objetivos do projeto, todo o processo de ensino do mini handebol traz o intuito de formar cidadãos, auxiliar no desenvolvimento dos alunos nos aspectos mais importantes do indivíduo, sem ter a cobrança de resultados, buscando sempre o prazer, a ludicidade e o interesse em praticar o mini handebol. O intuito dessa pesquisa é estar justamente mostrando que o mini handebol tem e pode ser algo que possa realizar sonhos de crianças, ensiná-los agir dentro da sociedade e para com outros indivíduos. O esporte já proporciona isso, mas para que formemos indivíduos, não necessariamente atletas, devemos nos atentar ao mini handebol como forma de ensino, como também outras categorias e esportes que condizem com tais ensinamentos.

Por fim, as informações observadas na implementação do mini handebol são abrangentes, englobando melhorias no comportamento, no desempenho acadêmico, nas habilidades motoras, no desenvolvimento de habilidades de liderança e na autoestima, como na inclusão de todos dos alunos. Estes resultados são respaldados por teorias e estudos acadêmicos que ressaltam os benefícios multifacetados da prática esportiva na educação infantil. O sucesso do programa de mini handebol reflete a importância de uma abordagem pedagógica integrada e do apoio institucional contínuo para a promoção do desenvolvimento integral dos alunos, importância essa que aqui deixo explícita na pesquisa, levando em consideração que o centro de todo e qualquer ensino é o aluno. Fazer com que as crianças cresçam, sonhem e realizem seus objetivos é o principal motivo que temos ao sermos professores. O mini handebol já está acontecendo para isso, através dessa pesquisa espero estar contribuindo para que novos projetos como este surjam e possam colaborar para um melhor futuro das nossas crianças.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Diego Melo de; BERGAMASCHI, Milton Geovani. **Teoria e prática do mini-handebol**. Paco Editorial, 2016.

ABREU, Diego Melo de et al. Memórias e Relatos do Mini Handebol Brasil. 2021.

ABREU, Diego Melo de. **O que é o Mini-Handebol?** São Paulo, 2024. Disponível em [www.minihandebol.com/minihandebol](http://www.minihandebol.com/minihandebol).

Antón-GARCÍA, Juan L. **Balonmano: nuevas aportaciones para el perfeccionamiento y la investigación**. Inde, 2000.

APPEL, Marli; WENDT, Guilherme Welter; DE LIMA ARGIMON, Irani Iracema. A Teoria da Autodeterminação e as influências sócio-culturais sobre a identidade. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 2, p. 351-369, 2010.

BAILEY, Richard et al. Physical activity: an underestimated investment in human capital? **Journal of physical activity and health**, v. 10, n. 3, p. 289-308, 2013.

BARBOSA, Gleyson Juliano Nunes. O ensino do Handebol na escola: Formação de cidadão para a vida e para prática esportiva. Brasília – Pólo Macapá – AP, 2013.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Ed. **Revista e Ampliada**, 2011.

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 4, p. 101-114, 2006.

BOJIĆ-ĆAČIĆ, Lidija; VULETA, Dinko; NELJAK, Boris. Influence of mini handball on the indicators of basic and specific motor abilities of younger school age girls. In: **Proceedings Book of the 5th International Scientific Conference on Kinesiology–Kinesiology Research Trends and Applications, Zagreb**. 2008. p. 495-498.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Magister, 1997.

COAKLEY, Jay J. Esporte na sociedade: questões e controvérsias (9ª ed.). Boston, MA: McGraw-Hill, 2007.

Confederação Brasileira de Handebol [online] – Disponível em: <https://www.minihandebol.com>

COVEY, Stephen Richards. **Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes**. Editora Best Seller, 2015.

CUNHA, Raíssa Forte Pires; GOMES, Adriana Leite Limaverde. Concepções de professores de Educação Física sobre inclusão escolar. **Práxis Educativa (Brasil)**, v. 12, n. 2, p. 414-429, 2017.

DAVIDS, Keith et al. How small-sided and conditioned games enhance acquisition of movement and decision-making skills. *Exercise and sport sciences reviews*, v. 41, n. 3, p. 154-161, 2013.

DECI, Edward L.; RYAN, Richard M. O "o quê" e o "por quê" da busca de objetivos: necessidades humanas e a autodeterminação do comportamento. **Psychological inquiry**, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000.

EPSTEIN, Joyce L. **School, family, and community partnerships: Preparing educators and improving schools**. Westview Press, 2001.

ESPOZ-LAZO, Sebastián et al. Effectiveness of teaching mini handball through non-linear pedagogy in different socioeconomic contexts: a pilot study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 20, p. 13002, 2022.

Federação Paulista de Handebol 2010 [online] - Disponível em: <https://fphand.com.br/home/historia-do-handebol/>.

FULLAN, Michael. Change theory as a force for school improvement. In: **Intelligent leadership: Constructs for thinking education leaders**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2007. p. 27-39.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. Metodologia do ensino dos esportes coletivos. **Vitória: UFES, Núcleo de Educação aberta e à distância**, v. 126, 2012.

HAMMOND, Linda Darling; HYLER, Maria E. & GARDNER, Madelyn, **Effective Teacher Professional Development**. (2017).

HELLISON, Don. **Teaching personal and social responsibility through physical activity**. Human Kinetics, 2010.

HOULIHAN, Barrie; GREEN, Mick. Comparative elite sport development. In: **Comparative elite sport development**. Routledge, 2007. p. 1-25.

JARVIS, Peter. **Adult education and lifelong learning: Theory and practice**; Routledge; London, 2004.

JORGE RODRIGUES, Marcelo Couto et al. How small-sided games' court dimensions affect tactical-technical behavior in beginner volleyball athletes. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 17, n. 6, p. 1385-1395, 2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. 2008.

KRAHENBÜHL, Tathyane et al. O ensino dos meios táticos de grupo do handebol utilizando jogos e brincadeiras: uma proposta pedagógica para a iniciação esportiva. **E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 14, n. 2, p. 119-129, 2018a.

KRAHENBÜHL, Tathyane et al. Produção científica sobre o ensino do handebol na educação física escolar. **Corpoconsciência**, p. 74-85, 2018b.

KRAHENBÜHL, Tathyane; LEONARDO, Lucas. Ensinar e aprender o handebol [livro eletrônico]: uma proposta a partir da pedagogia do jogo / Manaus, AM: Saberes Educacionais, 2024.

MENEZES, Rafael Pombo. Das situações do jogo ao ensino das fixações no handebol. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, p. 39-47, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Valdomiro de; PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **Efdeportescom: Revista Digital**, v. 10, p. 71, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE et al. **World report on disability 2011**. World Health Organization, 2011. [online] - Disponível em: <https://www.who.int/teams/noncommunicable-diseases/sensory-functions-disability-and-rehabilitation/world-report-on-disability>.

REVERDITO, Riller Silva et al. Pedagogia do Esporte: possibilidades para o convívio com o esporte no contexto escolar. **Educação Física e seus diversos olhares. Campo Grande: Editora da UFMS**, v. 1, p. 55-76, 2016.

SANTOS, Ana Lúcia Padrão dos. **Manual de mini-handebol**. . São Paulo: Phorte. 2014.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés**. Phorte Editora, 2011.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva; GALATTI, Larissa Rafaela. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. **Jogos desportivos: formação e investigação. Florianópolis: UDESC**, v. 4, p. 133-170, 2013.

UNESCO; **Guidelines for Inclusion: Ensuring Access to Education for All**; Paris: Unesco Publishing; 2005.

UNESCO; **Quality Physical Education: Guidelines for Policy-Makers**; Paris: Unesco Publishing; 2015.

VULETA, Dinko; MILANOVIĆ, Dragan; BOJIĆ ČAČIĆ, Lidija. The Effects of Mini-Handball and Physical Education Classes on Motor Abilities of Children of Early School Age. *Croatian Journal of Education: Hrvatski časopis za odgoj i obrazovanje*, v. 15, n. Sp. Ed. 4, p. 111-146, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Mente na sociedade: O desenvolvimento de processos psicológicos superiores**. Harvard university press, 1978.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.

## 9. APÊNDICES

### QUESTIONÁRIO SOBRE A PESQUISA

1. Qual a sua experiência com Handebol?
2. Qual a sua experiência com o mini handebol?
3. O que te motivou a implementar o mini handebol?
4. Por que você se interessou em ensinar essa modalidade?
5. Você precisou de capacitar para ministrar aulas de mini handebol?
6. Como foi o processo de implementação do projeto de mini handebol no seu polo?
7. Quais os objetivos da implementação do mini handebol no seu polo?
8. Em qual local acontece o projeto?
9. O que você espera como resultados do projeto?
10. O que você espera de resultados das aulas?
11. Como se dão as aulas de mini handebol? Descreva uma aula.
12. Quais os objetivos das aulas de mini handebol?
13. Quais habilidades (o que corporalmente) são mais presentes nas aulas de mini handebol?
14. Quais conceitos são ensinados nas aulas de mini handebol?
15. Quais valores/atitudes são ensinados ou estão presentes nas suas aulas de mini handebol?
16. Dentre os objetivos e metodologias propostas pela CBHb para o mini handebol, quais você mais se identifica?
17. Na sua percepção o mini handebol poderia se tornar uma forma de ensino do handebol na escola? Por que?
18. Há eventos competitivos no mini handebol? Quais?

# Entrevistas na Íntegra

## Diretor do projeto

*Entrevistador: bom dia diretor, tudo bem?*

*Diretor: bom dia, tô bem e você como está?*

*Entrevistador: bem, graças a Deus. Enfim conseguimos conversar, correria demais.*

*Diretor: hoje até que não, estou só cumprindo horário na faculdade, por isso até marquei com você, mas aí o celular resolveu estragar, peguei um aqui só para falar mesmo. Foi bom que coloquei a leitura em dia. Mas fiquei preocupado porque já havia marcado com você e fiquei sem saber, estava sem webcam mas que bom que conseguimos fazer dessa forma pra poder te ajudar.*

*Entrevistador: não está tranquilo, estou até com receio de te atrapalhar aí mas vamos lá.*

*Diretor: imagina. Agora aqui eu tenho 40 minutos no belíssimo trânsito de São Paulo. Aqui é tudo assim, fica tranquilo que estou falando no bluetooth do carro em segurança. Pode ficar despreocupado.*

*Entrevistador: Então tudo bem. Bom, primeiramente queria agradecer, sei que a correria é muita, mas obrigado por ter tido esse tempinho para conversar, para fazer essa pesquisa sobre o mini handebol. São perguntas básicas mesmo, sei que você como diretor está à frente do projeto, a experiência é muita extensa.*

*Então nesse ponto, eu gostaria de saber primeiro qual sua experiência com o handebol mesmo, antes do mini no caso?*

*Diretor: legal. Primeiro não tem que agradecer, eu que agradeço. Parabênizo você por estar fazendo a pesquisa com o mini handebol, a gente precisa disso, precisamos cada vez*

*mais de pessoas pesquisando e investigando os caminhos, vê se dá certo ou não dá, justamente pra gente fazer crescer a atividade.*

*Em relação a minha ligação com o handebol, a primeira vez que eu vi uma aula de Handebol, foi com sete anos de idade, eu sou de São Bernardo, morei em São Bernardo, mas agora estou morando em São Paulo, mas São Bernardo deu uma grande cultura esportiva em torno de handebol.*

*Então desde os sete anos sempre joguei na escola, com doze anos de idade fui aprovado numa seletiva na Metodista. Joguei lá até os dezessete anos, aí com dezessete anos eu parei de jogar, justamente para me dedicar a carreira de professor. Eu já sabia que eu queria ser professor de educação física, treinador, enfim.*

*Então eu joguei nas categorias de base da Metodista, depois joguei universitários também pela Metodista, fiz faculdade lá. Então logo que eu saí da faculdade, eu já virei professor de handebol e de educação física escolar, que é outra área que eu me dedico bastante. Sou coordenador de escola, sou professor de Educação Física escolar até hoje.*

*Então fui atleta cedo e virei professor muito cedo, então o handebol faz parte da minha vida cotidiana, vivo isso intensamente todos os dias da minha vida, sou um maluco pela modalidade.*

*Entrevistador: imagino. Mas o que te motivou a implementar o mini handebol, como começou sua experiência com o mini handebol?*

*Diretor: legal. O mini handebol na verdade já até contei essa história algumas vezes, o menino hoje tá até conhecido, por que foi por causa de um moleque.*

*Quando eu comecei a dar aula na escola, não tinha mini handebol ainda, era a partir dos onze anos. E aí tinha um menino lá, o Fernando Senegato, ele era filho de uma ex professora minha, ele ficava lá me ajudando, empurrando o carrinho, ajudante mesmo, ele era uma criança, moleque tinha seis ou sete anos.*

*Então a professora perguntou: não tem handebol pra essa idade? O Fernando acho que gostaria de jogar isso.*

*Aí falei que ia pesquisar. E aí que conheci mais a fundo o mini handebol. Comecei a pesquisar, montei a primeira equipe, então foi motivado por um garoto, a necessidade que o garoto tinha que fazer esporte que ele gostava, mas não tinha método para isso. E aí descobri o mini handebol onde era o ideal para criança.*

*E aí tem uma questão esportiva também Breno, porque lá em São Bernardo, como a cultura do handebol é muito grande, se você quiser jogar com a Metodista, com ábaco, com as escolas, você precisa jogar bem, porque todo mundo lá era federado, todo mundo sabia jogar, todo mundo jogava Campeonato Paulista, um nível muito alto.*

*Então se você quiser fazer bonito, digamos assim, proporcionar uma experiência que seu aluno consiga jogar de igual para igual com a galera, você precisa ensinar bem o esporte. E aí eu percebi que pouquíssimas escolas trabalhavam com mini handebol. Então eu falei: talvez se eu começar a trabalhar bem o mini handebol, primeiro o meu aluno vai começar antes, vou ter uma vantagem esportiva; e segundo eu vou fazer a roda girar mais forte, porque minha base vai vir mais forte, então não vou preocupar se eu vou ter Mirim que é onze e doze anos. Se o moleque começa com oito ou nove anos é lógico que eu vou ter Mirim.*

*Então, pensei na sustentabilidade do esporte dentro da escola. Que era uma escola particular, e aí dito e feito. Os anos que implementei, acho que era 2002 na escola, aí o final da história era que em 2007 ninguém ganhava da minha escola, nem a Metodista nem o ábaco.*

*E foi aí que o Metodista me contratou para colocar o mini handebol dentro da Metodista, dentro do clube que era o maior clube do país na época. Porque foi assim, vamos lá, o que esse cara está fazendo? Como que ele tem tanto atleta em uma escola de 700 alunos? E como eles estão jogando tanto assim novinho?*

*E aí não é que eu sou melhor técnico do mundo não, pelo contrário, eu tenho minhas dificuldades até hoje, mas assim a minha criança começava com seis anos e a sua por exemplo começava com onze, dava a diferença. Porque enquanto você tá ensinando, olha isso aqui é o handebol, isso aqui as regras, etc., os meus já estavam sabendo tudo do esporte. Eles já sabiam regras, sistema tático, sabiam fundamentos, sistema de jogo.*

*Então dava uma diferença brutal. Uma diferença até vergonhosa. Porque mesmo colocando, girando todo mundo, colocando o time reserva, a diferença de placar começou a ser muito grande.*

*E aí para meus amigos de São Bernardo, eu fiz uma coisa que é muito bacana. Falei gente vocês querem que eu ensine como é que se faz o mini handebol? Porque tá muito gritante a diferença e eu não quero isso para vocês nem para as crianças. Eu quero que todo mundo jogue no mesmo nível. Vamos nos ajudar. E aí começou a crescer o negócio também.*

*Entrevistador: no caso então o processo de implantação começou na escola, depois passou pro clube? No caso para o metodista.*

*Diretor: exatamente. Da escola a metodista me convidou para explicar o que eu estava fazendo, quais os métodos, filosofias e conceitos, entre outras coisas. Falaram: a gente quer te contratar para você coordenar o mini handebol, para implementar o mini handebol aqui e ser o coordenador. Então eu era professor e coordenador dentro da metodologia. Porque até então era o sonho da minha vida ser treinador do metodista, porque era o time que joguei, era o maior time do país na época, eu era apaixonado.*

*Então nessa época pra mim foi a realização de um sonho. Aí depois do metodista eu fiz um projeto de expansão do mini handebol no estado de São Paulo, apresentei para a Federação paulista e aí eles aprovaram.*

*Daí a coisa começou a tomar uma proporção muito maior, porque a sequência como eu sou muito sistemático, organizado, eu tirei da escola, daí comecei a ensinar outras escolas, porque apesar de competir sempre fui um cara muito sociável, muito formativo. Eu lido muito bem com questão de derrota, vitória, eu não ligo muito com isso, o barato é fazer o esporte formativo, o esporte mais tranquilo. Não sou daqueles treinadores que fica louco na beira da quadra, eu sou professor, gosto de ser professor.*

*Então eu comecei a ensinar meus amigos de São Bernardo a dar aula disso também e foi maravilhoso, porque o nível dos jogos escolares e dos encontros começou a subir. Então de São Bernardo eu fui pra um grande clube de São Bernardo que deu mais visibilidade pra mim inclusive, depois fui pro estado de São Paulo.*

*Entrevistador: certo. No caso você falou que se interessou por conta de um aluno seu, queria saber como você conseguiu se capacitar para ministrar essas aulas de mini handebol? Visto que, no mundo inteiro, praticamente se via pouco, sabemos que você até colocou no livro, no seu manual, que começou na Europa, Dinamarca, etc. Como que se deu sua capacitação pro mini handebol?*

*Diretor: Lendo livro da Europa, porque assim não tinha nada no Brasil, só tinha um livro de uma professora da USP chamado manual de mini handebol, era um livro bem pequenininho. Mas era legal.*

*E aí foi assim Breno, tudo que era manual da Europa, apostila ou livro eu comprei ou eu fiz o download. Eu li todos e todos de cabo a rabo, os que não dava para traduzir eu fui na embaixada. Por exemplo, teve um da Croácia que eu fui na embaixada Croata aqui em São Paulo, os caras cobraram, traduziram o negócio para mim, me explicaram e foi assim que eu li apostila da Croácia maluco, porque era a época.*

*Então, eu li muito apostila da Federação Internacional. E aí ao mesmo tempo eu comecei a ter contato com um cara que é o Papa do mini handebol no mundo que é o Carlos Garcia, que é o cara que fez o maior projeto da Europa até hoje que é de 1994, que é o projeto de mini handebol. Ele que escreveu as questões de Filosofia de trabalho com a família, de métodos, e hoje é um cara que é meu amigo, meu amigo pessoal. Então, eu tenho orgulho disso, porque eu enchi o saco dele, eu mandava e-mail para ele falando oi, eu sou o professor tal, sou do Brasil, enfim.*

*Então eu me capacitei na época dessa forma, estudando por livro, por apostila, enchendo o saco do Carlos Garcia lá.*

*Entrevistador: mas é bom, bom demais. Hoje em dia, como você falou antes de aulas, você como diretor consegue ainda atuar dando aula em algum polo?*

*Diretor: Olha Breno em algum Polo na verdade não. Mas eu tenho a minha escola de mini handebol. Porque assim, eu tenho uma atuação profissional muito diversificada, eu dou aula numa escola em São Paulo, uma escola judaica, eu sou judeu.*

*A escola é judaica, é grande, particular e lá tem mini handebol. Então não sou o professor de mini handebol da turma, tem outro professor lá.*

*Até porque eu coordeno muito e tem muitas coisas, mas por vezes eu vou lá e dou aula para eles.*

*Também sou professora do 5º e 6º ano, então acabo atuando em algumas turmas com o mini handebol, mas não toda vez. Daí na minha escola de mini handebol que é a mini handebol school, ela funciona da seguinte forma: ela é uma escola particular que atende condomínios de alto padrão na cidade São Paulo, inclusive você nunca vai ver foto ou vídeo porque a gente tem termo de confidencialidade com as crianças, por exemplo: o neto do safra tá lá na turma fazendo, exemplo, entendeu.*

*Então os caras não querem mostrar o condomínio, não querem que saibam onde as crianças estão, então eu não posso tirar foto, não posso fazer nada. Você nunca vai ver*

*foto da minha escola. Por que é um público aaa. Vou lá levar todo o material. Eu estou ministrando pouca aula. Hoje em dia eu vou lá uma vez na semana em algum polo, quando eu apareço em algum Polo hoje em dia é algo especial, pessoal fala: poxa que dá hora, ele tá aqui para dar aula. Ficam animados, é meio que uma atração, porque meio que virei uma referência para a molecada.*

*Entrevistador: virou celebridade.*

*Diretor: É No mini handebol praticamente sim, mas igual assim eu não ligo Breno, um dia você vai me conhecer pessoalmente, eu até ano que vem vou ministrar curso em Goiânia e você vai me conhecer, eu sou zero deslumbrado com isso. Eu não ligo, mas assim eu acho que para criança é legal, entendeu? Porque aqui a gente nem fala a palavra diretor, a gente fala treinador.*

*Aí eles dizem: o treinador da confederação tá vindo aí. Porque a palavra diretor tem muito haver nas escolas com punição, figura punitiva, por exemplo, eu vou mandar você para o diretor, não é assim!?*

*Então quando eu vou me apresentar para as crianças eu me apresento como o treinador de mini handebol da seleção brasileira, que não deixa de ser verdade, mas eu uso esse termo para o olho da criança brilhar, para ela falar meu você não sabe, eu tive treino com treinador de mini handebol da Seleção Brasileira. Eu uso esse termo que não deixa de ser verdade, mas um termo que agrada mais a criança, que soe mais bacana para ela, do que invés do diretor. Às vezes elas nem sabem o que é Confederação, ela nem sabe o que faz um diretor, na hora que você fala treinador da seleção, ela consegue saber por causa da Seleção Brasileira de futebol. Então a gente consegue com esses termos empolgar mais a molecada. Então uma vez por semana eu vou no polo meu, dou um treino de uma horinha e beleza. Quem toca esses polos hoje em dia são ex-alunos meus formados que trabalham sobre esses métodos, mas agora eu ser professor de um polo hoje em dia eu não sou mais, até porque eu trabalho lá na confederação e o trabalho lá é árduo, todos os dias eu faço alguma coisa, ou é alguma entrevista para alguém, ou reunião com Polo, resolvo rolo, faço Ofício, é muito maluco, mas é muito gostoso.*

*Eu tô amando essa fase. Essa fase vai passar em breve, eu não sei se daqui um ano, um ano e meio, daqui cinco anos e se a gente se reelege, mas eu tô aproveitando para fazer o bem por meio do handebol. Entendeu Brenão!?*

*Entrevistador: espero que se reeleja. Eu estive conversando com os outros professores que se dispuseram a dar entrevista e o pessoal tão bem agradecidos com a gestão que entrou, no caso a sua e do pessoal que está com você. Até falei com a professora lá do Acre ontem, ela falou que era muito esquecido e tudo, mas atualmente tá indo cada vez melhor e espera que fique mais ainda.*

*Diretor: Poxa, que legal.*

*Uma coisa que eu não sou Breno é bairrista. Apesar de ter nascido em São Paulo eu não tô nem aí que eu nasci em São Paulo, porque assim se eu tivesse nascido no Acre ou no Rio Grande do Sul? Os caras não iam lembrar de mim por causa do lugar onde eu nasci? Então, eu acho muito injusto isso, por isso que eu fiz questão de privilegiar cada cantinho do país, eu faço um negócio que o pessoal até estranha de vez em quando. Eu tenho a lista de Polo aqui no meu celular pelo menos tinha né no outro, mas aí de vez em quando eu ligo para os professores e pergunto se posso ligar para eles, e nisso eles estranham. Mas assim, eu só tô querendo saber como é que tá o Polo, como estão as coisas, como que a gente pode ajudar com algo, e eles estranham. Porque assim, para conseguir falar na CBHB antigamente Breno era um parto, a gente não conseguia.*

*Para o meu livro, por exemplo Breno, eu tive que praticamente ameaçar para eles darem alguma informação. Falei o seguinte: gente tenho que fechar o livro, será daqui um mês e o negócio é o seguinte, se vocês não me deram informação de como que está o mini handebol no país, que na época não era da cbhb ainda, eu vou ter que colocar no livro: A CBHB não tem controle das informações e não se propôs a ajudar nas informações do livro, é isso que eu vou colocar porque é a verdade. Seguiu desse jeito, foi aí que deu duas horas depois me ligou alguém lá de dentro e falou: Ah não, tem tudo aqui. Aí eu falei a que maravilha, olha só para ver. E é o contrário da gente, o cara manda mensagem, por exemplo Breno, eu não sei quem é você, eu sei que você é estudante. Mas daí eu vou te atender, vou te ligar, vou te tratar bem, porque é o que a gente tem que fazer com todo mundo. É isso que os caras precisam entender. Independente de cargo, independentemente de onde você é. Então essa democratização do mini handebol e do handebol na gestão foi uma coisa que eu coloquei compra-se.*

*E outra coisa também foi uma questão de Equidade de gênero. Cara se deixa nos estados, não ia ter nenhuma mulher como embaixadora. Eu tive que falar que tem que ter um*

*homem e uma mulher, se eu não tivesse falado isso não ia ter uma mulherada em destaque, você acredita nisso?!*

*Foi desse jeito. Falaram que lá não tem ninguém. Eu falei que vocês arrumem alguém, deve ter alguma professora de handebol de escola que trabalhe com criança.*

*Vamos dar destaque para essa professora, vamos equalizar isso, vamos dar oportunidade. Não pode ficar só desse jeito e aí o pessoal começou a se mover, entendeu?*

*Então hoje por exemplo, se você pegar o livro do mini handebol Brasil é sempre um homem e uma mulher, um embaixador com uma embaixadora. Que nem lá no Maranhão, são duas mulheres, quando o cara fala não tem mesmo e quem tem não tá disposto aí tudo bem, mas que nem na Paraíba é o Bruno e o Ricardo, mas são dois caras assim sensacionais, eles são incríveis. Aí fala assim: na Paraíba eu tenho dois homens, porém no Maranhão já tem duas mulheres. Então até isso aí, a gente pensou muito para o programa se desenvolver entendeu Brenão?*

*Que legal essa percepção do pessoal sobre gestão, fico muito feliz.*

*Entrevistador: pois é diretor, pessoal tá bem feliz sim, já falei com alguns professores e assim a gente espera que cresça mais, né? Tá muito bom, mas assim até o intuito dessa pesquisa é para isso, dar maior visibilidade para que a gente consiga expandir mais.*

*Diretor: Que legal e olha independente do resultado, viu Breno? Eu tenho site lá do mini handebol, aí no site tem uma biblioteca. Quando você publicar o seu TTC e ele for aprovado, se você quiser, me manda que eu vou publicar lá na biblioteca.*

*Eu faço questão, fala para a professora Tathyane que eu faço questão de publicar lá.*

*Entrevistador: que isso diretor, obrigado demais, vai ser uma honra.*

*Diretor: Imagina, pra mim também. Porque quem fizer mini handebol vai ter meu apoio. É isso. E aí o pessoal vai lá acessar o seu TTC, você acaba virando referência para próximos estudos. É isso que eu quero, quem trabalha com mini handebol ter destaque. Não é só eu aparecer, tem que criar novas lideranças. Ai que está o negócio.*

*Entrevistador: bom demais. Então diretor eu queria fazer mais duas perguntas, você está na estrada não vou atrapalhar muito.*

*Mas assim queria saber o que você espera como resultado dessas aulas que são ministradas de mini handebol e o que você espera como resultado do projeto em geral? A gente já deve tá aí indo bem, mas queria saber quais as expectativas pro futuro aí com o projeto.*

*Diretor: muito legal. Excelente pergunta.*

*Nós temos algumas expectativas em algumas áreas.*

*A primeira expectativa é que a gente pudesse democratizar o mini handebol no Brasil todo, ou seja, pessoal buscar conhecer o mini handebol, que ele fosse de fácil acesso, que a gente pudesse cancelar os polos nos lugares onde já se trabalhava, por que a gente trabalhava de qualquer forma, a gente não tá falando de qualitativo, aqui é quantitativo, no primeiro momento é a quantidade. Agora quando o polo entra a gente qualifica, nós ministramos cursos, damos assessoria pedagógica, tem os encontros regionais, nacionais e internacionais, que têm acesso aos conteúdos de outros amigos, porque aí não sou eu que ministra curso são outras, eu convido outras pessoas para falar.*

*Então o pessoal tem muito estímulo pedagógico, estímulos de novos temas, conteúdos, novas formas. Então primeiro foi quantificar e agora durante o processo qualificar. Porque assim eu tenho uma frase que é muito legal que é do João Batista Freire: " não basta dar aula. Tem que dar bem ". Então assim, poxa qual é a filosofia que vocês estão colocando para o mini handebol? Quais são os temas, conteúdos e de que forma que essa criança aprende? Ela tem um ensino transdisciplinar? Tem um ensino que privilegia o desenvolvimento global dela? O professor tem algum domínio de métodos e abordagens para diferentes tipos de situação?*

*Então a gente conversa muito isso com pessoal.*

*O professor tem uma conduta adequada em relação ao aluno? Ele proporciona novas experiências?*

*Então tudo isso a gente vai questionando e vai fazendo com que os polos pensem isso claro, imagina que a diversidade de formas de dar aula nesse país é muito grande, tem professor ainda que tem dificuldade de entender até a própria filosofia do mini handebol, mas no primeiro momento foi isso.*

*Daí para o futuro é o seguinte: o crescimento da modalidade como um todo. Porque eu sei muito bem que nem todo mundo vai virar um atleta, mas pode virar um fã de handebol, um consumidor, um telespectador, um cara que vai consumir lá no site, no Instagram, um cara*

*que vai no ginásio. E aí eu vou ser uma pessoa que vai colocar meu filho, minha filha no esporte. Eu vou ser um patrocinador, ou senão igual eu vou virar um dirigente, um professor da modalidade, vai ensinar outras pessoas a dar aula, vai virar um árbitro. E aí aquela ponta da pirâmide vai virar atleta, mas quanto mais pessoas eu tiver na pirâmide Breno, maior a probabilidade de o handebol crescer.*

*Eu fiz um gráfico esses dias, porque hoje a gente tá com mais de vinte mil crianças jogando no país, então assim, de vinte mil crianças a probabilidade por exemplo de eu ter bastante atleta é maior do que se eu tivesse só cem crianças, porque a minha base agora tá gigante. Então a probabilidade de uma criança falar igual eu, eu virei com dezessete anos e falei, galera da hora, até que eu jogo bem e jogo no maior time do país, mas eu quero parar, para ser professor. Eu descobri que é isso que eu quero da minha vida. Os caras falavam assim: você é louco. Como assim ser professor? Você tem dezessete anos, como você já sabe?*

*Agora acho que os caras já dão mais razão para mim, né Breno?*

*Viram que eu não tava tão louco assim, eu tenho um grupo que é muito engraçado, que é o meu time da metodista na época que eu era moleque. Inclusive o Mike que é o goleiro do praia, ele era do meu time, fez faculdade comigo e tá lá no grupo. E aí ele fala velho, o único cara que sabia o que queria da vida com dezessete anos era eu.*

*De verdade, é isso que eu quero fazer, ensinar o povo, ficar no handebol para o resto da vida. Eles falam atleta, quero ser atleta, mas como atleta com trinta e cinco ou quarenta anos tem que parar, se eu for professor eu vou ficar no handebol para o resto da vida. Isso que é o barato.*

*Então, o objetivo é fazer com que o esporte cresça. Mas não falando de atletas. Isso é inevitável. Por que a gente ensina bem, estimula, a gente tem um método bacana, sabe que a molecada chega no Mirim jogando, entendendo do jogo, com a diversificação motor muito interessante, cognitivo muito legal, socialização bacana.*

*Mas assim, se vai virar o atleta ou não a gente não sabe, porque ele é multifatorial.*

*Por exemplo, tem moleque que para de jogar handebol por que muda de cidade por causa do trabalho do pai, aí na outra cidade não tem handebol, entendeu? Então por que o moleque parou de jogar?*

*Não é porque no handebol ele não deu certo, é porque a condição de vida dele mudou e não foi possível. Então é isso, a gente tá criando uma base gigante para fazer o desenvolvimento e crescimento do mini handebol no país.*

*Então é isso que a gente espera, crescer o esporte em todas as esferas, tanto de telespectador, como dirigente, professor, até chegar em atleta que é o topo da pirâmide na verdade.*

*Entrevistador: Eu acredito que sim, que na minha percepção e de outros professores que eu já tive conversando, o mini handebol seja uma forma de ensino dentro de escolas e espaços formais e não formais de ensino, eles seriam uma base muito grande para que isso não aconteça, igual que você falou, criança que tá jogando em um lugar vai para outro e não tem o handebol. Acredito que ele vai ser uma forma de ensino bastante abrangente dentro do país se a gente conseguir, né? Vamos conseguir divulgar tudo isso e crescer.*

*Diretor: amém. E o barato Breno aqui agora por exemplo, como o projeto tá crescendo muito, tá da hora porque tem muito Polo no país. Então, provavelmente a criança vai ter um polo minimamente perto ali para se preparar. Até isso pensamos.*

*Eu não sei se você chegou a ver o mapa do mini handebol, você viu o mapa?*

*Entrevistador: sim eu vi.*

*Diretor: Então, aquilo lá ficou assim, a gente ajudou muita gente a se orientar. Por exemplo lá, eu vou mudar de cidade, vai para cá tem polo, tem professor tal, fala com ele vai para outro lugar tem outro professor, fala com ele. Então a gente conseguiu fazer um Network, uma rede de colaboração muito grande, inclusive isso aí para equipes que queiram ter crianças mirim.*

*Então perguntam: diretor, eu não tenho muita criança do Mirim não, onde é que tem Polo aqui perto eu convidar a molecada? Aí eu falo tem na cidade de tal, na cidade de tal. Toma o telefone do professor aqui, eu ligo para o professor e perguntou se posso passar o telefone, tem um cara querendo convidar uma molecada para jogar Mirim. Aí o professor fala: não passa lá, vamos ajudar o pessoal utilizando o projeto. Então isso tem uma margem de colaboração muito grande.*

*Entrevistador: É realmente, acaba que ajuda bastante, né? Eu já tô no handebol também há bastante tempo. Então fui atleta já, dei treinamento de handebol como treinador, né? Hoje em dia apito também, eu sou árbitro de handebol.*

*Diretor: bacana cara que legal, parabéns.*

*Entrevistador: obrigado . Então assim, meu intuito e o intuito do projeto também é realmente ver o handebol com essas diversificações do handebol, no caso mini handebol crescer e eu espero que consiga pelo menos tá ajudando um pouco com essa pesquisa.*

*Diretor: ou conta comigo. E o dia que você quiser fazer qualquer coisa aí com mini handebol você conta com a gente, tem um monte de polo em Goiás, aí quem quiser estar no mini handebol vai estar.*

*Entrevistador: Com certeza o diretor, quando você vier ministrar alguma coisa aqui ou tiver alguma coisa de mini handebol, eu vou estar lá. Eu já até conversei com a embaixadora aqui, a gente trabalhou junto, que ela me chamou quando teve o festival de mini handebol no final do ano passado, aí eu tava lá com ela, tava apitando os joguinhos lá até mesmo para ficar mais por dentro né, de como tá o mini handebol.*

*Diretor: Que legal cara, sempre que você precisar eu vou estar por aqui, pessoal também aí de Goiás estará sempre disponível e quando mais gente tiver pra ajudar melhor. Se tiver mais perguntas pode mandar.*

*Entrevistador: não por enquanto é isso mesmo diretor, desculpa tomar seu tempo, queria agradecer pela disponibilidade.*

*Diretor: O cara não tem o que se desculpar. Foi um prazer falar contigo, passar um pouco das experiências, percepções e expectativas também. Do que você precisar, você pode contar comigo, mandar mensagem, é um prazer ajudar. Parabéns pelo trabalho, Deus abençoe.*

*Entrevistador: quando tiver pronto eu chamo todo mundo pra tá junto comigo na apresentação e eu mando os arquivos da pesquisa.*

*Diretor: oba. Faço questão de estar lá pra bater palma no final, sei que vai ser aprovado.*

*Entrevistador: fechou então diretor. Obrigado.*

*Diretor: imagina. Deus abençoe, tamo junto, abraço grande.*

## **Entrevista Professora 1**

*Professora 1: Bom dia Breno.*

*Entrevistador: bom dia professora, você está bem?*

*Professora 1: tudo bem e como estão as coisas?*

*Entrevistador: Estamos aí na correria, mas está tudo bem graças a Deus. Quanto tempo.*

*Professora 1: nem me fala, pra você ter uma noção eu estava aqui respondendo mensagem, tem uma atleta minha que está no monitoramento da seleção brasileira hoje. Daí ela veio me falar que está gripada, falei pra ir na farmácia e comprar um Descongex. Porque o acampamento já é agora e ela está gripada tadinha. E ainda ela é canhota, a chance de ser convocada é enorme, o braço dela é perfeito. Mas vamos ver como ela vai conseguir sair gripada.*

*Entrevistador: é meio ruim. Mas vai dar certo, só cuidar direitinho.*

*Professora 1. Amém. Deixa te perguntar, quantas entrevistas você já conseguiu?*

*Entrevistador: professora com a sua, nove até agora. Eu precisaria de dez que é o mínimo, estou até falando com o Jefferson e com o Weber de Caçu.*

*Professora 1: a sim então está bom. Então, no caso você está pegando geral, não é só embaixadores não?*

*Entrevistador: não, eu peguei geral. Porque a gente tentou aquela vez e não surgiu tanto interesse, mas queria colocar pelo menos você que é embaixadora de Goiás, o Jefferson também se conseguiu e também o Weber que consegui o contato dele na página do Facebook, para poder ter pelo menos três de Goiás, sendo que eu aumentei a pesquisa para o Brasil. Eu joguei a pesquisa na mão do diretor, ele falou espera e saiu jogando pro pessoal e eu fiz até a entrevista com ele.*

*Professora 1: ele tem mais moral.*

*Entrevistador: pois é., mas eu consegui com os professores, fiz com uma do Acre, uma de Curitiba, ela me passou para o embaixador de Curitiba e ele me passou para o outro que é um professor que tem doze polos na cidade de quinze mil habitantes, Alto Paraíso no Paraná. A partir daí eu fui pegando.*

*Professora 1: o Mateus seria uma boa, de campo verde. Só que agora ele está envolvido com a taça centro oeste juvenil que está acontecendo em campo verde e logo em seguida tem seleção que vai ser lá também. Então eles aproveitaram que já vai ter a taça centro oeste lá e colocaram o acampamento da seleção logo em seguida, então compensa muito mais para o pessoal, fica mais viável para as meninas. E lá é bom que o pessoal da seleção vai chegar um pouco antes para assistir os jogos.*

*Entrevistador: bom que dá uma visibilidade também, pessoal ver como está o esporte em Goiás também. Mas vai dá certo professora, acredito que com essas dez já temos um pouco, porque peguei ali na parte do Norte no Acre, peguei o sul, fiz com o embaixador do espírito santo. Então acredito que já dá uma visibilidade boa pelo menos espalhado no Brasil.*

*Professora 1: e me fala qual o tema da sua monografia.*

*Entrevistador: então é o mini handebol como forma de ensino, experiência e expectativas dos envolvidos. Nesse caso são os professores e embaixadores, o diretor entrou e quis participar, como diretor do projeto.*

*Então professora, o intuito mesmo da pesquisa é pegar o que você tem de experiência, até a primeira pergunta eu já sei porque já nos conhecemos há um tempinho e sei que você já foi uma das melhores atletas de Goiás. Mas para passar para pesquisa eu queria que você contasse um pouco sobre sua experiência como atleta no handebol mesmo, posteriormente como que foi essa transição para o mini handebol. O que te motivou e como se interessou pela categoria do mini handebol?*

*Professora 1: Então Breno, eu tenho que te contar um pouco da história para você entender exatamente como foi tudo.*

*Então vamos lá, eu comecei a treinar handebol com Jorge e eu estava com quatorze anos. Na verdade, de treze para quatorze porque foi em agosto e eu completaria quatorze dias 3 de dezembro.*

*Ai Breno o que que foi que aconteceu, o Jorge ele encontrou meu pai no estádio do Vila Nova, no jogo do Vila Nova e eu estava com meu pai, e ele pegou e falou: Nossa, já chamei sua filha várias vezes para treinar comigo e nunca deu certo. Aí eu falei para o meu pai, lembra pai, eu já te falei isso várias vezes para treinar e esse é o técnico.*

*Então meu pai pegou e conversou com ele no meio do jogo. Na época era vila nova, o Jorge trabalhou dois anos, às vezes até menos no Vila Nova. Mas assim não tinha apoio nenhum do clube para o handebol.*

*Então o Jorge tentou entrar dessa forma para ver se conseguia apoio e não conseguiu.*

*Eu acho que eu treinei lá por volta de mais ou menos um ano, depois de lá eu saí para o Colégio Militar Hugo de Carvalho Ramos, não era força atlética ainda. A gente começou a treinar lá, mas não durou seis meses, também por essa questão de falta de apoio, então foi quando o Jorge, a Lilian e outros pais envolvidos resolveram abrir a força atlética.*

*Então a força atlética surgiu em 2003, eu fiquei lá como atleta vinte anos mais ou menos, acho que se brincar foi um pouco mais, desde a fundação. Por isso que acabou que eu fui uma das que não saiu, continuei lá.*

*Então, eu já estava com quinze para dezesseis anos eu estava na força atlética na categoria cadete, sei que joguei essa categoria lá. Então o Jorge fez uma parceria na época com um Classe, era uma escola bem conhecida na época e ele tinha conseguido muitas bolsas lá e*

*eu estudava no prevest. Então nessa época eu estava no primeiro ano do ensino médio e fui chamada para entrar lá no segundo ano, o Jorge me chamou só que eu quis continuar no Prevest.*

*A partir disso Breno, o Jorge entrou com a equipe dele nos jogos escolares e no prevest quem montou a equipe lá foi eu, que fui atrás do diretor do prevest e falei que podíamos montar um time de handebol para jogar os jogos escolares. Conversei desse jeito com o diretor e ele falou para mim conversar com um professor de educação física para ver se ele tem interesse em assumir. Então eu fui atrás do Batata. Porque eu não sabia o nome do professor todo mundo chamava de batata. Então fui atrás dele e conversei com ele. Falei para a gente montar uma equipe e ele falou: eu não sei nada de handebol, o básico que eu sei é que pode dar três passos e arremessar, não pode correr com a bola na mão. E mesmo assim Breno eu insisti, eu falei que ajudava, que ia junto, eu treinava pouco tempo, tinha um ano e meio.*

*Resumindo, por fim ele aceitou. Fui com ele lá no diretor para conversar novamente e o diretor que é o Maurício, não sei se ainda está no pré vest, ele falou tudo bem se o batata aceitou eu apoio. Então a gente teve que treinar umas duas vezes por semana, porque nos outros três eu treinava com o Jorge. Com isso, o que eu fazia, assistia vídeos na internet para saber como é que eu ia fazer as aulas, e eu que comecei a dar as aulas. Eu tinha de quinze para dezesseis anos e comecei a dar aula lá junto com batata, eu falava vamos fazer esse exercício aqui batata, mas lógico que eu acabava reproduzindo um pouco daquilo que eu aprendi com um Jorge. Então a gente treinou mais ou menos seis meses e veio o campeonato. A gente foi passando de fase, passando e chegamos no final contra a equipe do Jorge, que era o classe que tinha um monte de meninas que tinham a bolsa, meninos também, por conta dessa parceria com o Jorge.*

*Inclusive eu joguei com algumas meninas da seleção Goiana, jogando juntas. Enfim, a gente ganhou a final de dois gols de diferença da equipe do Jorge. O Jorge ficou tão bravo, porque era o emprego dele e tinha muitas coisas envolvidas. A partir disso ele foi brigar comigo lá, falou que eu nunca tinha jogado assim na equipe dele e minha mãe entrou no meio perguntou o porquê que ele estava brigando com a filha dela.*

*Com isso as meninas estavam muito eufóricas, eu tinha uma melhor amiga que aprendeu a jogar comigo, a goleira tinha um reflexo muito bom, a gente tava muito eufórica. E eu na hora não pensei no que eu poderia falar para o Jorge.*

*E aí eu falei as meninas do seu time estão te esperando lá, você falou que ia conversar com elas. E o Jorge, você sabe como é?*

*Entrevistador: meu deus, eu lembro quando jogava no masculino.*

*Professora 1: pois é. Falei pra ele que depois a gente conversava com mais calma e saí com as meninas, fui comemorar, a gente tinha sido campeãs.*

*Aí depois o Jorge me encontrou no treino, e isso já estava com dezesseis anos mais ou menos. No primeiro treino depois dessa vitória eu estava morrendo de medo, eu pensava que estava ferrada, que o Jorge ia brigar demais comigo, eu morria de medo do Jorge.*

*Mas fui treinar como se nada tivesse acontecido, e ele me tratou normal.*

*Passou menos de uma semana, ele veio falar comigo e falou: o diretor do classe entrou em contato comigo, foi um reboição lá no classe, porque as meninas do time dele ficaram comentando entre elas e lá era só ensino médio. Então o diretor do Classe entrou em contato com o Jorge e falou para trazer essa menina para o classe, e era assim, traz ela pra cá que a gente dá bolsa integral para ela. Mas eu já tinha bolsa integral lá no prevest, por conta das minhas notas e por conta disso do handebol também.*

*Aí eu peguei Breno e conversei com o Jorge, pedi um tempo para pensar porque eu estou me colocando em outro lugar agora, nisso eu muito nova falando dessa forma, pensando de forma madura.*

*Então eu falei depois de uma semana com ele, disse para o Jorge que não ia sair do Prevest, ele ficou louco falou que eu ia ganhar bolsa integral lá no classe e tudo mais, o classe era a escola que estavam em alta nessa época. Mas falei para ele que eu não achava justo abandonar as meninas que começaram a fazer handebol lá por minha causa e ir para outra escola, porque essas meninas vão parar de jogar.*

*Então ele ficou muito chateado claro, mas ele entendeu meu lado. Então no ano seguinte eu continuei fazendo a mesma coisa que a gente já vinha fazendo. E ganhamos novamente. Então só para resumir um pouco a história, contei do início para você entender, porque completei dezessete anos no final do ano e no ano seguinte ele virou para mim e perguntou se eu queria assumir as categorias mais novas do força. Mas antes de falar isso pra mim, ele tentou descobrir qual o curso que eu queria e eu falei que eu estava em dúvida ainda no curso que eu queria, falei Ciência da Computação, engenharia da computação, vários. Então ele não me falou isso antes.*

*Aí Breno, passou um tempo mais para frente, ele foi uma das primeiras pessoas que ficou sabendo e eu fui contra a vontade do meu pai que queria que eu fizesse medicina, então falei para ele que tinha feito a inscrição e era para educação física. A minha mãe tá sabendo e você também, eu não tinha contado para o meu pai.*

*Nisso eu entrei pra Faculdade com dezessete anos e eu só contei para o meu pai depois que eu fiz a primeira fase do vestibular.*

*Eu passei, falei para o meu pai que passei na primeira fase da faculdade. E ele ficou todo feliz, só que eu falei para ele que era para educação física, ele perguntou porque eu não tinha prestado para medicina e eu falei que não eu não me via trancada em consultório, não me envia fazendo cirurgia. Meu pai não é médico, ele é fazendeiro e mexe com fazenda. E eu falei pra ele com essas palavras, "espero que o senhor respeite a minha decisão, a minha mãe já está sabendo, eu falei com ela antes de fazer a inscrição e pedi para ela não contar", que eu ia contar para o meu pai e assim foi Breno.*

*Porque assim, infelizmente o nosso curso é um curso que tem muito preconceito, eu sofri isso naquela época. O meu tio falava que a filha prestou vestibular para direito e meu pai sempre falava a minha para educação física, com entonação meio triste. E assim, hoje a filha do meu tio nem exerce o curso direito, ela tem uma loja que vende coisas de multi utilidades para presente, ou seja, ela não exerce no que ela formou.*

*Então quando eu entrei na faculdade no primeiro semestre, foi bem quando iniciou o semestre, o Jorge perguntou se eu queria assumir as categorias de base da força. E eu perguntei quais.*

*Então ele me falou que queria que eu pegasse as categorias mais novas, a força atlética só tinha infantil, cadete para frente.*

*E ele perguntou se eu assumiria o infantil, ou até mesmo o cadete.*

*Então eu olhei para ele e pensei, porque eu com dezessete anos estaria assumindo uma categoria com meninas de quinze e dezesseis anos, a mesma idade minha praticamente.*

*E então eu perguntei para ele como que funcionaria, ele disse que eu começaria nas escolinhas, estava abrindo uma escolinha no anglo de Campinas, e eu começaria lá, então eu comecei lá.*

*A partir de lá foi chegando mais meninas interessadas na força atlética e eu assumi o infantil e em seguida o cadete. Para você ter a noção, você conhece a Valesca do Vila Nova?*

*Entrevistador: Sim, lembro dela.*

*Professora 1: Ela foi minha atleta. A Valesca, Camila, Taiga. Eu não lembro se elas eram da sua época, mas assim as meninas elas chegavam lá e quando eu ia me apresentar, elas conversavam comigo e tudo, e quando foram fazer aula experimental eu ia me apresentar e como técnica, elas se assustavam porque eu era muito nova. Mas começou desse jeito. Foi toda uma história por trás envolvida para chegar onde eu cheguei hoje.*

*Já o mini começou mais ou menos Breno nessa fase, eu já pegava no anglo de Campinas, mas não chamava de mini. A gente falava que era Mirim, que era as categorias menores, não falava mini handebol. Mas eu pegava de tudo quanto é idade, eu tinha criança de sete anos.*

*Entrevistador: Entendi, então veio daí o interesse. Você já estava trabalhando nas escolas com isso já também.*

*Professora 1: Isso Breno, eu estou com trinta e seis anos hoje, mas na época eu estava com dezessete, então a gente pode contabilizar aí que eu já estou com dezenove anos, querendo ou não, envolvida com o mini handebol.*

*Entrevistador: Entendi. No caso professora, partindo já para o lado do mini handebol agora, como foi o processo de implementação do primeiro polo seu? O diretor colocou o projeto na mesa e apresentou para você, mas como foi a questão do seu primeiro? Foi dentro da escola ou foi em clube? Como que foi?*

*Professora 1: Então na verdade Breno quando o diretor entrou em contato comigo, quem entrou primeiramente foi a Federação, o Júnior entrou em contato comigo e perguntou se eu tinha interesse em assumir como Embaixadora do mini handebol, tava no meio da pandemia, então isso Breno foi em 2020.*

*Ele perguntou para mim e eu estava meio que na transição, saindo da força atlética e abrindo a life Style já. Mas as minhas escolinhas já existiam, eu sou meio que troquei o nome porque eu já fazia tudo sozinha mesmo.*

*Então o que que aconteceu, o Júnior me ligou no meio da pandemia perguntou do meu interesse e eu fiquei em estado de choque no telefone. Eu fiquei parada e ele me chamando,*

*perguntou se eu tava ouvindo ele e eu falei estou, espera que eu estou digerindo tudo e não tô entendendo nada que tá acontecendo, me explica isso.*

*Então ele falou que a Confederação estava com projeto de expansão do mini handebol, você é uma das que eu conheço que sempre valorizou muito mini handebol, os mais novos. E aí o que passou na minha cabeça na época Breno, foi que tinha tantas pessoas mais velhas do que eu, que estão trabalhando com o handebol, porque eu? Eu fiquei me perguntando, não falei nada para ele na hora claro, mas eu fiquei me perguntando porque eu? Devia ter algum motivo.*

*Então falei para ele que aceito, e qual foi o meu papel então, foi correr atrás de professores que poderiam ter o interesse de trabalhar ou que já trabalham com o mini handebol. Logo depois ele me passou o contato do diretor, eu entrei em contato com ele para saber o que eu tinha que fazer.*

*A primeira coisa que o diretor fez foi me parabenizar pela indicação, e ele falou para mim que se o presidente da federação me indicou é que eu seria uma pessoa que daria certo para assumir esse papel. Ele direto me manda mensagem para resolver alguma coisa ou outra. O Jefferson também foi chamado para pegar o cargo de Embaixador, porém o Jefferson não trabalha com o mini handebol em si. Eu não sei se é assim, a última vez pelo menos que eu falei com ele, não estava trabalhando com o Mini handebol, só pegou o cargo. Agora eu atualmente estou com três escolinhas em Goiânia, então acaba que fica muito chato, por isso que eu demoro a te responder. Além de trabalhar como professora de educação física no Santo Agostinho.*

*Eu não saí de lá ainda. Você lembra de mim lá? Não tem como sair, carteira assinada. Então é isso, eu estou como embaixadora, trabalho em quatro lugares sendo três escolinhas e recebi proposta inclusive para assumir o juvenil, assumir como auxiliar técnica do juvenil da Seleção Feminina e acabei não aceitando. Isso foi por diversos motivos, a competição vai ser bem no final do mês de novembro, que é quando a gente fecha nota e bate bem no meu aniversário, mas o aniversário não foi o principal motivo, o principal motivo foi porque vai ser a competição no final de semana que é o fechamento de notas e lá no Santo Agostinho eu dou aula para vinte e três turmas. Então eu falei para o Oscar que infelizmente ia ter que recusar, por conta do desgaste que ia ser, eu tenho que pensar em mim também, porque senão vou adoecer.*

*Entrevistador: verdade. Aí então professora, quando você conversou com o diretor, ele te passou a questão de capacitação? Porque quando eu estava conversando com ele foi dito que ele foi atrás de livros da Croácia, na Europa inteira, traduziu e foi daí que ele fez livros e manuais. Então como que foi? Ele te passou para você se capacitar? Eu sei que muitos professores que eu conversei também vinham trabalhando com mini handebol e não sabia, só depois é que veio o projeto. Então ele passou a capacitação que ele pegou da Europa ou como foi esse processo da capacitação para chancelar?*

*Professora 1: Breno começou primeiro com uma reunião que a gente teve. No caso só entre os embaixadores, nessa reunião ele passou as didáticas, mas eram didáticas que eu já utilizava, que é estimular as crianças do mini handebol através de jogos lúdicos.*

*Então ele passou para gente essa parte, mas o que ele ficou mais pautado, foi nas questões de como funciona o projeto mesmo, os seminários que tem que fazer, esses eventos e entrevistas, algumas coisas relacionadas as entrevistas de pessoas que trabalham, ou até mesmo ele sugeriu atletas que poderiam estar dando essas entrevistas, até mesmo para estimular crianças. Então ele deu o curso mesmo, falando de onde vem o mini handebol, essas coisas que ele foi passando para gente.*

*Agora a didática, ele passou muito em cima de palestras que nós próprios professores fizemos, cada professor fez falas de um conteúdo diferente, de alguma coisa relacionada ao Mini. Eu quis falar da forma de didática e como trabalhar o mini handebol na iniciação, que eu sou super a favor dos jogos lúdicos, eles aprendem muito. Não é à toa, que igual eu tenho a Ana Sara que está no acampamento da seleção, a Raquel que está em Recife também no acampamento do da seleção, Vitor Hugo e Arthur Jefferson que são do Audax, também estão no acampamento da seleção.*

*Então assim, eles iniciaram comigo através desses jogos lúdicos, é só a questão de trabalhar a inteligência da criança, olhar jogador que está ali. Por isso que eu trabalhei muito em cima de jogos lúdicos.*

*Entrevistador: já que você está falando dos seus alunos, aquela goleira que eu apitei o festival aquela vez. Como ela está? Deu certo lá?*

*Professora 1: A Sarinha foi para Europa. Ela voltou agora, ela estava participando de um campeonato na Europa e voltou. Para você ter uma noção, eu encontrei com ela na quinta-feira que ela voltou da Europa para cá já.*

*Porque a família dela não foi para São Paulo, foi só o pai dela e ela mora com o pai e a mãe mora aqui com a irmã.*

*Então toda vez que ela vem, ela entra em contato comigo para gente marcar de fazer alguma coisa e a gente estava jogando boliche. E ela Breno no início do ano lá no pinheiros jogando no infantil, é o último infantil dela esse ano, uma goleira do cadete machucou e ela mesmo chegando esse ano lá porque elas têm duas goleiras no infantil, mesmo ela chegando esse ano a goleira do cadete machucou e subiram ela para jogar e ela lá na Europa estava jogando com outras meninas de 2007.*

*Então foi uma experiência fantástica, ela ficou acho que dez dias lá. Foi só jogando, foi para Suécia, Barcelona conheceu o Tiago da seleção.*

*Então é uma oportunidade tão incrível que se ela estivesse aqui ela não teria. Infelizmente eu não tenho isso para oferecer. Porque uma viagem é muito cara Breno, acho que foi mais de vinte mil reais nessa viagem.*

*Entrevistador: mas mesmo jogando fora, atualmente ela está no pinheirinho?*

*Professora 1: isso pinheiros. Ela joga pelo pinheiros, está lá muito bem por sinal, graças a Deus.*

*Entrevistador: Pois é, eu queria te perguntar porque aquela vez ela falou que estava indo e você até não deixou ela jogar teve que ligar para mãe dela.*

*Professora 1: você nunca viu ela jogando?*

*Entrevistador: A princípio vi só no festival mesmo que você me chamou pra apitar.*

*Professora 1: mas naquele que você apitou você chegou a ver ela jogando? Ela estava machucada não?*

*Entrevistador: não ela jogou.*

*Professora 1: ela ficou insistindo pra jogar né? Ela jogou um pouquinho.*

*Entrevistador: sim, foi bem pouco, no final e bem rápido. Mas depois eu vi uns vídeos dela jogando, acho que você postou no Instagram do Life Style, ela jogando e eu pensei nossa ela vai longe demais, porque ela é muito boa no gol, então eu queria saber o que que sucedeu dela porque ela foi para o Pinheiros, por isso que eu te perguntei e aí ela acabou indo para Europa. Então, graças a Deus deu certo.*

*Professora 1: Olha Breno, eu acho que se ela conseguir permanecer lá tem muita chance de ir para seleção. Quem subiu, inclusive para jogar no cadete, foi a Carla, que atualmente é a técnica do Pinheiros que atualmente assumiu a categoria juvenil feminina da seleção, ela é assim com a técnica do cadete. Tanto é que nesse acampamento que vai acontecer lá em Campo Verde, estão a técnica do cadete que é a Edi, direto ela me manda mensagem inclusive, a outra é a Carla. Então elas estão juntas indo para o acampamento. Porque vai pegar as meninas Cadete e juvenil esse equipamento de Campo Verde.*

*Hoje tem jogo às dezessete horas, se você tiver tempo a Ana Sara vai jogar que treina comigo aqui. E se você tiver interesse eu te mando o link para você assistir, vai ser o seven a equipe do Cesinha aqui, não sei se você lembra.*

*Entrevistador: Claro, lembro dele sim. Me manda que tento assistir, estou meio corrido mas tento sim.*

*Professora 1: me manda mensagem que te mando. Eu acho que vai ser a do seven comandos.*

*Entrevistador: o seven é outro polo de mini daqui não é!?*

*Professora 1: sim lá da cidade ocidental. A Ana Sara vai jogar com ele.*

*Entrevistador: bom demais professora.*

*A outra pergunta que eu queria te fazer é meio que um apanhado.*

*Por exemplo, como você já me chamou para estar presenciando o festival aquela vez e eu sei que nele não tem aquela questão de competição, é que todo mundo ganha, a quadra é reduzida e tem essa parte de evento e competição, a gente já sabe como funciona.*

*Mas eu queria saber um apanhado bem geral resumido, quais seriam as habilidades, pode ser corporal tipo motora, que estão mais presentes dentro da aula que você ministra dentro dos polos de mini handebol e além de habilidade, quais são os conceitos que são ensinados? São passados valores e atitudes? Só um apanhado geral para a gente colocar na pesquisa.*

*Professora 1: Então Breno sobre o que eu cobro durante as aulas e o que é cobrado também nos festivais. Por isso que eu gosto de trabalhar muito com jogos lúdicos, porque ao mesmo tempo que você ensina os fundamentos básicos que são as três passadas, o saltar de um pé só, arremesso, o passe, entre outros, você trabalha também com conceitos e princípios com as crianças.*

*Por exemplo, uma queimada quando a gente trabalha na queimada, eu trabalho queimada maluca que ela funciona da seguinte forma. A criança quando ela pega a bola ela pode dar três passos com a bola na mão. A regra é essa e arremessar para tentar carimbar. Quem pegou a bola dá três passos e salta para carimbar os jogadores que estão correndo. Então a gente está trabalhando ali as três passadas, saltar de um pé só e arremesso em apenas um jogo lúdico. Ao mesmo tempo, a gente trabalha os princípios. Porque a criança tem que ser sincera, se a bola pegou a bola pegou. Será que ela vai mentir ou vai na verdade, não a bola pegou ou não pegou em mim.*

*Eu trabalho em cima disso, de caráter, de não mentir a qualquer custo, sempre falando a verdade, em um jogo como esse, por exemplo.*

*Então as minhas crianças são tão ligadas com relação a essa questão de serem verdadeiras. Que já teve casos, por exemplo, a Sara mesmo é um exemplo básico, que está no Pinheiros. A gente tava numa final de queimada, eu levei nossa equipe para jogar queimada em jogos católicos.*

*Então daí as minhas duas equipes se classificaram para a final. Olha só que Fantástico Breno o que aconteceu? Eu fiquei sentada assistindo o jogo, porque se eu falasse com uma equipe e com outra os pais iam falar que eu estava valorizando uma mais do que a outra. Então fui nos pais e falei como as duas equipes se classificaram para a final, eu vou apenas*

*assistir ao jogo. Vamos assistir e estimular as crianças. De qualquer forma, uma vai fazer primeiro lugar e a outra segunda.*

*Então eu sentei para assistir o jogo Breno e aconteceu um fato muito louco, eu arrepio toda vez que conto essa história, foi fantástico. A Sara estava na equipe do matutino, e tinha outra equipe no vespertino, eu dou aula nos dois turnos no Santo Agostinho, então montei duas equipes. A equipe do vespertino quando as meninas jogaram a bola passou pela Sara e foi para área de reserva e o árbitro ficou olhando o jogo. Aí ela a Sara levantou a mão e falou a bola pegou em mim, do nada. A bola tinha passado perto dela mesmo, mas a gente não percebeu, não tem certeza se pegou, ainda mais na queimada. Mas ela levantou a mão e falou a bola pegou em mim.*

*Nessa hora Breno, todos os pais levantaram e bateram palma, eu estava sentada lá e bati palma também. Por que isso foi ensinado Breno durante os treinamentos, se a bola pegou em você não tem porque eu mentir, pegou, pegou, levanta e fala que pegou. E foi assim no jogo de final, ela foi lá e levantou a mão, ela fez isso em um jogo normal de handebol, ela gol e se a bola não pegou na mão dela. Ela fala que não pegou.*

*É uma coisa que ela foi aprendendo desde quando ela estava ali no 3º ou 4º ano 5º ano. E hoje ela tem quatorze anos, na época ela tinha sete até nove anos. Então é esse tipo de coisa que eu cobro durante as aulas, porque a gente tem que pensar uma coisa mais importante do que ensinar o próprio handebol em si, são os princípios e valores que eles vão levar para a vida deles.*

*Então, só para deixar bem clara a pergunta que você me fez, eu vou te responder. Eu procuro sempre trabalhar jogos lúdicos com as crianças ensinando os princípios, caráter, o que é certo e o que não é, e também ensinando os fundamentos básicos do handebol, isso está em todos os jogos, independente do jogo que for.*

*Exemplo, é obrigatório dar as três passadas e não pode quicar a bola. Se o aluno for lá e quicar a bola, ele vai deixar a bola no chão e ele vai saber que é da outra equipe. Se a regra era essa, que não podia quicar a bola vai ser falta, bola da outra equipe. Por que são atividades que a gente trabalha pensando, vou fazer um trabalho de passe, para eles passarem e não ficar quicando a bola, eu vou colocar proibido quicar a bola.*

*Então por isso que você vai ver minhas equipes fazendo contra-ataque sustentado e vai ficar impressionado com a questão do drible. É muito raro ela quicar a bola e se ela fizer sem a necessidade vou brigar com ela, perguntar porque ela fez sem ter necessidade.*

*E criança Breno é melhor ainda, porque a criança não consegue mentir. É muito difícil uma criança que me dá trabalho em relação a mentir, na hora eu vou lá e falo. Nem que eu seja incisiva um pouco. Falando que a criança fez isso e ela negar falando que não, por exemplo, você puxou o braço e ela fala que não mas acaba que ela assume.*

*Ela fala que não foi a intenção puxar, ta ok. Mas puxou o braço, se se puxou está errado, eu já tirei atleta minha Breno de quadra, sem o árbitro ver que puxou braço e eu não deixei voltar, porque era lance para vermelho. Então se o árbitro não apitou porque não viu, porque pode acontecer, eu tenho alguns princípios para ensinar para ela. Acredito que você até conhece essa menina, atualmente ela está no Audax, mas na época eu tirei ela de quadra e falei que ela não ia voltar mais. Quando acabou o jogo eu perguntei se ela sabia porque eu tirei, porque ela não voltou, ela ficou calada e eu disse que o lance que ela tinha feito era para vermelho e o árbitro não viu. E na época Breno ela era infantil tinha quatorze anos.*

*Entrevistador: Não, mas você está certa, tem que ser um pouco assim mesmo. A gente tem que tentar ensinar de alguma forma, fazer com que eles entendam para depois até no futuro adulta, eles não cometerem erros.*

*Professora 1: Breno você nunca vai me ver eu estimulando um atleta a bater no outro, empurrar por trás, nunca vai ver, e se o atleta fizer eu vou tirar, vou conversar com ele, vou explicar que não é assim, ou no meio do jogo se der para tirar eu vou tentar falar que não pode fazer isso. Porque nesse ponto eu sou muito chata.*

*Porque assim, eu não acho que o esporte tem que ser ganhar qualquer custo Breno, não é certo.*

*Entrevistador: Ainda bem professora, que você pensa assim, vários podiam pensar também, porque igual antigamente quando eu comecei a jogar handebol o que eu ouvia de professor falando para o aluno entrar e quebrar, tirar o outro de quadra, eu apanhava tanto na época que era menor na categoria infantil para cadete, apanhava muito porque eu era central, tomava cada porrada.*

*Professora 1: Breno eu também apanhei demais.*

*Entrevistador: meu deus. Tá certo professora. Vamos retomando, eu queria saber de você e essa pode ser bem rápida a resposta.*

*Querida saber se na sua percepção dentro dos objetivos e metodologias que a CBHB propõe para o mini handebol como projeto, eu gostaria de saber com qual você mais se identifica de todo o projeto? Dos objetivos e metodologias que eles colocam, qual que você tem mais identificação?*

*Professora 1: Então vamos lá. De acordo com as minhas aulas e com a minha metodologia, o que eu mais identifico é o trabalho de acordo com jogos lúdicos mesmo, essa é a metodologia que eu mais me identifico. Os festivais, eu sempre estímulo, eles falam muito para gente tentar fazer mais festivais, é uma coisa que realmente é um pouco complicada, mas a gente tenta estimular pelo menos dois festivais por ano. O ano passado por exemplo, eu consegui fazer só um, esse ano eu fiz um e no próximo semestre estou organizando para fazer outro.*

*Eu acho que é isso Breno, trabalhar em cima de jogos lúdicos.*

*Entrevistador: é a forma de ensino então?*

*Professora 1: A minha forma de ensino é jogos lúdicos, tá bom que eu trabalho circuito também com vários exercícios, mas quando eu trabalho em circuito eu procuro reduzir a quantidade de crianças que tem em cada exercício. No circuito eu coloco uma recepção, no outro dribble e arremesso, coloco também três passadas, fintas, os fundamentos do handebol mesmo. Não trabalho fundamentos de passe, é mais fundamentos individuais mesmo. Eu evito bastante fazer aula em formato de circuito, porque eu gosto mais dessa parte de socialização das crianças e o jogo lúdico ele ajuda muito a trabalhar isso, principalmente na fase inicial eles são bem mais individualistas. As crianças em si são mais individualistas. Então quando a gente trabalha o jogo lúdico, a gente tá trabalhando essa parte de passe, de socialização entre eles, por isso que eu sou a favor do jogo lúdico.*

*Entrevistador: certo. Professora, eu tenho uma pergunta para te fazer, mas essa é uma pergunta mais pessoal, ela até é vinculada a uma pergunta porque no caso tem um polo que é lá no clube de engenharia, e esse é um clube e está fora do espaço formal de ensino,*

*que é a escola. Pelo que eu já conheço de você e o que a gente conversou também, o mini handebol ele vai ser uma forma de ensino dentro de espaços formais, para mim é e acredito que para você com certeza vai ser também. Através de uma pesquisa que eu vi, que você deu não lembro para qual revista que era, você falou que vinha buscando apoio, estava complicado você colocar polos dentro das escolas, às vezes não tinha apoio de direção, talvez algum patrocínio.*

*Então eu queria saber de você como embaixadora do Estado, como está essa questão aí de colocar o mini handebol como forma de ensino dentro da escola? Porque eu queria saber como que está dentro do nosso Estado. Porque eu moro aqui então o interesse pessoal mesmo de saber.*

*Professora 1: Então Breno, é o seguinte. O maior problema que eu vejo em trabalhar em escolas a gente quando consegue geralmente tem que trabalhar meio que de graça, mas eu vou te falar, eu consegui um lugar que chama Colégio Elite que eu estou trabalhando mini handebol, é uma escola. Ainda não coloquei inclusive como Polo oficial ainda porque vai fazer agora um ano que eu estou lá em setembro. Na verdade, há dois anos Breno e eu conversei com a diretora para a gente colocar como Polo e ela ficou de me ficar dá uma resposta com os donos do colégio se a gente poderia colocar como polo ou não. Para eles é vantagem, porque colocando como polo é mais uma forma de valorizar não só a modalidade mais o nome do colégio. Só que até hoje lá não virou polo porque ela não deu resposta, eu ia falar com diretor do projeto que tinha mais um lugar que ia colocar como polo, ainda não coloquei porque não recebi a resposta ainda, seria nesse Colégio Elite.*

*Lá Breno eu tenho crianças fantásticas, você não tem noção. Eu tenho um menino lá que tem oito anos de idade, daquele festival que você apertou mesmo você não teve oportunidade de conhecer porque ele entrou esse ano. Eu não tinha naquele festival que você apitou alguma criança que faz o que ele faz, ele pode jogar com menino de doze anos que ninguém consegue alcançar ele de tanto que o menino é bom e tem apenas oito anos. Mas por exemplo eu estou tentando ver se eu faço nos próximos semestres, se eu fizer vou ver se você se anima de ir. As crianças que entraram agora do Colégio Elite são fantásticas, não só do mini porque lá também tem um mirim e a gente acaba fazendo junto porque não tem outro horário. Então até onze anos estão fazendo no mesmo horário e o mini handebol é até dez anos. Mas esse grupo de oito anos que estão jogando junto com os de onze, vira e mexe eu tenho que separar a quadra no meio, divida a quadra no meio*

*e coloco colete e cone no gol para eles jogarem de acordo com as idades, mas mesmo assim, se eu misturar eles conseguem acompanhar o ritmo do outro, é um pouco rápido, mas eles conseguem.*

*Então assim Breno, para trabalhar em escola é bom, sim. Mas às vezes sinceramente nem sempre é bom, se a gente parar para pensar. Por exemplo, numa escola pública é um pouco mais difícil de conseguir, porque como que você vai conseguir material? Se você não tiver o apoio do secretário de esporte, Secretaria de Educação.*

*Eu vou ser sincera. Eu tentei no lugar aqui perto de casa Breno, uma quadra fantástica, eu perdi o espaço para um grupo que é adulto que está lá com o handebol. Eu conversei com o rapaz, falei que era um projeto sério, mostrei meu currículo para ele com o projeto e tudo e não consegui. E lá é um lugar que tem escolas perto, tem creche perto.*

*Então outra coisa que eu queria falar com você que você perguntou é questão de escolas. A maioria dos meus alunos, por exemplo lá no Ferreira Pacheco, são do Santo Agostinho. Praticamente 80% dos alunos são do Santo Agostinho e se eu fosse dar aula no Santo Agostinho hoje não compensaria pra mim. Falo de mini handebol, não compensaria, porque lá eles pagam hora-aula e lá a gente recebe por aluno.*

*Então a maioria dos lugares que o pessoal trabalha como particular funciona dessa forma, já o clube de engenharia é diferente, não é porcentagem, paga aluguel. Você paga aluguel da quadra e você cobra mensalidade dos alunos e assim vai.*

*Ou seja, o handebol hoje está sendo muito procurado. Acredito que melhorou bastante, até se você tiver interesse de trabalhar nessa área é fazer o projeto, apresentar para uma escola que não tenha handebol e tem horário disponível no contra turno, sendo que o aluno sai da aula por exemplo acabam às 17:30, ele já fica na escola e faz a aula. Porque o pai deixa para buscar apenas quando a aula acaba, tem pais que não conseguem buscar no horário e acaba tendo que colocar atividades para o menino não ficar ocioso na escola.*

*Eu acredito que a vantagem maior seria essa, escola pública é bom pegar escolas públicas, sempre é bom não é ruim, eu já trabalhei. Só que eu trabalhei de graça, a dificuldade é maior, na época mesmo que eu trabalhei por exemplo com força Atlética praticamente todinha foi de graça, acredito que recebi três meses e eu trabalhei lá muito tempo. Então o maior problema é esse, se você quer trabalhar na área você vai ter que fazer um projeto, ir atrás de escolas que não tem handebol, apresentar o projeto e tentar iniciar.*

*Entrevistador: Eu estava observando, falando com o diretor e os outros professores também. Está crescendo muito, igual surgiu o hand beach também, porque na nossa época não tinha isso. O hand Master também está com uma visibilidade muito grande, tem muito professor e muita equipe de handebol Master hoje em dia. O pessoal de Crixás onde eu morava estava até querendo fazer essas categorias e eu falei topo, eu estou velho, mas eu desço, ainda consigo jogar um pouco.*

*Professora 1: Pois é, mas é uma coisa que eu converso muito com o diretor, trabalhar com criança é tão mais fácil, o adulto ele tem outras prioridades, isso complica demais. É trabalho, é filho, não sei mais o que, muita coisa. É bem mais fácil trabalhar categoria de base, e aqui em Goiânia Breno infelizmente quando chega na categoria Cadete para juvenil muitos quando entra no ensino médio infelizmente param. É uma pena porque a gente sabe que dá para continuar treinando e estudando. Dá porque eu fiz isso a vida toda praticamente, mesmo trabalhando. Só que a pessoa tem que querer muito.*

*Vem daí a evasão, por conta de estudo, mas a gente sabe que acaba que eles procuram coisas piores. Vai para farra, vai beber, etc. A maioria das meninas minhas que pararam mesmo de 2008, que não retornou esse ano está vivendo uma vida de farra, menina de quinze para dezesseis anos.*

*Entrevistador: realmente é difícil, muito complicado mesmo, mas já que a gente tocou nisso pegando esse gancho, eu queria fazer para você a última pergunta para a gente finalizar.*

*Através disso que a gente conversou e de você contar um pouco da realidade aqui em Goiânia e em Goiás, você como embaixadora, quero saber qual o objetivo do projeto e o que você espera de resultado tanto das suas aulas como nos polos que tem e os que vão virar futuramente envolvidos com o projeto?*

*Professora 1: o objetivo principal é ensinar coisas que serão para vida, esse é o meu principal objetivo enquanto professora. Lógico que quando a gente participa de competições a gente estimula vencer, mas tem outras coisas que eles aprendem que vai ser para vida toda, mesmo eles não seguindo esse caminho, eles vão aprender que na vida vai ser assim, às vezes você vai prestar um vestibular aí não vai conseguir passar, às vezes você vai prestar um concurso e não consegue passar.*

*A gente tem um objetivo de fazer com que os atletas sonhem alto, participar de um campeonato importante, ser convocado para seleção que seja Goiana ou seleção brasileira, a gente tem esse sonho. Então eu fiquei muito feliz quando eu fiquei sabendo da Ana Sara, da Raquel, eu acredito que no futuro muito próximo a Sara goleira, foram chamadas para estar no acampamento da seleção para gente é muito gratificante, mas eu falo com toda certeza, respondendo à sua pergunta, que o meu principal objetivo quanto professora é ensinar princípios que vai valer para a vida toda deles, muitos não serão atletas por muito tempo, vão seguir outras profissões. Então esses que vão seguir outras profissões que eles utilizem esses princípios que eles aprenderam ali no esporte no mini handebol em si para vida, esse é meu principal objetivo.*

*Entrevistador: Como resultado do projeto você espera que venha mais polos? Como está a expectativa?*

*Professora 1: Como eu te falei agora há pouco eu vislumbro muito de aumentar a quantidade de polos Breno, mas para isso eu preciso de apoio melhores, eu converso muito com os professores que trabalham com o handebol no interior, que às vezes eles conseguem muito mais facilidade ônibus para viajar, vai para campeonato e essas coisas. Eu já não consigo isso, eu preciso do apoio dos pais em especial. Então eu tenho muito interesse, eu até falei para o diretor que a minha vontade era aumentar os polos, ter pessoas que também tenham interesse de trabalhar, porque eu não conseguiria assumir todos claro. Mas eu acho que se a gente não pensar dessa forma o handebol vai acabar. Então respondendo à sua pergunta, para conseguir aumentar a quantidade de polos eu preciso de mais apoios e isso é uma dificuldade que a gente tem, mas não significa que seja impossível. Uma coisa que eu tenho trabalhado para ver se eu consigo para um futuro próximo se Deus quiser.*

*Entrevistador: É verdade, eu acredito que assim professora, aqui em Goiânia por ser muito grande e ter muita variedade é mais difícil um pouquinho de você conseguir acesso ao secretário, algum político, mas igual de onde eu vi lá em Crixás, às vezes o secretário toma uma cerveja com você no bar, todo mundo se conhece. Então lá perto tem muito time que eu já joguei, igual tem Mara Rosa, tem Niquelândia que já foi cidade forte no handebol, joguei pelos dois já, tem de Campinorte.*

*Então são cidades bem pequenas que você consegue o acesso, eu tenho interesse em expandir para lá. Porque o handebol do Norte Goiano era muito bom hoje em dia ele sumiu. Tem Itapaci também e Santa Terezinha que já teve um handebol muito forte, mas acredito que até lá seria um ponto viável para estar colocando. Eu não sei se lá deve ter categoria de base, talvez a partir do cadete, mas pelo menos na época que eu joguei em Crixás, eu não lembro a categoria, mas, acredito que final ali do cadete, então Itapaci era muito forte na época.*

*Lá onde eu morava a fase regional era Itapaci, então pagava Pilar, Santa Terezinha, Campos Verdes e Itapaci já era muito forte. Eu via meninos pequenos lá na quadra quando eu estava jogando, e eles jogavam também. Eu não sei como está hoje em dia, não sei quem está à frente por lá, mas eu vou ver depois eu te passo, por que o handebol ali para aquela região tem uma gama de atletas muito grande, alguns estão perdidos ou pararam de jogar, mas eu acredito que deva ter.*

*Professora 1: Então aqui em Goiânia, eu acho que acaba sendo mais fácil acesso em escolas particulares. Por que o aluno que vai fazer aula é o aluno que paga, agora em escola pública o maior problema é a questão de material, para você conseguir o material. Quando você consegue às vezes consegue bola que não quica, aí é osso. Já trabalhei em escola pública demais Breno, mas era trabalho voluntário. Se você quiser receber pela prefeitura tem que ter um pezinho ou dois pés ou quase o corpo inteiro lá dentro para conseguir, eu por exemplo, nunca tive apoio de políticos.*

*E você me conhece Breno, você sabe que eu faço um bom trabalho, você não teve oportunidade de ver minhas atletas jogando Campeonato Goiano, mas as minhas meninas jogam bonitinho.*

*Entrevistador: Você está por fora porque eu assisti uma live sua.*

*Professora 1: Você assistiu a Live do Milk Moo ou outra Live? Porque teve uma live lá que gritaram milk moo para as meninas porque elas já estavam tão cansadas, era o oitavo ou sétimo jogo delas no campeonato. Pensa em um final de semana você jogar oito jogos. Então os pais começaram a gritar se vocês ganharem o jogo vai ganhar Milk moo. E as meninas jogaram carregadas, por que elas estavam cansadas.*

*Foi porque eu coloquei minha categoria infantil para jogar o cadete também e as meninas do cadete que era para ter ido não foi. Em quadra tinha duas do cadete, aí minhas meninas do infantil morreram.*

*Entrevistador: Pois é, mas eu assisti, creio que foi o último campeonato que você estava agora.*

*Professora 1: É isso mesmo, foi o último jogo que foi a história do Milk moo lá. Porque era final, só que as meninas estavam mortas. Aí uma das mães falou que se elas ganharem tinha Milk moo. Ela acabou que teve que pagar uns Milk moo para umas pessoas, achamos que era zoação, mas a hora que acabou ela falou vamos lá que vamos pagar um milk moo para vocês, se eu prometi eu vou com vocês. Acredita que ela pagou, trinta e cinco reais cada um.*

*Entrevistador: meu deus do céu.*

*Professora 1: Mas eu achei muito legal Breno foi a interação das meninas também, porque a filha dela joga bonitinho, a filha dela é do Mirim e estava jogando no infantil e destruiu. É bom demais Breno, você vê a evolução sabe, você pega a criança e no mesmo ano ela começa a deslanchar é muito bom ver isso. É o que motiva a gente. Um dia que você quiser ir lá assistir você me avisa, quiser assistir os treinos, você mora perto do Ferreira?*

*Entrevistador: moro. No Urias é só pegar a perimetral.*

*Professora 1: pois é. O dia que você estiver mais tranquilo porque você está fechando monografia.*

*Entrevistador: sim. Vou conseguir até agosto fechar e defender. A partir disso vou ter um tempo para respirar.*

*Professora 1: no mais, tá tudo bem né Breno?*

*Entrevistador: sim. Graças a Deus. Estou na correria mais trabalhando pra ver se consigo ajudar com algo o handebol.*

*Professora 1: quando você apresentar monografia e for aprovado você vai falar nossa que alívio. Você não tem noção, não é bom demais. Aí quando você começa a trabalhar no que você realmente quer, que você recebe o primeiro salário é muito gratificante. Principalmente quando a gente faz as coisas que a gente quer.*

*Entrevistador: Realmente esse é um dos objetivos que eu tenho também, trabalhar com isso. A gente até mesmo que se sente realizado profissionalmente, trabalhar com que a gente gosta porque trabalhar forçado com alguma coisa só para ter o dinheiro é bom, mas acaba que perde o sentido.*

*Professora 1: eu recebi muitas propostas para trabalhar na academia Breno, só que eu falei não é isso que eu quero e mergulhei no que eu queria. Eu acredito que lá seja muito monótono. Eu acho muito mais prazeroso você trabalhar numa coisa que você realmente gosta. É o meu caso no handebol, em até dar aula de Educação Física eu gosto, mas num lugar fechado, você fica fechado o dia inteiro no mesmo lugar, eu não consigo.*

*Entrevistador: você é igual eu, bicho solto. Mas é isso minha amiga, é um prazer está falando com você, eu sei que a dificuldade é muita, mas quando eu terminar eu dou um pulinho no Ferreira, a gente se encontra, tiver o festival você pode me chamar que eu vou, eu quero estar perto. É igual o diretor falou, ele falou que vai vir em Goiânia. E se eu estiver aqui era para procurar ele. E vou sim falei que queria tentar ajudar a expandir um pouco o handebol e o mini handebol pelo menos lá para onde eu morava, porque eu vou estar aí, essa é minha intenção, ajudar.*

*Mas eu te agradeço professora, tomei muito tempo, acaba que a gente já se conhece há algum tempo, então a gente vai conversando e o tempo passa e a gente nem vê.*

*Professora 1: Mas deixa eu te falar. Assim que você tiver interesse você me fala que a gente combina. Eu quero ver se eu faço amistosos agora também.*

*O meu maior problema Breno é que muita gente não quer jogar contra. E a gente sabe Breno, se não colocar para jogar não evolui, não adianta. Então assim eu já marquei um*

*amistoso meu contra equipe juvenil, com meu time infantil. O meu infantil contra cadete juvenil, equipes conhecidas que jogam no Campeonato Goiano e tudo e eles falam não com sua equipe infantil eu não quero não, eu falo pode ser contra o seu cadete e juvenil, pode ser assim. Porque se não for assim as meninas não jogam, e se não jogar elas desanimam.*

*Quando eu não tenho equipe Breno, eu vou lá e dou um jeito. Por exemplo a Ana Sara, esse ano eu não tinha time juvenil porque as meninas estavam todas sumindo. Eu falei para Ana Sara e perguntei se realmente ela queria continuar treinando comigo porque eu encontro a equipe para ela, mas uma equipe que está à altura dela e ela tá jogando pelo Seven do Cesinha. E aí eu falando com ele, falei que tinha atletas que estavam sem Equipe e eu perguntei se ele tinha interesse ele falou claro que tem.*

*E aí quando eu disse para ele que era Ana Sara, ele disse manda para mim, tá louco, essa canhota sua é boa demais. E aí uma semana depois a equipe do Audax veio atrás por conta dos jogos escolares, eles queriam que ela fosse para lá, mas eu falei que ela já tava com Cesinha e tava jogando no seven.*

*Então são meninas fantásticas Breno. Ela é uma canhota mesmo que tem um braço perfeito e é uma menina muito grande, deve ter 1,75 metros a 1,80 metros. A Sarinha inclusive, a goleira que você viu, ela já está maior do que naquela época que você viu, eu até assustei quando eu vi ela.*

*Entrevistador: Credo professora, porque naquele festival lá ela ficou do meu lado e eu tenho 1,85 metros de altura e ela estava ombro a ombro comigo.*

*Professora 1: Só para você ter uma noção Breno. Ela foi uma daquelas que quando marquei jogo para jogar contra o juvenil. Eu coloquei ela no gol e não falei nada para as meninas. Foi contra o Sesc da Maura. Coloquei ela para jogar, só a Ana Sara que era do último ano cadete no ano passado.*

*Breno a Sara fechou o gol. A Maura mesmo mandou mensagem no outro grupo que eu estou falando: que goleira é aquela que eu tinha, esqueceu que eu estava no grupo. Falou que aquela menina lá não é infantil não, ficou falando. E alguém que estava no grupo que me conhece e também a Sara perguntou o nome da menina. Alguém pegou e comentou que a Sara eu vi ela jogando tudo. E aí a Ana Helena pegou e falou: Ela é infantil sim e ela*

*estuda na mesma escola que eu trabalho. E eu caladinha, vendo tudo calada. E estava jogando com meninas da equipe dela lá que era 2004/2005.*

*Entrevistador: Você estava calada, mas com aquele sentimento assim, minha menina.*

*Professora 1: Isso minha menina, destruiu. Ela fechou o gol Breno. Eu acho que ela levou sete gols no jogo todo, depois eu acho a Live e te mando.*

*Entrevistador: bom demais me manda sim. Mas é isso vou tomar mais tempo não senão a gente vai ficar conversando aqui o dia todo aqui. Obrigado mesmo professora pela entrevista e a gente vai se encontrando.*

*Professora 1: mil desculpas por ter demorado, mas a correria está muita.*

*Entrevistador: eu imagino professora como é. Então é isso obrigado mesmo, grande beijo minha amiga, com Deus.*

*Professora 1: Valeu Breno fica com Deus, até mais.*

## **Entrevista professora 2**

*Entrevistador: boa tarde professora.*

*Professora 2: Boa tarde Breno, tudo joia?*

*Entrevistador: bem graças a Deus e com você?*

*Professora 2: tô bem também*

*Entrevistador: Que bom professora, enfim conseguimos conversar. Primeiramente queria agradecer a senhora, como havia falado antes pelo whatsapp a pesquisa tem o intuito de captar experiências, percepções e expectativas dos professores envolvidos para com o*

*projeto do mini handebol. Não vou levar muito tempo e espero que consiga colaborar para a divulgação e atenção dessa nova modalidade.*

*Shirley: certo. Vamos lá então.*

*Entrevistador: Então professora, primeiro eu gostaria de saber um pouco sobre sua experiência com o handebol e também posteriormente com o mini handebol. Conta um pouco aí pra gente.*

*Professora 2: então Breno, na realidade aqui eu já trabalhava antes mesmo desse projeto, eu já trabalhava com as categorias de base, a minha vida inteira depois que deixei de ser atleta, depois concluir a academia, eu fui pra área de iniciação esportiva, então desde de 2010 eu já trabalho com isso efetivamente. E aí veio o primeiro projeto da confederação que eles colocavam como mini handebol, mas na verdade era uma roupagem totalmente diferente que é hoje, inclusive na época que o diretor entrou em contato, a gente falou muito disso que a confederação colocou pra gente um projeto que era pra ser nas linhas deste que é agora, que é algo que realmente tá se desenvolvendo. Mas foi uma coisa totalmente desconexa, somente jogaram pros estados e aquele suporte que a gente realmente precisava não foi dado. Daí veio a nova diretoria na CBHB com o novo diretor assumindo na parte de mini handebol e ele tem nos assessorado divinamente. Então a gente começou justamente daquilo que a gente mais reclamava, que era a questão do suporte e formação, porque eu acho que hoje o esporte em geral mas especificamente falando do handebol, o que temos mais dificuldade é a questão do nivelamento de informação, com isso o mini handebol veio pra dar aquela nivelada na questão da prática cotidiana nossa pra gente entrar em sintonia e ver que não é um projeto que você vai ter um resultado de imediato, sabemos disso, principalmente nos estados do norte, que temos uma dificuldade muito grande, por questões de distância. Sabemos que todos os esportes você precisa ter a troca de experiência, isso para nossos alunos que estão na iniciação é muito importante, mas a gente quase não tem essa disponibilidade de ter essa troca, principalmente com eles. Então principalmente aqui no nosso estado que temos dificuldade grande de locomoção para outros centros é muito complicado. Então diminuiu bastante essa questão do nível de informação, acho que hoje também as questões dos cursos também porque hoje você sabe que sai cru da academia, então quando você se limita naquela área que você já foi atleta*

*você tem um pouco menos de dificuldade mas que não deixa de ter. Mas em relação a especialização na área a gente está muito a quem em muitos esportes, estamos caminhando, digo sempre pro diretor e pro pessoal que pergunta sobre mini handebol, que isso é uma pequena semente de uma coisa que eu acredito que vá crescer ainda mais, principalmente em relação a conhecimento, porque eu sinceramente sonho um dia em ter um mestrado ou doutorado, muitas pesquisas na área. Aqui no estado temos apenas três trabalhos sobre handebol. Tem algumas pessoas que estão despertando, já houveram capacitação, pessoas se inscreveram, colocaram a disposição de polos futuros do mini handebol. Então pra elas efetivarem o polo tem que ter a capacitação, então já está tendo um despertar maior nessa área.*

*Entrevistador: no caso eu vi no seu questionário, logicamente vc tem a capacitação do curso do mini handebol da CBHB, mas lá eu vi que parece que vc também ministra cursos para capacitação é isso mesmo?*

*Professora 2: Então, na parte do mini handebol como já venho trabalhando há algum tempo eu fiz dois minicursos. Eu participo quando tem a parte maior, questões do mini handebol e da parte de gestão, que é uma parte que gosto bastante. Então vou nos encontros e quando me convidam participo.*

*Entrevistador: legal, pegando esse gancho aí e vendo no seu questionário que você já foi atleta queria saber o que te motivou a implementar o mini handebol? Essa questão de paixão pelo esporte, suas experiências com o handebol.*

*Professora 2: Breno eu tenho quatro décadas e um ano de handebol.*

*Então aqui pelo meu estado a gente jogou muitos anos, então quando eu tive que parar mesmo eu fui pra arbitragem, quase que o normal.*

*Entrevistador: eu também sou árbitro.*

*Professora 2: exatamente. Mas aí eu não quis ir pra quadra, eu fiz o curso todo mas fiquei mais como secretária cronometrista, uma vez ou outra fazia parte mas não fui muito fã. A minha paixão mesmo era jogar. Então fiz o curso, formei com trinta anos em educação*

*física, quando saí da parte de atleta, fui pra academia para me formar e poder ensinar graduada.*

*Entrevistador: entendi, eu estou terminando mais ou menos agora, porém apito há uns dez a doze anos que trabalho apitando o handebol já. Mas é complicado, pessoal ainda me chama pra ser atleta.*

*Professora 2: Então, a gente fica meio lá meio cá. É complicado. Minha família toda joga handebol, então quando eu parei eu ficava como secretária nos jogos e meus irmãos ficavam na quadra. Então ficava naquela coisa, não chama eu, mas vai chamar quem, sendo que não tem ninguém e não dá pra confiar em algumas coisas. Eu falo porque eu era a tia má dos jogos. Mas assim é muito bom, a gente aqui deu uma quebrada no nosso ciclo com a questão da pandemia, quando retornei ao meu núcleo na escola ficou parado, na verdade retomei efetivamente esse ano, porque quando voltamos nas aulas presenciais a escola estava passando por uma reforma, sabe aquela que não acaba nunca, o governo que entrou não tem compromisso com essas coisas. Então pra ter uma ideia era pra ser em um ano e meio, passaram cinco empresas e até hoje não foi concluída a reforma da escola. Então como sempre a preocupação deles é o prédio, no caso a quadra é fora da escola não considera como sala de aula, daí a gente briga para que eles tenham o mesmo respeito que eles têm com o prédio fechado. Então esse ano que a quadra ficou em condições reais de usar, então retomou.*

*Eu tenho uma turma que está agora com quarenta alunos, então esse ano coloquei os meninos pro jogos escolares sub quatorze, uma equipe mais ou menos, então estamos para definição do municipal, classificou pra ir para o Estadual, então quem sabe.*

*Eu também sou atleta master do feminino. Voltei depois de ter problemas hormonais, coisa de engordar do atleta, porque quando agente para o corpo da gente não se adapta. Então daí aumenta o peso, o joelho não aguenta, aí entorse de tornozelo e joelho. Mas então esse ano vamos participar do master Camp nordeste em natal, com a equipe do estado pela primeira vez.*

*Mas enfim é isso, meia professora graduada, meio atleta, gestora também, sempre estou ali para projeto e ajudar, mexo de tudo um pouco.*

*Entrevistador: senhora falou que acontece as aulas dentro de escolas, o projeto acontece dentro da escola ou em local aparte?*

*Professora 2: é isso, dentro da escola Por conta do espaço físico, espaço esse que é monitorado e não temos problemas com gente fora da comunidade. Só que ele é dentro da escola, mas não especificamente só para os alunos da escola, ele é aberto. A gente usa o espaço porque já estou lá e pela questão da segurança.*

*Entrevistador: acontece em contra turno? Como que é?*

*Professora 2: é, nós temos os horários específicos só do mini handebol na escola, só que no nosso projeto aqui porque se formos ver o esqueleto do projeto, tem as idades pequenas e não trabalhamos com a idade menor que dez anos, por conta que não escola não teve procura. Então a faixa etária da escola é dos dez aos quatorze.*

*Entrevistador: entra na categoria cadete então.*

*Professora 2: é pois é. Então a gente trabalha com essa turma e também porque aqui na nossa cidade ainda na questão do esporte para criança falar do meio escolar é complicado, eles não têm essa cultura de fazer, então é mais quando ele entra no fundamental dois, a partir do sexto ano, que eles têm efetivamente a questão da educação física. Daí é que entra o despertar para os esportes, principalmente os esportes coletivos.*

*Entrevistador: entendi. Como foi a implementação do projeto dentro da escola em si para virar um polo? Qual o objetivo que você teve e como foi o processo?*

*Professora 2: então na verdade é que eu moro em um bairro que se a gente for historicamente ver, inclusive tem até um trabalho que um acadêmico fez em 2018, que a tese dele era a história do handebol no Acre. Então eu moro em um bairro que a maioria dos atletas saiu daqui. Então a gente já tem esse histórico, as pessoas até as vezes brincam de outros bairros, que quando todo mundo jogava handebol no estado nas quadras de várzea, quando não tinha ainda a poliesportiva, então aqui no bairro era conhecido como a pelada do handebol.*

*Entrevistador: aí então ficou sendo o berço!?*

*Professora 2: sim, é isso. Então quando as pessoas não tinham como jogar em outros bairros eles vinham para outro vizinho que também muitos dos atletas saíram de lá. Então a gente não teve tanta dificuldade, porque você falar qualquer escola próxima aqui vamos pro handebol, as pessoas já sabem o que é e já vai, tem as referências também, conhecem alguém. Eu tenho alunos que esse ano entraram mais novinhos, têm alunos com nove anos que vai completar dez que chega e fala: minha mãe, minha tia ou tio te conhece. Então é assim, ou conhece alguém que já jogou ou joga. Então eles têm isso já por conta do meio.*

*Entrevistador: nossa bom demais. Pelo menos alguma coisa já temos pois se não tiver nada fica mais complicado.*

*Professora 2: é verdade. Então é isso, a gente tá retomando o núcleo para aumentar mais, só que estamos com dificuldade grande principalmente pós pandemia, Porque não é todo mundo que se dispõe a trabalhar iniciação, isso é fato. Ninguém tem paciência, não quer, é difícil, não tem didática. Então querem pegar a criança já iniciada, já pronta. Com isso eu tenho algumas divergências com alguns, porque se você quer trabalhar na formação então porque não forma, principalmente aos colégios militares que tem uma resistência muito grande, eles não querem trabalhar iniciação, querem pegar meninos prontos e militarizar eles. Porém sabemos que para o esporte não é bem assim, então tem muita resistência, as pessoas criaram uma cultura nos últimos anos que a melhor via para o ensino público é o ensino militar, uma visão muito conturbada. Então eu vendo isso falou se ele é o melhor porque ele não está em nível melhor quando se fala em ensino do esporte. Porque se são melhores têm que aparecer em algum lugar e não aparecem.*

*Então eu tenho para com meus alunos o ensino disciplinar, respeito, acompanhar nota, eu brigo mesmo com os alunos que estão inscritos nos jogos, vou bem além. Igual criança que ficar de recuperação ou tiver anotações na caderneta, professor reclamar já sabem. Então eles falam que tá tudo em dia, e eu espero que não chegue nada.*

*Entrevistador: bom que já entra na parte de conceito, valor e atitudes certo?*

*Professora 2: isso mesmo. E eles ontem mesmo chegou um outro aluno que não é do handebol falando que vai ter uma pelada ali chamando os meninos, e eles falaram pra ele falar comigo se poderiam ir, porque eles sabem que têm uma final pra jogar e não podem se machucar. Então os mais novinhos falaram isso, a gente fica feliz porque conseguiu contribuir, vai além da modalidade esportiva.*

*Entrevistador: muito bom. E assim professora, o que você espera com a às aulas? Falo na questão de resultado das aulas e com o projeto mesmo em geral.*

*Professora 2: olha além dessa parte social que a gente acaba trabalhando, espero assim como as demais turmas lá atrás, falo porque antigamente não tínhamos tanto suporte e ainda conseguimos. Eu acredito que tenho um média hoje uns dez atletas na faixa dos vinte e sete anos, que mesmo antes da formação eu ajudava nessa parte que ninguém nunca quis. A questão da iniciação é complicada. Então a gente tem muitos atletas adultos que saíram do nosso núcleo. Então eu acho que no nível em que estamos, a minha perspectiva é que mais na frente eu encontre muito mais desses meninos na prática do handebol. Nós temos uma geração que parou no tempo, igual aqui no meu estado. Então essa turma que está no mini handebol, acredito que tem mais dois colegas que estão iniciando em município com projeto a longo prazo, a gente vai conseguir ter uma safra boa de atleta. Porque vai juntar tudo, os municípios são próximos. Acaba que vem pra cá.*

*Entrevistador: isso é bom que o estado cresce na modalidade também, aqui em Goiás temos várias cidades que são fortes no handebol, só que infelizmente não temos tanta divulgação igual o futebol tem, acaba que ficamos sem visibilidade.*

*Professora 2: é isso mesmo, inclusive eu acho até que isso é um ponto de estrangulamento da CBHB. Porque uma coisa é você estar aqui e ter o suporte da questão do conhecimento, porque temos capacitação periódicas, tem as conversas colocando suas realidades, mas creio que daqui um tempo somente conhecimento não vai ser suficiente para os estados, vai ter que ter um suporte maior. Não dá para uma confederação não investir somente em seleção, porque se não for investido no que está sendo agora e crescer o reflexo vai ser lá nas seleções, porque o fluxo é esse, vai crescendo dentro das categorias até subir. Temos que cuidar do nosso território também, porque aquele menino que podia ser um potencial,*

*tá perdido por exemplo aqui no Acre não consiga chegar lá na frente. Temos um caso aqui de um menino que sabíamos que tinha potencial, ele chegou aqui na capital porque ele era do Interior do interior do Acre, hoje ele já está jogando fora do país, mas são casos raros. Essa proximidade ela precisa chegar mais, só que só chega se quem tiver na frente olhar mais para essas regiões.*

*Entrevistador: então eu acredito que a proposta desse projeto do mini handebol que a CBHB vem trazendo, acredito que está aí pra isso, chamar atenção de alunos mais novo e que eles crescem no esporte. As cidades, escolas, estados comecem a apoiar quem tem a vontade de crescer e seguir nesse esporte, para que possa ter pelo menos um lá chance.*

*Professora 2: sim é isso.*

*Entrevistador: Então professora, queria saber como é mais ou menos uma aula da senhora, você falou que são alunos que tem em média dez anos pra cima, só tem um parece que com nove anos. Queria saber como se dá sua aula, os objetivos que tem com a aula, a estrutura, o que trabalha nela, habilidade, entre outras coisas.*

*Professora 2: na verdade os mais novos abaixo dos doze anos trabalhamos muito a parte recreativa, até pra não ficar aquela coisa robotizada. Então é daquilo que eles já têm conhecimento motor, fazemos adaptação das atividades para que no final das contas a criança tenha um link com algum fundamento do handebol.*

*Quando, por exemplo, o diretor criou o livro e o manual, muito foi daquilo que a gente colocou como experiência e que já tinha também de bagagem, porque o diretor é uma enciclopédia em relação a iniciação esportiva. Então temos isso da recreação, da criança divertir, explorar o espaço, todos da quadra, a bola também, porque tem de várias texturas, apesar que minha realidade hoje é bem melhor porque antigamente era só uma e a textura era aquela até quando durar. Hoje já tem as bolas de couro mais macias, a emborrachada, de vários tamanhos, os oficiais H0, H1, H2 já tem hoje. Então fazemos com que eles explorem tudo, não é só parte prática, temos vídeos, mostramos pra eles como que é, como pode ser futuramente. Uma coisa interessante com crianças é que quando você começa deixa eles explorarem tudo e eles começam a fazer o link daquilo que ele está fazendo com o jogo em si, ele mesmo vai fazer assim: eu quero aprender fazer aquilo ali*

*que às vezes eles nem sabem o nome do fundamento, mas querem fazer daquele jeito. Então falamos que para você fazer aquilo você precisa ter os fundamentos, fazer esse movimento, trabalhar também. Não é só você querer brincar, vai ter que repetir alguns movimentos. Então assim para a criança de acordo com seu grupo temos que ter uma metodologia com eles de chamar a atenção, porque às vezes aquilo que você repete e passando pra parte do rendimento que é o que mais faz e repetição para poder aperfeiçoar, principalmente nos fundamentos a criança enjoa. Por isso precisamos ser aqueles mil, o manual veio ajudar muita gente porque tem muitas coisas que não tem aqui pra nossa região que é novidade pra eles, principalmente na questão da parte recreativa. Então a gente observando a questão do desenvolvimento motor da criança podemos inserir alguns movimentos que já é inerente ao handebol dentro de uma recreação.*

*Entrevistador: A senhora utiliza muita brincadeira aí então como método?*

*Professora 2: isso, muito. Até porque aqui temos um problema sério. Porque aqui a questão do ensino esse ano me parece segundo o secretário de educação é que realmente os municípios vão assumir o fundamental 1, que é do primeiro ao quinto ano. Aqui temos uma divergência muito grande entre estado e município porque o menino que vem do ensino municipal tem educação física, já o que vem do fundamental um que é estadual não tem educação física.*

*Já tem um processo de quase dez anos, a gente tá atrasado aqui há quase vinte anos, que o município precisa assumir a parte do ensino infantil e o fundamental 1. Então até hoje os municípios não assumiram, então o estado por sua vez, por ficar nesse processo de ninguém assume, não quis colocar o profissional de educação física nas escolas que estão na sua responsabilidade porque diz que na hora que passar para o município vai ter que mandar junto o professor e ele vai tá bancando. Com isso não olha a outra parte, a boa coisa, só olha o financeiro. Então me parece que esse ano esse perrengue se resolve, então temos esse problema, porque o menino além de estar preso dentro de casa ainda não tem educação física na escola, e esse menino é aquele que tropeça no próprio pé então temos que trabalhar isso com ele.*

*Entrevistador: É complicado né professora, a gente luta tanto e quando entra na parte de governo e município com essa briga toda ficamos de mãos atadas.*

*Professora 2: exatamente. E assim nesse meio termo de professora e tudo mais eu ainda brigo pela educação física.*

*Entrevistador: acho que todos nós.*

*Se bem que pegando pelo tema e o projeto do mini handebol professora, vejo que a CBHB pelo menos tentam dar o apoio que a gente merece e tenta conseguir, pelo menos isso. Porque se for parar pra pensar em muitos lugares acredito que não praticam nada, nem brincar às vezes conseguiria.*

*Professora 2: sim, exatamente. E eu sinceramente espero que seja do ponto que está pra mais, não fique estacionado. A gente só tem a crescer e melhorar com isso. Outra parte boa da CBHB além do mini handebol, estão olhando pro master, que é uma coisa muito boa, o movimento master tá muito forte no Brasil todo, então acho que as pessoas que entraram, inclusive até o olhar pro feminino também. Feminino que vem tendo muita evasão, isso acaba sendo uma problemática que vejo que é no Brasil todo, as mulheres estão deixando de praticar esportes, é complicado. Igual no meu núcleo tenho mais menino que menina. Então por agora eu dei uma parada devido as férias mas falei pro pessoal que a gente só ia reiniciar o núcleo se a gente tivesse pelo menos vinte meninas, elas são cinco cada uma traz mais alguém e fica beleza. Porque as meninas quando chega nos treze anos começa a sair do esporte. Essa parte já é bem complicada de trabalhar, tentar manter elas no esporte.*

*Entrevistador: é verdade. Mas estamos aí pra isso, é difícil mas precisamos.*

*Professora 2: precisamos. Mas é isso Breno, eu estou com uma esperança muito grande que a gente cresça ainda mais. Agora o negócio é pra quem tem paciência, não é pra agora. É continuar o trabalho para que na frente a gente tenha os frutos.*

*Entrevistador: é professora, eu espero que assim a gente ganhe mais visibilidade. O intuito desse trabalho é pra isso também. A gente pode ter alguma divulgação, porque querendo ou não temos pouca coisa sobre o mini e o handebol também. Como estamos aí a passos*

*curtos querendo chegar em um lugar mais alto e com maior visibilidade, creio que o trabalho vai pelo menos ajudar um pouquinho.*

*Entrevistador: Então professora pra fechar eu queria fazer uma última pergunta, relacionada ao tema, é como a senhora trabalha a muito tempo com o handebol e vem como atleta também. Eu gostaria de saber na sua percepção se o mini handebol pode se tornar uma forma de ensino tanto em espaço não formais e formais, dentro da escola? E também porque?*

*Professora 2: então eu acredito sim, porque dentro da metodologia que a gente está entregando hoje acho que está de forma mais organizada. Eu vejo isso até aqui no meu estado, porque antes você queria fazer a fase de iniciação como se fosse alto rendimento, então você acaba pulando várias etapas do desenvolvimento motor da criança. Eu acredito e até brinco, mas tenho quase certeza que já assassinamos muito atleta. Mas isso é culpa nossa, talvez, porém desconhecimento também. Porque antes era muito cinismo, porque olhava pro menino se souber saltar e pegar na bola. Hoje a gente sabe que não é bem assim, as capacidades motoras podem ser desenvolvidas plenamente. Antes não era assim, você olhava e pensava esse sabe esse não. Então quantos agente colocou fora do esporte por conta disso.*

*Então acho que a metodologia veio só para melhorar e até mesmo para incluir ainda mais crianças na prática do esporte. Sabemos que o percentual de atletas de alto rendimento não é tão grande, só que temos que olhar o todo. De vinte crianças que você coloca no handebol e eles não estão na rua fazendo coisas ruins, temos a parte social também. Então acredito muito que daqui uns dez anos mais ou menos, vamos ter muito menino solto no Brasil na prática do handebol, daí cabe aos nossos dirigentes saber o que vão fazer com a política de esporte se voltar pro handebol, que é o mais importante.*

*Porque nem sempre os dirigentes voltam a política pública específica para nossa modalidade, e esse é um dos maiores problemas. O pior é que a gente precisa, está até saindo uma lei aí do esporte, procurei até algum comentário da CBHB ou do handebol e não achei nenhuma opinião a respeito, porque um dia isso vai está saindo. Ninguém tá discutindo. A gente precisa ser incluída, as pessoas precisam ver que o handebol está discutindo política pública de esporte e que ele possa ser visto lá dentro também.*

*Entrevistador: sim, estamos buscando o espaço.*

*Professora 2: sim e politicamente se a gente não tiver pelo menos uma brecha não aparecemos. Essa é a verdade.*

*Entrevistador: está certo. Bom é isso professora, as percepções foram respondidas. Agradeço muito a participação e o tempo da senhora, agradeço de coração e espero que a pesquisa possa vir ajudar outras pessoas também aí no seu estado. Queremos divulgar tanto o handebol em geral como o mini handebol também.*

*Professora 2: Tá certo quando tiver com o trabalho concluído manda pra gente que vamos publicar aqui como trabalho, levamos para as faculdades também pras pessoas terem conhecimento. Estamos fazendo meio que isso, descobrimos os trabalhos daqui e colocamos nas universidades como bibliografia. Porque você como está fazendo trabalho eu tenho noção do que você está passando, porque a parte bibliográfica você não encontra, é muito complicado.*

*Entrevistador: sim. Mas graças a Deus tá dando certo. Minha orientadora tá bem adentro já do esporte, tem o apoio do diretor também que como falamos é uma enciclopédia. Então graças a Deus tá fluindo e assim que ficar pronto vou mandar pra todos que participaram e esteve comigo aí nessa caminhada.*

*Professora 2: tá certo então. Boa sorte Breno.*

*Entrevistador: obrigado mais uma vez professora tudo de bom, boa tarde professora.*

*Professora 2: obrigada boa tarde.*

### **Entrevista professora 3**

*Entrevistador: Boa tarde professora, tudo bem?*

*Professora 3: boa tarde Breno, joia e você?*

*Entrevistador: bem, graças a Deus.*

*Então professora, primeiramente gostaria de agradecer por ter proporcionado esse tempinho para poder estar participando da entrevista, muito obrigado mesmo. Desde já peço desculpas pelo incomodo prometo ser rápido, o objetivo é coletar aí as expectativas e experiências dos professores em relação ao mini handebol.*

*Professora 3: que isso, é um prazer estar participando. Sem problemas algum.*

*Entrevistador: Bom, já começando, eu gostaria de saber qual que é a sua experiência com o handebol é o mini handebol também, vista que na ficha você tinha colocado que já tem 7 anos aproximadamente que você já trabalha com o esporte, então queria saber um pouco qual é a sua experiência a princípio com handebol em si esporte geral, e com o mini handebol também.*

*Professora 3: Então Breno, eu jogava na escola, conheci o handebol jogando na escola, quando eu tava na escola eu não existia muita diferença, definição entre mini handebol e o handebol formal. Enfim, daí eu tive uma carreira de atleta frustrada, eu fiz uma peneira no clube aqui de São Paulo, passei, mas minha mãe falou handebol, o que que é handebol? Não leva ninguém a nada então não me deixou a seguir na Peneira. Então eu fiquei jogando na escola e virei uma jogadora de nível escolar, mas nunca consegui virar um atleta de alto rendimento, e tudo bem. Quando eu entrei na faculdade, eu conheci o handebol Universitário e por volta no meu segundo terceiro ano de faculdade eu passei a auxiliar os treinos de handebol universitário, primeiro com equipes menores, iniciei com equipes femininas, e esses foram os meus primeiros passos como profissional no handebol. Não o Handebol como lazer ou hobby ou algo que gostava muito. E essa experiência Universitária acho que foi a minha principal que eu passei a maior parte, aí você vai conhecendo pessoas e times, assume uma equipe aqui porque o treinador principal saiu e as coisas vão acontecendo. Enfim, fui construindo uma carreira como treinadora Universitária.*

*Na minha matéria de handebol, porque eu fiz faculdade de esporte, não era educação física. Então eu tinha matéria de handebol. Daí eu conheci a doutora professora Ana Lúcia*

*Padrão, que tem um livro sobre o mini handebol. E nessas disciplinas que foi um semestre inteiro, ela aborda muito mini handebol. A gente utiliza muito o livro dela como base e nesse momento eu comecei a me interessar por handebol em crianças não necessariamente a faixa etária do mini handebol, mas comecei a pensar o que é que eu consigo transmitir para as crianças através do handebol. Enfim, neste mesmo período eu passei a fazer estágio no centro Olímpico com as categorias menores e eu ficava com Mirim e o infantil auxiliando e observando, não tinha muita ação. Logo na sequência eu já tava chegando no final da minha graduação e assim que formei eu entrei no colégio Miguel de Cervantes, Colégio Grande em São Paulo, mas ainda não tinha tido contato com a faixa etária do mini handebol, estava sempre com as categorias mirim e infantil.*

*Depois de tudo isso veio a pandemia que foi muito difícil para todo mundo da área de handebol.*

*Entrevistador: Foi complicado mesmo.*

*Professora 3: foi complicado, então eu tive uma pausa, ainda tentei seguir dando treinos online para times universitários, mas a gente transformou os treinos em bate-papo palestras, aulas teóricas, fazia outras atividades físicas, mas tudo a distância. E aí eu entrei na H10 quando a pandemia tava começando as normas afrouxaram, entrei na H10. A princípio eu ia ficar com as categorias Mirim infantil, que são as categorias que eu tive mais vivência. Mas aí o treinador do mini que é fantástico, que é o Zé, ele é fantástico, saiu. Ele saiu teve problemas pessoais e eu assumi a categoria mini, aí eu voltei para o livro da Ana Lúcia padrão, para atender algumas coisas, adaptar as regras e tudo mais.*

*Entrevistador: no caso H10 seria clube mesmo, que ministra o handebol e algum espaço em si, ou ele é administrado dentro da escola, como que funciona o polo?*

*Professora 3: H10 ela vem para fazer uma escolinha é um projeto como se fosse uma escolinha de futebol, sabe escolinha de futebol tem no Brasil inteiro, que o pai, a mãe leva os filhos na escolinha de futebol tudo mais e nessa escolinha não necessariamente é uma federação, mas é um lugar onde a criança vai aprender a jogar e tudo mais. A H10, ela vem para fazer como se fosse a escolinha de futebol, só que handebol, então assim, a gente não é um colégio ou escola de Educação Básica, não somos isso, mas também não somos*

*Clube que participa de Federação, Campeonato Paulista, por exemplo, não é nenhum desses dois âmbitos, porque?*

*Porque se você quer jogar Handebol no Brasil independentemente da idade e não está dentro da escola e não é membro de um clube e não está dentro da Universidade, que é o handebol Universitário, handebol escolar e handebol de alto rendimento. Onde você joga handebol hoje em dia?*

*Entrevistador: verdade, realmente.*

*Professora 3: tem pouquíssimos projetos, então a H10 vem para oportunizar para que crianças e jovens joguem handebol sem ser na escola sem ser na universidade ou sem ser no clube.*

*Entrevistador: show de bola. Muito bom.*

*Então Gabriela assim você falou que vem de atleta e tudo e passou aí a se interessar bastante por dar aulas em si, nessa categoria e tudo mais. O que foi que te motivou a implementar o mini handebol neste polo que você ministra aula?*

*Professora 3: Quando eu entrei lá na H10 o mini handebol já era instaurado, então a gente já tinha antes, né o treinador antes era o Zé e o Zé também era o treinador do clube Pinheiros, das categorias do clube. Então o Zé já tinha uma expertise muito grande e o meu chefe, né que é o Valter é o dono do projeto, o Walter já ficava por exemplo, um dos aspectos do mini handebol é adaptação do ambiente do espaço. Então o gol que é menor a quadra que é reduzida, o número de jogadores reduzidos.*

*Então quando eu entrei isso já acontecia, não foi eu que implementei o mini handebol no polo.*

*Entrevistador: Deu continuidade no caso?!*

*Professora 3: isso, dei continuidade ao projeto que já estava rolando. Agora, se eu puder te responder o que me motiva hoje a dar aula, eu acho que o esporte tem muito a ensinar para essas crianças que são pequenas, eu tenho alunos de 6 anos, e eu acho que o esporte tem muito a ensinar para essas crianças, principalmente pós pandemia. Porque elas*

*passaram ali tem crianças que têm seis anos e passaram três confinadas. Então imagina metade da vida confinada e metade da vida tendo ali aos Trancos e Barrancos se virando para entender como é que funciona a sociedade, não a sociedade adulta, mas como que convive com Amiguinho? Como que eu sei que o Breno é meu adversário no jogo, mas quando acabar o jogo na verdade a gente não tem nada um contra o outro, como eu sei que o Breno foi roubar a bola e acertar meu rosto sem querer e pedir desculpas eu não ficar com raiva dele, entendeu?*

*Então um dos pontos mais importantes que me motiva muito para ser professora dos pequenos é saber que eu estou ensinando mais que handebol pra eles. E conseqüentemente eles estão me ensinando muito, a ser mais paciente, ter mais perseverança quando eu passo a explicação e ninguém entende, a remodelar, readaptar, ter mais resiliência. Então essa troca assim, eu posso ensinar algumas coisas para eles e eles me retribuírem é o que me motiva hoje.*

*Entrevistador: É realmente, a gente precisa disso para poder continuar a trabalhar da nossa forma nesse esporte, do jeito que o handebol é no Brasil hoje em dia é o que nos move, os alunos.*

*Professora 3: exatamente.*

*Entrevistador: Mas assim, você falou que já tinha projeto e no caso dentro do polo você já veio dando continuidade. Mas como que foi para você entrar? Você precisou se capacitar para ministrar as aulas, eu sei que pelo projeto em si, pela cbhb o projeto tem a capacitação. Então como foi a sua capacitação para o mini handebol?*

*Professora 3: eu já tinha na minha formação universitária, eu tive muita sorte. O privilégio de ter feito essa matéria de handebol com uma professora que é especialista em handebol. Esse conhecimento eu já tinha.*

*Mas por ter passado por uma pandemia e ter ficado muito tempo assim um ano e pouco longe da quadra, quando eu fiz o processo seletivo para entrar na H10, um pedido meu foi que eu não desse aula no primeiro dia, que eu não chegasse dando aula, que eu tivesse pelo menos ali duas semanas há um mês para observar a rotina da escola, aí sim eu entrar para dar as aulas. Esse pedido foi prontamente atendido pelo Valter, pelo coordenador de*

*projeto e eu tive a oportunidade de ficar alguns momentos observando os treinos antes de montar, planejar, ministrar, como treinadora.*

*Sobre capacitação externa, a gente ainda não fez de maneira formal com a cbhb, com algum curso. Recentemente alguns colegas da USP lançaram o Centro de Formação de Handebol brasileiro, mas o que a gente faz esporadicamente são reuniões onde nós somos um coordenador e quatro professores, na verdade duas professoras, dois estagiários e um coordenador. A gente se reúne para conversar sobre planejamento, para falar sobre os saberes e realidades de cada categoria, inclusive do mini handebol, porque é uma modalidade diferente. Então não é assim só a você estudou isso cinco anos atrás. Tira da caixinha e vai para a quadra, a gente tem bastante apoio.*

*Porém, cursos formalmente falando que eu tenho certificado aqui e consigo te mostrar que a gente ainda não fez, mas tá no projeto no radar.*

*Entrevistador: claro. Eu estava até conversando com o diretor e se eles parecem que vão fazer um uma reciclagem, como um curso para capacitação de professores do mini handebol, eu tava falando com esses dias sobre isso.*

*Professora 3: então bacana. Legal.*

*Entrevistador: Bom, como você pegou aí o projeto e vai dando continuidade a ele, eu gostaria de saber mesmo sendo o Valter que você citou o idealizador esse que implementou o mini handebol neste polo, eu gostaria de saber se você tem um pouco de conhecimento sobre como que foi esse processo e como ele conseguiu implementar. Qual o objetivo dele colocar essa nova categoria em si, dentro dessa escolinha no caso?*

*Professora 3: Eu acho que assim, essa talvez seja a pergunta mais difícil que você me fez até agora. O objetivo da escola não é ser a escola do Valter sabe, eu acho que a ideia, a utopia é fazer com que mais escola surjam assim como a gente tem, voltando no exemplo da escolinha de futebol, que a gente tem uma a cada duas esquinas ali tem escolinha de futebol, tem um campinho, várzea, tem um campo de qualquer que seja o material seja borracha se é grama, se é terra.*

*Entrevistador: é verdade aqui em Goiânia é assim também.*

*Professora 3: é Goiânia é assim também, né?!*

*Então eu acredito que a ideia é fazer com que não só H10 cresça e tenha franquias, por exemplo, como também outras pessoas pensem. Nossa olha, fizeram uma escola de handebol e eu consigo fazer também em Goiânia e esse projeto crescer.*

*Então implementar o polo do mini handebol, querendo ou não dá mais visibilidade. Então você tem a confederação ali com uma, como se fosse um comprovante que a cbhb aprova e tá tudo em ordem.*

*Lembrei, é a chancela da cbhb. E nós obtivemos a chancela no final do ano, em dezembro de 2022. Então de ter essa chancela, essa visibilidade, agora a gente tá no grupo do mini handebol, então precisa responder as chamadas, tem sempre divulgação de cursos de coisas interessantes ali, de posts. Então isso faz parte da ideia de crescer com a escola e acho que tem funcionado, tá dando certo, senão eu não estaria aqui conversando com você hoje.*

*Entrevistador: com certeza.*

*E assim você falou que não é uma escola nem clube, no caso é como se fosse uma escolinha, a partir disso o que você e também os outros professores no caso, esperam como resultado desse projeto? Além de divulgar o handebol e o mini handebol como categoria nova, o que vocês esperam com esse projeto devido a ser bem recente?*

*Professora 3: eu acho que ajuda a dar visibilidade à modalidade. O handebol é muito louco, porque a gente não tem poucas pessoas praticantes no Brasil, então o handebol eu não sei te dizer qual é a pesquisa ou nome do autor, mas, o handebol é muito praticado dentro das escolas, por exemplo, escola de educação básica. Ao mesmo tempo nós não vemos nem os jogos olímpicos na mídia, quando tem canoagem e handebol, os dois do Brasil, passando ao mesmo tempo, o público prefere a canoagem. Nada contra a canoagem, eu já assisti ao campeonato Brasileiro dela. Mas assim, canoagem não é um esporte que se pratica dentro das escolas, praticamente todas do Brasil inteiro. Então por que as pessoas não querem assistir handebol. Eu acho que é isso, se a gente tem mais escolas, mais ambientes pras pessoas praticarem talvez isso termine. Tem muita gente que*

*pratica handebol, mas dentro daqueles três parâmetros que eu falei pra você, ou é escola, universidade ou tá dentro do clube. Então se a gente tem mais gente praticando fora dessa bolha, escola, universidade, clube, talvez a gente consiga ter um pouco mais de apelo midiático, daí conseguimos fazer a modalidade desenvolver no país, quem trabalha com ela ganhar melhor, porque a gente não ganha bem, a gente sofre. E eu tenho certeza que inclusive quem é da confederação sofre também porque não tem dinheiro. Não tem dinheiro circulando porque não tem mídia, não tem interesse, e entra nessa roda.*

*Entrevistador: é verdade. Eu até estava falando com o diretor sobre o objetivo mesmo dessa pesquisa, porque além de pegar a experiência que os demais professores estão me passando, o objetivo dela em conjunto com a Tathyane é dar essa visibilidade. Eu joguei, até hoje eu jogo handebol, ministro treino também para clubes de universidades, que são as famosas atléticas. E assim, é muito difícil, realmente a visibilidade é bem baixa, quase não tem apoio.*

*Professora 3: honestamente, você ganha bem? Consegue manter um padrão de vida confortável só com o dinheiro do handebol?*

*Entrevistador: não. Nesse caso seria mais a complementação da renda. Infelizmente.*

*Professora 3: Então é difícil. Eu também não consigo. Eu tenho a escolinha, mas eu tenho outro emprego CLT principal. E eu não consigo às vezes priorizar a escolinha. Às vezes faço um treino que não é tão legal, confessando sinceramente. Porque o trabalho me puxa demais a semana e não consigo sentar para planejar, por exemplo. Então eu não gostaria que fosse assim, se eu conseguisse ter uma dedicação integral ao handebol seria o ideal, mas eu não consigo.*

*Entrevistador: realmente é muito complicado professora. Tudo contra.*

*Professora 3: em qualquer que seja o estado do Brasil.*

*Entrevistador: mas assim, vendo essa dificuldade que realmente a gente sabe que são todos os professores dessa área que passa, como as suas aulas em si são realizadas? Como é um*

*planejamento de uma aula sua? Só pra mim ter um pouco de noção do que você espera com essa aula, como resultado, como ela se desenrola no caso, o objetivo dela.*

*Professora 3: então vamos lá*

*Primeiro a gente tem a questão dos costumes da escolinha. E eu também tenho um planejamento técnico tático do que eu gostaria que acontecesse.*

*Essas duas coisas para mim vão caminhar juntas e as duas interferem no planejamento.*

*Eu vou exemplificar porque eu acho que vai ficar melhor.*

*Em relação ao comportamento, planejamento comportamental, eu só dou aulas aos sábados e essa aula tem duração de uma hora, então é uma aula curta e eu fico sem ver as crianças por muito tempo. Então a gente tem um combinado, eu com as crianças que o seguinte:*

*Em um sábado eu vou pegar o maior volume do treino e colocar exercícios e aí a gente vai jogar só no finalzinho. E aí no outro sábado o volume de jogo vai ser maior a gente faz o aquecimento geralmente uma brincadeira e faz mais volume de jogo. Então a gente vai revezando, eles chamam de mais treino, mais jogo, eles já sabem isso de cabeça e eles já chegam no sábado falando que hoje é mais jogo.*

*Entrevistador: sim, mais treino, mais jogo.*

*Professora 3: mais treino ou mais jogo. Aí às vezes quando é no dia do mais treino, aí ele já fala triste, hoje é mais treino.*

*Aí no dia do jogo, eles ficam felizes. Enfim, mas eles mesmos já sabem que é uma questão cultural mesmo que a gente conseguiu emplacar. E aí dentro disso de mais treino, mais jogo, a gente tem uma quadra grande, a quadra tem praticamente 40 por 20.*

*Então a gente reduz para o mini handebol. Reduz também o gol com um tapume certinho estampado, fica bonito. Daí quando é dia de mais jogo, eu tenho muitas crianças não dá para colocar todas elas na quadra ao mesmo tempo, mas também não dá para deixar elas sentadas porque é uma aula hora por semana. Então o que a gente faz, como nós somos um número bom de professores, tem um jogo rolando, enquanto isso tem exercícios*

*rolando atrás dos dois gols. Porque a quadra é grande a gente não usa tudo a gente reduz, então sobra um espaço aqui, um espaço aqui. E aí esses exercícios geralmente eles têm a ver, que já entra na outra parte do planejamento.*

*Nós temos elencados aqui, a gente buscou em várias referências, a gente tem muito contato com Clube Pinheiros também então buscou no que o Pinheiros faz, buscou no livro da Ana, buscou no Bayer, por exemplo, que é o autor de esportes coletivos muito forte. E a gente buscou e elencou quais são os saberes elementares do mini handebol, então, o que que a criança que tá no mini handebol quando ela chegar no Mirim que que ela tem que saber? O que são as coisas que a gente precisa passar. Vamos supor, manejo de bola. Manejo de bola é algo que a gente precisa estimular, trabalhar porque tem criança que a mão é pequenininha que faz tudo com as duas mãos, passa com as duas, arremessa com as duas, e tá tudo bem.*

*Aí dentro desse manejo de bola, a gente vai elencando. Então a gente quer que as crianças passem com uma mão só, mas talvez com 10 anos não seja a idade de você receber como uma mão só.*

*Passar com a mão só, joia, a criança vai crescendo e consegue, receber com uma mão só aí já é mais para as categorias de cima. Então a gente tem uma lista, não lembra lista de cabeça agora. Mas toda vez que a gente planeja um treino, a gente escolhe um desses saberes alimentares e ele pode ser ou no geral, como no manejo de bola ou mais específico, passe com a mão diferente. Faz parte do manejo de bola ou empunhadura. E aí esse vai ser o objetivo daquela sessão.*

*Todas as sessões têm um objetivo, inclusive os jogos, porque isso tem exercício rolando atrás e aí isso é planejado. Então se a gente tá no dia de treinar manejo de bola, eles vão passar alguma atividade de preferência de forma lúdica, divertida e descontraída, não é fila de exercícios que sai batendo bola para essa idade não funciona. Inclusive, tudo nós odiamos fila. Em alguns momentos não dá para escapar dela, mas para as crianças não da.*

*Entrevistador: Você pauta bastante na questão dos mini jogos? Igual por exemplo pra você trabalhar um passa dez, que é um pouco mais espaçado, aí já trabalha passe, esses tipos de coisas.*

*Professora 3: Eu confesso que a gente usa um pouco mais de brincadeiras. Como brincadeira mesmo, vamos supor.*

*Se eu quero estimular passes e arremessos a gente pode fazer uma queimada, se eu quero estimular uma postura defensiva a gente faz o que a gente chama de queimada cone. Que você precisa defender um conezinho. E aí eu já consigo de uma maneira rústica entrar com posicionamento defensivo, sem eles perceberem que eles estão com posicionamento defensivo formal, agachado com braço todo. Então é assim aquela pessoa que tá com a bola quer derrubar seu cone, então você não pode deixar. E aí eles fazem do jeito que dá. Então minijogos, pegar o jogo e reduzir eles eu acho que a gente usa mais a partir do Mirim.*

*Do mini mais através de ludicidade e brincadeiras para eles não perceberem que aquilo é o handebol formal, para eles acharem que eles tão brincando e brincando e quando vê na hora de jogar eu sei fazer.*

*Entrevistador: Aqui a gente gosta de usar bastante o salve bandeira, eu não sei como chama em São Paulo.*

*Professora 3: rouba bandeira.*

*Entrevistador: Aqui é Salve Bandeira.*

*Professora 3: A gente usa muito também. Muito bom.*

*Mas assim é brincadeiras como essa, brincadeira de cultura brasileira, então no dia que a gente vai treinar dribles o aquecimento pode ser pega-pega. E aí o pegador tá sem a bola porque tem vantagem e os outros precisam fugir driblando.*

*Difícilmente a gente faz fila e manda todo mundo: dribla com a mão direita e depois com a esquerda. Ai não. Ele precisa fugir do pegador. Se o pegador tá mais perto da mão direita dele e ele tiver o ímpeto de passar a bola para mão esquerda ótimo, mas se ele não tiver tudo bem, porque o estágio, o nível de padrão motor tá ok.*

*Entrevistador: Eu até tava curioso de perguntar qual que é a habilidade que fica mais presente. Como você ministra dessa forma sua aula, qual que fica mais visível e presente, se é motoras, táticas ou técnica.*

*Professora 3: Então eu acho que técnica e motora estão muito relacionados, tática também, mas assim dificilmente eu passo algo muito tático para eles de uma maneira formal, eu acho que o tático está presente.*

*Entrevistador: Da forma corporal mesmo, qual habilidade você acha que tá mais visível? Qual habilidade corporal mesmo que fica mais presente na sua aula?*

*Professora 3: pode me dar algum exemplo, não sei se entendi.*

*Entrevistador: Vamos colocar habilidade em Foco.*

*A gente pode dar um exemplo, como a habilidade de dar passe, habilidade de driblar, defesa, de ataque, tomada de decisão, deslocamento. Quais tipos de habilidade no contexto geral da sua aula, mesmo sendo de mais jogo igual você falou e ao lado tendo ali jogos e brincadeiras como forma de ensino também, dentro todas as habilidades possíveis qual mais se destaca através da forma de ensino que você utiliza? Pode ser mais passe, mais finta, mais drible, mais deslocamento.*

*Professora 3: A gente passou por um período recentemente, mais pro ano passado, onde as crianças que estavam lá elas tinham muito medo de atacar. Então mesmo frente a frente com o goleiro, elas preferiam passar a bola, e era passar a bola para aquela criança que era a estrela. Então a gente passou um período muito forte de colocar mais uma habilidade de ataque, então dentre as habilidades, na habilidade de ataque já tá aqui tem os aspectos técnicos, salto, passe, arremesso, olhar para frente, duelar contra o goleiro.*

*Entrevistador: pra tirar o medo?! Eles não querem atacar, fazer gol.*

*Professora 3: exatamente. E aí agora a gente tá no nível que tá muito bacana, porque todas as crianças aprenderam que fazer gol é legal, elas gostam. Então elas vêm muito pro ataque, é maravilhoso, porque aí já dá um cheque numa caixinha que eu preciso preencher.*

*Então agora a gente entrou numa parte de defesa que é muito importante. Tem dois aspectos que apareceram muito nas últimas aulas que eu dei. Primeiro é entender que a*

*fase de jogo mudou. Então, eu tô com a bola, meu time tá com a bola eu tô no ataque, mas o meu time perdeu a bola, a gente não tá mais no ataque e eu preciso reagir a essa mudança de fase de jogo. Eu preciso defender, como eles precisam fazer, isso que uma parte mais tática eu deixo livre para eles explorarem, tem muito disso de exploração na aula também.*

*Além disso, para eles perceberem rápido que mudou o rápido a fase de ataque a gente utiliza muito exercício de transição para isso, postura corporal defensiva, então não dá para defender com os joelhos esticado, não dá para defender querendo colocar a mão no pescoço do adversário.*

*Preciso visar a bola, preciso defender ali também o meu gol. Então a gente tem usado muito nesse momento atual essa habilidade, as habilidades defensivas, posição corporal.*

*Entrevistador: Legal, bacana. Dentre isso, qual conceito você trabalha mais? Vou colocar aqui conceito, vamos pensar em questão de valores, atitude, que você mais tenta proporcionar às crianças.*

*Professora 3: Acho que são dois conceitos. Isso você está falando sobre jogo?*

*Entrevistador: sobre jogo e completa em si sobre a criança dentro da sociedade, em vivência com outras crianças. Valores culturais que você tenta passar, ou atitudes que você tentar ensinar, mas suas aulas.*

*Professora 3: falando sobre jogo, algo que a gente tenta estimular muito é que elas visem sempre a bola. Então se a bola tá esparramada no chão ali, expirou da mão de alguém e tá esparramada, a gente quer que as crianças queiram essa bola.*

*Se eu tô defendendo e o adversário atacando, a gente quer que essas crianças queiram defender a bola. Aí entra muito de não é para ir pra bater no adversário, para machucar, para fazer falta. O que a gente quer é a bola. A bola dá a oportunidade de eu criar meu jogo, de entrar em vantagem. A partir disso também a gente ensina muito a respeito do corpo do outro, respeito a integridade física, cuidado a outra criança.*

*No aspecto social, nessa idade, não só nessas em todas, mas nessa fase sensível que é muito crítica. Então é muito importante ensinar estar dentro das regras, jogar limpo. Então se a bola tocou na mão da criança e saiu, assume que saiu. Respeitar a arbitragem, quem*

*é autoridade ali, que no caso é a treinadora, treinador, o árbitro. Tentamos estimular esse respeito para com o adversário, para com os meus colegas, para com as autoridades que estão ali. Isso está muito presente nas nossas aulas.*

*Entrevistador: é de suma importância mesmo. Hoje em dia, igual eu trabalho além de treinador, eu trabalho como árbitro têm 12 ou 13 anos com arbitragem de handebol, eu vou te falar é muito complicado.*

*Professora 3: não e assim eu acho que o problema das crianças, não são nem as crianças, são os familiares. A gente tem muitos problemas com familiares que não entendem muitas coisas. Uma das coisas que a gente tem, não sei se tenho foto, mas tem um cartaz bem grandão, com cinco regras da família.*

*No cartaz diz: não é pra xingar o juiz, não é pra xingar as crianças adversárias, não é pra gritar com seu filho ou criança da sua família, dá o tempo da criança e a última regra que é mais importante, ela tá aqui pra se divertir, pra brincar. Não é pra ficar botando pilha de também ganhar a todo custo, a ideia não é essa.*

*Entrevistador: falar em ganhar, tem algum evento competitivo, alguma competição aí no seu polo?*

*Professora 3: tem festival. Quando a gente organiza festival agente também vai em outros fora. Olha que eu consigo lembrar aqui pra você.*

*A Gente, já fez festival lá no clube Hebraica e fomos convidados e fomos.*

*Geralmente esses festivais tem medalha para todo mundo medalha por participação não tem contagem de gol também, então não tem placar, todo mundo premia A gente já promoveu de dois a três festivais, desde que eu entrei, faz um pouquinho mais de um ano, não tem tanto tempo assim. A gente fez festivais também, chama muito o Colégio Aba, que é um colégio aqui perto. Temos muita parceria com Colégio Bandeirantes, ele sempre vem fazer festivais e amistosos. Então eles têm o estímulo competitivo, mas sem ser tão explícito com placar, medalhas só para quem ganha, sem ser premiado só quem ganha e não premiar quem perde, mas o estímulo de competição existe sim.*

*Entrevistador: Bom, vou tomar mais seu tempo, acho que as percepções já foram já respondidas, as expectativas também. Eu creio que é igual como eu falei com a embaixadora aqui de Goiás e com o diretor geral do projeto, as expectativas são enormes, a gente só precisa ter uma visibilidade maior para isso. Um dos intuitos desta pesquisa é tentar dar visibilidade, para tentar ver se a gente consegue da visibilidade maior a categoria e também ao handebol em si geral*

*Professora 3: Tá difícil. Se as pessoas soubessem o quanto é legal, o quanto é prazeroso, que não é só futebol que é legal de assistir, legal de torcer e que é legal de jogar.*

*Entrevistador: É verdade. Bom pra acabar só uma última pergunta, mas curiosidade assim mesmo. Na sua percepção com o mini handebol, você acha que ele poderia se tornar uma forma de ensino do handebol em si dentro de um ambiente escolar,*

*Professora 3: Se a gente pode usar o mini para ensinar o handebol na escola?*

*Entrevistador: isso. O mini handebol como forma de ensino para ensinar o handebol.*

*Professora 3: sim. Porque o mini handebol já é um produto do handebol, já é um derivado. Tudo que tem de adaptação no mini handebol tem uma razão, uma razão levando em consideração a idade da criança, corpo, a fase de crescimento e desenvolvimento da criança.*

*Então assim, acho que tem tudo a ver muito, seria muito bacana ver nas escolas que já ensina handebol, seria legal ver capacitação de professores de educação física para que eles soubessem lidar com essa modalidade para ensinar outras modalidades. Então eu acho que sim, tem tudo a ver, mas ao mesmo tempo eu não sou muito otimista com esse cenário. Por mais que eu quisesse ser mais, eu vejo que é muito difícil isso acontecer na prática, porque isso falta aquela rota que mencionei para você, mais gente praticando mais interesse midiático. Eu vejo como algo muito difícil, mas se acontecesse eu ficaria muito feliz e contemplada.*

*Entrevistador: Infelizmente falta. A gente batalha para isso. A Embaixadora aqui mesmo, ela tem um polo dentro do Santo Agostinho, que é um colégio aqui. Na verdade, ela tem os dois dentro do colégio. Daí ela tá sempre atrás de Patrocínio, de apoio da questão de direção, conselho de dos Pais e professores, para ver se ela consegue implementar na educação infantil e na educação escolar, mas realmente é um sonho difícil, mas não impossível.*

*Professora 3: difícil, mas vamos lá. Um dia funciona. Belezinha.*

*Entrevistador: belezinha professora. Muito obrigado pela participação, desculpa tomar seu tempo aí e assim, eu espero que hora que a gente consiga terminar aqui, a gente vai tentar transformar a pesquisa em artigo, eu vou mandar para todo mundo que participou. Espero que a gente consiga dar um pouco mais de visibilidade. Então é isso obrigado.*

*Professora 3: fechou então. Obrigada Breno, boa tarde.*

## **Entrevista professora 4**

*Entrevistador: Oi boa tarde professora, tudo bem?*

*Professora 4: Tudo bem. Tô aqui na correria.*

*Entrevistador: Tá na sala de aula aí parece.*

*Professora 4: Não aqui é biblioteca. Estou na escola*

*Entrevistador: tá certo. Então professora, primeiramente eu queria agradecer principalmente por você ter tido esse tempinho aí para estar conversando comigo, eu sei que a correria é muito grande aí, principalmente nessa época do ano. Mas não vou tomar muito tempo não.*

*Professora 4: sim. Acumulou, mas não tem problema. Eu espero poder ajudá-lo.*

*Entrevistador: com certeza. Então professora, o objetivo da pesquisa é a gente tentar captar algumas experiências que você teve, as expectativas que você tem com essa nova categoria, que é o mini handebol e o que você espera de resultado mesmo. Portanto é uma coisa bem básica mesmo, só para gente tá vendo a percepção que os professores que estão atuando nessa nova categoria tem.*

*Professora 4: então Breno, sim eu tô nessa vida aí a muito tempo.*

*Eu não sou daqui de Curitiba, morava numa cidade de quatrocentos e poucos quilômetros de Curitiba chamada Ponta Grossa.*

*Antes de me formar eu já estava trabalhando com iniciação, na verdade com treinamento. Então, eu me formei em 1996, em 1997 a nossa goleira foi para Portugal fazer um intercâmbio e ela voltou de lá com a ideia do Mini, mas o mini federação portuguesa que na verdade é muito igual.*

*Então eu já havia me formado, ela também professora, tinha mais umas duas, então cada uma trabalhando em uma escola, a gente conseguiu implantar o mini handebol numa competição lá no estado em 1998 ou 1999.*

*Então enquanto eu morei em Ponta Grossa eu trabalhei no colégio lá com mini handebol dos nove aos doze anos. Tem os pais de família hoje que eu encontrei na internet nas redes sociais que continuam jogando, daí em 2001 vim para Curitiba, vim casada, encontrei umas meninas para jogar mas fiquei um tempo fora por conta da família, das crianças.*

*Então hoje eu jogo, voltei a jogar na categoria Master, aqui o time que eu jogo ele é beneficiário do programa da lei do incentivo ao esporte.*

*Uma das propostas do nosso projeto é a fomentação, retomar o handebol de base com escolinha. Então aqui onde eu trabalho à tarde, a gente está na parte burocrática do processo que já passou pela aprovação da Associação de Pais e Mestres, foi encaminhado para secretaria. Ao que tudo indica, a gente começa aqui na escola com projeto de mini handebol, não tem vínculo com a confederação brasileira, mas é baseado no trabalho do mini handebol da Confederação.*

*Aqui é uma escola pública, para crianças de nove a dez anos por enquanto.*

*Então assim Breno, hoje efetivamente eu não estou trabalhando com o mini handebol, mas eu sempre trabalhei, eu tive que me afastar um pouco, mas não abandonei.*

*Entrevistador: Qual a sua experiência com o handebol? Você falou que joga, no caso voltou a jogar. Igual a gente tá vendo aí que a liga master de handebol está numa crescente muito boa.*

*Professora 4: A gente esteve em São Paulo no feriado no Brasil master Cup, aqui de Curitiba fomos no feminino com quatro categorias. As meninas dos 55 voltaram, então fomos jogar. Negócio que ali em São Paulo o handebol do adulto pro master é muito forte fisicamente e ainda tem uma outro tipo de estrutura. Mas a gente tá aí, jogamos, aqui tem a liga metropolitana, sábado e domingo teve rodada. Nós do master sempre vamos junto com o adulto e quando dá certo a gente joga também.*

*Entrevistador: você joga desde pequena?*

*Professora 4: eu comecei a jogar com dez anos, estou nessa vida tem mais de trinta. Teve um intervalo por conta das filhas, até tem duas delas que joga também. A minha mais velha tem dezessete anos e vai treinar comigo e olha vou te dizer, teve uma época da minha vida que estive no fundo do poço, foi voltar a treinar que me tirou de lá.*

*Então a experiência de ver as crianças jogando sabe, eu não vou te dizer que eu tenho a ambição de ser técnica do adulto porque é muito ego para administrar, mas o trabalho de fundamentação ali, no comecinho eu gosto.*

*Entrevistador: isso geralmente é algo que te motiva? No caso você falou que desde noventa e seis (1996) que sua colega foi para Portugal e você se interessou pelo mini handebol vindo de lá, mas o que te motivou a trabalhar com essa categoria?*

*Professora 4: sem achar que isso seja um discurso demagogo Breno, mas eu não quero deixar o handebol morrer. Porque assim desde quando comecei a jogar até agora, mesmo como o exemplo do Mundial que as meninas ganharam e a divulgação da Duda e mesmo a rede social, ajudou muito na divulgação, mas quando eu era adolescente a gente não via falar do handebol, não via na televisão. Aqui por exemplo tem o professor Edgar e durante dez anos ele promoveu uma copa internacional aqui e no dia que pude conversar com ele foi contado que com vinte anos ele foi pra Europa só com dinheiro contado no bolso fazer intercâmbio, estudar pra voltar e trabalhar com handebol aqui. Então até na época antes*

*da pandemia eu jogava em um time e nesse time houve uma ruptura e desmembrou, formou então o time que eu estou hoje que é a associação de handebol do Paraná. Com isso minha opção desse time foi por conta das escolinhas, para retomar esse trabalho que deixei de lado, mas foi pensando nisso, como educador e profissional da educação física, o nosso trabalho é oferecer oportunidade e deixar que quando as crianças tiverem a consciência de escolher possam optar por uma atividade física. Independentemente do que for na escola a gente oferece tudo, eu puxo sardinha pro handebol, mas é um trabalho bom de fazer. A Partir de agora também a confederação tem um programa, a ideia é de fazer funcionar aqui pra daí pedir a chancela da confederação e retomar um trabalho de formiguinhas.*

*Entrevistador: você falou que aí é uma escola pública, você vai pegar a chancela da federação, mas aí no caso já está como polo ou é um polo futuro?*

*Professora 4: não. Primeiro é um projeto aqui chamado de extensão de carga horária, as crianças ficam na escola até 17:20 horas, no primeiro momento a escolinha vai funcionar duas vezes por semana, das 17:30 às 18:30 horas.*

*Então no caso eu já fiz o pedido, participei de uma palestra como polo futuro, então primeiro organiza, implanta e no final de outubro ou começo de novembro que tem uma nova leva de implantação e polos da Confederação, então eu já fiz o pedido, já tá na relação de polo futuro.*

*Entrevistador: no caso você já trabalha e dá aula de mini handebol dentro dessa escola ou de outras?*

*Professora 4: aqui não. No caso eu trabalho com as coisas de mini handebol dentro das minhas aulas mesmo. Aqui em Curitiba a prefeitura tem um projeto aqui que leva as crianças do contra turno escolar em espaços esportivos. Então ali desde agosto do ano passado quando voltou recesso eu fui e eu que organizei a atividade de mini handebol neste projeto de contrapartida na praça, inclusive onde a gente treina aqui.*

*Entrevistador: que bacana, bom que não fica só no polo, você consegue pegar mais partes da cidade.*

*Professora 4: Então, eu sou funcionária da secretaria de educação, eu estou pleiteando um espaço na secretaria de esportes, inclusive porque aqui perto da escola tem um equipamento e tem um ginásio. Então vamos ver o que dá para o segundo semestre.*

*Já na associação Breno são vários times, a gente tem uma parceria que funciona com outro time do outro lado da cidade e eles também tem uma escolinha lá, aí semana que vem quando as crianças entram no recesso, na sexta-feira a gente vai fazer um evento lá com eles, tem umas trinta e cinco crianças lá só nesse lugar crianças de dez a doze anos feminino e masculino.*

*Então a gente está nesse processo de retomada, para você ter uma ideia, no ano passado nos jogos escolares aqui de Curitiba, fase Municipal são duas categorias do masculino e duas do feminino. As duas categorias de mais novos, sub quatorze se não me engano não teve inscrição. Não é que não saiu a competição, não teve nenhuma inscrição mesmo, nem de escola pública nem de particular, no cais o equivalente que faz o sexto e sétimo ano. Aí no que seria o oitavo e nono teve equipes, três no feminino e três no masculino. Já para o ensino médio é um outro evento, outra competição, mas os escolares não tiveram nenhuma aqui escrita.*

*Entrevistador: nossa que estranho.*

*Professora 4: Pois é, então a gente tomou um susto porque mesmo vindo da pandemia e tudo. Aí numa conversa já no final do ano pensando nisso veio o processo da lei de incentivo e a gente conseguiu com todos os profissionais do grupo conversar e eu falei já é hora da gente se mexer.*

*Entrevistador: Com certeza, eu até fiquei assustado agora porque geralmente essa categoria de dez a doze anos sempre tem times.*

*Professora 4: não abriu. Aqui em Curitiba não abriu, nem de colégio particular não teve inscrição. Então é isso, o que me levou primeiro é o amor pelo esporte e eu toda vida em escola pública desde o primeiro grau até a pós-graduação sempre escola pública.*

*Então o amor nasceu lá, eu estudei do pré até oitava série na mesma escola meu ensino médio eu fui para outra depois nos anos seguintes, joguei na faculdade. Eu só parei mesmo porque resolvi pôr filho no mundo, assim que eu pude voltar eu fui.*

*Hoje o que importa para mim não é ir jogar a competição ou ter um atleta destaque. O que importa é que é meu momento, um tempo pra mim, é a satisfação do dever cumprido, para aliviar a cabeça, isso sem contar que para a gente tirar por exemplo uma Duda tem que ter umas seiscentas a oitocentas crianças.*

*Então é assim, dar oportunidade para as crianças.*

*Entrevistador: tá certa. Você falou que você tem a formação há muito tempo de educação física, para você implantar o polo na escola a CBHB passa os objetivos que eles têm com o projeto e as metodologias que é proposta. Com certeza você já está por dentro disso devido a você estar implementando um polo, porém eu gostaria de saber com qual dessas metodologias ou proposta deles que você mais se identifica para poder estar implementando o polo nessa escola.*

*professora 4: Olha do que eles propõem lá para falar a verdade eu fiquei surpresa, eu esperava até encontrar um texto ali alguma coisa mais competitiva, então assim essa ideia deles da participação isso me atrai, isso tira um pouco o rótulo do que é, o que acontece e podemos ver aqui perto, por exemplo com futebol, você percebe até na escolher o time quando você deixa para as crianças escolherem e definir um time, os melhores fica tudo num time só, os outros coitados ficam no outro e se virem. Então essa parte do jogo cooperativo e do participativo acompanha a ideia do que a gente trabalha aqui no currículo e na prefeitura até o quinto ano, a partir do sexto ano já muda, mas até o quinto ano que são crianças de dez anos o que é prefeitura promove aqui dentro do centro esportivo, não é uma competição e não é saber quem ganha, todo mundo tem a mesma oportunidade e tem a mesma premiação.*

*Então ali os menores de oito e nove, meninos e meninas, tudo que eu vi ali, isso é o que mais me atrai para essa faixa etária, essa coisa assim do evento participativo e cooperativo.*

*Entrevistador: bacana. Assim eu acho que o intuito não somente da confederação mais de toda escola deveria ser esse, da criança se interessar e participar dos jogos.*

*Professora 4: olha não foi de ontem pra hoje, levei um tempo para elaborar esse pensamento assim. Hoje eu trabalho muito com educação infantil e com crianças de primeiro e segundo ano. Eu vejo que é nossa obrigação como educador é oferecer mesmo, não é demagogia dizer que a gente oferece atividade para ampliar repertório motor. Acabei de conversar com uma mãe aqui, o menino é autista. Ela preocupada eu falei que a gente está numa defasagem motora muito grande, as crianças por exemplo do primeiro ano que é o ano do garoto, não vivenciaram o começo e o estímulo motor da educação infantil. Quando eles deviam estar explorando a escola, com amigos, elas estavam dentro de casa e isso faz falta agora. Então falei pra ela que nosso conteúdo agora são jogos e brincadeiras, antes de começar a ensaiar festa junina eu fui fazer um pega pega e tem criança que tem medo de encostar na outra, tem medo do contato. Aqui diferente de Goiás é muito frio.*

*Mas assim, meu trabalho eu cumpro o currículo e acho que está bem distribuído, mas minha intenção é oferecer o maior número de oportunidade e ter movimento para ampliar o repertório motor, para que quando ele chegar na adolescência eles sintirem essa necessidade de se manterem ativos, se movimentando, se interessar pela prática de esporte. Então na escola enquanto educadora o meu trabalho é esse.*

*Entrevistador: então pelo o que você falou sobre habilidade, queria saber qual que está mais presente nas aulas, é a motora ou tem outras que costuma trabalhar mais dentro das aulas?*

*Professora 4: olha, por exemplo o que é de coordenação com bola e sei que pode servir pro handebol, eu uso o drible, deslocamento, passe de bola, entre outros.*

*Então o básico ali Breno de habilidade motora, fazer o Zig Zag, ainda mais que eu digo que a pandemia fez a gente retomar umas coisas do primeiro e segundo ano que são atividades motora simples que fazemos na educação infantil, porque perdeu esse filing ali, então estamos retomando.*

*Então de habilidade motora básica é isso, correr, por exemplo tem criança que corre na ponta do pé, com o pé aberto, até correr segurando a bola, alguns tem dificuldade.*

*Portanto é basicamente isso, dominar a bola com a mão e a corrida em todos os sentidos e todos tipos de deslocamento.*

*Entrevistador: entendi. No caso além de habilidade, gostaria de saber sobre conceitos, questões de valores que você tenta passar e transmitir dentro das duas aulas, vendo que foi falado que tem uma criança autista e tem questão da inclusão e oportunizar, queria saber então o que mais você tenta ensinar dentro das suas aulas.*

*Professora 4: Então o handebol Breno é um esporte coletivo. É um por todos e todos por um. Igual o filme do trolls, nenhum troll fica para trás, ninguém solta a mão de ninguém. Então se você quer ficar famoso sozinho tem que fazer atletismo, nadar, tênis ou fazer outra coisa. Pode ficar famoso no esporte coletivo como o Neymar ficou, mas ele só ficou famoso porque tem outras dez pessoas jogando com ele que se organizam para que ele faça o gol. É o que acontece no handebol, todos precisam se organizar. Querem eleger um para arremessar ok, mas todos devem se organizar para que este faça o gol, mas é um trabalho de equipe sozinho ele não vai fazer nada, isso vale pra tudo.*

*Então as atividades de aquecimento por exemplo são jogos cooperativos, porque a intenção antes de tudo é se divertir, jogar como sempre e divertir como nunca, o trabalho é de equipe. Se o goleiro leva o gol é porque a defesa pode não estar postada ou organizada. Então todos podem errar, o que devem fazer é incentivar, tentar de novo.*

*Então é isso que digo, e quando você pega o adulto é muito conflito de ego, não tenho muita paciência, mas os pequenos eles ouvem a gente. Aqui temos dois regimes onde é período regular e integral. Esses do integral passam mais tempo aqui do que com a família, por isso temos que ter um olhar mais pessoal e eu sou meio mãezona mesmo, acolho, chamo no canto pra conversar e chamar atenção, mas sempre peço pra eles não esquecerem que jogamos por uma equipe, por um time e que esse time não é uma pessoa só. Cada modalidade tem seu número de atletas, mas somos um time.*

*Falando sobre o adulto, por exemplo, teve algumas mudanças de regras que acabaram deixando um pouco violento o handebol, mas outro ponto é que eu quero que elas saibam se defender e enfrentar o outro, mas sem ser agressivos. Eu prezo por isso, não é porque é um esporte de contato que tem que bater no outro. Mas enquanto eu puder orientar pra não agressividade, que o handebol não permite o revide eu vou orientar e vou associando com coisas do dia a dia até que todas crianças entendam.*

*Entrevistador: você acha que devido o que estamos conversando, sobre sua percepção o mini handebol pode se tornar uma forma de ensino do handebol dentro da escola ou outros locais não formais de ensino?*

*Professora 4: pode sim. Aqui em Curitiba o secretário de esporte novo tá em um ritmo muito bom, trazendo um monte de coisas pra cá. A intenção e propaganda dele é transformar Curitiba na capital nacional do esporte para se ter uma ideia. Então ele tem feito bastante coisa em todas as áreas.*

*Portanto eu acho que sim o mini handebol pode, até mesmo porque temos exemplos em outras modalidades esportivas, pode sim. Até na conversa que tive com a associação de pais que teve no dia que fui apresentar o projeto teve essa conversa e com isso é mais uma hora que a criança vai estar sob a supervisão de alguém, não vai estar na rua nem nos vizinhos. Então isso dá sim, é um meio sim.*

*Como que funciona aí em Goiânia? Já é assim, o mini handebol já é um caminho?*

*Entrevistador: Então aqui como a gente vem conversando e é um projeto bem recente, aqui nós temos dois embaixadores, que é amiga minha, a gente jogou junto na época que tinha o força Atlético de handebol.*

*Então assim se eu não me engano são três escolas que ela ministra o mini handebol em um clube. Tem outro embaixador também, só que eu não sei quantos Polos ele trabalha ou a função que ele faz, mas aqui dentro de Goiânia são três a quatro polos.*

*Partindo para o estado, em Goiás se não me engano são doze polos distribuídos, mas tem muitas cidades fortes no handebol, por isso que eu achei estranho que quando você falou que não deu inscrição nenhuma da categoria Cadete porque aqui em Goiânia é muito forte, tem Rio Verde, Itapaci, Catalão, Itaguaru.*

*Então professora a tendência aqui é crescer, a gente sabe que é pouco para o Estado de Goiás que tem vários municípios no caso, então doze polos são poucos, mas a princípio já está encaminhado já, aqui é bem forte.*

*Professora 4: Então Breno aqui em Curitiba o representante embaixador é o presidente da associação, o professor Ronaldo.*

*Aqui em Curitiba eu acho que tem dois polos só oficiais da Confederação, no estado tem uma proporção legal que são os oito, então quando o professor Ronaldo morava lá e ele que já ministrava lá também. Se você quiser eu até passo o contato dele para você.*

*Mas assim Breno eu acredito nisso, tem dias que eu tô querendo me aposentar, mas aí quando vieram com a ideia do projeto que eu falei vamos, vamos ver o que vai dar me deixa com os pequenos então.*

*Falando com o pessoal, já que vai ter um o encerramento das aulas eu falei não deixa comigo eu topo, eu vou lá e faço. Então acredito que sim sem demagogia, a gente pegando essa criançada aí não digo para próxima Olimpíadas, mas para escolher sabe, o técnico vai ter mais dificuldade e com isso a mídia ajuda muito também, falo na questão da divulgação. Eu sempre falo isso para as minhas filhas, eu não via nada de handebol na TV na minha época, eu tenho um recorte de jornal. Para você ver na época eu tinha notícias de olimpíadas e tudo em um recorte dizendo: no handebol masculino o Brasil foi derrotado, etc., era pouca.*

*Então Breno acredito nisso, a gente tem potencial para trabalhar com mini handebol na escola, o currículo da essa oportunidade para gente porque é um currículo Nacional, então dá oportunidade para gente, como uma vez em um curso um professor falou, o currículo apresenta a regra oficial de basquete a partir do sexto ano, mas nada impede de trabalhar os fundamentos no pré, no primeiro ano, você sabe que é para o handebol. Não precisa contar para o seu aluno, deixa para contar mais tarde porque aí ele já sabe o que está fazendo e ele vai ver a utilidade naquilo que ele já sabe.*

*Então para os pequenininhos que não entendem muito, só sabe coisa de futebol até que explicar com que com o handebol a gente joga com a mão, até eles visualizarem vai um tempinho, mas nada impede de a gente trabalhar com fundamentação.*

*Entrevistador: É verdade professora, trabalhar dessa forma aí fica até mais fácil. Quando eles forem crescendo desenvolvendo já fica mais fácil.*

*Professora 4: É isso então, por exemplo precisa bater bola, a criança fala já sei, aprendi quando eu era pequeno.*

*Entrevistador: realmente é isso mesmo. Pegando esse gancho professora, eu queria saber quais são os objetivos, expectativas, o que você espera como resultado das suas aulas dentro do projeto que está por vir? O que você espera do projeto também?*

*Professora 4: Olha aqui na região não tem nada de mini handebol. O que tem aqui próximo da escola é um centro esportivo, o que que tem lá é para cadete a partir dos quatorze anos. Então a minha ideia é divulgar mesmo, a minha diretora falou e daí entra a questão dela e pergunta se vai ter outro esporte? Vai. Vai ter para crianças mais novas. Por que o primeiro momento é para crianças de nove e dez anos. Então, eu falei que vai, deixa só começar.*

*Então é isso Breno, eu quero começar, primeiro porque a escola também não tem nenhum outro projeto, aqui na região tem escolas perto.*

*Aqui na quadra da avenida tem essa que eu trabalho na outra esquina já tem outra escola e não tem nada de projeto, o filho mesmo da diretora não estuda aqui e ela perguntou se podia trazer, que nem ele é mais velho, vai ter que esperar um pouco, mas a ideia é trabalhar com fomento. Trabalhar e trazer a criançada para escola, mostrar o esporte para elas e divulgar, ajudar divulgar para não deixar o esporte morrer. Se a gente não resgatar a criançada não é só o handebol que vai morrer.*

*Então o objetivo é esse, fomentar o esporte, trabalhar com fundamentação motora básica, seria agarrar, lançar correr, etc. Trabalhar também com a socialização, história dele, trabalho de equipe. Por que os jogadores são indivíduos, individuais, mas naquele momento e no jogo eles jogam por uma equipe, por um time e divulgar a modalidade. Foi isso que apresentei no meu projeto, esses são os objetivos divulgar.*

*Entrevistador: legal professora eu espero que dê muito certo. Porque assim o que a gente realmente quer e espera é isso. O objetivo do trabalho até então é pegar sua percepção, experiências, suas expectativas, justamente para tentar divulgar ou pelo menos ajudar a divulgar essa nova categoria, que está tentando dar oportunidade a crianças mais novas. Então através da sua expectativa, eu tenho intenção através das pesquisas de tentar dar pelo menos uma visibilidade maior. Com isso, ajudar novos polos igual o seu e os que já tem a captar mais crianças, consigamos abrir mais polos, porque querendo ou não a gente tem a divulgação, mas não é tão grande igual um futebol hoje em dia por exemplo.*

*Professora 4: então Breno, você sabe que a minha pós-graduação foi sobre políticas públicas no esporte, na época o meu orientador me deu um texto de um cara chamado Bourdieu, chamado Campo esportivo, na época eu fiz o estudo, mas não tinha ainda ideia, a graduação estava muito fresca, eu não tinha uma visão mais madura da coisa. Já hoje reparando jogos, naquela época lá o Bourdieu, acredito que 1980 e alguma coisa já tava nisso, daí que eu comecei a reparar em algumas coisas de marketing e hoje em dia a gente vê que o futebol é muito acessível, fácil ter acesso, a gente precisa tornar o handebol mais acessível também. A Confederação está nesse trabalho, disponibilizando material e mesmo as empresas de material esportivo já tem um material menor, mais adequado para o mini handebol, já está diminuindo valores. Então a coisa tá se tornando mais acessível. Depois eu até te mando o nome do secretário para você dar uma olhada nas redes sociais, o tanto de coisa que esse homem tá fazendo por aqui e do jeito que ele vai indo, no embalo que ele vai, acredito que ele vai conseguir sim transformar a cidade na capital Nacional do Esporte. Pelo mini a associação está fazendo esse trabalho.*

*Então assim Breno aqui vai dar certo, eu estou animada para retomar esse aqui, quando eu trabalhei era mais nova era outro contexto, mas o colégio onde eu trabalhava antes da pandemia, os jogos do colégio completaram 35 anos e daí me chamaram, fizeram um jogo bom e bacana de handebol e todo mundo que tava lá jogando foi meu atleta no míni.*

*Quando vi assustei, hoje em dia são pais de famílias, são bem conhecidos, acredito que teve dois que jogaram na seleção de Ponta Grossa até resolverem parar. Então assim são várias pessoas que já foram atletas de handebol quando eu dava aula para continuar jogando, passaram por time seleção, hoje tem até o acampamento. Daqui uns dias vários vão estar por lá, então é legal ver as crianças que você atendeu hoje adulto tá ali jogando é a sementinha que a gente plantou, é legal.*

*Entrevistador: Dá até uma certa satisfação né professora? Ver o trabalho que a gente plantou aconteceu e fluiu. Mas é isso então professora, eu queria realmente agradecer por você ter tido um tempo. Eu até tomei mais do que deveria.*

*Professora 4: não, não tem problema, eu espero ter colaborado.*

*Entrevistador: Sim, com certeza igual eu te falei. O objetivo é esse a gente tentar divulgar pegar um pouco de cada professor uma experiência que viveu alguma coisa que está*

*fazendo que já fez, para a gente tentar impulsionar esse projeto que é novo. Eu até falei para o Diego, o diretor do projeto da cbhb e ele passou muita coisa, ele realmente é muito forte nessa parte. Ele é bem acessível sim, é muito tranquilo, gente boa e tá me ajudando bastante.*

*Então eu queria só agradecer, obrigado mesmo e desejar mesmo que o Polo aí na sua escola de certo vai dar certo, com certeza, porque pelo que eu vi você tá muito animada, muito entusiasmada. Então é isso que a gente precisa mais pessoas assim para que a gente consiga impulsionar o handebol e o mini handebol agora.*

*Professora 4: sim. Eu te dou notícias, ti falo tudo e sei que vai dar certo.*

*Entrevistador: Certinho professora, muito obrigado mesmo, sucesso e boa tarde então.*

*Professora 4: obrigada eu Breno. Sucesso na pesquisa também. Boa tarde.*

## **Entrevista Professor 5**

*Entrevistador: boa tarde professor.*

*Professor 5: boa tarde, tudo bom?*

*Entrevistador: Tudo bem, com o senhor?*

*Professor 5: tranquilo, estou aqui no trabalho, mas está sossegado.*

*Entrevistador: A correria é grande.*

*Professor 5: é aqui o colégio é gigantesco.*

*Entrevistador: olha só. Mas que bom que consegui falar com o senhor, satisfação muito grande estar conhecendo o senhor, prometo que não vou levar muito tempo, pretendo mais saber um pouco da bagagem que o senhor vem trazendo. Eu vi no questionário lá que você já tem trinta e sete anos que já trabalha com o handebol e como professor de educação física.*

*Professor 5: Sim, tem bastante já, estou na luta diária faz anos.*

*Entrevistador: Entendi, então a gente quer mais é saber igual eu vinha falando com o diretor do projeto, é que a gente busca mesmo estar captando as experiências que os professores envolvidos têm, as expectativas com projetos e para a gente tentar pelo menos um pouco de ênfase e divulgar um pouco o mini handebol no país.*

*Professor 5: isso é bom.*

*Entrevistador: claro. Então primeiramente eu queria saber dessa vasta experiência, que o senhor tem, são trinta e sete anos, eu vi lá que o Senhor trabalha só com o mini handebol há dez anos, então eu queria que você contasse um pouquinho como que essa experiência, se foi atleta, de onde que veio a ligação com o handebol.*

*Professor 5: Então Breno, eu fui apresentado aí para o handebol eu tinha acho que uns cinco anos de idade. Por que meu tio é um dos primeiros atletas aí.*

*O handebol aqui no Paraná começou na minha cidade, na década de 60. Mais precisamente no ano que eu nasci em 1968, o professor da minha cidade lá fez um curso em São Paulo, trouxe uma bola de handebol e um livro de regra para minha cidade. Então daí começou o handebol no Paraná, foi o primeiro lugar no Paraná, em Nova Esperança, o Professor João Marinho um cara muito conhecido, fez muito trabalho pelo handebol no Brasil, escreveu o livro, entre outras coisas.*

*Então meu tio foi jogar handebol com ele e a gente cresceu junto nessa daí ele ia jogar e eu fui assistir. Já com nove para dez anos aconteceu o festival de mini handebol na Universidade de Maringá e fui jogar. De lá para cá as vivências das quadras só foram aumentando, eu tenho feito bastante coisa. Eu trabalhei e joguei até os vinte e poucos anos, depois casei, fiquei um pouco afastado do handebol.*

*Depois vim para Curitiba, então aqui em Curitiba é diferente todo processo é diferenciado. Por volta de 2012 mais ou menos, eu continuei jogando na verdade, mas sem treinar. Até os vinte a vinte dois anos, eu treinava seis horas por dia, jogava handebol na seleção Paranaense, brasileira, monte de coisas. Depois fiquei só no jogando, batendo bola, lazer. Então de 2014 para cá, a gente resolveu montar um master e voltar trabalhar com as escolinhas, nessas de voltar com as escolinhas a gente começou os trabalhos.*

*Teve aqui um tempo atrás, acho que em 2001, o governador montou no estado Centros de excelência. Então tinha centro de excelência de vôlei, de basquete, entre outros, e eu fui para o centro de excelência de handebol com as escolinhas, esse ano aí a seleção Paranaense de handebol ela foi impedida de trabalhar, teve uma junção com uns bingos e não deu certos. Então a gente teve que montar uma liga, que é a Liga até hoje que toca o handebol do Paraná, que é reconhecida pela federação, no caso a liga de handebol do Paraná, eu sou até um dos fundadores.*

*Então a gente vem em uma lida com isso há muito tempo. Em 2014 aqui em Curitiba a gente começou a fazer um trabalho, tinha uma associação parada que é a Associação de handebol de Curitiba. A gente pegou essa associação e começamos a trabalhar com ela, com os alunos carentes aqui de Curitiba, fizemos escolinhas e começamos a trabalhar. Passou se alguns anos 2018/19, se eu não me engano, ficamos meio impedidos de expandir. Porque chegava em outras cidades, porque aqui Curitiba, cidade capital tem várias cidades envolta, tem ali São José, mas vocês são da associação de Curitiba e falaram que não vai dar. Mas assim, olhei lá, busquei informações e não tinha Associação de handebol no Paraná. E a gente transformou HC em HP, virou Associação de handebol do Paraná. Hoje estamos já em dez cidades com escolinhas, nesse meio termo pelo pelo trabalho que a gente desenvolve no handebol, fui chamado pela Confederação para ser um embaixador do mini handebol no Paraná, somos em quatro no total, além de mim tem o Spock em Marechal, a Nádia e Lígia que são do interior. Então somos quatro para fomentar o mini handebol. Tínhamos poucos núcleos, hoje já temos bastante, porque a confederação está com uma política que eu acho que é muito agradável, que é cancelar o trabalhador sem cobrar nada, desde que ele tenha um trabalho dentro do handebol comprovado, tudo certinho, a gente chancela. A partir disso ele passa a receber algum material e a gente consegue assim mapear o número de atletas de handebol que tem.*

*Então a gente tinha vinte núcleos no ano, já temos mais de cinquenta, já foi para o mini handebol de areia e vai só crescendo. Então isso é legal.*

*Como técnico eu continuei trabalhando, tem as escolinhas, tem o time adulto que eu tô em Campo Largo ajudando agora e no Master que eu estou como técnico de duas categorias da seleção brasileira feminina e ainda jogo no masculino.*

*Entrevistador: E o Master vem ganhando uma visibilidade bem grande atualmente.*

*Professor 5: Vem sim, acabamos de acertar domingo à noite uma reunião, nós vamos participar o ano que vem, a nossa equipe vai para o mundial Master na Croácia, vou jogar lá. Então assim, o tempo que eu perdi de tempo atrás e casei e não pude jogar estou recuperando um pouco agora, a gente já participou da Copa América lá no Chile no ano passado e fomos campeões lá. Eu joguei e fui técnico, fui campeão nos dois como técnico e atleta.*

*Então assim a história do handebol é essa, a gente sempre tá lutando para colocar o esporte em evidência. Nem sempre é possível, para falar de ganhar dinheiro não se ganha. O Master, por exemplo, os caras têm a visão que a gente tem que pagar para jogar, na verdade a gente já paga tudo, é o pessoal que mais contribui porque só de imposto e um monte de coisa, mas mesmo assim a gente ainda paga as competições, mas é o gosto pelo esporte vale tudo. E em Curitiba, eu tava falando para você, teve uma fase muito difícil que chegou aos Jogos Escolares não ter time B. E aí a gente começou esse movimento esse ano já teve quatorze equipes no B.*

*Entrevistador: Sim, a professora Adriana já até me falou mesmo essa situação que aconteceu, eu achei estranho.*

*Professor 5: Pois é, pós pandemia chegou a zerar, se a gente não trabalhasse. A Adriana é uma que dá curso, tem várias pessoas dentro da associação que ajuda a disseminar, ela vai ter agora vinte horas na prefeitura de Curitiba como professora de handebol em dois lugares da Cidadania. Então assim a gente tá conseguindo ampliar a fazer com que dê certo, assinamos um convênio com secretaria do município de esporte pro handebol e com a Secretaria de Educação do município. Começa agora em agosto seis escolinhas de handebol uma em cada Colégio Municipal.*

*Então assim tá crescendo a coisa tá indo. Mas é muito disso, a luta de cada um, cada um se dispõe um pouco. Eu fiz há uns seis anos atrás um curso de coaching. Esse curso é um*

*coaching voltado ao ikigai, e uma das filosofias que eu passo é se doar um pouco do que você recebeu, então se você trabalha com o esporte, recebeu bênção do esporte, doe um pouco daquilo, então cada um na sua área doar um pouquinho. A gente tem feito isso de lá para cá e tem dado certo, vai multiplicando, as pessoas vão vendo que não é só ir lá e trabalhar, é o que você passa, é o que você deixa, as mensagens, as crianças que passam na sua mão, que ficam. Isso que é muito bacana. É muito mais do que receber o valor de uma hora aula para trabalhar, claro a pessoa tem que se valorizar, mas é além disso, isso que fica mesmo além.*

*Para você ver essa semana mesmo, domingo eu estava em casa e um atleta do Master falou no WhatsApp mandou uma foto e perguntou: está vendo esse cara aqui? Eu falei que era meio conhecido mesmo. Ele falou que foi pegar um blablar de Curitiba para Florianópolis, o cara me deu carona e falou que me conhecia do handebol.*

*Então olha a chance de isso que dá certo, com atleta de handebol lá atrás e o cara joga hoje em Florianópolis e tudo, me conhecia.*

*Então você vai conseguir construir, deixando um pouquinho aqui, um pouquinho ali e quando vê vai longe.*

*Entrevistador: É verdade. Professor no caso para você implementar aí eu até falei com Adriana e ela falou que meio que partiu de você a questão da implementação do projeto do mini handebol. Como foi esse processo? Foi difícil? Você falou que se motivou através de estar ajudando as crianças. Mas eu queria saber como foi o processo de implementação aí?*

*Professor 5: Então, antes de virar Embaixador eu já tinha essa coisa aí, de quando eu fiz o curso do ikigai um tempo atrás, de como eu ia devolver o que o handebol me deu, como fazer isso. Então a gente montou um projeto que chama mãos do handebol, que é o handebol para vida toda. Dentro desse projeto o carro-chefe era trabalhar nas duas extremidades, você ter as escolinhas e ter Master. Então a gente focou nisso, porque já que ficou uma lacuna no meio, vamos trabalhar nas criancinhas, fazer um projeto para eles e aí vamos resgatar o pessoal do master. Porque dentro até do pessoal do master tem professores que podem ajudar nas escolinhas.*

*E é no espelho. Você leva a criançada para ver e você acaba que fica sendo espelho para aqueles que estão lá. Então a gente fez o projeto, começou, vendi o peixe para associação, pro pessoal que estava ali, eles encaparam e a gente conseguiu implantar.*

*A partir daí conseguimos correr atrás dos locais possíveis, primeiro a gente locava quadra, íamos em colégios que conhecia diretor, porque eu sou diretor de uma escola também pública. Então a gente conseguiu entrar e com essa entrada os olhos da Confederação e da liga se voltaram para a gente. Aí os caras perceberam que na nossa região aqui tava meio complicada O caminho abriu.*

*Aqui também o diretor de esportes do Paraná criou a pedido nosso os jogos abertos Master do Paraná, já está indo para sexta edição. Então os municípios começaram a se preocupar também com o Master, e a contrapartida que a gente fazia nas escolinhas.*

*Esse ano, 1º Festival do ano foi no ginásio do Tarumã, que é um templo do handebol, tinha trezentas e cinquenta crianças do mini handebol participando do evento. Então já é uma vitória para a gente, porque quem não tinha nada lá atrás e agora tem isso. Graças a Deus. E assim a gente tá programando agora para dezesseis de setembro, o segundo festival, eu vou até trazer o Diego para dar uma palestra, porque ele é um cara que fez esse projeto do Mini, a chancela ser de graça, vendeu essa ideia para Confederação e elas aceitaram. Então a gente vai trazer ele aqui para uma palestra para os professores e realizar o segundo festival, vai ter mais de trezentas e cinquenta crianças. Porque nessa época aí por exemplo em Campo Largo, a gente tinha começado um trabalho e tinha dez crianças lá vieram os dez. Hoje em Campo Largo estamos com duas turmas de quarenta, ou seja, três meses depois.*

*Então cada lugar tem seu crescimento e vai dobrando, sempre a tendência a ter muitas crianças e a gente fez um plano desse projeto, porque em cada regional de Curitiba tem uma escolinha em cada uma, e nessas regionais ter as escolas integrais com handebol também como esporte eletivo, porque aqui eles têm que elencar dois esportes eletivos e o handebol é um dos dois já. Então temos dez escolas integrais de Curitiba que o handebol já faz parte do esporte, não sai mais, está dentro da grade. Então a gente garante dentro de dez escolas aí, para a gente ter muitos atletas. Então classe B, daqui a pouco fora os particulares, vamos ter dez equipes dentro das escolas da prefeitura. Fora as outras que já tem onde eu já trabalho, aqui por exemplo de um centro do mini handebol Brasil. Então, a gente já tá encaminhando, tem que cuidar dos outros, mas não esquecer de onde a gente está também.*

*Entrevistador: No caso aí professor os projetos acontecem mais então dentro da escola? Ou tem algum em praça ou ginásio?*

*Professor 5: Por exemplo o da smelj, estamos no Tarumã, tem o CEE Cajuru, que são praças esportivas, tenho CCE Sic que é outra Praça Oswaldo Cruz, esses quatro estão feitos e tem mais um que é no Boa Vista que também é chancelado é da Mary, ela toma conta do projeto. Então a gente tem as Praças e as escolas, a gente já tá tomando as duas frentes. Tão conseguindo fomentar mesmo.*

*Entrevistador: Nossa que bacana professor. Porque pelo menos aqui onde eu estou, aqui em Goiânia, a luta e a briga tá um pouquinho difícil, de implementar dentro das escolas, não sei se pelo pessoal não consegui ver com os bons olhos que o mini handebol pode ser uma forma de ensino. Então nossa Embaixadora ela tá martelando, tentando pôr, correndo atrás, tem algumas que já tem mais tá muito difícil de fazer o pessoal entender.*

*Professor 5: E Breno. Mas não é fácil. É um trabalho difícil, a gente vem há algum tempo martelando, só que assim, cada lugar desse que você consegue entrar ele vai ser um polo de distribuição do mini handebol para os outros. Então quando entra tudo direitinho, as pessoas começam a ver com bons olhos, daí o outro já quer.*

*A gente entrou em uma escola aqui em Uberaba agora, que a professora até a filha dela, foi até engraçado, a menina estuda no pole, filha da professora. Ela entrou no handebol no poli e a mulher jogou handebol na infância e é professora de educação física, falou que trabalha na escola da prefeitura, me perguntou se eu queria mostrar uma escolinha lá na escola da prefeitura, eu falei pode montar você, a gente dá o suporte do mini handebol. Então ela levou para a turma dela e resultado, tem seis turmas lá duas de primeiro, segundo e terceiro, mais os quintos anos. Ela vai ter que contratar uma pessoa para trabalhar porque ela jogou o esporte e de inscrição deu quase duzentas inscrições na escola.*

*Daí não tem o que fazer, vai faltar braço, então a prefeitura procurou a gente, a secretaria de educação também procurou, para a gente poder fomentar isso nas escolas e colocar os professores deles para trabalhar porque eles viram que dá certo. Aqui tem um projeto do vôlei também do Emanuel, chamado leões do vôlei, o medalhista do vôlei, e a gente está*

*junto com os caras, tem escola que tem eles e a gente lá e a criançada vai, no vôlei, vai no handebol, tem o Ricardinho também que tem o projeto do futebol, futebol de rua, pessoal vai.*

*Então a gente não pode deixar isso, temos que utilizar cada escola que você entrar e trabalhar direitinho, fazer a coisa acontecer que daí ela vai servir de referência para as vizinhas e assim vai. Então esse é um projeto formiguinha, só que assim, aí em Goiânia deve ter também o pessoal que tá assim caminhando para escola integral, o governo está forçando.*

*Se conseguir convencer o secretário do município a colocar um dos esportes eletivos lá do integral o handebol, aí você não sai mais. Então a gente tá partindo desse ramo aqui, vamos tacar um esporte lá, a mais futsal já tem, mas a gente quer mais um. Então põe o handebol, coloca um esporte de mão. Isso aí tem dado certo, pessoal tem aderido bastante e tá crescendo, a tendência é que nos próximos anos a gente consiga triplicar o número de atletas aqui em Curitiba no handebol.*

*E aí a lacuna que tinha antes, a janela vai ficar preenchida. Porque o que está acontecendo? Quando entrei no master lá atrás eu jogava 40+, hoje jogo 55+. Consigo jogar no 55, então nós empurramos uma categoria para cima. E aí tem a categoria dos mais velhos que joga 60+. Então naquela história do handebol para vida toda, nós já estamos com a criança de seis anos até o Senhorzinho de sessenta.*

*Teve a final do Brasileiro em São Paulo agora do feminino 55 +. O time que jogou contra a gente de Manaus, tem uma Senhorinha lá que tinha setenta anos, a felicidade dela era entrar em quadra e ficar três minutos pelo menos.*

*Então isso não tem preço, aí que você vê que o projeto vale a pena, você se identifica, trabalha, vende a imagem. Para você ver hoje na minha cidade, que é em Nova Esperança o handebol tinha acabado. O ano passado que eu voltei do sul-americano, da Copa América, eu fui lá visitar o pessoal na cidade e plantamos uma semente na escolinha onde eu estudei lá. Então hoje tem o colégio que eu estudei de 1º a 4º ano que hoje é quinto ano tem duzentos e setenta crianças treinando handebol lá.*

*Então a gente corre daqui para lá, mas a professora trabalha com eles lá. O handebol feminino já resgatou, já tá disputando a liga, pegamos o pessoal que estava lá parado, montou uma equipe que já está disputando o paranaense, e no final do ano vamos chancelar a escola no mini handebol Brasil. Então para você ver é uma a mais que está entrando e são quatrocentos e oitenta quilômetros daqui de Curitiba, mas eu converso com*

*a menina toda semana no WhatsApp, pergunto como estão os treinos, o que está fazendo nas aulas, como está indo agora na sala. Vamos conseguir entrar em outra escola do município lá, vai ter duas, então já passa de duzentos e setenta para quinhentas crianças. Então esse é o objetivo, fomentar o negócio.*

*Entrevistador: Realmente. Então professor já tocando nesse assunto, logicamente que o objetivo do projeto em si é crescer, a gente ter maior quantidade de polos e crianças praticando o mini handebol. Então eu queria saber quais são os objetivos das aulas em geral? Quando você está ministrando a aula, como que se dão e acontecem essas aulas? Quais habilidades que vocês trabalham ou conceitos e valores?*

*Professor 5: Então Breno, basicamente dos seis aos oito anos, é tudo lúdico. Então você vai trabalhar ludicidade e brincadeiras. A gente conseguiu comprar da torpa aquelas bolas de handebol de soft, não sei se vocês têm aí. Então a gente trabalha com aquelas bolas com eles, sempre com brincadeira, lançar, agarrar, correr. Então eu coloco uns gols no final para brincar, fazer gol. Já no pessoal de quarto e quinto ano você já começa a ir um pouquinho mais além dos pré-desportivos do handebol. Então já focamos um pouquinho mais, direciona mais para o handebol, mas dentro do que é pedido pelo mini handebol Brasil, eles falam muito dessa ludicidade, das formas de trabalhar.*

*Então a gente tem feito isso, tenta colocar todas as aulas ou quando terminar todas as aulas com jogos pré-desportivos, até mesmo que eles ficam felizes e queiram voltar no dia seguinte que é o mais importante, mas durante as aulas a gente já vai colocando os ingredientes do handebol, sempre da forma lúdica, mas os objetivos no final eu penso que é para criança estar com você com seis anos e você vai entregar no Mini com dez para o pró handebol.*

*Nesse processo dos seis aos dez anos, eu tenho que trabalhar todas as valências do handebol, mas que são valências para todos os esportes. Você vai trabalhar psicomotricidade, corrida, saltos e tudo. A diferença que a gente tem que colocar nisso é o handebol, é o material, a forma de lhe dar, brincadeiras voltadas que as crianças conseguem fazer, exemplo pega a bola com a mão tem que mover a garrafinha lá, vai dar bolada na garrafa.*

*Então Breno, tem uma série de exercícios que a gente passa que lá quando eles chegarem no quinto ano com dez anos, eles vão conseguir jogar o mini handebol arremessando,*

*agarrando a bola, passando, tendo noção de coletividade. Porque no quinto ano, às vezes eu brinco, só vale gol se a bola passar por todos da equipe, porque assim imagine você ficar parado com os outros jogando a bola, qual é a graça. Então a gente coloca isso, mas isso é mais pro pessoal de nove e dez anos. Os menorzinhos é muito à ludicidade, vai correr, driblar, fazer um monte de coisa, brincar.*

*Tem um menino aqui, o Jeremias, vai mudar de cidade, acho que vai para Goiânia.*

*Ele pega a bola e sai correndo, arremessa, faz gol e sai mandando coração para todo mundo. Então é uma coisa diferente, mas é bem isso, você trabalhar a ludicidade, colocar as brincadeiras voltadas ao handebol, mas brincadeiras, não cobrar da criança e não sobrecarregar. Porque assim Breno, eu já trabalhei com outros esportes, porque sou professor de educação física, trabalhei com basquete, futsal, futebol, e por exemplo, você pega o futebol dente de leite, fica fazendo passe, a criança de quatro e cinco anos, põe a bola no chão bate com a direita, bate com a esquerda, faz isso, faz aquilo e quando a criança chega com dez a doze anos já está saturada já.*

*Então não é que ela aprendeu a fazer, ela pode até ter aprendido nas repetições. Mas no dia que vai dar treino, ela fala: “professor fica batendo na bola de novo”, com isso aí muitos desistem.*

*Então a ideia nossa é fazer com que o aluno, o objetivo principal fazer com que ele saia dos dez anos, quando ele vai para o outro rumo, ele vá com vontade, com paixão pelo handebol e que ele consiga seguir a vida dele lá para frente, porque senão quando ele sai do 5º para o 6º ano, ele nem quer ver handebol mais, ele tá cansado.*

*Então a gente tem que fazer da forma mais lúdica possível para criança se sentir bem, uma vez apaixonada pelo handebol vai jogar handebol até os setenta anos.*

*Entrevistador: acaba que com isso o senhor consegue trabalhar ali até os dez anos com conceitos também, valores e atitudes, inclusão e integração.*

*Professor 5: Sim, isso tem que fazer parte em todos os momentos da aula, todos os momentos. Não pode deixar de lado em nenhum momento essa parte, eu acho que é o principal. Porque Breno vamos lá, o gestos e movimentos do handebol você vai ter criança que está nato, ela pega a bola pela primeira vez e levanta o bracinho, e também vai ter criança que vai ter dificuldade de pegar a bola, vai dar tapa na bola invés de empurrar*

*ela para o chão. Então o que vai determinar se ele é um atleta lá na frente muitas vezes, pode ser que seja isso.*

*Porém em outros casos, ou muitos casos na verdade, o jeito que uma pessoa aprende na formação dela do caráter, dedicação, talvez a pessoa não tem tanta parte técnica, mas é uma pessoa aplicada, dedicada, educada, tem que trabalhar os conceitos, tem que ter raciocínio rápido, a gente perde muito para o europeu nessa questão no handebol.*

*Tudo bem, por exemplo, as pessoas são uns armários de dois metros que tem um raciocínio rápido, que tem técnica, Inteligência emocional, e a gente não tem trabalhado isso com nossas crianças. A gente tem que trabalhar isso, esses conceitos precisam ser passados. Então por que que não pode jogar bola para o outro, ele vai perder a bola. Tá, mas hoje ele perdeu a bola na brincadeira, mas amanhã ele vai ter que jogar com você, como é que você vai fazer? Vai jogar sozinho e vai ganhar você contra dez? Não tem como, você precisa de outra pessoa, então vamos fazer com que ele pegue na bola, receba, participe, jogue, sinta importante, mas não é fácil. Às vezes você chega no master lá a primeira pergunta que eu faço quando vão para o campeonato brasileiro: vocês vão lá para competir ou participar?*

*Porque se for para competir vai rolar estresse. Vai ter jogo que nem todo mundo vai jogar.*

*Entrevistador: ainda mais que é todo mundo professor e já viveu muita coisa.*

*Professor 5: Pronto aí o cara fica no banco lá e fala meu Deus do céu, eu vim viajar, gastei o dinheiro e não joguei. Então, se você não trabalhar isso desde criancinha, pode ser que tenha jogo que eu não jogo, mas eu posso ajudar no banco com alguma coisa, aí eu faço parte de um grupo.*

*Igual assim, eu peguei uma velhinha na edição antiga lá no outro time e no meu tinha umas duas bicudinha para jogar. Eu falei pra elas, estão vendo aquela senhora ali, tem setenta anos. A maior alegria dela é que cinco anos atrás ela queria jogar contra vocês, hoje elas fizeram a final contra vocês e ela tem setenta anos conseguiu jogar dez minutos a final.*

*Então assim, não cabe para gente ficar de bico, o tanto que eu consegui jogar quando eu tiver setenta anos vai ser maravilhoso. Se eu não conseguir tudo bem. Igual esse ano, por exemplo, eu rompi o tendão de Aquiles 30% dele, vinte e cinco dias antes da competição. Então eu fui para lá para sentar no banco. Fui técnico do feminino e no masculino das duas equipes que eu jogo, fizeram a final. Uma não ia dar mesmo que é a quarenta e nove*

*anos é muito difícil ganhar. O de 55 perdeu uma bola e eu vou te falar que eu fiz falta. Só que eu não podia jogar, estava no banco, mas fui lá me troquei, sentei no banco, incentivei os caras, falei vamos lá vamos jogar, eu acho que passa por isso, é coletivo, não tem o que fazer, a gente precisa trabalhar essa coisa. E a inteligência emocional, ela precisa ser urgente levada a sério no Brasil dentro do esporte, em todos. Porque senão, você pode até mudar para o futebol, a gente vai continuar tendo torcedor invadindo hotel para bater em um jogador, jogando garrafa e batendo, porque não tem inteligência emocional, isso tudo é coletivo. Precisamos trabalhar mais para a gente não ter esse tipo de coisa, nem ter pessoas invadindo escolas que aconteceu dias atrás.*

*Entrevistador: É complicado, mas pegando esse gancho aí professor, eu queria saber igual como os polos do senhor está bem nítido que está dentro de escola, eu queria saber se tem alguns eventos competitivos aí ou se faz festivais referente ao mini handebol e quais que tem competitividade.*

*Professor 5: no mini a gente faz bastante festivais e incentiva outros a fazerem, por exemplo, a escola faz uma semana, teve um festival de uma escola que ia ser Polo do mini Handebol de um amigo nosso que faz parte da associação, ele montou e a gente foi lá. Mês passado teve em Campo Largo agora em agosto vai ter do lado que é Antoniana Cidade próxima que tem um polo. Então dentro disso prioriza festivais, não pode deixar assim. Uma coisa importante para o pessoal, todo mês ter um festival mesmo que seja interno, reúne a molecada, joga todo mundo contra todo mundo, coloca como vai ser.*

*Eu costumo usar aqueles padrões do mini Brasil, faz duas quadras de competição e uma para eles brincarem. Então quando eles estão jogando um contra o outro monte quatro times aleatórios, dois vão estar brincando em uma quadra e outros jogando como competição, e todo mundo premiado, todo mundo recebendo lanche, todo mundo ganhando as coisas, isso é o mais importante de tudo. Com isso a criança vai fidelizando ela, quando ela treina com você o mês inteiro e chega no final do mês ou interno ou sai, ela vai ter o festival, vai ver como que é, trabalha com frustrações, trabalha com vitória, tem que saber ganhar, tem que saber perder. Então a gente procura fazer os festivais sempre.*

*Entrevistador: Entendi e dentre aí professor dos objetivos e metodologias que é cbhb propõe para o projeto e com handebol. Eu queria saber quais desses objetivos as metodologias que eles propõem em qual você mais se identifica, para com o projeto e sua realização pessoal também.*

*Professor 5: Vamos lá cara, a massificação do esporte. É o primeiro objetivo que ele colocou também, de chancelar os lugares para massificar. Essa era a ideia nossa, porque para você ter um handebol lá na frente do jeito que a gente sonha, que o Brasil seja uma potência assim como vôlei conseguiu, o basquete lá atrás, a gente precisa massificar, esse massificar ele é popularizar o handebol, é levar o handebol lá para aquela criancinha carente. Talvez esse seja o grande segredo do mini handebol no Brasil hoje, você vai lá em Alto Paraná, que é uma cidade que tem quinze mil habitantes.*

*Eu até vou te passar o contato do Adriano, porque eu trabalho dele lá, ele até foi meu atleta, a cidade tem quinze mil habitantes e tem onze Polo centro da cidade.*

*Então é assim, vai onde a criança carente está, onde as que têm dinheiro está, você vai a todos os lugares, eu acho que essa popularização do handebol faz com que a gente tenha uma pirâmide gigantesca para poder ter atleta lá na frente. Quem sabe no futuro, muitos desses do mini handebol que vem vindo aí serão os atletas que vão representar o Brasil na Olimpíada, a gente já tem alguns já que estão se despontando que passando no mini handebol. Tem um menino aqui que foi o primeiro lugar no bolsa atleta do Estado esse ano e ele era do mini handebol. Já está com pessoal, ele é de 2006 e já tem dois ou três convites para jogar Liga Nacional e o garoto é novo.*

*Então esse princípio de massificar e popularizar, fazer com que o handebol chegue, vamos falar daqui a pouco de handebol de areia, que a gente tem a Antonina, que é do litoral. Você vai lá na beira da Ilha lá e a molecada tá jogando handebol dentro da Ilha.*

*Então isso daí é o que mais a gente tem que abraçar a causa e fazer. Igual em Nova Esperança deram uma escola. Daí uma menina falou que é uma escola da vila. E aí eu perguntei, mas não tem aluno na escola da vila. E ela falou que tem quase seiscentos alunos na escola e ela falou que era complicado.*

*Então eu falei que a gente precisa oportunizar a todos. Você aprendeu nadar não foi? Aí ela falou que não tinha piscina e não sabia nadar. Eu falei que a gente pode ter perdido um grande talento, você poderia ter sido uma top da natação. Mas você não tinha piscina para aprender a nadar, como que a gente vai saber se você tem o dom ou não, se você não*

*jogar, pegar a bola e passar ninguém vai saber se você tem o dom, se servia para aquilo se não vivenciar o esporte.*

*Então a gente precisa disso, fazer com que as nossas crianças vivenciem o handebol, através disso você vai ter o cara que é esforçado e o cara que é o talento.*

*Aqui na escola há uns oito anos atrás, aquele Maestro João Carlos barroso das mãozinhas colombiano veio aqui para fazer um projeto em Curitiba. Ele chegou, conversou comigo e me pediu setenta crianças para aprender tocar violino. Eu perguntei se ele ia fazer teste, ele falou não porque teste. Por que assim, geralmente as pessoas vêm ver quem tem o dom e pega para poder fazer. Então ele disse não professor, pensa comigo, e de lá para cá eu mudei minhas ideias. Ele falou: eu vou fazer os setenta que você me entregar tocar violino, os que tiverem o dom vão tocar de ouvido, os outros vão treinar, aprender e vão tocar também, mas todos vão tocar violino, os setenta.*

*Então, se você pegar lá duzentas crianças e ensinar handebol, você vai ter aquelas que vão jogar handebol com talento e vão ter aquelas que vão jogar handebol, ponto, mas todos vão jogar handebol. Então se você pegar uma turma de cinquenta, os cinquenta vão jogar, se pegar dez, os dez vão jogar. Se o cara vai ter o talento ou não, eles vão aprender a jogar. E é disso que a gente precisa, de pessoas que aprendem jogar handebol. A gente tem no master toda semana aparece três ou quatro alunos lá falando que jogou handebol na época de escola e nunca mais jogou, perguntando se pode jogar eu falo venha, pode jogar, vamos voltar.*

*Então a filosofia é essa. O cara jogou e aprendeu é igual andar de bicicleta, vai voltar e começar de novo, rapidinho pega e vai jogar, a gente precisa disso, dar oportunidade.*

*Então a base do handebol Brasil de massificar o esporte e popularizar ele eu acho que é isso que a gente precisa pegar como bandeira e ir realmente onde tiver uma criança querendo fazer o handebol, a gente tem que estar lá ajudando ela, vivenciar esse momento e propiciar para se divertir com handebol.*

*Tem que oportunizar, esse é o principal, é o que mais me identifico nisso é oportunizar.*

*Entrevistador: realmente, tem que oportunizar. É igual eu estava falando com uma professora. Ela falou que é falta interesse de alguns professores de educação física e dar oportunidade. Porque mesmo a gente até sem saber e sem querer acaba meio que assassinando ali um atleta, que poderia ter um talento de subir.*

*Professor 5: Sim é bem isso mesmo, a ideia principal é essa, é fazer com que a coisa do mini não morra. Você tem que incentivar por que o Brasil é muito rico, cara, eu até hoje não me conformo de não ter no Brasil nenhum atleta dos 100 metros rasos que corra abaixo de dez segundos. Em um país desse tamanho, com duzentas e noventa e nove milhões de pessoas, ninguém identificou ninguém que tenha isso, porque muitas vezes não oportuniza as pessoas. O atletismo apesar de ser um dos esportes mais baratos para se fazer, ele não está popularizado, não está em todos os lugares. Então você não sabe às vezes você perde pessoas que tinham talentos enormes porque o cara nunca correu, nunca foi ensinado, nunca fizeram, deram oportunidade. Então a gente tem um país desse tamanho, daí vem uma Jamaica lá com alguns. Vamos colocar assim, a população inteira da Jamaica, temos lugares no Brasil que tem o mesmo biótipo, só que cinquenta vezes mais o número de pessoas que tem na Jamaica. Só que lá o cara já nasce e o pai já fala corre naquele trem ali, já faz porque lá já tem as tradições da corrida de velocidade, igual à que a gente tem aqui, pega a bola e dá para o filho, vai jogar bola, só que agora a gente tem que pegar uma bolinha de handebol e falar vai jogar handebol. Então Breno, a gente tem que fazer assim, senão não vamos chegar, temos que oportunizar.*

*Entrevistador: É verdade professor. Bom eu até tinha outra pergunta para fazer aí para o senhor, mas creio que meio nessa conversa você já até respondeu ela, que é o que você esperava como o resultado do projeto das aulas, mas você já respondeu ela, já está em mente a resposta.*

*Mas então é isso, já tomei tempo demais do senhor, e eu gostaria mesmo de agradecer pela participação, por ter passado um pouco da sua experiência, das suas expectativas também, eu espero que pelo menos essa pesquisa que eu estou fazendo junto com a minha orientadora, consiga pelo menos dar uma visibilidade, tentar abrir os olhos das pessoas e dos professores de Educação Física no Brasil, para que a gente consiga divulgar e alavancar a modalidade.*

*Professor 5: Sabe qual é a maior dificuldade nossa que eu vejo no handebol? É que no Brasil a gente não tem muitos resultados, teve mundial feminino algum tempo e só. No Brasil a mídia e as pessoas no caso são muito midiáticas.*

*Você tem que ter a pessoa que vai representar, por exemplo você pega lá o futebol o Pelé carregou o futebol do Brasil por muitos anos nas costas, na Fórmula 1 teve o Ayrton Senna, e assim vai, Bernardinho no vôlei, cada um carregou uma.*

*No handebol a gente não tem cara assim, tem um Bruno Santana, teve o hortelã, a Duda no feminino algum tempo. Então nós não tivemos essa pessoa que ganhou a mídia para ajudar a gente. Então cada um de nós que trabalha com o handebol tem que fazer um esforço dobrado para que as coisas aconteçam, porque não tem essa pessoa que foi o top, que a mídia colocou lá. Então teve o Guga no tênis, agora a Bia que está indo.*

*Mas se a gente fizer esse trabalho em conjunto, quando isso acontecer lá na frente nós vamos ter uma base sólida e não vai cair como outros esportes caíram. Você vai chegar mas vai chegar estruturado, justamente porque não vai ficar preso a uma pessoa só. A gente vai ter vários, vai ter você em Goiânia, tem o Hulk em São Paulo, tem o dentinho no Rio de Janeiro, têm o Diego fazendo trabalho. Então vamos ter várias pessoas em vários lugares fazendo esse trabalho, quando a coisa der certo não vai cair, vai se manter por que ter vários trabalhando. Isso é bacana, é o que a gente tem que apostar nisso.*

*Entrevistador: é o que está faltando e o que vamos colocar daqui pra frente, o objetivo.*

*Professor 5: exatamente esse é o objetivo. Colocar pra frente.*

*Entrevistador: Professor então é isso, obrigado mesmo, espero que daqui para frente seja melhor e melhore cada vez mais e que a gente cresça também mais ainda.*

*Professor 5: Deus te ouça, certinho Breno. Precisando estamos aqui, segue a gente lá no Instagram do HP e do mini handebol, e vamos tocando o barco aí precisando é só chamar. Grande abraço guri. Até mais.*

*Entrevistador: obrigado professor até mais.*

## **Entrevista professor 6**

*Entrevistador: boa tarde professor.*

*Professor 6: tudo bem Breno?*

*Entrevistador: beleza e você está bem? Como está por aí?*

*Professor 6: Tá sol por enquanto, mas dizem que vai fazer frio no Paraná como sempre. Olha está João Henrique aqui, mas foi um aluno meu que abriu, professor também do mini handebol.*

*Entrevistador: tranquilo eu até imaginei mesmo que era você como tínhamos marcado já nesse horário. Sem problemas.*

*Professor 6: sim é um dos nossos professores do mini handebol, estamos aqui na sala e está o secretário de esportes aqui também, na verdade sou secretário de educação também. Mas sabe aquele secretário que não sabe senha da conta Google, eu e tecnologia são duas coisas que não dão muito certo.*

*Entrevistador: tranquilo. Às vezes a correria é muita que não dá pra lembrar de tudo mesmo.*

*Professor 6: Acho interessante eu tenho até uma aluna aqui, quer dizer já é professora, ela tá fazendo o TCC dela também sobre o mini handebol, daí eu conversando com o Diego que nosso mentor e o responsável pelo mini handebol no Brasil, ele mandou um material para mim passar para ela croata e ela traduziu esse material. Então ela vai fazer uma pesquisa de campo aqui, comparar a escola que tem mini handebol com uma escola que não tem, eu acho que ela já vai direto para o mestrado com esse trabalho porque a professora gostou bastante.*

*Entrevistador: legal. É uma área que está crescendo agora, categoria nova, pouca coisa.*

*Professor 6: principalmente em Alto Paraná.*

*Entrevistador: pois é, eu estava vendo lá, o diretor me falou também porque eu já fiz a entrevista com ele há duas semanas. Então ele me falou como que tava a situação aí em Alto Paraná, no Paraná também, pensei que não é possível esse tanto de criança e tanto de Polo. Ontem eu falando com Ronaldo também, ele falou que você tem aí onze polos só em uma cidade com quinze mil habitantes.*

*Professor 6: doze. Ele briga comigo porque Curitiba tem três e eu tenho doze.*

*Entrevistador: Pois é, até falei para ele aqui em todo Goiás até dias atuais se eu não me engano também é onze ou doze.*

*Professor 6: Olha a primeira vez que veio em agosto do ano de 2021, vieram vinte grupos para o Paraná e onze ficaram aqui.*

*Entrevistador: Então eu até falei para o embaixador daí me passar o contato do professor que eu quero saber um pouco da história, como veio e surgiu.*

*Professor 6: na verdade o embaixador é de Nova Esperança que é uma cidade vizinha, onde mora a família do meu pai. Então ele foi meu técnico em Nova Esperança, cheguei a jogar com ele quando começou a trabalhar com o handebol.*

*Entrevistador: Pois ele me falou, conversamos bastante ontem e pedi pra ele me passar o seu contato pra min saber um pouco da experiência dele, acho que já pode ser até uma primeira pergunta, qual sua experiência que você tem.*

*Professor 6: olha, na verdade eu trabalho em alto Paraná desde 1998, comecei cedo com dezoito anos. Logo dois anos depois, tinha um projeto chamado centro de excelência, que era a universidade federal do Paraná que fazia. Eu também fui contemplado porque sempre fui muito pra frente e corri muito atrás. Eu demorei para fazer minha formação, mas eu era um atleta insuportável e gostava de descobrir as coisas, não tinha muita amizade com aluno e atleta, sempre tive amizade com os professores.*

*Então a partir daí eu já estava mais maduro, tinha equipes mais competitivas na minha região, porque nunca vislumbrei jogar um brasileiro. Em 2005 e 2006 eu ganhei um*

*torneio de handebol de areia sem treinar em quadra de areia porque aqui não tem. Então foi uma outra visibilidade, todos ficaram de cima, tinha uma prefeita bem bacana aqui. Já em 2008, como já éramos muito fortes na região, resolvemos querer ir mais longe, ganhamos um monte de estaduais. Teve um ano, 2010 ou 2013, que ganhamos todas as fases finais do Paraná e fomos para todos os brasileiros.*

*Na liga de handebol do Paraná que sou fundador também, nós ficamos líderes do ranking de 2008 a 2015. Então tivemos bastante títulos, atletas na seleção brasileira de base, bastante títulos, porque fui formando atletas que foram técnicos.*

*Em 2018 antes da pandemia eu fiz um projeto com o banco do Brasil, estive alguns anos com a seleção paranaenses, a fundação por exemplo manda cem mil reais e daí fiz o projeto mãos unidas, mas todos no final das contas é o projeto mini handebol, projetos esses que acontecem no contra turno escolar.*

*A partir daí veio a pandemia e com isso os cadastros das escolas. Eu tive uma informação que outros não tiveram. Todos acharam que era um núcleo por cidade, eu questionei se poderia pedir para os distritos. A pessoa que passou a informação falou que inscreve todas as escolas suas que têm handebol. Então como eu tinha um pouquinho de cada escola eu inscrevi todas e fui contemplado em todas.*

*Voltou da pandemia, em agosto a secretária de educação da época 2021, falou que precisava voltar mais um dia de aula, mas não tinha quem fizesse as horas atividades. Eu falei que tinha um projeto que pode ser implantado na hora atividade do professor, que fica na aula de educação física e o projeto de mini handebol como uma segunda aula de educação física. Ela comprou a ideia, foi no núcleo, demos uma ajeitada no conteúdo, tenho todos planos de aulas com quarenta e quatro semanas de handebol todo planejado no começo do ano, inclusive estamos mexendo no planejamento.*

*A partir disso a secretária saiu e nossos núcleos ficaram nas escolas. Em 2022 veio o décimo segundo núcleo que pedi e assumi a secretaria em janeiro. Eu fiz chover, eu e o secretário de esporte parceiro meu que fez uma compra gigantesca de material esportivo para educação, também comprei trezentas e sessenta bolas kempa. Então temos as parcerias, os estagiários para suporte, tem professor de lá tem os daqui. Então todas as turmas têm uma aula de handebol por semana, de três anos mesmo tem, mesmo o projeto sendo de cinco anos, mas a gente abraça todo mundo.*

*Entrevistador: tá certo. Tem que dar oportunidade. Não pode faltar.*

*Professor 6: claro. E foi assim que foi implantado o mini handebol aqui em alto Paraná.*

*Entrevistador: E o que te motivou? Você falou que jogou. Então como experiência você tem de atleta, depois professor, mas o que te motiva?*

*Professor 6: Olha minha vida de atleta é pouca, eu não fui muito tempo atleta, porque naquela época era tudo mais difícil na década de noventa, então eu perdi minha mãe 1993 e tinha treze anos na época. Então quem me segurou bem, porque meu pai já tinha falecido quando eu tinha cinco anos, era praticar o esporte para esquecer as coisas, então me segurou muito, eu sempre gostei muito de jogar, fui até goleiro de futsal, uma loucura. Então Breno, o handebol abriu as oportunidades que eu tenho hoje, então usei o esporte como sempre falo que tem que casar o esporte com estudo para dar certo. Foi isso que me segurou. Isso que me motivou.*

*Entrevistador: Certo. No caso você falou aí que teve um pouco de experiência como atleta. A partir disso você começou a se interessar em dar aulas, queria saber como foi o processo de capacitação a partir do momento que o projeto de mini handebol chegou a ser apresentado para você, como você conseguiu se capacitar para tá ministrando as aulas?*

*Professor 6: Olha o Breno, eu tenho histórico de Formação muito grande, eu gosto de formação. Então para mim não foi muito, muito difícil, eles mandaram um material que não foi o suficiente. Daí eu fui conversar com os meus amigos que estão fora do país, com o diretor, com Spok aqui do Paraná, que é nosso Embaixador. Então eles foram me enviando algumas literaturas que eram em alemão, espanhol, tive que traduzir, coloquei o pessoal para traduzir.*

*Então daí eu tive um pouco mais material, eu fui selecionando de acordo com a nossa realidade e juntamos um livro com propósito do mini handebol, porque a gente tem também os conteúdos que a gente tem que seguir. Então nós montamos uma cartilha nossa, porém o meu é um pouco diferente, porque nas outras cidades eles são no contra turno escolar, o meu já é dentro da escola, dentro da sala de aula, então aqui é obrigatório fazer essa aula. Se tiver chovendo vamos fazer Mini handebol adaptado dentro da sala, a gente transforma sala em uma quadra.*

*Não tenho quadra, vamos para grama, não tem grama, vamos para rua. Todos os lugares a gente têm que adaptar à realidade, tenho distrito que é trinta quilômetros daqui é estrada de chão, então a gente procura levar pessoas aqui da sede, da cidade para esse distrito para que tenha esse envolvimento, essa integração ou até mesmo para ter essa vivência de jogar na grama. Então a gente foi adaptando, o conteúdo daqui é construído de acordo com o plano da educação, da Secretaria Municipal de Educação aliada ao mini handebol e a esses materiais que eles enviaram no começo, mesmo porque um mini baby que é os pequenininhos de três e quatro anos que não contempla no projeto, eu tive que estudar e montar em grupo com os professores, joguei os conteúdos e fomos atrás de montar esse arsenal de aulas para o ano todo, nós demoramos trinta dias. A gente estuda mesmo, ninguém escapa, eles falam que eu sou chato.*

*Entrevistador: mas aí quando chega no resultado acaba sendo gratificante.*

*Professor 6: sim. E nós fizemos uma festival semana passada, já estamos nos programando um outro festival em novembro.*

*Entrevistador: Sim estava vendo lá as publicações e fotos sobre o festival que você fez aí e na foto o ginásio parecendo um formigueiro, muita criança.*

*Professor 6: Não é porque assim são mais de mil crianças, atendemos mil trezentos e sessenta e oito crianças. Então você divide isso em três tinha setecentas crianças por horário quase. Na verdade, quatrocentas e poucas crianças por horário, para nós que estávamos no ginásio de esportes dava a impressão que tínhamos cinco mil. Todo mundo correndo, brincando gritando, mas tudo muito organizado, não tinha bagunça.*

*Entrevistador: entendi. E nesses festivais aí é da forma que a CBHB passou? Todo mundo ganha? Premiação para todos? Claro que falamos da questão da competição porque querendo ou não a nossa vida já é uma competição, mas queria saber como funciona aí pra vocês.*

*Professor 6: Na verdade não tem vencedor, a gente faz pela questão competitiva para a criança saber que existe handebol além da aula. Sempre de uma maneira bem lúdica,*

*porque estou dentro da escola e não estou no treino no alto rendimento. Mas o objetivo do mini handebol é difundir a modalidade não é fazer competitividade. Tudo bem, nós podemos pegar e fazer o festival colocar os minis handebol que estão aqui perto é jogar. Se eu for jogar eu faço uma seleção de mil crianças e vou ganhar de todo mundo.*

*A lógica é essa, por mais que você tenha uma equipe muito boa, eu vou ter mil.*

*Então ficou bem dividido e bem espalhado, por que as crianças chegam e vão aparecendo os talentos. O que ocasionou o festival, foi depois que eu fiz o festival do ano passado as escolinhas de futebol, futsal e handebol tiveram um acréscimo de crianças espantoso, porque a pandemia apagou e nós começamos a instigar a criança para a prática esportiva e para o critério de competitividade. Então conseguimos mexer com a criança nesse sentido.*

*Entrevistador: Pelo menos com pandemia e essa época teve uma parte boa de vocês conseguirem captar bastante crianças. Eu fiquei até impressionado com a quantidade e o número é exorbitante mesmo. Eu até vi que o número de professores era bem menor, para abranger tanto de criança tem que ter bastante gente para poder segurar, tem que ter bastante mão de obra. Senão acaba que se não tiver professores fica meio perdido.*

*Professor 6: Eu tive muita sorte. As pessoas que trabalham comigo são pessoas muito boas, são incríveis e eu tenho uma aproximação muito grande com o chefe do departamento de esportes que foi meu parceiro. Então não tem muitas dificuldades, isso porque eu sou secretário de educação e eu sendo secretário de educação do handebol e não conseguir colocar o handebol lá também aí não dá.*

*Você também é do handebol?*

*Entrevistador: Sim, eu joguei. Comecei a jogar novinho, tinha uns dez anos, só que na época que eu comecei a jogar pelo menos em Goiás não era forte a questão do Mini handebol.*

*Professor 6: tive em Goiás na copa trindade.*

*Entrevistador: Eu joguei bastante na Copa Trindade, copa Anápolis, campeonato goiano, jogava pelo Força Atlético em Goiânia, ganhei bastante coisa.*

*Professor 6: você poderia ter conversado comigo aí, eu estava aí.*

*Entrevistador: pois é., mas assim professor a gente vai conhecendo. Igual eu fiz uma entrevista com um professor de São Paulo que eu já apitei jogo dele, porque hoje eu já atuei como árbitro, professor de Caçu também já apitei jogo, treinei com ele, nos encontramos em campeonato Goiano, entre outros. São ligações que a gente faz no meio do esporte com o tempo, então querendo ou não a gente acaba que se encontra.*

*Mas eu queria mesmo saber, igual você citou referente às aulas como são dentro de escolas, agente através disso percebe que o mini handebol ele é uma forma de ensino, ele pode ser usado como metodologia. Então eu queria saber como que se dá uma aula sua? Você citou o lúdico então provavelmente você vai utilizar mais jogos e brincadeiras como metodologia de ensino. Queria saber quais são os objetivos que você tem com a aula e como você dá uma aula? Como acontece aí no mini A e Mini B, hand baby?*

*Professor 6: eu vou te mandar um planejamento nosso. Tem todas as atividades descritas, não tem como não dar aula. Então a gente faz tudo voltado pro jogo de handebol, todas as aulas são trabalhadas com brincadeiras que são voltadas para educação. Quando o Diego viu isso ele quase teve cinco tipos de infarto, a Telma quase deu uma hemorragia nela. Perguntaram como conseguimos fazer tudo isso, então a necessidade faz as coisas acontecerem.*

*Entrevistador: foi a partir disso que você conseguiu esse tanto de aluno? Porque querendo ou não chama atenção demais.*

*Professor 6: Mas sabe o que que é, eu implantei na hora atividade do professor de sala de aula, então como é obrigatório eu coloquei todo mundo para jogar. Tem turmas do handebol com três ou quatro na linha e um no gol, a sala tem trinta ou vinte 20 alunos, então a gente fazendo o tempo de quinze minutos, coloca todo mundo para jogar dois ou três minutos, porque o aluno é obrigado jogar, não é questão nem de ser obrigado jogar, mas quando ele vê aquele palco montado, aquele monte de coisa, algodão doce pessoal todo uniformizado, aí eles fazem aula com prazer.*

*Entrevistador: Eu não sei se você viu, eu tava até conversando com outro professor e a gente até debateu essa questão, da padronização do handebol que teve em Portugal com o handebol, porque lá eles são obrigados a saber mesmo jogar o handebol não igual no Brasil, por que aqui é só futebol e tudo, mas você pegou uma ideia de Portugal, não sei se você chegou a ver.*

*Professor 6: Eu sempre fui a favor de nós ensinarmos, não vou te contar outra coisa. Se nós estudarmos o handebol a fundo, você vai entender que de quatro a cinco anos tem que trabalhar determinada coisa, cinco e seis anos outra coisa, sete e oito outra coisa, com isso você não pode pular os períodos do aluno.*

*Aqui no Brasil os técnicos estão com pressa, querem resultados imediatos e eu não tenho essa pressa, então é a mesma coisa que acontece em Portugal, só que todos os professores pensam iguais. Aqui você não tem professor que faz formação, professor que é o cadete, professor juvenil, adulto. Lá em Portugal você tem que estudar somente aquilo que você trabalha, você tem que ser bom nessa categoria, eu tenho uma limitação vou até os dezoito anos, tem adulto bom tem, mas todo e qualquer atleta meu que saia de Alto Paraná jogam em qualquer equipe, isso porque ele foi bem trabalhado, quando criança, ele consegue entrar em esquemas técnicos e táticos de qualquer professor. Então eu não tenho adulto, mas é por opção minha, eu sou limitado depois dessa idade porque eu não consigo ter controle. Eu não gosto de ver adultos bebendo, fumando, sair demais, não gosto disso. Então assim, até os dezoito você tá ali, o aluno já cresceu com você, já sabe como funciona, depois você entrega ele pronto.*

*E aqui no Brasil é um achismo, aqui no Brasil você não pode perder para uma equipe, eu tenho uma equipe aqui que é uma cidade vizinha, tinha uns femininos maravilhosos da categoria B, de quatorze a doze, quando chegavam no A elas não queriam mais jogar porque elas foram muito fortes no B e chegaram machucadas e lesionadas. Gostam da modalidade, mas não podem ouvir um apito, porque elas fizeram tudo que tinham que fazer novas, não respeitou a idade cronológica delas. Então eu tenho esse pensamento, não gosto de assistir handebol, não fico lendo nada sobre handebol, eu gosto de ter assim, vou no curso pego o que tem que aproveitar, o que não é deixo ali, faço meus treinos, eu que escrevo o que vou aplicar, sei o que o atleta tem, o que eu sei eu passo. Falar comigo deu certo isso, de repente você dá certo, mas você tem que colocar na sua realidade. Passo*

*informação o tempo inteiro, porque no handebol a gente não pode guardar o que a gente sabe, tem que passar para os outros.*

*Só que o pessoal é muito individual, acho que aí em Goiás deve ter muito disso também, eu quero ganhar, eu quero ganhar. Pra isso eu tenho que merecer, eu quero ganhar se meu trabalho for muito bom, só que respeitando a categoria.*

*Porque assim Breno, tem épocas que a gente tem aquelas megas equipes com aquela idade, mas tempo passa e tem técnico que fica com demência, porque foi bom na época e não consegue trabalhar as crianças que estão vindo e fica todo mundo pirando e eu não sou desse jeito. Eu sei até onde eu posso chegar.*

*Entrevistador: É complicado né professor, porque aqui tem muito também, a gente acaba que quer muito resultado e acaba que a gente mata uma fase de desenvolvimento da criança. A gente pula uma fase e isso vai fazer falta para criança depois, é o que tem muito aqui é evasão de muita atleta, desinteresse, os atletas pararam de jogar porque realmente a gente acaba o que mata. Mesmo sem perceber querendo rendimento. Fora o incentivo. Acho que não só aqui como em todos os estados, deve se trabalhar mais essa parte de respeitar mais a criança, é uma coisa que muitos professores ainda não entenderam. A gente trabalha habilidade corporal e motora quando é pequeno, e até ia te perguntar também como é a questão das habilidades aí? O que é mais trabalhado nas aulas com essas brincadeiras? Você trabalha algum conceito, valor ou atitude para que essas crianças se mantenham no esporte?*

*Professor 6 A gente tem que manter a aula mais atrativa porque hoje nós perdemos espaço para o celular, por exemplo a criança de três e quatro anos. Então daí é difícil porque o pai de hoje quer colocar a responsabilidade em nós e não é por aí, eu sou curto e grosso, sou muita gente fina, mas no serviço na minha hora ali sou casca grossa.*

*Mas assim, eu acho que o conteúdo foi isso que eu te passei com os planos, nós tentamos e procuramos transformar essas brincadeiras atrativas para alunos e dentro de uma metodologia pedagógica e lúdica, para a criança não ter estresse de falar é handebol, aí semana que vem handebol de novo. Então é de uma forma lúdica, uma forma brincada, porque na hora que você vai colocar um joguinho talvez eles não conseguem dar três passos e vai correr com a bola na mão, mas isso é uma coisa normal que você vai tirar com o passar do tempo. Em nenhuma das suas entrevistas você ouviu isso.*

*Entrevistador: É. Assim eu já fiz bastante já para essa pesquisa, mas assim cada encontro, igual o que eu estou tendo com você, a gente descobre uma coisa nova, alguma forma nova de pensar e realmente o método que você utiliza aí e está utilizando e a forma que você tem de pensamento é muito válida, principalmente para crianças dessa idade, porque eu acho que é o intuito do projeto, o intuito é esse.*

*Professor, eu queria agora duas perguntas para finalizar. Vou ser bem rápido igual prometi. A primeira eu queria saber dentro dos objetivos e metodologias que a cbhb propõe com o projeto em si e com as aulas para o mini handebol, queria saber com qual dessas metodologias ou objetivos que você mais se identificou quando foi implementar o primeiro Polo?*

*Professor 6: Primeiro de tudo é resgatar o interesse da criança pelo esporte. Porque realmente mesmo sem a pandemia vinha se enfraquecendo, então depois trabalhar as habilidades das crianças que foram deixadas para trás pelos governos, tanto Federal, como Municipal ou estadual. Porque Breno nem todos têm os mesmos pensamentos que nós, de trabalhar a criança como um todo. Então assim, hoje eu como secretário percebi logo quando eu entrei que tinha crianças que não tinham coordenação motora fina para escrever, para segurar no lápis. As pessoas acham que é brincadeira, mas tinha criança de cinco anos que ainda usava fraldas.*

*Então essa falta de estímulo que fez com que o mini handebol fosse uma grande ferramenta para nós aqui, recuperar o alto estímulo esportivo da criança, devolver à criança a vontade de sonhar, o desejo de praticar uma atividade física saudável e bem escolhida por profissionais com formação e capacitados.*

*Então assim, eu não vou me dirigir somente as habilidades técnicas, as habilidades morfológicas e psicológicas, também porque isso é uma coisa natural que a modalidade e atividade física já vai trabalhar na criança, agora espírito Olímpico, Esportivo, você vê que a criança recebeu uma medalha e ela tá chorando por ganhar medalha, chegar em casa e dá um abraço no pai e na mãe, agradecer porque tava na escola, tava jogando, isso não há dinheiro que pague. Então é uma das filosofias e partes da filosofia desse trabalho do mini handebol, esse contexto volta a nascer. Outra coisa, mostrar que o handebol tem força, porque estávamos empobrecidos da atividade no Brasil todo, por que a nossa modalidade ela é assim os eleitos, infelizmente você troca técnico, coloca o técnico no time*

*e ele coloca a metade do clube dele no grupo e depois ele completa o time que vai para frente.*

*Então, talvez o mini handebol a longo prazo vai dar um resultado satisfatório no quesito se todos tiverem seguindo o mesmo planejamento, eu vejo aqui no Paraná que eles confundem muito, quando saio o programa do mini handebol Brasil, eles achavam que ia ganhar a bola, camiseta bolsa, dinheiro para fazer viagem, eu nunca sonhei com isso, eu queria a marca e a formação que eles proporcionam para que eu pudesse continuar o projeto que já existia aqui, eu só ia melhorar o que a gente já tinha aqui e resgatar tudo isso que eu te falei anteriormente. Eu como funcionário do esporte de carreira há muitos anos concursado, vejo a degradação esportiva de todos os municípios do Estado do Paraná onde eu convivo. Isso a nível de Brasil.*

*Agora o renascer do mini handebol e implantação do mini handebol levado a sério como nós levamos aqui, se todos estiverem fazendo de outras formas, mas levando a sério da mesma forma que levamos aqui, então vamos ter um resultado satisfatório, só que eu saio na frente não pelo número de polos, mas pela seriedade que a gente tem em Alto Paraná de fazer tudo aquilo que os pais sonham para os filhos que eles não conseguem transmitir dentro de casa, porque na verdade o pai de hoje é um pai novo, para você ter uma ideia nas estatísticas que tem aqui .*

*Eu tenho trinta meninas de quatorze e quinze anos, que estuda no ensino médio, que têm filhos de um ano e meio. Onde eles foram feitos? Em casa na pandemia sem televisão.*

*Aqui elas não estão indo para escola, porque a mãe tem quarenta anos, a filha tem quatorze, a mãe precisa trabalhar, avó não quer cuidar e a filha não pode ir para escola porque não tem vaga no Centro de Educação Infantil, porque são muitas crianças.*

*Então nós estamos querendo ir junto com a saúde, assistente social, esses projetos que vem beneficiar a informação da saúde e a informação prevenção da saúde, como também a qualidade de vida. Então não é só educação nas escolas e esporte, nós temos outros setores que também estão junto com a gente.*

*Então quando fala com os outros professores, talvez eles não tenham tanto conhecimento, porque isso vem direto em mim e eu entrego pronto que eles têm que fazer, eles não têm que saber o antes. Então a gente faz e proporciona para todas as secretarias um serviço um produto que já tá pronto e que a gente vai fazer alianças para que a gente possa utilizar menos a saúde e menos assistente social, então ainda envolve essa situação, mas aproveitamos para alavancar a modalidade que estava adormecido com um administração*

*da CBHB anterior de trinta anos horrível, a implantação da Juventude da Federação, implantação desse novo programa que veio assim abraçar o Brasil.*

*Alguns polos vão fechar porque pensaram que era uma coisa e só é, mas tá tudo certo.*

*Agora quem abraçou com vontade vai continuar e resgatar tudo o que eu te falei no início da nossa conversa.*

*Entrevistador: É acaba que quem abraça vai seguindo, eu tava até conversando com professora do Acre se não me engano, fiz a entrevista com ela. Ela falou que lá é bem esquecido, fala dela no caso que é bem esquecido neste ponto. E quando o projeto chegou lá para ela e ela abraçou ela joga hoje até no handebol Master que vem crescendo bastante também no Brasil.*

*Professor 6: ela é veia que nem eu*

*Entrevistador: não que isso está velho não professor. Mas aí ela falou que quando o projeto chegou ela pegou e implementou um polo, acredito que foi dois outros professores também interessarem em pegar.*

*Quando viram que não era aquilo, que não vai receber dinheiro, que não vai receber material, entre outras coisas, eles pularam fora. Então ela falou que existe em vários estados e eu fui pesquisando mais a fundo e realmente acontece dessa forma, se a pessoa que tá interessada não pegar o Polo e tiver interesse de ir atrás, conseguir parceria, aliança, acaba que não vai para frente.*

*Professor 6: Tá agora eu vou te fazer uma pergunta. Você tinha mais uma pergunta pra fazer, qual é?*

*Entrevistador: é sobre o que você espera de resultado, tanto das aulas como do projeto. Sabemos que está com um ótimo resultado, está nítido isso. Mas a gente sempre almeja algo a mais. Então queria saber o que é essa esperança aí mais pra frente? Você já até citou que pretende crescer mais, então quero saber qual a expectativa?*

*Professor 6: Olha, nós estamos no processo de renovação de atletas. Porque nós tivemos uma brecha no 06 que são nascidos em 2006 e uma brecha nos nascidos em 2009 que seria o último ano categoria B de doze a quatorze anos.*

*Então, resgatar a modalidade dentro de Alto Paraná de uma forma que eu tenho um número elevado de atletas treinando e aproveitando essa situação do mini handebol para fortalecer todas as equipes de alto rendimento até dezoito anos, para que a gente ganhe todas as competições de novo no Paraná. Isso eu não abro mão. Eu vou falar para você daqui um ano e meio você faz um meet comigo e eu vou te falar, eu ganhei tudo que eu te falei daqui um ano e meio só não mais que isso. Então, você pode até vir aqui ver, pode vir no festival em novembro, você pode ficar aqui em casa sem problema nenhum.*

*Entrevistador: Opa é convite? Se eu conseguir eu vou então. Vou dar um jeito*

*Professor 6: Claro convidado. Na verdade, é uma convocação porque você não pode correr. Agora eu vou te fazer uma pergunta. O que você achou de tudo isso que te falei? A segunda pergunta, é diferente de tudo que você ouviu nas suas entrevistas de mini handebol?*

*Entrevistador: Tá vamos lá. Sobre a primeira, tudo que você falou realmente é algo que praticamente todos os professores esperam. Todos os professores independente de cidade ou estado, se tem apoio ou não de prefeitura, projeto, Secretaria de Esporte, porque querendo ou não de onde eu vim que é interior de Goiás, hoje estou em Goiânia, mas sou do interior mesmo, mas lá não se tinha apoio, então era muito difícil de você praticar um tipo de esporte lá, porque nem a escola tinha interesse, às vezes tinha aula de educação física ou outra, mas o interesse ele partia mais do aluno querer jogar e tentar fazer com que o professor fizesse jogar, tivesse alguma aula, tivesse alguma coisa. Então eu comecei a jogar em praça, no meio da rua. É totalmente diferente o que você falou e o que você vem fazendo aí, creio que tá bem nítido também, é o que todo professor espera. Não só do mini handebol, não só do projeto em si, mas é o que todo professor espera quando ele está trabalhando com algum tipo de objetivo em certa modalidade, ou determinada modalidade, é o que ele espera, o resultado que você teve do planejamento, que você teve através dos estudos, que você vem trazendo e todo planejamento que você faz você consiga atingir o seu objetivo, que eu creio que o seu seja esse, alavancar a modalidade e olha só*

*o que você tem hoje em dia aí, tanto os polos com mais de mil crianças e é o que todo professor quer. Acredito que seja isso.*

*Sobre a segunda não, eu não ouvi outra entrevista. Alguns pontos sim, mas pontos que não foram abordados tão profundamente que caberia ali uma certa análise, uma certa discussão maior, que poderia vir a ser e chegar também a um congresso, certos tipos de tema que são falados. Mas a princípio o que você e toda a equipe que trabalha com você, vem fazendo aí e o que foi falado hoje é praticamente o sonho que a criança tem de jogar de handebol e o sonho que todo professor precisa ter para se sentir realizado, acredito que você se sente assim hoje em dia.*

*Professor 6: olha deu um bum né. Mas eu não faço sozinho não. Eu tenho toda uma equipe, estrutura por trás, uma equipe como eu te falei muito boa.*

*Eu vou falar, mas não é porque ele tá aqui do meu lado, mas o chefe do departamento de esportes que não pertence à educação, pertence à Secretaria Geral, ele é uma pessoa muito espirituosa, então ele trabalha em prol do esporte, ele gosta do esporte, ele é um grande parceiro que eu tenho.*

*Entrevistador: eu acho que falta isso em várias cidades. Porque lá de onde venho não tem. Não tem apoio.*

*Professor 6: que cidade você veio?*

*Entrevistador: sou de Crixás, interior de Goiás. Então por exemplo há muitos anos atrás, quando eu jogava lá não tinha, eu joguei basquete dos meus 9 anos e jogo até hoje, depois eu entrei para o handebol, mas você não via nada. Hoje lá em Mozarlândia ela é uma potência, tanto no basquete como handebol, nova Crixás também, tem Itapaci. Então assim, isso foi de poucos anos pra cá, várias cidade não tem esse apoio do secretário de esportes um incentivo, não tem um projeto. Assim o que a gente queria mesmo ver é isso, ter alguma coisa, ter um incentivo, governantes colocarem em prática algum tipo de projeto, eu acredito que igual vinha falando com o diretor, o mini handebol está aí pra isso, basta as pessoas olharem mais, abrir mais os olhos para ver que o intuito do projeto e das pessoas que estão envolvidas é esse, é de dar oportunidade a criança de praticar o esporte. Acredito que seja isso.*

*Professor 6: com certeza. E se você precisar falar de novo comigo, que eu te mande mais material, mais informações eu mando pra você. E eu fico muito feliz que tenham pessoas que estudam o handebol, porque assim a gente pode ter as literaturas para que a gente possa desenvolver alguma coisa, a gente não sabe tudo. Às vezes a gente vai para um curso e sabemos o conteúdo, mas as maneiras de passar são diferentes.*

*Então a gente nunca deixa de aprender. Eu gosto muito de dividir o meu pensamento.*

*Eu gosto de ajudar, de querer estar junto, eu aprendi acho que da maneira certa, de sempre dividir.*

*Entrevistador: mas tem que ser assim, senão nem a sociedade vai pra frente se for individualista demais.*

*Professor 6: você tem que falar pra mim que eu sou o mais legal que você entrevistou.*

*Entrevistador: Pode deixar, vou colocar na pesquisa Professor, mas realmente eu vi que você tem aí um espírito de querer ajudar mesmo, a forma que você conversa também, se não me engano o João aí parece ser bem novo. Ele tem dezoito.*

*Professor 6: o João ele tem dezoito. Ele está no primeiro ano de educação física e já trabalha. Ele é bonzinho.*

*Entrevistador: Tá certo, mas é isso, Adriano. Eu queria primeiramente agradecer por você ter tido esse tempo. Até tomei demais. Sei que a correria é grande.*

*Mas já foi bastante tempo e queria parabenizar, realmente depois que o Ronaldo falou eu fui atrás do Instagram, falei com o diretor também sobre e ele me falou como funcionava. E o diretor é uma figura. Eu conheci ele mas foi bem pouco, mas a oportunidade de sentar frente a frente com ele eu não tive, parece que ele vai vir em Goiânia ministrar um curso e aí eu vou ter oportunidade de sentar com ele e sugar informações dele lá. É uma enciclopédia. Mas queria agradecer e parabenizar por tudo que você vem fazendo aí, pela pessoa que você é, está ajudando igual o João, rapaz novo vai está dando segmento nos passos que vem dando certo.*

*Professor 6: esse menino aqui dá um trabalho.*

*Entrevistador: mas é igual você falou depois dos dezoito você joga para o mundo. Agora não tem como segurar mais não.*

*Professor 6: é mais ou menos isso. Muito sucesso na sua empreitada. Que Deus abençoe sua caminhada, precisando você tem meu contato é só entrar em contato e falar preciso disso, se eu não tiver a gente acha quem tem e ajudamos você.*

*Entrevistador: fechou então, obrigado professor. Até breve.*

## **Entrevista Professor 7**

*Entrevistador: boa tarde professor, tudo bem?*

*Professor 7: boa tarde. Joia?!*

*Entrevistador: bem demais. Prazer estar falando com o senhor. Sei que a correia é bem grande*

*Professor 7: nem fala cara.*

*Entrevistador: Então professor não vou tomar muito seu tempo. Só queria mesmo com o intuito da pesquisa é de verificar os objetivos, expectativas, experiências que senhor já vem trazendo na bagagem ao longo do tempo com o handebol e com mini handebol.*

*Professor 7: beleza Breno.*

*Entrevistador: Então a princípio eu queria saber mesmo essa primeira parte de qual sua experiência, o que tem de experiência com o handebol em esporte geral, posteriormente com mini handebol também.*

*Professor 7: beleza. Então eu fui atleta de handebol, joguei na época de jogos escolares e tudo mais aqui na minha cidade, interior do espírito santo. Na época só tinha jogos escolares mesmo, tinha uma copinha ou outra que tinha em algum lugar ou outro que eu participava. Aí parei, estourei idade, fui morar em Belo Horizonte, fiquei alguns anos afastado do handebol. Quando voltei para minha cidade para fazer faculdade, voltei à faculdade de educação física e comecei a estagiar no projeto aqui de futsal. Fiquei o período de estágio, terminando faculdade comecei a trabalhar na escola aqui do município e no papel existia o projeto de handebol, mas na prática não funcionava. Daí eles me colocaram pra trabalhar com o handebol. Quando comecei foi com o mini, porém não conhecia ainda. Comecei com os pequenininhos com a ideia de fazer uma base porque todo ano íamos para competições, chegava lá tínhamos alguns atletas mas faltava fundamentação, faltava coisas que eram trabalhadas na base que na cidade não tinha. Então comecei o projeto com esse intuito, de ter a base para chegar forte e jogar os jogos escolares, outras competições e tudo. Só que o projeto foi tomando uma proporção maior, crescendo e aquela coisa toda, chegamos no ponto que está hoje. Hoje em dia as crianças que eram mini naquela época que a gente começou em 2017, só os meninos que estão jogando, estamos disputando competições, nacionais, estaduais, temos atletas que foi campeão mundial que foi jogar lá fora e saiu do nosso mini aqui. Temos os moleques que jogam em outros estados, tem um que estava comigo aqui que foi pra Irlanda. Ele me mandou hoje que tinha chegado lá, conseguiu um time de handebol láz, fez teste e foi jogar em um time profissional lá. Então assim, tudo partiu do mini, devido a isso vai conhecendo uma pessoa ou outra, aí o pessoal de São Paulo me indicou o projeto mini handebol, o Diego que é o coordenador geral, ele me fez o convite para ser embaixador, hoje sou embaixador do mini handebol no espírito santo e também trabalho com o mini. E assim a gente está dando continuidade.*

*Entrevistador: legal, muito bacana professor. Bom então isso aí no geral, foi o que te motivou e interessou a ensinar essa modalidade? A questão da base para seguir para cadete, o senhor já era atleta.*

*Professor 7: sim. É porque quando eu jogava, na época, a minha cidade aqui já era uma potência no estado. Eram equipes que sempre estavam brigando de igual pra igual com*

*todo mundo. Então eu fui embora, perdi o contato com o handebol, quando voltei eu cheguei num cenário onde todo mundo queria jogar contra o time da minha cidade, que era o time mais fraco e era jogo fácil de ganhar. Todo mundo queria jogar contra e eu fiquei puto com aquele negócio, falei não pode isso. Quando foi 2016 eu fui para o campeonato estadual escolar como estagiário do futsal, os dois professores da escola foram com o handebol. Quando chegou lá um dos professores da escola olhou e falou: o futsal é um time muito bom, o handebol é muito ruim. Então vou pro futsal e vou jogar o estagiário lá pro handebol e ele quebra o pau lá. Daí cheguei lá os jogos eram falta de experiência, porque o professor que ficou lá também não tinha, ele era do futsal, foi porque a diretora da escola obrigou a levar os meninos. As escolas aqui eram duas regulares, aí abriu o colégio em tempo integral. Ai não queria ir pra essa porque eles não jogaram os jogos, aí a diretora promete que se fossem levaria pros jogos assim mesmo.*

*Levou, passou da regional, chegou no estadual fiquei com os meninos e nessa brincadeira eu treinava os meninos no estacionamento era de manhã, pra jogar a tarde. Porque era um time bom, mas não tinha treinamento. Com isso chegamos à final da competição, fizemos uma final surreal, perdemos de três ou quatro bolas do bicho papão do estado. Então falei o que falta na gente e ter uma base pra chegar aqui em condições. Daí no outro ano começamos o projeto, eles me fizeram a proposta de pegar o handebol e começou. Mas o intuito de começar foi esse, fazer uma base pra ter continuidade, cadete, infantil, juvenil, etc. Na época nem tínhamos cadete, nem conhecia o que era. O intuito era esse, depois que fui conhecer o mini handebol, a importância e tudo mais, que a gente aderiu. Trabalhávamos o mini sem saber.*

*Entrevistador: Sim eu fui até falar com outros professores sobre, e a maioria começou a trabalhar o mini sem saber também que já estava trabalhando, não tinha time cadete de onze e doze anos porque não tinha base. Pessoal não fazia base e acaba que chegava no campeonato. Igual a professora de Curitiba falou que não teve nenhuma inscrição de nenhum time na categoria cadete dos jogos de lá. Até assustei.*

*Professor 7: é porque geralmente o pessoal que joga competições de federação tem a categoria cadete, jogos escolares não tem é só infantil e juvenil. Então cata os meninos de quatorze anos na escola, dá um ou dois meses de treino e vai pra jogos escolares e joga. Daí vem a maior evasão do handebol que tem hoje no Brasil, que foi uma pesquisa que a*

*gente fez entre técnicos, do infantil pro juvenil escolar. Como não trabalha cadete, você pega um menino que está fazendo quatorze anos no final do ano por exemplo, ele faz 15 no final do outro ano, ele já sobe uma categoria para treinar com meninos de dezessete, bola H3 que é diferente da dois, a evasão é gigantesca. Então eles só voltam a jogar com dezesseis, dezessete anos, porque já pegaram tamanho e força. Então acaba não tendo devido a isso.*

*Entrevistador: É verdade. No caso quando vieram com o projeto, o Diego entrou em contato, você teve que fazer a capacitação da CBHB? Como foi sua capacitação para poder estar ministrando as aulas?*

*Professor 7: então, quando começou o projeto, no início precisava de ter um embaixador, um representante aqui. Quando comecei a trabalhar com a base aqui, onde fiz o projeto, no primeiro ano do projeto lembro que tinha oitenta e poucas crianças de onze anos abaixo. Daí o pessoal achou um absurdo aqui no estado, ouvi coisas do tipo a literatura disso, que a cidade não pode competir, a cidade tem que participar de todas as modalidades para se identificar. Tinha um preconceito aqui no estado com essa categoria, tanto que fui taxado de doido, por ensinar handebol para crianças de seis ou sete anos. Eu ia para as competições e levava eles, só tinha eles, ia com eles. Não tinha categoria mirim na época, quando tinha era infantil, então levava os meninos de dez, onze ou doze anos. Quando tinha os doze que subia categoria pra jogar infantil. Então eles falaram que eu era doido, as crianças são muito novinhas, é errado, não pode fazer, está queimando o menino, queimando etapas. Com isso quando chegou ao ponto que a galera começou a virar os olhos para o que estava acontecendo, até a pessoa de São Paulo na época viu que era criança demais, até lá não tinha esse tanto de criança.*

*A partir daí que o pessoal começou a dar repercussão muito grande, com isso outros municípios do estado começaram a trabalhar também. Nessa brincadeira foi onde o diretor chegou e falou que precisava de um embaixador, falou que pelo ele estava vendo a referência aí com essa categoria é você, então vou nomear você, se aceitar, depois que for nomeado você corre atrás da galera que você sabe que trabalha com os mais novinhos pra gente conseguir as equipes e as chancelas. Daí nesse processo teve vários cursos, todo ano tem o de formação básica, encontros regionais, estaduais, nacional, tem o internacional, então uma gama de cursos que a CBHB oferece para o mini handebol. Mas naquela época*

*não foi obrigado a ter, mas foi tendo aos poucos. Fomos acompanhando e assistindo, o Diego sempre ministrando os cursos, passando as coisas, mandando material nos grupos, hoje então tem uma plataforma da CBHB que tem um curso muito completo, parece com faculdade EAD, você entra e tem aulas é bem completo. Hoje tem esse curso para os polos, mas a princípio não teve essa cobrança, tem que ter a capacitação pra fazer, etc. A galera foi fazendo na medida que foi tendo.*

*Entrevistador: entendi. É na medida que já entrou a gente tenta acrescentar mais coisa, vai evoluindo. Mas pelo o que você falou a implantação do projeto na cidade foi com você, e ele acontece em qual local? Em escolas, clubes, praças, como funciona?*

*Professor 7: é no ginásio. A gente tem aqui o ginásio da prefeitura. Começamos lá com uma hora e meia. Então na terça e quinta tinha uma hora na verdade de horário. Como começou com muitas crianças, fui lá na prefeitura e conversei e falei que tava muito pouco, me deram uma hora e meia que era o único horário que tinha no ginásio. Porque na época tinham dois professores que trabalhavam com handebol, um tinha um projeto em uma escola, trabalhava times de uma escola e outro de outra. Daí os horários usados no ginásio eles também usavam. Na medida que foi pegando proporção maior, que foi crescendo, eles foram ampliando meus horários, um professor de uma escola desistiu, com isso as crianças daqueles vieram para o meu, o professor da outra escola que hoje é diretor, acabou juntando as coisas, linkando, porque ele participava de jogos escolares, os meninos iam pra treinar comigo para jogar outras competições. Então hoje temos o projeto geral, que começa lá no mini com cinco anos, daí vamos até o Júnior.*

*Entrevistador: todos dentro do ginásio no caso?*

*Professor 7: todos dentro do ginásio da cidade. Acontece tudo via prefeitura com ginásio da cidade. Às vezes a gente precisa se estender, ter um treino a mais ou alguma coisa, a gente acaba pedindo a escola para ceder a quadra, mas um dia ou outro, é raro, a maior parte do tempo é no ginásio.*

*Entrevistador: entendi. E essas aulas como que geralmente elas são ministradas? Eu não sei você como Embaixador, as vezes fica mais preocupado com a parte de coordenar. Mas queria saber mais ou menos como é uma aula aí, qual objetivo que tem nessas aulas.*

*Professor 7: a princípio eu trabalhava sozinho antes, tudo era eu e eu. Era muita coisa mas tinha que me virar. Eu sempre trabalhei no mini por questões de fundamentos básicos mesmo, ensinar o menino a driblar a bola, dar um passe, arremesso de várias posições diferentes, brincadeiras, jogos de dez passes para estimular eles na marcação individual. Esses tipos de coisas básicas, mas que trabalha no handebol. Hoje como temos todas as categorias do masculino e feminino, é muita competição, participamos de várias situações que hoje não tinha, a prefeitura me cedeu hoje três estagiários. Hoje tenho três estagiários que me ajudam pela prefeitura, então estou um pouquinho afastado do mini, acaba que eles dão os treinamentos, estou tentando ver se faço alguém pra me ajudar nas categorias maiores, então meio que fico de longe observando e deixando eles trabalharem, depois concerto a postura, falo isso não tá legal, a postura ou essa forma de tratar não tá legal. Então como do ano passado é o mesmo grupo que treina esse ano, noventa por cento são os mesmo do ano passado e eu estava em noventa por cento das aulas ano passado, esse ano então deixei mais solto. Eles trabalham muito a questão de jogos, colocam eles para jogar na quadra toda, outro dia coloca cone e faz só meia quadra, daí vão fazendo jogos. Essa semana mesmo teve algumas mães que estavam reclamando no grupo que tinha crianças que quase não tava pegando na bola, porque tem os fominha e não deixam os menor pegar na bola, então teve reclamações. Então hoje chamei eles e conversei, falei olha, tem mãe reclamando, criança reclamando, então vamos mudar um pouquinho. Vamos começar a fazer atividades em duplas ou individual, vamos dar tempo para eles assimilarem, depois volta pros joguinhos, vamos fazendo dessa forma.*

*Entrevistador: é mais jogo ou brincadeira que vocês utilizam como forma de ensino?*

*Professor 7: geralmente utiliza mais brincadeiras. Pegamos esse período agora de uns dois ou três meses, eles fazem bastante questão de jogo. Mas é jogo assim, jogo mas pra eles acaba sendo brincadeira, pois eu sempre coloco as regras, por exemplo, tomou um gol troca o goleiro, pra todo mundo passar no gol e todos jogarem, hoje só vale fazer gol após a bola passar na mão de todo mundo, daí eles passam a bola e já toma a bola do*

*outro e assim vai. Com isso eles vão nessa situação de ter os jogos, vão jogando, mas tem outras formas que a gente faz várias brincadeiras. Os estagiários não fazem tanto, pois não tem essa experiência, de fazer uma brincadeira para estimular tal coisa. Como eles são atletas do projeto, sempre peço ao prefeito para manter como estagiário quem está estourando idade, pra manter eles dentro do esporte, pra ver se alguém interessar em dar continuidade, fazer uma faculdade de educação física, etc. Então eles ainda tem a visão de atleta, de jogador, quer jogar e aquela coisa. Então não tem muita noção de brincadeira, pequenos jogos etc. Então deixo eles fazendo e quando vejo que precisa estar mudando alguma coisa a gente muda, sempre chamo e informo. Mas esses últimos meses trabalharam bastantes questões de jogos mesmo, o jogo em si, coloca pra jogar vai apitando, tem sete metros vai ensinar o porquê teve, tem que marca assim, porque foi a falta, eles fazem essa parte de ensinar o jogo em si, o geral.*

*Entrevistador: no caso assim, voltado para as crianças menores, qual a atividade que é mais trabalhada? Porque tem a questão da criança estar se desenvolvendo ali entre seis e dez anos, queria saber quais as atividades no polo costumam trabalhar mais, se é motora, física, tática, técnica?*

*Professor 7: então a gente sempre faz um momento de aquecimento. Eles fazem polichinelo, um bump. Eles amam fazer. Eles fazem uns ficam de cara feia, e esses são os que enrolam só pra depois fazer sozinho depois que todos terminam. Eles fazem de propósito, acham o máximo. Daí fazem corrida na quadra, parte física. Tem muita criança que vai porque médico receitou que tem que fazer atividade física, os pais me procuram e falam que o médico mandou o filho fazer atividade física e queria que fizesse lá com você. Então sempre tem um período de dez ou cinco minutos fazendo uma corrida, flexão de braço, abdominal, bump, alguma coisa assim. Depois a gente trabalha muito questão de no jogo eu estímulo eles a não ficar parado esperando a bola, de correr, tentar pegar e roubar a bola, eles acabam tendo essa questão de movimentação. Coisas táticas nessa idade não tem como ensinar, tentar ensinar eles entender que quando eles estão com a bola eles têm que fazer o gol, quando não tiver a bola eles têm que defender, porque eles têm essa dificuldade de assimilar, eles pegam a bola eles têm que fazer gol, atacar. Então eles já tão começando a entender que correr, acompanhar pra receber, quem tá sem a bola tem que voltar para pegar a bola. Então a gente trabalha essas situações para eles*

*entenderem defesa e ataque, jogo com e sem a bola. Essa parte é trabalhada, coisas técnica e tática nessa idade não tem como trabalhar muito, eles estão começando a aprender ainda o esporte, eles não entendem ainda o que é, coisa física não tem como trabalhar muito pela idade também, o físico deles é correr e correr, não tem muitas coisas, é basicamente dessa forma que a gente vai trabalhando as aulas.*

*Entrevistador: Fica mais na noção mesmo né!? De entender a noção do jogo. Além disso, tem alguma coisa, porque já vi nos demais projetos, igual em Goiânia já acompanhei, não só aqui, mas em todos lugares praticamente é trabalhado questão de conceitos e valores, atitudes dentro do esporte. Queria saber o que dessa parte é ensinado e passado para as crianças daí?*

*Professor 7: nessa categoria menor mesmo a gente não tem muita cobrança com algumas coisas. Lógico que temos situações que tem a criança que quer jogar sozinha, quer a bola pra ela. Então a gente acaba explicando que o jogo é coletivo, não é individual, um depende do outro, trabalho em equipe, esse tipo de coisa a gente acaba trabalhando. Já a questão da cobrança de valores a gente começa a ter no infantil pra cima, porque já tem os momentos que eu falo que a gente faz o trabalho de coach, dia que não tem quadra. Vamos para sala, senta ao ar livre, faz atividades relacionadas, trabalho psicólogo, conversa bastante sobre o mundo, vai ensinar e trabalha a questão, sou evangélico então uso questões com eles sobre a Bíblia, uso sempre exemplo na bíblia de algum valor que queremos passar.*

*Os menores, a gente acaba não fazendo tanto porque é duas vezes na semana, uma horinha de treino. Eles saem correndo da escola pra chegar. Ano passado tínhamos mais tempo e trabalhamos mais coisas porque eu trabalhava na pracinha, ela tem uma quadrinha bem pequena pro mini funciona, pra outras categorias não tem como. A gente trabalhava lá, mas não tinha banheiro, nem água, era só a quadra. Quando chega final do ano que chove bastante não tinha treino por causa da chuva. Quando é agora junho, julho e agosto que faz muito frio, os pais não queriam muito que os filhos iam porque podiam gripar muito, por causa do sereno. Então falei que não dava pra meter ali.*

*Fomos para o ginásio, no ginásio é corrido, é uma horinha contada, acabou tem outra categoria já esperando pra entrar que é uma loucura. Então acaba que eu tive que mudar o horário que seria de duas às três na terça e quinta. Mas as escolas aqui mudaram os*

*horários de aulas, então tem criança que estuda até às três horas, as duas, sai meio dia. Arrumaram um negócio de doido aqui. Então tive que colocar na terça horário de quarto às cinco, para que as crianças que estudam até às três possam praticar o esporte pelo menos uma vez na semana. Eles saem da escola sempre chegam cinco ou dez minutos atrasados, já chega correndo entrando na quadra, com isso a gente foca mais na parte deles estarem se divertindo, brincando, fazendo atividade física em si. E essa parte a gente trabalha quando eles sobem de categoria porque já trocam de escola, porque é uma coisa mais regular. Mas os pequenos, a gente acaba não dando pra fazer, porque é pai que leva, não vai sozinho, pai não consegue chegar um pouco antes, chega em cima da outra, tem atraso. As demais categorias não podem atrasar, tem as regras, tem que chegar antes, mas os pequenos não podem cobrar isso porque eles não podem ir sozinhos, é pai e mãe que leva, tem dia que falta dez minutos para acabar chega pai no portão gritando: dá pra fazer dez minutos aí? Eu falo manda vai.*

*Entrevistador: correria demais*

*Professor 7: sim muita correria.*

*Entrevistador: no caso aí vocês fazem muitos eventos referente ao mini handebol? Tem competição? Como funciona?*

*Professor 7: aqui todo final de ano eu faço uma competição interna, que chamo de coporanga Cup, fazemos todo ano. Fizemos durante duas edições os times da região e escolas que participaram, vieram pra cá participar com agente. Depois da pandemia não vieram mais. Veio a pandemia, aí mesmo com isso no final do ano deu uma estabilizada, conseguimos fazer e todo ano faz só que acaba ficando mais interno, entre nós mesmo. Como são muitas crianças, dá para fazer três a quatro times daqui pra tá participando. A gente faz muito no final do ano, todo ano tem. Ano passado a gente fez três torneios. Um foi na quadra da escola, entre eles mesmo, fez um na pracinha e um no ginásio, que é a maior competição que a gente faz. Ano passado fizemos até a questão do concurso de desenho, as equipes que não estavam jogando estavam em cima da arquibancada desenhando, colocamos pulo pula, máquina algodão doce, pipoca, fizemos um festival mesmo pra eles.*

*Entrevistador: tudo que menino gosta*

*Professor 7: isso. Ai do concurso desenho escolhemos um desenho pegamos o melhor, em cima dele a gente trabalhou e criou uma mascote, que temos uma mascote aqui. Então fizemos, esse ano não consegui fazer, porque foi uma loucura. As competições da federação começaram todas no início do ano, tivemos que ir pra vitória, que é seis horas de distância. Então todo mês temos que ir duas ou três vezes jogar as competições. Aí coincidiu do estado fazer a seleção pra jogar o campeonato Brasileiro, eu tô na comissão técnica, vários atletas participando, então eu fica vai pra lá vem pra cá, acabo não conseguindo fazer, mas vou ver nas férias de julho conseguir fazer algum festival ou alguma coisa pra eles, final do ano sempre tem.*

*Entrevistador: mas pelo menos pelo mini handebol tem competição? Ou mais é mais aberta tipo todo mundo ganha.*

*Professor 7: não quando eu faço é premiação pra todo mundo, estilo festival mesmo, todo mundo ganha, não fica colando placar para saber quanto tá, faço variações por exemplo de um jogo tem goleiro, outro não tem goleiro, ponho as bolas de pilates no gol só é quando acerta a bola, ou ponho bambolê no gol e só vale quando acerta dentro dele.*

*Aqui vamos diversificando o estilo de jogo pra não ter essa questão do perder, porque eles ainda tem uma dificuldade muito grande em lidar com essa situação, todo mundo quer ganhar, ninguém quer perder.*

*Entrevistador: bacana.*

*Eu queria saber na sua percepção, e essa é uma pergunta meio que problema mesmo que a gente vem enfrentando. Na sua percepção o mini handebol pode se tornar uma forma de ensino dentro da escola também? Porque a maioria dos professores geralmente trabalham ou com projeto pela prefeitura, apoiado pela secretaria de educação, algum já tem dentro da escola. Mas queria saber se na sua percepção se ele pode se tornar uma forma de ensino dentro da escola para o ensino do handebol em geral.*

*Professor 7: entendi. Assim, a ideia do projeto é essa, ser implantado nas escolas, nas praças, em geral. A ideia principal do projeto é essa. Tem a dificuldade da mão de obra, ter professores que queiram trabalhar, ter escolas que contratam pessoas para trabalhar na área, etc. Eu vejo que é fundamental, deveria ter. É uma experiência que eu tenho quando morei em Belo Horizonte, morei em um lugar que taikendow era febre, até pratiquei na época. Mas as escolas tinham um período que tinha uma aula de taikendow dentro das escolas que eles usavam como recurso pedagógico. Era o momento que colocava os alunos para trabalhar a questão de disciplina, porque lutas tem muita essa questão, extravasar um pouco a euforia de criança, gastar energia mesmo, porque educação física mesmo hoje são poucos lugares tem que aula mesmo, a maior parte do tempo é levar todo mundo pra quadra pra descansar o professor. Infelizmente a realidade hoje é essa. Acabou que quando eu fiz meu TCC da faculdade eu fiz sobre isso, os professores ficaram putos pelo que falei e escrevi, mas é a realidade.*

*Então eles usavam além do que a educação física, as escolas e professores quase não trabalham, jogam bola lá e deixam quebrar o pau. Hoje em dia tem um monte de celular em um canto, outro tanto no outro.*

*Então lá eles usavam essa questão da aula de taikendow como recursos pedagógicos, que era onde trabalhava os pontos fundamentais de coordenação, integralidade, etc. O mini handebol aplicado hoje dentro de uma escola seria basicamente a mesma situação. Estão acredito que sim, seria uma coisa muito boa, pois ajudaria muito no handebol que é uma dificuldade que tem, porque às vezes chegam pessoas lá pra treinar que já tem dezesseis ou dezessete e fala que quer começar a jogar, então penso vai começar com essa idade, não tem problema pode começar. Aí você manda a pessoa correr em cima da linha lateral ele não consegue, desequilibra, e isso é uma coisa que tinha que ser trabalhado na escola e na base, mesmo que não fosse com o handebol, mas a questão de tempo e espaço, lateralidade, etc. É uma coisa que a escola deveria fazer e não faz. O mini handebol aplicado dentro de uma escola seria talvez isso que precisa, até mesmo porque tem muitas escolas que nem tem educação física mais. Então acredito que seria sim muito importante essa questão da aplicação do mini handebol, ajudaria muito no crescimento da modalidade assim como ajudaria nos fatores que a educação física está deixando de fazer. Seria uma coisa surreal, mais ou menos o que Portugal fez há alguns anos atrás, não sei se você acompanhou o planejamento de Portugal. Eles padronizaram o handebol em todo*

*o país. Então aquilo ali foi surreal. Capacitar todos professores de educação física, treinadores, pra falar a mesma língua, as crianças até certa idade já tinham que saber tais coisas, ter destreza, então foi surreal. O mini handebol dentro das escolas seria mais ou menos isso. Só que é um sonho difícil de colocar no Brasil.*

*Entrevistador: seria importantíssimo.*

*Bom professor eu acho que é mais ou menos isso, as expectativas mesmo. Só pra acabar mesmo eu queria ver sobre o que você espera como resultado, tanto das aulas que vem sendo ministradas aí nos polos e com o projeto mesmo, o que você tem de expectativa aí pra um futuro próximo, um futuro longo também, sobre o projeto e as aulas.*

*Professor 7: então como aqui é pela prefeitura, o prefeito foi reeleito então ano que vem eleição de novo ele não pode vir de novo. Então não sei o que vai acontecer daqui pra frente. Eu tenho assim uma fé e uma crença de que o próximo prefeito que entra de não desfazer aqui ali, pro que seria muito doido, muita criança envolvida, muita família, então seria dar um tiro no pé politicamente falando, porque vc chegar e mexer em uma coisa que tá crescendo e carregando o nome do município. A Gente trabalha muito o mini handebol pensando em continuar visando essa questão de crescimento em competição, nível, etc. Temos várias histórias aqui de casos de crianças que realmente saíram da criminalidade, saíram também devido a prática do handebol, crianças que estão hoje vivendo um sonho, por exemplo um menino começou comigo com nove anos de idade, dois anos atrás foi para Guarulhos, o Hércules. Hoje em dia pode se dizer que na categoria cadete ele é o melhor goleiro do Brasil. Ano passado ele jogou a competição internacional que eles vão, ele foi eleito o melhor goleiro, então pode se dizer que como meu prefeito fala ele é o melhor do brasil. Então chegou pequeno aqui no mini e chegou a realizar o sonho dele, está na Espanha, foi pra lá e chegou hoje pra jogar competição esse ano de novo. Então vemos essa questão de trabalhar o mini handebol e dando continuidade pensando em trazer título pro município, realizar os sonhos dos meninos, carregar o nome da cidade. Então focamos muito nesse ponto, os pequenos veem os maiores vivendo isso eles ficam doidos querendo também, que vai chegar a idade, vai viajar também, isso e aquilo. E eles sabem que os caras que estão hoje jogando e disputando competições que são referências, estão na seleção estadual e tudo mais, começou igual eles, no projeto ali do mini e foi crescendo.*

*Então eu vejo que a tendência é que cresça ainda mais e que os resultados sejam melhores, porque de certa forma no início foi tudo muito teste, vamos começar eu acho que tal coisa vai ser legal. Hoje a gente já tem um direcionamento, às questões dos cursos, capacitações, dá um norte maior pra gente e conseguimos trabalhar em cima, antigamente não tinha. De certa forma isso acaba também motivando as demais cidades e professores a estarem trabalhando, porque no início o mini handebol no estado tinha muitos polos, pessoal foi fazer, pediu chancela e aquela coisa toda. Aí o pessoal foi desanimando, ah não vou fazer de graça, a prefeitura não tá pagando, aí morreu o projeto em um lugar. Ai na outra cidade, é muito difícil trabalhar com os pequenos, os grandes, ninguém ajuda, aí para com os pequenos e vai parando projeto.*

*Então hoje vamos disputar competições, eles estão começando o trabalho e nós já temos meninos rodando a muito tempo. Vamos jogar e acaba que a gente sobressai na situação do jogo porque eles pegam os meninos a pouco tempo e os nossos apesar de novinhos já estão jogando a mais tempo, e por aí vai. Eles ficam doidos com isso, falam que não tem condições porque todo ano eu chego e tô brigando, disputando de igual pra igual, dando trabalho e incomodando. Mas eu dei continuidade, os meninos estão vindo desde novinhos, eles pegam no laço e vão fazer times em cima da hora.*

*Então é uma forma que incentiva os demais, pessoas que na época que eu comecei a trabalhar com os pequenos falaram que eu era doido hoje em dia já estão começando também.*

*Entrevistador: Então foi bem o que o diretor me falou. Conversamos com ele semana passada e ele disse que no começo era mais ou menos assim. Ele trabalhou no metodista e chegava nas competições e praticamente atropelava todo mundo, povo ficava assustado e falava como que você faz isso. Então foi daí que ele falou que teve a ideia de divulgar o projeto de mini handebol. Acho que falta um pouco isso professor, um pouco de divulgação, interesse por parte das pessoas, a mídia já não ajuda.*

*Professor 7: Sim, nem é tanto divulgação, é mais interessante mesmo. Porque trabalhar é difícil. Porque você chegar a ter uma estrutura financeira boa e postar todo final de ano pra ir fazer teste no meu time, pegar os melhores que aparece lá e montar o seu time é muito fácil, difícil é você fazer o atleta ali novinho e dando continuidade, jogando, etc. Aqui não sei se você conhece a cultura do handebol no Espírito Santo. Tem a equipe do*

*Castro Alves que é hegemonia aqui, tinha não sei quantos anos que eles não perdiam um jogo dentro do estado. As competições nacionais se não me engano o castro Alves é o maior campeão escolar nacional. Esse ano eu joguei contra eles e ganhei. Mas meu time de meninas que tem pouca idade jogou até quatorze anos e ganharam e eles não tem isso. Então fez uma diferença e quando foi final de junho ele abriu uma escolinha lá, tá com um monte de menina pequena trabalhando na base. Então eles viram que a galera tá trabalhando eles têm que fazer também. Então é a questão de querer trabalhar, porque é trabalhoso você começar com os pequenos ali é difícil, nosso deus.*

*Entrevistador: é mais a gente trabalha pra isso, tentar fazer com que o handebol não acabe. Muitos lugares tá bem difícil hoje em dia de achar atletas.*

*Professor 7: Depende do ponto de vista, eu acredito que atleta se faz, você pega ali e vai moldando. Tem uns que tem uma dificuldade, outros com aptidão maior, mas o handebol pra mim é um esporte de aprendizado, diferente do futebol que tem menino que já nasce fazendo coisa que a gente vai treinar pro resto da vida e não vai fazer, questão de dom. Mas o handebol eu vejo muito que é questão de aprendizado, você ensina, repete e repete até aprender. Isso leva tempo e é muito trabalhoso, ninguém quer esse trabalho, as pessoas querem resultado muito rápido, isso acaba matando um pouco o processo de aprendizado. A Gente já quer chegar competindo mesmo, eu vejo em algumas situações, igual a gente faz aqui interno e fui em alguns lugares, crianças ali de nove e dez anos jogando e os caras na beira da quadra gritando como se fosse adulto. Então tem essa dificuldade, essa questão de entender a fase da criança e tudo mais. Atletas toda escola tem, tem várias crianças, então se você dentro da escola não conseguir achar dez crianças para praticar um esporte é difícil. Atleta tem os caras que não querem é estar fazendo. Igual aqui no estado tem treinador que fala que só trabalha com atleta de alto nível, se o menino chegar lá e não demonstrar que tem alto nível ele não faz parte do projeto dele e não trabalha com ele, manda os meninos embora. Depois ele fica reclamando que não tem atleta, mas toda criança que vai lá manda embora. Ninguém vai chegar lá em alto nível, tem que ensinar ser. Então eu vejo muito desse lado, lógico que a gente tá numa geração que ninguém quer saber de compromisso, quer saber de internet e grava vídeo o dia todo, mas não é impossível de ter.*

*Entrevistador: é professor, vamos trabalhar pra isso, pra termos sempre atletas e ajudarmos a desenvolver.*

*Bom professor, então é isso, tomei muito tempo seu já. Eu espero que eu consiga pelo menos um pouco com a pesquisa ajudar na divulgação do projeto, do mini handebol, que mais pessoas se interessem e quero agradecer por ter tido um tempo pra participar, espero que dê tudo certo nos polos de Santa Catarina e que cresça cada vez mais.*

*Professor 7: claro. Vai dar certo. Tá andando. Valeu demais Breno.*

*Entrevistador: então é isso obrigado mesmo. Boa tarde.*

### ***Entrevista professor 8***

*Entrevistador: boa tarde professor.*

*Professor 8: boa tarde Breno, tudo bom?*

*Entrevistador: tudo bom! Com o senhor, graças a Deus bem?*

*Professor 8: tudo bem. Deu certo agora.*

*Entrevistador: professor, prazer imenso estar falando com o senhor, satisfação. Sei que a gente tá numa correria muito grande aí agora esses dias, fechamento de semestre. Mas primeiramente queria agradecer por esse tempo que está tendo para a gente poder conversar. Prometo que não vou levar muito tempo.*

*Professor 8: é que aqui a gente tá encerrando o edital do projeto e começando outro. Então estamos prestando contas de um edital que está terminando e fazendo o planejamento para começar o outro. Então tá bem corrido.*

*Entrevistador: eu imagino, final de semestre é bem corrido mesmo. Mas então professor, o intuito da pesquisa que estou fazendo é pra gente conseguir ter uma divulgação, abranger com mais ênfase e força essa nova categoria que é o mini handebol. Igual estava falando com o diretor agora, ele está me dando muito apoio, minha orientadora também tá firme nessa questão. Temos a intenção de fazer com que a pesquisa vire um artigo, para que possamos ajudar outros pesquisadores e professores que estão vindo. Abrir os olhos para essa nova categoria que é o mini handebol que se Deus quiser vai expandir ainda mais no Brasil.*

*Professor 8: se Deus quiser. Tem criança demais no Brasil pra jogar handebol.*

*Entrevistador: tem sim estava falando com o diretor agora ele me passou uns dados de atletas praticando hoje em dia.*

*Professor 8: sim, estamos até tentando abrir um novo polo aqui, vamos ver se dá certo.*

*Entrevistador: vai dá sim, deus quiser.*

*Bom, primeiramente queria conhecer um pouco da sua experiência, o que você tem de experiência com o handebol, esporte geral, como também com mini handebol que é a nova categoria.*

*Professor 8: Bom, eu trabalho com o handebol há 32 anos. É pouco tempo, mas dá para fazer alguma coisa dentro do handebol. Eu comecei em Paulínia, onde eu era funcionário público lá hoje eu sou aposentado, funcionário público aposentado. Aí eu implantei o handebol em Paulínia em 92. A primeira competição que nós participamos, foi em 93 Jogos regionais. Então está indo para 30 anos agora esse ano. Os jogos regionais vão ser aqui, semana que vem, então 30 anos de labuta.*

*A gente começou lá em Paulínia com equipes de competição de já por que o pessoal já queria participar de jogos regionais, e a gente começou a pegar pessoal do vôlei, do basquete, futsal, porque não existia handebol. E a gente começou a ensinar o handebol para eles, eles gostaram e a gente criou a equipe de handebol que participam das competições a partir daí fomos mais longe ainda, foram criadas as escolinhas de esportes e dentro dessas escolinhas foi criada e escolinha específica de handebol que era a partir*

*dos seis anos de idade lá em 93 em Paulínia a gente já tinha começado com o mini handebol sem saber que era mini handebol.*

*Então a partir dos 6 anos de idade a criança ia pro ginásio, nas quadras, a gente dava um atividade lúdica, brincadeiras pré desportivas de handebol e depois já começavam a jogar do jeito deles, mas começavam. Então foi daí que surgiu, através de uma coisa que nem existia antigamente lá em Paulínia, a gente começou a fazer escolinhas e foi crescendo. Daí começamos a ter equipes de base, infantil, cadete, juvenil e daí fizemos o processo inverso que fizemos lá, porque já tínhamos começado com competição, só que com atletas de todas as modalidades. Agora não, já começou a crescer. Então pessoal já começou a ver a gente, já investiu na nas equipes principais, nós tivemos todas as categorias desde a infantil até o adulto participando de eventos e competições e nesse meio tempo a gente teve a ideia de criar o campeonato municipal de handebol entre as escolas e deu certo porque a gente conseguiu fazer um bum na modalidade.*

*Todas as escolas tinham crianças praticando handebol, isso era sensação, não dá para a gente estar em todas ao mesmo tempo. Só tava eu no handebol na época. Eu comecei a passar, fiz algumas clínicas com os professores de educação física passando o que era o handebol e foi sensacional esses anos todos que eu tive lá.*

*Eu me aposentei em 2018 e de lá vim para Campinas, porque meu sogro é daqui meus pais eram daqui. Eu vim morar em Campinas onde eu morava antigamente. Aqui em Campinas tinha um projeto de handebol, eu fui lá me colocar à disposição para trabalhar. Aí fui voluntariamente numa praça de esportes daqui que foi cedida pela secretaria de esportes. E a gente começou com um trabalho de handebol junto com a Escola Municipal, porque a escola municipal do lado tem uma praça de esportes que é separada por um portão, daí a criançada da escola vinha fazer handebol com a gente na praça de esportes. De manhã era o pessoal mais do Ensino Fundamental 2 e a tarde fundamental 1 pequenininhos. A gente começou o projeto e tudo e daí me procuraram uma vez e perguntaram, como podemos ajudar você no projeto? Falaram que iam escrever o projeto no Fundo de Investimento ao Esporte de Campinas, que daí a gente tem recurso. Porque a princípio o dinheiro era meu, eu que tava investindo.*

*Aí foi escrito no Fundo de Investimento ao Esporte, que é o fundo que a secretaria de esportes tem aqui em Campinas. Foi aprovado. Com isso começamos a trabalhar com o mini handebol nesta praça de esporte com essa escola. Dessa mesma forma, dividido o*

*período, só que aí mudou a criançada que era mais nova foi para de manhã e o pessoal mais velho foi para tarde, mas mesmo assim a gente continua trabalhando nesse sentido. A partir daí a gente abriu mais um núcleo, numa outra Praça de Esportes, só que nessa outra a gente não tinha muito aluno, porque não tinha uma escola perto, aí era diferente da outra da praça de esporte lá da escola, mas mesmo assim a gente continuou. Infelizmente o projeto do FIEC terminou ontem, que eu falei para você que tava terminando agora, mas a gente vai continuar independente de qualquer coisa, com o núcleo neste primeiro local que a gente teve, fica do lado da escola que eu te falei, a gente vai continuar com projeto lá Independente de qualquer coisa. Porque o projeto que tá começando agora de handebol é de rendimento, então a secretaria de esportes quer focar mais no rendimento e trabalhar em parceria com a Secretaria de Educação para começar com iniciação, isso vai ser daqui 2 a 3 meses.*

*Neste meio tempo a gente vai estar voluntariamente na praça de esportes. Continuando com projeto e quando tiver já o edital para educação para o esporte, a gente entra no edital para dar continuidade ao projeto de mini handebol e handball lá nessa praça de esportes, então por enquanto a gente continua lá. Então é só uma pincelada rápida do que eu tenho no handebol desde 32 anos atrás.*

*Entrevistador: já foi atleta com certeza?!*

*Professor 8: só na faculdade. Meu joelho não suporta isso mais não. Fiz cirurgia no joelho 3 vezes.*

*Entrevistador: mas assim, o que te motivou a implementar e ter esse pensamento de agregar o mini handebol no caso nessa praça de esporte que o senhor atual? Por que se interessou a ensinar o mini handebol?*

*Professor 8: eu sempre achei e acho que uma modalidade esportiva independente de qualquer coisa, ela precisa ter uma base sólida. E essa base sólida você vai trabalhar com crianças. Você tem que trabalhar com a criança para trazê-la e motivá-la a praticar esporte, isso é básico na minha opinião. Como eu tenho bastante afinidade com o handebol, não tinha eu era técnico de futebol, eu fui virar técnico de handebol por acaso porque não tinha ninguém lá em Paulínia.*

*Pessoal ia jogar a futsal, mas futebol, vamos formar o time de handebol, vamos jogar handebol e daí começou. Então eu fui estudar, fui me aperfeiçoar, para poder fazer com que aquela modalidade crescesse e aquilo me encantou.*

*Eu falei: todo mundo pode praticar handebol, é fácil até, se uma criança de 6 anos praticar a gente pode fazer qualquer coisa.*

*Então o que me motivou quando eu vim para Campinas neste período de tempo foi justamente a facilidade de acesso da escola com a praça de esportes. A gente tem dois turnos distintos de faixa etária, eu poderia trabalhar lá com os mais velhos no período e com os mais novinhos aqui em outro período, também a quantidade de material humano que a gente tinha. Então foi bastante interessante isso, a gente conseguiu conciliar tudo isso e levar uma modalidade que eles não conheciam até então para dentro da escola.*

*Então hoje eu me pego lá às vezes olhando o pessoal, ao invés de eu ver eles jogando futebol lá na quadra, eu tô vendo a molecada jogando handebol, isso para mim é gratificante, já plantou a sementinha. Então isso que motiva, faz com que a modalidade cresça cada vez mais e ela se torne uma modalidade popular. Isso é o que eu espero, somente a partir daí que a gente vai pescar os talentos dentro dessa engrenagem.*

*Então o que me motiva é ver as crianças praticando o esporte, principalmente o handebol, através das atividades que estamos desenvolvendo dentro da modalidade e do projeto.*

*Entrevistador: O senhor falou aí que tem o Polo no caso de mini handebol das aulas que você ministra, no caso ele é na escola do lado da Praça de Esportes? É isso mesmo?*

*Professor 8: ele é na praça de esporte que é do lado da escola na verdade.*

*Entrevistador: nesse caso para o senhor implementar isso foi um pouco complicado? Você disse que teve aí o edital da prefeitura se não me engano.*

*Professor 8: É só que esse projeto não estava nem contemplando o mini handebol que a gente começou. Era de handebol formação, mas como a gente tava do lado da escola e a gente conseguiu conciliar eu falei opa, vamos conciliar e trazer essa molecadinha pequena para o mini handebol também foi aí que começou o mini handebol, que eles começaram a vir, porque era exatamente isso a escola e a praça de esporte é dividida por um muro e nesse muro tem um portão. Quando se abre esse portão, você tem acesso a praça de*

*esportes então, por exemplo nas aulas de educação física lá não tem outra modalidade que não seja handebol nas aulas de educação física, eles vêm para aula de mini handebol no período da manhã e à tarde em uma proporção maior. Só que também é aberto ao público, entendeu? Por exemplo, se tiver uma outra criança que não seja da escola e queira participar aqui no período das 9 horas às 11 horas da manhã ou das 2 horas às 4 horas da tarde eles podem participar.*

*Entrevistador: Ah tá. Então, no caso fica aberta a cidade toda, quem quiser participar e ir nesses horários.*

*Professor 8: sim. Independente da gente tá trabalhando com uma maioria que é uma clientela de escola municipal é aberto a todos os outros irão participar tem que fazer isso porque senão fica muito restrito. E aí chega uma nova criançada e fala eu quero aprender. Aí não pode porque não é da escola, então a gente conversou com a diretora, ela foi bastante acessível nesse sentido.*

*Aí eu expliquei para ela o projeto como era, falei que era handebol não é modalidade avulsa. E aí ela falou vamos fazer então e nas duas vezes que eu vou na praça de esporte na quarta e sexta é handebol.*

*Eles têm aí nos outros dias da semana, eles vão ter as atividades que eles têm normalmente nas aulas de educação física. Esses dois dias é com a gente.*

*Entrevistador: É muito legal. Bom que já abrange a cidade toda já. Dá oportunidade pra todo mundo.*

*Professor 8: É por isso que eu falei para você que a gente quer levar para outros bairros. Porque a gente tá no bairro só e deu muito certo e daí se vier esse edital do esporte com educação com certeza a gente vai alavancar mais o projeto.*

*Entrevistador: entendi. No caso, como acontece através de todo um agregado aí, juntou a praça, a escola e veio o projeto para mini handebol da série CBHB. Você precisou se capacitar para ministrar as aulas, além de muita leitura?*

*Professor 8: Eu tô me capacitando até hoje. Mas o material que o pessoal tem lá na confederação é muito interessante.*

*Eu li todo o material que eles mandaram e não era nada diferente daquilo que a gente já estava realizando também, então foi só mesmo oficializar o núcleo como núcleo de mini handebol, porque ele já existia. E como eu já te disse, eu já estava trabalhando com mini handebol há 30 anos atrás e não sabia. Só não tinha nome, mas já trabalhava lá com a criançada desde os 6 anos de idade sem saber o que viria. Aí, eu poderia ter criado o mini handebol naquela época.*

*Entrevistador: é verdade. Era uma grande oportunidade*

*Professor 8: pois é, passou a oportunidade.*

*Entrevistador: E como que se dá e acontece uma aula do senhor, quais os objetivos que ela tem? Como consegue administrar ela?*

*Professor 8: Principalmente com as crianças mais novas eu penso assim, de 6 anos e meio 7 anos até 10 anos de idade a gente trabalha bastante o lúdico, bastante brincadeira pré-desportiva, atividades que às vezes não tem muito a ver com handebol, mas que sempre tem uma bola ali para você ver que é o objeto da brincadeira.*

*E o objetivo é fazer com que eles cada vez mais se interessem por esportes, a gente vai tá trabalhando as qualidades físicas deles. Ali a gente tem uma diversidade muito grande de crianças porque dentro da escola trabalha muito inclusão, e lá eu tenho cadeirante eu tenho autista, só não tem deficiente visual, mas o restante eu tenho, Síndrome de Down.*

*Todos eles integrados aos trabalhos que a gente desenvolve, o cadeirante por exemplo, sempre tem algum que vai lá e pega ele nas brincadeiras e nas atividades e vai conduzindo, aí mudou ele vai passar para outro, mas sempre interagindo, e isso é muito importante, eu acho que isso é o mais importante que eu posso dizer, a integração.*

*Com isso eles aprendem a dificuldade que ele tem, e aquele que tem dificuldade aprende também porque ele sabe que ele pode participar de alguma forma, diferente, mas participativa, independentemente de qualquer deficiência que ele tem.*

*O objetivo é esse, é levar a modalidade, fazer primeiro com que eles tenham afinidade com a modalidade, desenvolver as capacidades físicas e motoras deles e sua importância. E*

*nesse meio tempo você vai passando fundamentos, regras dentro daquilo que eles estão fazendo, para que eles saibam também que aquilo é uma modalidade esportiva e que ela tem regra e as regras tem que ser cumpridas, e tem fundamentos e se você não cumprir e aplicar direito o fundamento você comete uma infração. E assim vai, isso vai servir para vida deles como um todo.*

*Então o nosso objetivo é fazer com que eles aprendam através de brincadeiras, joguem o handebol, que tem a capacidade de entender que o que envolve o handebol no geral não é só brincadeira. Eu passo de vez em quando uns vídeos para eles e falo isso é um jogo de handebol. Aí eles perguntam: mas pode fazer isso, pode fazer aquilo.*

*Aí eu falo claro, desde que você esteja cumprindo as regras. É assim que tem que ser feito.*

*Entrevistador: Acredito então que o senhor trabalha com mais habilidade motora atualmente!?*

*Professor 8: exatamente. Primeiramente.*

*Entrevistador: Legal, bacana. Bom senhor falou que tem a questão inclusiva, eu creio que o projeto em si, ele já tá aí com o intuito muito grande disso, eu não sei quais são os conceitos, valores e atitudes que estão mais presentes nas suas aulas, mas como o senhor falou aí dessa inclusão, eu acredito que tá bem nítido esses valores e atitudes nos alunos, certo?*

*Professor 8: Sim, com certeza, isso é muito importante, que eles vivenciem isso porque como eu falo atividade física é uma forma de você demonstrar. Essa inclusão, essa vontade de ajudar é muito mais forte do que qualquer outra coisa então quando eles estão ali eles estão.*

*Vamos citar por exemplo, tá um cadeirante lá. E se ninguém tiver a iniciativa de ir lá e ajudá-lo, ele vai ficar lá.*

*Mas nunca em nenhuma aula que eu dei ele ficou lá, sempre tinha aquele que ia lá e interage com ele para ele poder participar da brincadeira isso sem a gente falar sem ter voz ativa na hora muito espontâneo sempre tinha alguém que ia aí teve iniciativa própria dele e ele ajudava. Ajudava o amigo a fazer o exercício, isso é importante os autistas a mesma coisa, porque autista é isso, você nunca sabe o que vai tá naquela aula, cada aula*

*é uma aula diferente e ele participa da forma dele, mas participa. Síndrome de Down é uma loucura, o que tiver que fazer ele faz, mas tá sempre interagindo. Então é isso que é importante, eles lidam com essas diferenças e saber em que essas diferenças fazem parte da vida deles, tão próximo dali deles e também ajudar de alguma forma. Isso é muito importante e a gente segue dessa forma sempre fazendo trabalho de inclusão, trabalho de conscientização é importante que o professor de educação física da escola tá com a gente também.*

*Então, qualquer informação nova que tenha, porque às vezes a gente não tem acesso dentro da escola, se acontece alguma coisa diferente na escola, eles passam para gente e falam. Ah isso aqui lá dentro. Eu trabalho então, eles já tão né lá dentro fazem alguma coisa para que se modifique e tenta passar para criança às vezes alguns conceitos que são importantes dentro do esporte, coisas que são importantes que ele pode levar para dentro da escola*

*Entrevistador: bom demais. Dentro do que o senhor falou, em relação agora a CBHB, com os objetivos e metodologias que eles propõem com o projeto, eu gostaria de saber com qual você mais se identifica? Através dessas propostas que eles trazem você consegue se sentir realizado através delas e das aulas que ministra?*

*Professor 8: sim. Hoje principalmente com a oficialização de Handebol foi muito importante para a gente porque você além de tudo a chancela da Confederação que é muito mais fácil você ter acesso, não digo patrocínio, mas apoio esportivo é importante, por exemplo: A gente não tem colete. A gente não tem bolas. A gente não tem outras coisas, mas tem o apoio da Confederação e isso é muito importante para o que traz para gente benefício, mesmo com a secretaria de esportes, a gente é um polo oficial de handebol em Campinas onde ele é no parque industrial com projeto tal que é apoiado pela secretaria de esportes. Campinas também, então, isso é bastante importante, o material que eles disponibilizam para a gente é importante para que a gente possa trabalhar, a gente gostaria de ter o material físico igual acabei de falar bolas coletes, que pudessem ter o logo da Confederação e a Confederação investir, porque a gente tem um profissional e tem material bom, tem local, às vezes só não tenho material físico que é justamente o que a gente mais precisa no projeto, mas com certeza eu espero que em pouco tempo a*

*Confederação olhe com bons olhos mesmo para o mini handebol porque tá crescendo muito inclusive.*

*Eu lembro que teve uma época que eles disponibilizavam algum tipo de material, inclusive as travinhas adaptadas, aquelas são menores então eles mandavam uns banners, são as faixas para gente colocar na quadra quando jogava, diminuíram de tamanho isso tinha, aí hoje já não tem tanto coletinho, tinha bolinha, aí creio que deve ter tido algum problema financeiro na confederação e não tem muita disponibilidade. Mas se Deus quiser vai melhorar a gente segue para isso.*

*Entrevistador: com certeza professor.*

*Você falou que tá bem próximo do campeonato aí na cidade, e eu penso que pelo que o senhor falou do projeto, ele é divisa com a escola com divisão de apenas um muro. A partir disso, eu queria saber se dentro do projeto em si do mini handebol, se há alguma competição, algum evento competitivo? Tirando a parte dos alunos mais velhos, de cadete pra cima, queria saber se pro mini, até ali uns 10 ou 11 anos, se tem alguma competição? Tem algum evento ou festival?*

*Professor 8: Então Breno, a gente realiza ali campeonatos internos entre as faixas etárias. Uns joguinhos curtos no final de cada semestre inclusive agora a gente vai estar realizando também, isso até 10 anos. De 10 até 12 anos, a gente já participa de algumas competições aqui na região, que são festivais que são organizados por prefeituras e a gente leva a criançada para poder participar, que são joguinhos curtos, dentro do período lá em um sábado. A gente leva o feminino e masculino, e tem a disputa entre eles, mas com premiação para todo mundo, isso é muito importante, todo mundo sai com medalhas. A gente vai realizar aqui em Campinas no final do ano também, convidando o pessoal aqui na nossa região metropolitana, porque assim o pessoal se fala sobre competição, que não pode em determinada a idade, mas assim a competição começa desde quando a criança nasce, se você não chorar mais alto não recebe leite. Então a competição é inerente. Ela tá dentro do nosso dia a dia, não tem jeito, e vai falar que não? Não, tem que competir, saudavelmente, mas tem que competir isso que eu acho.*

*Entrevistador: bom como senhor falou aí, como a praça de esporte tá do lado da escola, eu queria saber pelo menos da sua percepção, como citado a escola vem dando certo, ela*

*vem abraçando o projeto e tá do lado da praça onde acontece o mini handebol, então na sua percepção ele poderia se tornar uma forma de ensino do handebol dentro das escolas como de fora da escola também?*

*Professor 8: Com certeza. Você quer dizer se ele pode ser um passo a mais para o ensino do handebol? Com certeza, a gente já tem dentro do nosso projeto.*

*Tem criança que começou com mini handebol lá há 3 anos atrás e hoje já faz parte da equipe Kadett, já está disputando o campeonato, continua mas tem aqueles também que entraram no mini handebol e hoje não quiseram mais, estão em outra modalidade. Então hoje se eu pegar a equipe infantil eu tenho 60% dessa equipe que veio de mini handebol que participou do projeto. Então isso é importante, é uma sequência.*

*A gente começa com trabalho lúdico aqui no mini handebol, com trabalho para desportivo. E aí quando você leva por exemplo para uma competição de festival, eles afloram, dizem quero mais quero mais. Mas é essencial depois que começamos com o mini handebol, a gente teve um aumento principalmente na quantidade de atleta, né? Mas atleta de base muito grande.*

*Entrevistador: Bom demais, professor então assim, vai ser bem breve agora, esse é mais para pegar mais as percepções que o senhor tem, eu vou fazer mais uma pergunta já para a gente finalizar para não tomar muito seu tempo. Eu queria saber para finalizar tudo sobre as metodologias e os objetivos propostos pela CBHb, com projeto do senhor que já vem há um tempinho conseguindo implementar na escola ao lado, tá tentando puxar para dentro da cidade de Campinas e região também. Eu queria saber o que que o Senhor espera como resultado, como expectativa das aulas dentro do seu polo, como também o que se espera agora de resultado do projeto de mini handebol e também daqui alguns anos. Possivelmente.*

*Professor 8: hoje as perspectivas são bastante boas, principalmente com pessoal que tá abraçado nessa área, da Confederação ter levantado essa área.*

*É o que eu falei, precisa de mais algumas coisas, claro. Porque se a gente tivesse por exemplo material físico para você poder dizer: Olha você vai ter o dobro ou triplo de núcleos no Brasil inteiro, eu sei que é difícil porque é um custo muito alto, mas eu acho que mesmo assim, as perspectivas que a gente tem com o trabalho de mini handebol para*

*o futuro, se a gente der continuidade com certeza as próximas gerações de handebolistas, a gente vai ter muita gente boa jogando handebol isso vai refletir lá em cima, rendimento na seleção, nos clubes e isso vai refletir com certeza lá, porque vamos ter atletas muito melhor qualificado que a gente não tem até então, porque eles vão ter uma base sólida que eu já disse no início que é isso que é importante, ter uma base sólida, começar a ir galgando os degraus até chegar no alto rendimento.*

*Então esse é o nosso objetivo, a gente sabe que para esses que estão começando agora até chegar no alto rendimento, 10% chega lá ou nem isso, mas com certeza se 10% e esse percentual que chegar lá em cima, eles vão estar muito bem preparados para fazer aquilo que eles fazem. Não vai ter tanta frustração, porque tem atleta que fica um pouco frustrado às vezes porque não conseguiu chegar numa olimpíada. Ou não teve uma base legal, por isso que não conseguiu se engajar, a parte psicológica foi afetada. Mas o que eu vejo agora é que a gente pode trabalhar tudo isso, trabalhar o Global da criança para que ela chegue lá na frente ela chega um atleta completo. O mini handebol veio para ajudar nesse sentido e logicamente para poder e fazer com que a criança tenha mais atividade lúdica, mais atividade recreativa, que eles possam brincar mais, depois com o tempo ir aprendendo aquilo que eu falei, vai passando o tempo você vai pegando fundamento, vai pegar parte técnica, tática, regras, que hoje em dia tem que ter, tem que ser regrado. A gente tem muito contato com crianças que não tem regra. Então tem que ter as regras de alguma forma, porque senão ele vai se dar mal lá na frente. A gente sabe disso, mas acho que as pessoas têm pouco interesses a médio longo prazo, a gente tem aqui no Brasil uma geração muito boa de handebolistas, então eu acredito bastante nisso.*

*Entrevistador: A gente batalha para isso, né? O alto rendimento se vier vai ser consequência do trabalho que a gente realiza. Bom Professor, acho que é isso eu não vou tomar muito tempo, eu queria mesmo era pegar suas percepções, suas expectativas, as experiências com projeto e com a sua vida mesmo. Queria mesmo agradecer por ter tido esse tempo para poder estar participando.*

*Professor 8: estou à disposição. Dentro do que dá pra fazer não tenha dúvidas, estou à disposição, só me chamar que a gente conversa.*

*Entrevistador: Tranquilo então professor. Muito obrigado e sucesso para o trabalho do senhor aí, que a gente consiga divulgar mais, que esse trabalho aqui consiga divulgar mais a modalidade do handebol e do mini handebol também. E espero que consiga alavancar bastante no Brasil todo e ter um resultado gradativo.*

*Professor 8: se eu tiver aqui um material vou te mandar aí*

*Entrevistador: Se tiver vou ficar muito agradecido se o senhor mandar também. Muito obrigado ao senhor, boa tarde.*

*Professor 8: eu que agradeço Breno. Boa tarde.*